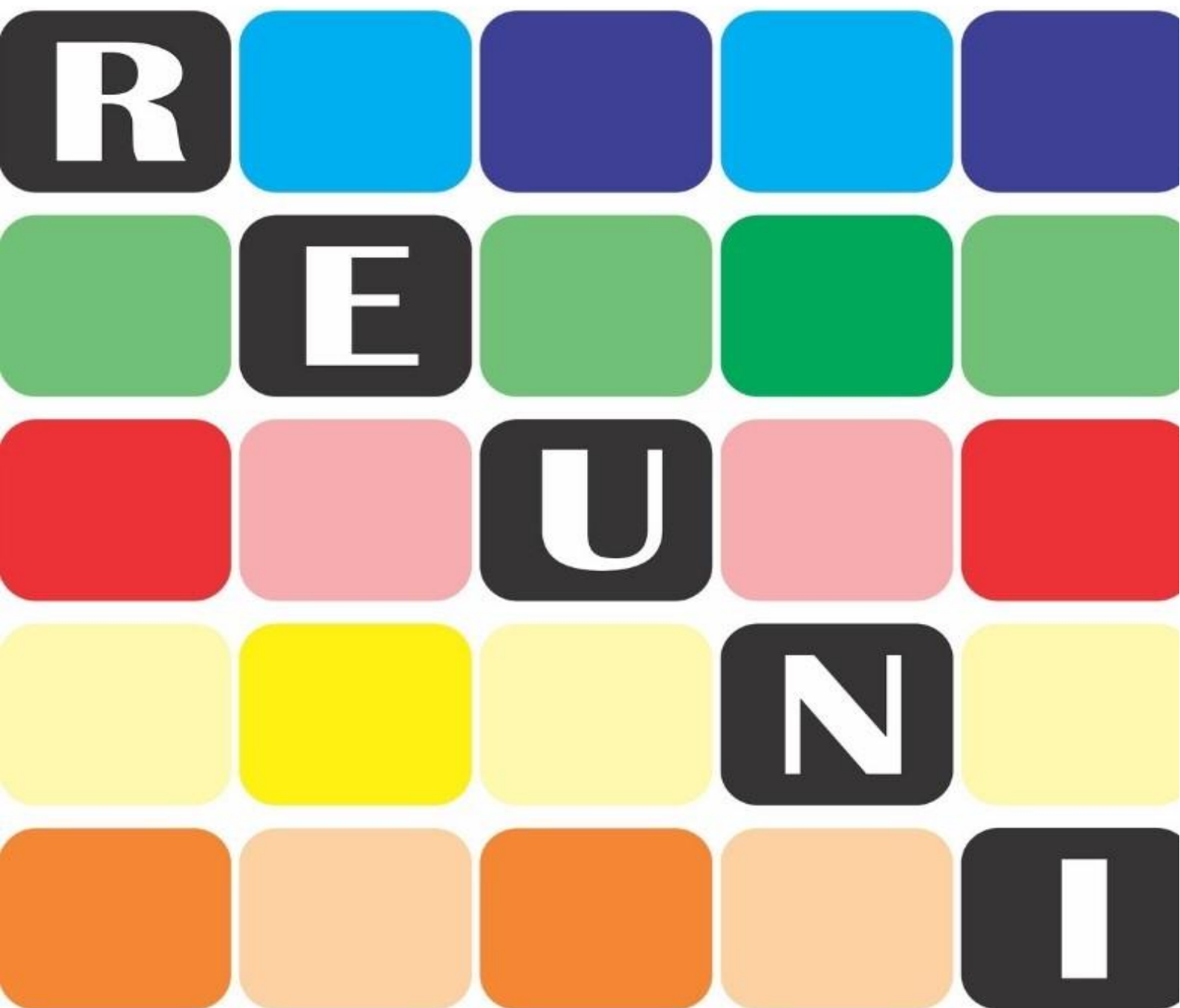




Revista Científica do Centro Universitário de Jales
X Edição (2019); ISSN: 1980-8925
<http://reuni.unijales.edu.br/>

REVISTA ELETRÔNICA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE JALES (REUNI)

ISSN 1980-8925 versão online

Editor - chefe

Silvio Luiz Lofego

Preparação dos Originais

Núcleo de Estudos Acadêmicos

Conselho editorial

Jéssika Viviani Okumura

Adriana Juliano Mendes Campos

Tamar Naline Shumiski

Alessandro Henrique Cavichia Dias

Silvio Luiz Lofego

Adriana Cristina Lourenção

Jémerson Quirino de Almeida

Ana Paula dos Santos Santana

Viviane Kawano Dias

Conselho Consultivo

Antônio Carlos Lofego (UNESP)

Clinton André Merlo (UNIFEI)

Lucilo Antônio Rodrigues (UFMS)

Sedeval Nardoque (UFMS - Dourados)

Revisão de Texto

Núcleo de Estudos Acadêmicos

EDITORIAL

Com o propósito de articular as diversas áreas do saber e proporcionar um espaço de difusão do conhecimento, a revista REUNI, sintetiza nosso esforço em busca da excelência acadêmica. Desse modo, podemos definir a Revista como ousada na proposta ao buscar interligar diferentes campos de pesquisa, e, ao mesmo tempo consciente das dificuldades inerentes ao diálogo com as diversas fronteiras da produção científica. Assim, cada edição que construímos é sempre carregada de sonhos e objetivos que norteiam todo o processo de sua elaboração. Criada a partir da iniciativa do professor Clinton André Merlo, a revista constitui-se num marco da Unijales ao dar visibilidade a capacidade de produção do corpo docente e dos discentes que se destacam na Iniciação Científica, nos Trabalhos de Conclusão de Curso ou em algum dos nossos cursos de pós-graduação. A REUNI (Revisita Unijales) tem a identidade em sua sigla: a de reunir, somar esforços e oferecer ao público publicações capazes de contribuir no avanço do ensino e pesquisa num amplo espectro formativo.

OBJETIVO

Usar o meio eletrônico para disseminar o conhecimento científico, através de trabalhos de pesquisa originais de todos os cursos de graduação, produzidos pela comunidade acadêmica do Centro Universitário de Jales, visando a estimular o intercâmbio de informações, bem como auxiliar os profissionais que atuam nas diversas áreas na realização de suas atividades.

MISSÃO

Publicação de artigos científicos que contribuam para a expansão do conhecimento nas diversas áreas do conhecimento.

MENSAGEM DO EDITOR CHEFE

Caro leitor,

Apresentar ao público um novo trabalho é um momento sempre carregado de grande expectativa, especialmente quando esse trabalho se constitui na décima edição da Revista REUNI, a Revista Eletrônica do Centro Universitário de Jales – UNIJALES. Chegar a esses dígitos tem, para nós, um sabor muito especial, haja vista que são 10 edições que simbolizam a somatória de esforços e a superação de barreiras inerentes ao desenvolvimento de pesquisa em nosso país. Mas, antes de tudo, significa a continuidade de um projeto que vem solidificando e consolidando a tradição da nossa produção acadêmica.

Neste sentido, nas páginas que compõem a Reuni, o leitor encontrará muito mais que artigos sobre temáticas diversas, encontrará o processo de um produto envolto em lutas e desafios de um grupo comprometido com a qualidade do ensino superior. Encontrará, também, a expressão do desejo de proporcionar uma contribuição singular para o desenvolvimento científico e de aprimoramento das dimensões do saber.

Cabe ressaltar que os responsáveis por esta Revista não mediram esforços para trazer uma leitura enriquecedora e conectada aos interesses da sociedade contemporânea, conforme poderá ser conferido nas próximas páginas.

Desse modo, mais uma vez a tradição da pesquisa se juntou aos persistentes esforços para valorizar a produção acadêmica nos seus mais variados aspectos, ressaltando o comprometimento e a vontade de oferecer um trabalho capaz de deixar um legado significativo para o futuro.

Dando sequência a um processo de renovação e melhorias, a REUNI continua incorporando o aperfeiçoamento tanto técnico, como de conteúdo, focado sempre no caminho da excelência acadêmica.

Sendo assim, sob a supervisão do professor Alessandro Henrique Cavichia Dias e ancorada nos trabalhos do Núcleo de Estudos Acadêmicos (NEA), a Diretoria de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão dá sequência ao programa de fomento à pesquisa, cuja publicação desta edição da REUNI brinda mais um tempo de grandes realizações na produção acadêmico/científica de docentes e discentes do UNIJALES.

Boa leitura!

Prof. Dr. Silvio Luiz Lofego
Diretor de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão
Vice-Reitor Acadêmico

SUMÁRIO

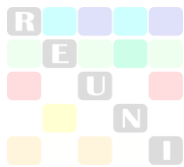
CIÊNCIAS HUMANAS

A Dupla Coração do Brasil: A Modernização Tradicional nas Performances de Tonico e Tinoco...	6
As Representações da Vida Rural por Meio da Música Sertaneja Raiz - Nas Vozes da Dupla Tião Carreiro e Pardinho.....	24
Entre Ratos e Gatos, <i>Maus</i> faz Sangrar História.....	48
Grafite: Manifestação Artística Presente no Estado de São Paulo e suas Implicações Sociais e Culturais.....	74
Marx e Engels, Durkheim e Weber e a Educação para o Trabalho no Mundo Capitalista.....	95
O Direito à Obediência. Escola Sem (?) Partido.....	101
Os “Rippes” da Música Sertaneja, ou se Preferirem a Dupla de “Cabelos Longos”: Leo Canhoto e Robertinho Tradição e Modernidade.....	117

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E CIÊNCIAS DA SAÚDE

A atuação do Assistente Social e Psicólogo em Cuidados Paliativos.....	137
A Inserção das Terapias Alternativas no Sistema Único de Saúde como Método de Prevenção..	149
Aplicação da Cinesioterapia através de Exercícios de Kegel como forma de Tratamento e Prevenção na Incontinência Urinária de Esforço em Mulheres - Revisão de Literatura.....	160
Carcinoma de pulmão de pequenas células: revisão de literatura.....	171
Ginástica Laboral e Ergonomia: Benefícios para a Empresa e o Trabalhador.....	184
O Impacto causado pela influência da Mídia na Construção da Imagem Corporal.....	196
Qualidade de Vida e Cuidados Paliativos em Pacientes Oncológicos: uma Visão da Enfermagem.....	208
Tratamento do Câncer de Mama Associado ao uso de drogas na imunoterapia.....	219





A DUPLA CORAÇÃO DO BRASIL: A MODERNIZAÇÃO TRADICIONAL NAS PERFORMANCES DE TONICO E TINOCO

CAVICHIA, Alessandro Henrique Dias¹

Resumo:

Os irmãos João Salvador Perez e José Perez que formaram a dupla Tonico e Tinoco ambos nascido no interior do Estado de São Paulo na região de Botucatu, onde iniciam sua carreira como músicos após várias apresentações nas cercanias onde moravam, a dupla assim como inúmeros outros trabalhadores rurais no período migram para a capital paulista no início da década de 1940, para tentar a carreira como músicos profissionais. Ao analisar a carreira de Tonico e Tinoco podemos observar o ecletismo da dupla em aproximar ritmos das várias regiões do país e a capacidade ímpar de harmonizar tradição e modernidade em suas performances artísticas. Nessa perspectiva cabe avaliar como a dupla consegue agradar os mais diferentes públicos sintetizando tradição e modernidade em suas performances ao longo de mais de seis décadas de carreira, sendo que nesse período a música rural brasileira sofre enormes modificações principalmente através da hibridização com ritmos estrangeiros especialmente o rock, guarânia, polca paraguaia e a Rancheira Mexicana que invadiram o mercado fonográfico nacional nas décadas de 1970 e 1980, e transformaram totalmente o paradigmas de tradição e modernidade.

Palavras chave: Tonico e Tinoco, Modernidade e Tradição

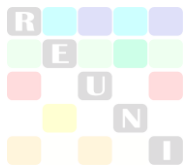
THE DOUBLE HEART OF BRAZIL: THE TRADITIONAL MODERNIZATION IN THE PERFORMANCES OF TONICO AND TINOCO

Abstract:

The brothers João Salvador Perez and José Perez formed the duo Tonico and Tinoco both born in the interior of the State of São Paulo in the region of Botucatu, where they began their career as musicians after several presentations in the neighborhoods where they lived, the duo as well as numerous other rural workers in the period migrated to the city of São Paulo in the early 1940s to try their careers as professional musicians. When analyzing the career of Tonico and Tinoco we can observe the eclecticism of the duo in approaching rhythms of the various regions of the country and the unique ability to harmonize tradition and modernity in their artistic performances. In this perspective it is necessary to evaluate how the pair manages to please the most different publics synthesising tradition and modernity in their performances during more than six decades of career, being that in this period Brazilian rural music undergoes enormous modifications mainly through the hybridization with foreign rhythms especially the rock, guarania, Paraguayan polka and the Mexican Rancheira that invaded the national phonographic market in the 1970s and 1980s, and completely transformed the paradigms of tradition and modernity.

Keywords: Tonico e Tinoco, Modernity and Tradition

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Professor do curso de História do Centro Universitário de Jales (UNIJALES).



Introdução

Os irmãos João Salvador Perez e José Perez que formaram a dupla Tonico e Tinoco ambos nascido no interior do Estado de São Paulo na região de Botucatu, onde iniciam sua carreira como músicos após várias apresentações nas cercanias onde moravam, a dupla assim como inúmeros outros trabalhadores rurais no período migram para a capital paulista no início da década de 1940, para tentar a carreira como músicos profissionais.

Tonico e Tinoco ocupa sem dúvida nenhuma no cenário musical nacional atualmente, o espaço reservado as duplas representantes da tradicionalidade da música rural do centro sul do Brasil, gênero extremamente exaltado no programa de Boldrin. Contudo, cabe questionar os limites dessa pureza, visto que a dupla ao longo de sua trajetória passou por constantes negociações com a indústria cultural.

As negociações realizadas por Tonico e Tinoco com a Indústria Cultural nem sempre resultaram em uma produção musical que visa preservar a tradicionalidade incorporada pela dupla, visto que muitas vezes se faz necessário, para atender uma demanda de mercado, incorporar em seu repertório elemento estranhos as rítmicas caipira que a dupla estava acostumada, como aponta Araújo:

O apelo aos regionalismos interioranos de Tonico e Tinoco transparece, na primeira edição da Revista Sertaneja², onde os “autênticos caipiras” aparecem na capa em uma varanda de onde podemos vislumbrar um horizonte de montanhas, vestidos com trajes gaúchos estilizados. Possivelmente estamos diante de uma estratégia de expansão do público da música sertaneja, que se apóia e ao mesmo tempo forja uma identificação nacional, de distintas regiões, com o interior de maneira geral e os valores tradicionais, o ruralismo e a realidade social da pecuária. (ARAÚJO, 2014)

Por uma necessidade de ampliar seu público consumidor Tonico e Tinoco tivera que flertar com outros ritmos e indumentárias como é possível observar na capa da Revista Sertaneja, na qual a dupla se apresenta com vestimenta característica do sul do país especificamente do Rio Grande do Sul, buscando aproximar o repertório rural paulista ao gaúcho, permitindo maior consolidação da dupla no cenário nacional.

² São Paulo: Prelúdio Ltda, março de 1958

FIGURA 1: Capa da Revista Sertaneja



FONTE: <http://www.ntelecom.com.br/users/pcastro2/revista.htm>. Acesso em: 03/07/2018

Por outro lado, também se deve ter em mente a possibilidade da inserção da dupla Tônico e Tinoco dentro de uma “tradição inventada”, pois como bem aponta Hobsbawm:

O termo “tradição inventada” é utilizada num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisas de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. A transmissão radiofônica real realizada no Natal na Grã-Bretanha (instituída em 1932) é um exemplo do primeiro caso, como exemplo do segundo, podemos citar o aparecimento e evolução das práticas associadas à final do campeonato britânico de futebol. É óbvio que nem todas essas tradições perduram; nosso objetivo primordial, porém, não é estudar suas chances de sobrevivência, mas sim o modo como elas surgiram e se estabeleceram. (HOBSBAWM, RANGER. 1997, P. 9)

Ao analisar a trajetória de Tônico e Tinoco cabe destacar que a dupla que inicia sua carreira como profissionais a partir da década de 1930, e encerra suas atividades como dupla em 1994, quando Tônico falece após a queda da escadaria do prédio que residia. Ao longo de 64 anos de carreira a dupla vendeu mais 150 milhões de cópias, totalizou mais de 40.000 apresentações e gravaram mais de 1.000 músicas divididas em 83 disco, esses números evidenciam uma carreira consagrada em todo território nacional, extrapolando as fronteiras culturais da música rural brasileira.

Durante esse mais de meio século de carreira a música rural brasileira passou por uma série de transformações e hibridizações tanto com ritmos nacionais com internacionais, dessa maneira, torna curiosos observar que durante esses períodos de mudanças especialmente



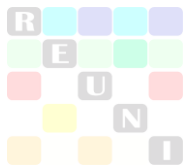
ocorrido nas últimas décadas do século XX, a dupla dos irmãos Perez é elegida tanto pelo público como pela mídia especializada como referencial de tradição.

Em um período de inovações históricas de transformações no cenário da música rural brasileira em que o nacional é ameaçado pelos ritmos estrangeiros, determinados grupos sociais buscam legitimar uma tradição, muitas vezes essas tradições acabam passando por um processo de invenção, como ocorreu durante as décadas de 1960 e 1970, em que alguns representantes da MPB buscaram estabelecer o que seria música caipira ligada a tradição e o que seria música sertaneja ligada como a deturpação do gênero rural pela hibridização com o ritmos importados:

Com isso, a música caipira passou a ser identificada por alguns representantes da MPB como um expoente da autenticidade da expressão cultural da população do campo, ao contrário da música sertaneja, que estaria contaminada pelas influências dos ritmos internacionais que chegavam ao Brasil com grande intensidade nas décadas de 1970 e 1980. Assim, a partir dos referenciais estabelecidos pela sigla MPB, para a relação entre tradição e modernidade, acirrou-se o embate entre música caipira e sertaneja. Alguns intérpretes passaram a tentar atender às expectativas criadas pela intelectualidade urbana ligada à MPB. (CAVICHIA, 2014)

A MPB ao realizar essa cisão entre o que era caipira e o que era sertanejo contribui para a formação de uma tradição musical, uma vez que a sigla MPB se tornou um referencial na tentativa de sintetizar a tradição e a modernidade, numa perspectiva nacionalista, embora não xenófoba (NAPOLITANO. 2007), como aponta Hobsbawm as tradições surgem a partir da necessidade de determinados grupos sociais em se legitimarem como estabelecidos e ou pela própria legitimação de um novo Estado nação, pode se observar exemplos da criação de tradições na História Política brasileira, como na escolha dos republicanos recém ascendidos ao poder em eleger a figura de Joaquim José da Silva Xavier o “Tiradentes” como herói da república criando toda uma nova reinterpretação da Inconfidência Mineira e inserindo Tiradentes em uma longa tradição de luta pela liberdade do Brasil e pela ruptura do julgo monárquico da família real no Brasil, ou seja, é necessário toda uma engenharia social como aponta Hobsbawm para se legitimar algumas transformações sociais e políticas:

A propósito, deve-se destacar um interesse específico que as “tradições inventadas” podem ter de um modo ou de outro, para os estudiosos da História moderna e contemporânea. Elas são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente a “nação”, e seus fenômenos associados: o nacionalismo, o Estado nacional, os símbolos nacionais, as interpretações históricas, e daí por diante. Todos estes elementos baseiam-se em exercício de engenharia social muitas vezes deliberados e sempre inovadores, pelo menos por que a originalidade histórica implica inovação. (HOBSBAWM, RANGER. 1997, P. 22)



Podemos observar tal evento na música rural brasileira, uma vez que com a facilidade que os gêneros estrangeiros conquistavam o mercado nacional se fazia necessário definir o que era tradicional mesmo que muitas vezes fosse necessário inventar essas tradições criando cânone para que tanto as duplas que ocupavam espaço no mercado fonográfico do período se adaptassem quanto para os músicos que pretendiam iniciar sua carreira.

Na elaboração do que seria a tradicional música rural brasileira havia uma série de normativas que o interprete deveria estar atento para inserir em sua performance, em sua grande maioria eram referenciais que se remetiam a estética musical dos pioneiros da música rural como Cornélio Pires, Jararaca e Ratinho, Alvarenga e Ranchinho e Raul Torres e Florêncio entre outros.

Apesar de algumas pequenas alterações e adaptações para ampliação do público consumidor como apontado acima, a dupla Tonico e Tinoco se encaixava perfeitamente nos desígnios, visto que a dupla incorporava em suas apresentações a indumentária caipira que havia se popularizado nas apresentações de Alvarenga e Ranchinho nas décadas de 1930, 1940 e 1950.

Nos cinemas brasileiros na década de 1950, se destacou as produções cinematográficas de Amácio Mazzaropi, que foi o responsável por imortalizar a caricata figura do caipira que combinava em suas performances um misto de ingenuidade do matuto frente a modernidade dos centros urbanos, mas sempre evidenciados a astúcia do homem do campo ao conseguir se desvencilhar das mais variadas situações que eram desenvolvidas ao longo do enredo de suas películas.

Contudo, é importante destacar que o vestuário apresentado por Mazzaropi será o referencial de muitas duplas, uma vez que esses trajes eram compostos por botinas de trabalho, camisa xadrez, lenço no pescoço e chapéu de palha como pode se observar nas imagens elencadas a abaixo:

Figura 2: Amácio Mazzaropi em imagem do filme Jeca Tatu 1960



Fonte: <http://gilbertocarlos-cinema.blogspot.com/2012/04/o-centenario-de-mazzaropi.html>. Acesso em 04/07/2018

Figura 3: Dupla Tonico e Tinoco em 1945



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=3EYFIJ7gs8o>. Acesso em 04/07/2018

Como é possível observar nas imagens exibidas acima o padrão caipira de se vestimenta era contemplado pela dupla em suas apresentações, uma vez que o público

consumidor muitas vezes se identificava com tal indumentária, visto que o circuito cultural na qual Tonico e Tinoco alcançava maior expressão era principalmente no interior de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Espírito Santo e Paraná, onde as duplas se apresentavam nos picadeiros dos circos itinerantes. Contudo, mesmo quando os shows ocorriam nos centros urbanos desse período o público ansiava por uma dupla que materializasse o caipira que eles virão nas telas do cinema interpretados por Mazzaropi.

Tonico e Tinoco ao longo de sua carreira não irão realizar nenhuma mudança abrupta em seus trajes visto que já na década de 1980, a dupla só havia aberto mão do tradicional chapéu de palha, pois as botinas as camisas xadrez a temática das canções e a harmonia entre viola e violão e as vozes em terça continuavam idênticas a do início de sua carreira na década de 1930.

Destaque a imagem abaixo:

Figura 4: Tonico e Tinoco 1980



Fonte: http://www.recantocaipira.com.br/duplas/cantinho_tonico_tinoco/cantinho_tonico_tinoco.html. Acesso em 04/07/2018

A indumentária da dupla se manteve fiel desde sua origem o que contribui para o caráter tradicional de Tonico e Tinoco, mas nessa esteira cabe salientar a temática e os ritmos que estavam presentes na trajetória da dupla que os permitiu se sagrar como portadores da tradicionalidade e da autenticidade do campo.

Os ritmos que conquistaram a grande parte do repertório de Tonico e Tinoco foi a Toada e o Cateretê ambos ritmos oriundos da região centro-sul do país. A Toada na viola e no violão se caracterizam por um ritmo quaternário que marca um ciclo de movimentos iniciado com o polegar fazendo um movimento de descida nas cordas do instrumento, seguindo pela

subida do dedo indicador e o polegar ou todos os dedos repetindo o movimento de descida, como demonstra a imagem abaixo:

FIGURA 5: Ritmo Toada



Fonte: <https://pt.slideshare.net/ElvisLive/viola-de-ouro-apostila-7467892>. Acesso em 11/07/2018

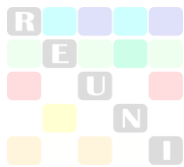
O Cateretê apesar de parecer um ritmo simples ele exige uma certa perícia do violeiro ou violonista que o irá executar, visto que ele se estrutura a partir de três tempos, ou seja, é um ritmo ternário ou quaternário, pois dependendo da localidade ele sofre variações. No Cateretê a mão direita atua como um pendulo subindo e descendo sendo que o polegar iniciará o compasso descendo pelas cordas, seguindo de dois movimentos “em falso” subindo e descendo sem tocar nenhuma corda, duas subidas com o indicador tocando todas as cordas e por fim uma última descida com o indicador ou como todos os dedos, como exemplificado abaixo:

FIGURA 6: Ritmo Cateretê



Fonte: <https://pt.slideshare.net/ElvisLive/viola-de-ouro-apostila-7467892>. Acesso em

11/07/2018



Ambos os ritmos evidenciam a simplicidade rítmica da música rural brasileira, mas isso não impediu a grande aceitação do público consumidor e também não foi um obstáculo para que esses ritmos alcançassem um grande número de gravações entre os vários interpretes da música rural brasileira e principalmente pela dupla Tonico e Tinoco, que segundo um levantamento a dupla gravou durante sua carreira 117 Toadas e 54 Cateretês, ritmos que se consagraram em Músicas como “Chico Mineiro, Cabocla Tereza, A Boiadeira, A Mão do Tempo” entre outras canções.

A tradicional música rural brasileira defendida pela MPB não se resume apenas aos ritmos também deve ter em vista a temática abordada pela canção, uma vez que a mensagem é mais importante que a harmonia, segundo alguns intelectuais ligados a sigla MPB.

O repertório de Tonico e Tinoco será composto pelas mais variadas temáticas, visto que, como apontado acima a dupla deveria estar atenta aos regionalismos, ou seja, os irmãos Perez não deveriam cantar apenas as temáticas que agradariam o ouvinte de São Paulo ou Minas Gerais, mas sim, incorporar temas que agradassem os mais variados ouvintes.

Nessa perspectiva a dupla evocará nas letras de suas músicas inúmeras temáticas, mas sempre procurando representar os valores de uma sociedade tradicional e conservadora, uma vez que, em sua grande maioria esses valores representados não eram distantes e/ou estranhos a Tonico e Tinoco, pois ambos se originaram nessa sociedade mesma sociedade rural, tradicional, conservadora e patriarcal.

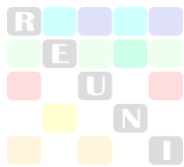
Com isso, pode se destacar inicialmente um grande sucesso da dupla a música “Cabocla Tereza”, composta originalmente por Raul Torres e Florência, a canção evidencia em sua letra os valores de uma sociedade patriarcal, na qual a defesa honra é fundamental para a dignidade do indivíduo e a honra só poderá ser lavada com sangue dos adultérios, como podemos observar nas letras das canções “Cabocla Tereza e Destino de Caboclo” apresentadas abaixo:

Cabocla Tereza

Tonico e Tinoco

Parte declamada

"Lá no alto da montanha / Numa casinha estranha / Toda feita de sapê / Parei numa / noite à cavalo / Pra mór de dois estalos / Que ouvi lá dentro bate / Apeei com muito jeito / Ouvi um gemido perfeito / Uma voz cheia de dor: / "Vancê, Tereza, descansa / Jurei de fazer a vingança / Pra morte do meu amor"/ Pela réstia da janela / Por uma luzinha amarela / De um lampião quase apagando / Vi uma cabocla no chão / E um cabra tinha na mão / Uma arma alumiando / Virei meu cavalo a galope / Risquei de espora e chicote / Sangrei a anca do tar / Desci a montanha abaixo / Galopando



meu macho / O seu doutô fui chamar / Vortamo lá pra montanha / Naquela casinha estranha /

Eu e mais seu douto / Topemo o cabra assustado / Que chamou nós prum lado / E a sua história contou"

Parte cantada

Há tempo eu fiz um ranchinho / Pra minha cabocla mora / Pois era ali nosso ninho / Bem longe deste lugar. / No arto lá da montanha / Perto da luz do luar / Vivi um ano feliz / Sem nunca isso espera / E muito tempo passou / Pensando em ser tão feliz / Mas a Tereza, doutor, / Felicidade não quis. / O meu sonho nesse oiá / Paguei caro meu amor / Pra mór de outro caboclo / Meu rancho ela abandonou. / Senti meu sangue fervê / Jurei a Tereza mata / O meu alazão arriei / E ela eu vô percurá. / Agora já me vinguei / É esse o fim de um amor / Esta cabocla eu matei / É a minha história, doutor.

Destino de Caboclo

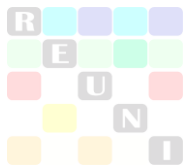
Tonico e Tinoco

O galo anunciou o dia, enciei meu alazão / Aperparei o virado, a garrucha no cinturão / E saí no galopiado no meio da escuridão / Viajei umas cinco légua pra chega lá em rincão / Eu casava nesse dia, c'oa Ritinha Conceição / Ela vortava comigo na garupa do alazão / Em frente da casa dela tive uma desilusão / Ritinha tava beijando outro home no portão / O meu sangue intê gelou de vê aquela ingratidão / Apiei do meu cavalo pra vingá aquela traição / Dei um tiro no infeliz que caiu morto no chão / Ritinha virô e me disse: - Vancê matô meu irmão. / Esse destino cruê estraçaiô meu coração / Ritinha também morreu co desgosto do irmão / Eu fiquei seis longo anos na grade de uma prisão / Hoje eu vivo só no mundo sem amigo e sem irmão. / Por tudo sô desprezado não mereço compaixão / Eu vivo sempre chorando da triste recordação / Eu vendi o meu ranchinho, vendi toda a criação / E fiz uma capelinha pra rezá prôs dois irmão

As duas canções citadas acima evidenciam o caráter patriarcal conservador da sociedade rural, uma vez que a mulher é constante alvo de violência e tal pratica se torna totalmente justificável, como pretexto da defesa da honra, isso o adultério ocorrendo ou não. Contudo, essas duas canções não são as únicas a tratar de tal temática, como aponta Araújo a narrativa está presente em várias composições:

“Destino de caboclo” nos transmite uma espécie de crítica e mesmo reflexão de um costume tão arraigado, a defesa da honra com sangue, que pode acarretar situações trágicas e incorrigíveis. Ao final temos a única possibilidade de redenção moral, mesmo que parcial, da música sertaneja, diante de uma tragédia sem solução, a religião.

Canções em que a violência é a única maneira de salvar a honra de uma sociedade patriarcal abundam no repertório da vertente tradicional ao longo dos anos de “Cabocla Tereza”, gravada por Raul Torres e Florêncio ainda nos anos de 1930, passando por “O ipê e o prisioneiro”, interpretada por Liu e Léo, e “Ninho de cobras”, por Jacó e Jacozinho, até “Olhos verdes”, cantada pelos modernos João Paulo e Daniel na década de 1990. (ARAÚJO 2014, p 107)



A violência amplamente difundida na tradicional música rural, não era, portanto, a única temática a ser abordada pelos interpretes, pois inúmeras canções também são dedicadas as paixões avassaladoras ao amor inocente, romances impossíveis e/ou a saudade da mulher amada que a havia partido, como é possível observas nas letras das duas canções apresentadas abaixo

Tempo de Amor

Tonico e Tinoco

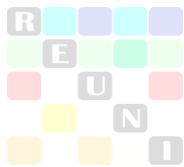
Vai-se embora pra bem longe / Minha antiga namorada / Só vai ficar por lembrança / O seu rastinho na estrada / Nunca mais abre a janela / Para ouvir minha toada / Venho dar a despedida / Nesta cruel madrugada / Eu vô morrendo sozinho / Por não querê mais ninguém / A minha triste viola / Morre comigo também / Só vou deixá por lembrança / Este versinho pra arguém / Quem tem amor tem ciúme / Quem tem ciúme quer bem / A lua vai despedindo / Com a voz do cantado / O sereno vai sumindo / Deixando o cálice da flô / O dia já vem rompendo / Mais aumenta a minha dor / Sepultando a serenata / Do nosso tempo de amor

Adeus Amor

Tonico e Tinoco

Você que sem piedade me deixou aqui sozinho / Sofrendo na sua ausência a falta do teu carinho / Se você estiver me ouvindo o meu cantar magoado / Saiba que eu canto chorando lembrando nosso passado. / Ai, ai, amor / Depois que você partiu aqui tudo ficou triste / Procuro ter alegria, porem só tristeza existe / Procurei te escrever mais não sei seu endereço / Para ter noticia tua eu pagarei qualquer preço. / Ai, ai, amor. / Alguém veio me dizer para aumentar a minha dor / Que você de mim não lembra e já tem um outro amor / Agora o que me resta é seguir o meu caminho / E conformar com a sorte de viver sempre sozinho / Aí, adeus amor.

Como evidenciado acima o amor romântico e sagrado ocupa um espaço de destaque entre os temas eleitos para figurarem na música tradicional, uma vez que não existe espaço para o amor descompromissado e para curtas aventuras sexuais. As sociabilidades das comunidades rurais possuem seus valores arraigadas na tradição católica, por vezes por se tratar de comunidades longínquas, onde não existe a constante presença do sacerdote da Igreja, essas comunidades acabam por desenvolver um catolicismo rústico que na maioria das vezes não servirá apenas como um bastião da espiritualidade e da moralidade, mas também como amalgama social que facilitará a convivência social vários grupos, visto que a religião possibilitará o compartilhamento de signos e valores em comum, como aponta Maria Isaura Queiroz:



antes social do que propriamente religiosa (...) Enquanto a função social da religião salta imediatamente aos olhos, é preciso um certo esforço para se perceber objetivos morais ou espirituais, que não existem como valores em si mesmos, e sim como valores auxiliares do valor social (...) Assim, na religião rústica brasileira, moralidade e espiritualidade não são buscadas em si mesmas, mas pela utilidade que têm em assegurar uma existência mais tranqüila e mais agradável ao grupo todo da vizinhança (...) Grupos de vizinhança e catolicismo rústico são então como que imagem um do outro: rudimentares, fluídos, mal definidos. Correspondem ambos às necessidades de uma população cabocla pouco numerosa, se a compararmos com os largos espaços geográficos em que se move (QUEIROZ, 1976 p 95-96)

Entre esses valores compartilhados por essas comunidades rurais os relacionamentos de curta duração são extremamente mal vistos, além de que, evidenciando o caráter patriarcal dessas comunidades a mulher jamais deveria ter relações sexuais antes do sacramento do casamento, é importante notar que inúmeras duplas possuem sua origem nessas sociedades e esses valores estão presentes em suas composições como foi apresentado nas duas músicas de Tonico e Tinoco citado acima.

Entre os elementos pertencentes a tradicional música rural que já foi apontado nesse trabalho, pode-se somar mais um, que irá ocupar a temática de inúmeras composições, esse elemento de destaque é o “Sertão”, que será apresentado de duas maneiras:

No primeiro em que será romantizado tanto pela literatura como nas obras de Guimarães Rosa como na música de Tonico e Tinoco, pois o sertão será por vezes cenário de narrativas épicas, onde o homem através do trabalho e da força bruta domina esses rincões longínquos do país. Abaixo é possível observar a letra de duas canções “Sertão do Laranjinha” e “Fruto do meu trabalho” que apresentam essas características elencadas acima.

Sertão do Laranjinha

Tonico e Tinoco

Escute o que eu vo dize/ Foi um causo verdadeiro/ Que eu vou contá pra você/ O Sr. Francisco Neve tinha muito bom vive/ Levo cachorrada e arma que podia lhe vale/ E o sertão do Laranjinha /Lá foi ele conhece/ Um dia de tardezinha, era já no escurece / Veio caçula correndo, a chorá e a treme / Ai, mamãe vamos s'imbora se nós não quisé morre / Que papai, os meus irmão, ai, mamãe nem posso cre / Tão na bataia de bugre nem é impossível de vence / Mas a mãe desesperada nem não pode se conte /Correu e pegou uma arma pra sua gente defende / Ela pegou a espingarda manobrando sem sabe / Mas parece que o destino veio pra lhe protege / Cada tiro que ela dava fazia um bugre geme / O bugre tem capitão, ela pode conhece / No arto de uma peroba fazia os outros ferve / Ela puxou o gatilho, a fumaça nem deixo ve / Ele já se despenco, ai desceu mesmo sem quere / O sinar que fez na terra não vai desaparece / Veno o capitão já morto saíro bugre a corre / Francisco Neve ferido tava atrás do pé de ipe / Ele junto com treis fio pra não chegar a morre / No sertão de Laranjinha inté costuma dize / Só por milagre divino é que podia acontece



Fruto do Meu Trabalho Tonico e Tinoco

Eu nasci no mato/ Me criei na roça / Eu ganho a vida/ Na luta pesada / Mas sem recurso/ Para estudar / Eu sei apenas/ Manejar a enxada / Com fé em Deus/ Enfrento o trabaio / Com sol e chuva/ Frio e calor/ Honestamente ganho meu pão / Contribuindo com a nação / Todo trabalho faço com amor / Ai muita vêz homenageado/ Arrespeitado agricultor / Um brasileiro soldado sem farda/ Guerra da fome sou batalhador / Eu nasci para ser roceiro/ Sou violeiro e bom cantador / Força no braço e no aço da enxada/ Minha terra sempre cultivada / Sou caboclo trabalhador./ Quero cuidar desse solo bendito/ Brasil querido conte comigo / Eu tenho orgulho de ser do batente/ O presidente é meu amigo / Amanhã cêdo irei novamente/ Cuidar do campo moiado de orvaio / E com orgulho digo com certeza/ O alimento que vai em sua mesa / É o fruto do meu trabaio.

No segundo momento o sertão é descrito de maneira idealizada, como algo distante e imutável, ou seja, um ambiente avesso aos projetos de desenvolvimento relacionados à realidade urbana, por outro lado, o sertão também é apresentado como “paraíso perdido” que havia ficado no passado e na qual o único resquício desse paraíso que resta é a saudade cantada pelo cancionero rural. (ARAÚJO. 2014)

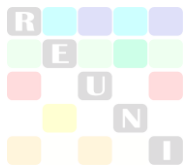
Segue abaixo, três exemplos de músicas em que o cancionero canta sua saudade no meio rural e/ou narra esse mesmo ambiente como um paraíso perdido já então inalcançável para o indivíduo que vivia em meio ao moderno centros urbanos.

Tristeza do Jeca Tonico e Tinoco

Nestes verso tão singelo / Minha bela, meu amor / Pra você quero contar / O meu sofre e a minha dor / Eu sô que nem sabiá / Quando canta é só tristeza / Desde o gaio onde ele está / Nesta viola eu canto e gemo de verdade / Cada toada representa uma saudade / Eu nasci naquela serra / Num ranchinho beira chão / Tudo cheio de buraco / Onde a lua fai clarão / Quando chega a madrugada / Lá no mato a passarada / Principia um baruião / Nesta viola eu canto e gemo de verdade / Cada toada representa uma saudade / Vou parar com a minha viola já não posso mai cantar / Pois o jeca quando canta tem vontade de chorar / O choro que vai caindo / Devagá vai se sumindo, como as água vão pro mar / Nesta viola eu canto e gemo de verdade / Cada toada representa uma saudade

Que Saudade Tonico e Tinoco

Quando me lembro da minha velha palhoça / Meu cavalo minha roça, / Meu velho carro de boi / Das algazarra que fazia a passarada / Anunciando a madrugada, / Que a noite já se foi... / Mais que saudade / Que vai e vem / Do meu sertão / E da cabocla também! / Me dá uma dor bem no fundo



do meu peito / De saber que não tem jeito / De voltá o que passou / Pegu a viola
pendurada na parede / Vou lá fora e estico a rede, / Num ponteio esqueço a dor... /
Mais que saudade / Que vai e vem / Do meu sertão / E da cabocla também! / Por isso
quando eu percebo a tristeza / Contemplando a natureza eu me ponho a cantá / Vou
ponteando a canção que me consola / Do dueto da viola canta longe um sabiá... / Mais
que saudade / Que vai e vem / Do meu sertão / E da cabocla também!

Saudade de Minha Terra

Goya

De que me adianta viver na cidade / Se a felicidade não me acompanhar / Adeus,
paulistinha do meu coração / Lá pro meu sertão, eu quero voltar /
Ver a madrugada, quando a passarada / Fazendo alvorada, começa a cantar / Com
satisfação, arreio o burrão / Cortando estradão, saio a galopar / E vou escutando o
gado berrando / Sabiá cantando no jequitibá / Por nossa senhora, / Meu sertão querido
/ Vivo arrependido por ter deixado /
Esta nova vida aqui na cidade / De tanta saudade, eu tenho chorado / Aqui tem alguém,
diz / Que me quer bem / Mas não me convém,
eu tenho pensado / eu digo com pena, mas esta morena / não sabe o sistema em que
eu fui criado / To aqui cantando, de longe escutando
/ Alguém está chorando, / Com rádio ligado / Que saudade imensa do
Campo e do mato / Do manso regato que / Corta as campinas / Aos domingos ia
passear de canoa / Nas lindas lagoas de águas cristalinas /
Que doce lembrança / Das festas / Onde tinham danças e lindas meninas / Eu
vivo hoje em dia sem ter alegria / O mundo judia, mas também ensina / Estou
contrariado, mas não derrotado / Eu sou bem guiado pelas
mãos divinas / Pra minha mãezinha já telegrafei / E já me cansei de tanto sofrer / Nesta
madrugada estarei de partida / Pra terra querida que me viu nascer / Já ouço sonhando,
o galo cantando / O nhambu piando no escurecer / A lua prateada clareando a estrada
/ A relva molhada desde o anoitecer / Eu preciso ir pra ver tudo ali / Foi lá que nasci,
lá quero morrer

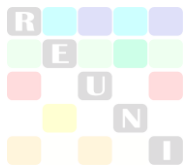
A “saudade” ocupa um local de destaque nas canções de Tonico e Tinoco, visto que a dupla juntamente com seus parceiros realizou a composição e a gravação de mais de dezoito canções com esse tema como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 1: Música gravadas por Tonico e Tinoco intituladas “Saudade”

Saudade	Arrasta-pé			Tuta	Chiquinho
Saudade	Valsa	Tonico			Dona Bi
Saudade (Instr)	Valsa	Tonico	Tinoco	Anacleto Rosas Jr	



Saudade e Barbaridade	Vaneirã	Toni	Tino	Miramar	
Saudade da Estância	Valseada			Capitão Furtado	Frontalino
Saudade da Goianinha	Batidão	Toni	Tino		Tio Nascim
Saudade de Araraquara	Cururu			Zé Carreiro	
Saudade de Boiadeiro	Cateretê	Toni	Tino		Dego Vieira
Saudade de Boiadeiro	Toada	Toni	Tino		Rielinho
Saudade de Gaúcho	Xote		Tino	Mamarama	
Saudade de Mato Grosso	Toada		Tino	Alberto Loureiro	
Saudade de Ouro Preto	Valsa			Antenógenes Silva	Alvarenga
Saudade de São João	Arrastapé	Toni		Nhô Crispim	
Saudade é Demais	Rasqueado	Toni	Tino		
Saudade Mais Saudade	Sambinha	Toni		Gentil Rossi	Carlinho
Saudade Que Eu Tenho	Valsa			Antenógenes Silva	



Saudades de Matão	Valsa			Raul Torres	Jorge Galati
Saudades dos Pampas	Xote		Tino co		Manito

Fonte: http://www.ntelecom.com.br/users/pcastro2/ritmos_musicas.htm. Acesso
26/07/2018

A dupla Tonico e Tinoco acumulou ao longo de sua carreira um capital simbólico que os inseriu entre os mais notáveis representantes da música rural tradicional, na qual a suas trajetórias, serão referencias para outras duplas que pretendesse iniciar suas carreiras entre as décadas de 1950 e 1960, e se inserir no mercado fonográfico. Entre as duplas influenciadas por Tonico e Tinoco pode se apontar Liu e Leo, Zico e Zeca, Vieira e Vieirinha, Cascatinha e Inhana entre outras que alcançaram grande sucesso nesse período.

Referências Bibliográficas:

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 4 ed. São Paulo: Hucitec/INL/MEC, 1982.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

BIAFORA, Rubem. **Chumbo Quente**. Estadão 18 de jun de 1978

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003

CALDAS, Waldemyr. **O que é música sertaneja?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Acorde na aurora: música sertaneja e indústria cultural**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1979

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2000.



CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

CAVICHIA, Alessandro Henrique Dias. **A Trajetória Artística de Sérgio Reis: Tradição e Modernidade na Música Sertaneja (1967 - 1982)**. 2014.172f. Dissertação. Mestrando em História. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papius, 1995

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2002. pp. 07-79.

DIAS, Marcia Tosta. **Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura**. São Paulo: Boitempo, 2000.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP. 2005

FERRETE, J. L. **Capitão Furtado: viola caipira ou sertaneja?** Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Música. Divisão de Música Popular – FUNARTE, 1985.

FILHO, Antonio Gonçalves. **O Neocaipira dos Tempos de Quércia**, Folha de São Paulo, 22/11/1986, Folha Ilustrada, pagina A 46

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987

KOSELLECK, R. Sobre a relação passado e futuro na história moderna, História dos conceitos e História Social. In: _____. **Futuro Passado. Contribuição à Semântica dos tempos Históricos**. Rio de Janeiro. Editora PUC – Rio, 2006.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 3 ed., São Paulo: Melhoramentos, 1948.

_____. **Jecatutuzinho**. 34 ed., São Paulo: Bloch Editores, 1971



MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OLIVEIRA, Allan de Paula, **Miguilin foi para cidade ser cantor: uma Antropologia da Música Sertaneja**. 2009. 352f. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ORTIZ, Renato. **Cultura Nacional e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense. 1985.

SANT'ANNA, Romildo. **Moda é viola: Ensaios do cantar caipira**, 2ª ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2009.

SILVA, A. R. **Sinal Fechado: a música popular brasileira sob censura (1937-45/1969- 78)**. Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1994,

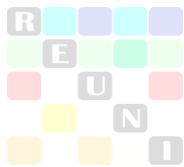
SEVCENCO, Nicolau; NOVAIS, Fernando. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos no Rio. In: Novais, Fernando (Coord.); Sevcenco, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 513-619

VICENTE, Eduardo. Organização, Crescimento e Crise: a indústria fonográfica brasileira nas décadas de 60 e 70. **Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**. v. VIII, n. 3, 2006, p. 118.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. pp. 99- 137.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.



AS REPRESENTAÇÕES DA VIDA RURAL POR MEIO DA MÚSICA SERTANEJA RAIZ - NAS VOZES DA DUPLA TIÃO CARREIRO E PARDINHO

MARTINS, Bruno de Caldas³

CAVICHIA, Alessandro Henrique⁴

Resumo:

Este presente artigo tem por objetivo analisar como a música sertaneja raiz apresenta elementos da vida rural no Brasil, utilizando para tal, uma das duplas que obtiveram grande destaque no cenário da música sertaneja raiz, Tião Carreiro e Pardinho. Para tal análise é imprescindível que se discuta aspectos que vão interferir na música sertaneja raiz e consequentemente na sua representatividade exercida, como aspectos políticos, surgimento da indústria fonográfica, embate entre tradição e modernidade, nesse cenário, Tião Carreiro e Pardinho, atinge auge de sua carreira na década de 60, já vivenciando o início de uma modernização como a implementação de novos instrumentos ao estilo, que passam a acompanhar a viola caipira e o violão, porém marcados por conseguir um equilíbrio entre adequar aos pedidos das modernas gravadoras e manter viva essência caipira.

Palavras chaves: Música sertaneja raiz. Tião Carreiro e Pardinho. Representação da vida rural. Indústria fonográfica.

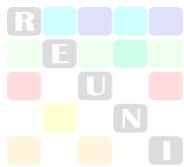
Abstract:

This article aims to analyze how rural sertaneja music presents elements of rural life in Brazil, using for that, one of the pairs that obtained a great prominence in the music scene of the rural sertaneja, Tião Carreiro and Pardinho. For this analysis it is essential to discuss aspects that will interfere in the rural sertaneja music and consequently in its representativeness exercised, such as political aspects, emergence of the speech-language industry, clash between tradition and modernity, in this scenario, Tião Carreiro and Pardinho, reaches the peak of its career in the 60s, already experiencing the beginning of a modernization as the implementation of new instruments to the style, which come to accompany the viola caipira and the guitar, but marked by achieving a balance between matching the demands of modern record companies and keeping alive essence country guy.

Keywords: music sertaneja root. Tião Carreiro and Pardinho. representation of rural life.

³ Graduado em História pelo Centro Universitário de Jales - UNIJALES

⁴ Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil (2014). Professor de História do Brasil do Centro Universitário de Jales, Brasil.



Desafios de analisar história e música

No que se refere a pesquisa no campo histórico voltado a música encontra-se muitos desafios, como podemos notar nas conclusões de Araújo (2008):

A pesquisa histórica voltada para música demanda diversas dificuldades inerentes, inclusive no que remete à metodologia, por se apoiar numa fonte que não tem como prioridade de outra forma de registro, a não ser sonoro. Datas, localidades nem sempre constam nos materiais analisados diversas vezes encontramos ausência de dados ou imprecisões. (ARAÚJO, 2008 p. 9).

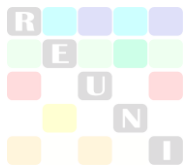
No entanto, como Napolitano (2005), vai afirmar que a música popular se tornou um tema presente nos programas de pós graduação, sistematicamente a partir dos anos 1970, tendo grande aumento de produção a partir dos anos 1980.

Neste contexto, este artigo busca enfrentar tais desafios, tendo música sertaneja raiz como campo de análise, e através da produção da dupla Tião Carreiro e Pardinho, encontrar como a música sertaneja raiz representa a vida e os elementos rural do homem do campo, passando por discussões necessárias para tal análise, como mudanças na política do Brasil, influência da indústria cultural na produção musical. Se faz necessário ressaltar que a escolha da dupla Tião Carreiro e Pardinho para pautar análise, se faz decorrente de ser umas das duplas que ganharam notoriedade no campo de produção musical, e por outros aspectos que serão desvendados no decorrer do artigo.

Música sertaneja, das raízes a modernidade

Uma das discussões principais e necessária ao se abordar o tema música sertaneja raiz, está na sua origem e distinção do gênero, sendo diferenciada em sua nomenclatura, alguns autores baseiam-se na estética sonora apresentada, e peculiaridades retratada na letra das canções, como uso de “música caipira” ou “música sertaneja”, porém vale ressaltar que não há uma constatação exata entre as ramificações do estilo, apresentaremos a seguir a origem e distinção defendida por alguns autores.

De acordo com Caldas (1987), as danças e canções, rituais que possibilitaram algumas fusões, o recortado, folia do Divino, cana-verde, fofa, chula, dança de São



Gonçalo (Portuguesas); congada, batuque, landú, (Africanos); cururu, catira ou cateretê (Indígenas); a tarantela (Italiana); o fandango (Espanhol); dentre outras, que fazem parte do cenário Lúdico do homem rural, foram eles que deram origem ao que chamamos de música caipira.

Mota (2011), diz: “A música caipira as letras narram causos do cotidiano, é cantada em dueto na distância de uma terça (três notas), e a viola caipira é um instrumento insubstituível.

Para Caldas (1987), Música sertaneja, seria assim denominado quando as canções passam a ter influência econômica, concordando com Caldas, Araújo (2008), acrescenta que música sertaneja é caracterizada quando a música passa a condição de “mercadoria”.

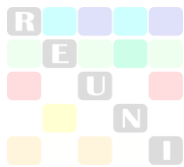
Mota (2011), cita que a música sertaneja está sempre em constante transformação, e com isso, suas raízes vêm sendo deixadas de lado.

Neste artigo, optamos por utilizar “música sertaneja raiz”, por analisarmos produções a partir da década de 60, portanto influenciadas pela indústria cultural, onde o intuito maior é observar justamente onde as raízes do estilo musical, como se mantém presentes, sendo assim entendida como melhor forma para cumprir os objetivos aqui presente.

Nesse espaço de embate de tradição e modernidade, está fortemente ligada a questão política do Brasil, para entendermos como se estabelece tais mudanças dentro estilo musical, e na representação exercida, devemos contextualizar com as tomadas econômicas do país.

As mudanças significativas que exerceram reflexo na cultura do país em geral, e em especial a música sertaneja raiz, está inteiramente ligados aos primeiros passos de industrialização dados por Getúlio Vargas a partir da década de 1930, ao processo de industrialização que se intensifica na década de cinquenta, com incentivo dado pelo governo às multinacionais no plano econômico de Juscelino Kubitscheck, essa modernização, virá dar forças ao surgimento da indústria fonográfica Brasileira.

Os perplexos marcantes das ações da Indústria cultural no Brasil, e surgimento da Indústria fonográfica Brasileira passa por essencialmente a modernização dos meios de comunicação, a música caipira passará primeiramente pela intensificação do rádio a partir das décadas de vinte e principalmente trinta, e posteriormente década de cinquenta com advento da televisão. (DIAS, 2008).



Como ponto inicial do início da visão lucrativa das grandes gravadoras sob a música sertaneja raiz, foi em 1929 quando o jornalista Cornélio Pires, decidiu gravar o primeiro disco de música caipira na gravadora Columbia, ele mesmo pagando pela gravação. (MOTA, 2011).

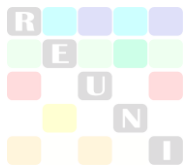
Sendo assim, devido ao sucesso de vendas que foi a gravação de Cornélio, as gravadoras passaram a investir nas duplas, que antes se limitavam apenas a música no âmbito cultural e representativo, passa a se destinar produção em escala, para venda de LPs. Voltemos agora rapidamente a linha política para uma rápida contextualização: como citado a cima, essa industrialização que o Brasil vai sofrendo gradativamente, resultante das medidas de aberturas internacionais, faz que aconteça um movimento de êxodo rural, o Brasil que até então era praticamente rural, passa a receber nos centros urbanos, grandes contingentes de pessoas vindas do campo para servir com mão de obras nas fábricas, e o passo chave das gravadoras era produzir matéria cultural, para agradar essa massa que se deslocou para a cidade.

As representações da vida rural através da música sertaneja raiz

A música sertaneja raiz, faz representações do cotidiano do caipira⁵, interpretado como ser atrasado por Monteiro Lobato que em 1914 cria o personagem Jeca Tatu, um caipira preguiçoso, e estudado por Antônio Candido, quem enxerga o caipira e sua cultura rústica, como legítimas, e de grande importância, portanto devendo ser devidamente respeitada. Tais construções na música sertaneja passa por alguns aspectos como: trabalho com a terra, pecuária, alimentação, valorização da natureza, religiosidade, Conflito campo x cidade, visão caipira sobre a modernização, luta preservação costumes.

Com advento da modernidade, essa representação vai se moldando, se inicialmente esse homem recém chegado do campo se sentia representado na voz de Tonico e Tinoco, com passo que a modernização vai acelerando, e a música sertaneja vai aglutinado novas perspectivas, novos instrumentos, passa a escutar Léo Canhoto e Robertinho, marcados por serem a primeira dupla a implementar a guitarra elétrica em suas gravações, posteriormente sofrerá por amor ao som de Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo.

⁵ Caipira: Homem da roça ou do mato; matuto, capiau. Disponível: <https://www.dicio.com.br/caipira/>



Representações nas vozes de Tião Carreiro e Pardinho

José Dias Nunes o “Tião Carreiro” como ficou consagrado. Natural de Monte Azul, norte de Minas Gerais (SANTOS,2018)⁶. Trabalhou como agricultor desde seus dez anos de idade, migrou para interior de São Paulo no fim da década de 40 início da década de 50, trabalhando em cidades como Florida Paulista e Valparaíso, foi nesse contexto que Tião começou a cantar em circo na região de Araçatuba. Amaral(2016), cita que na época, o circo era o palco principal de diversos artistas, não existindo ainda um mercado fonográfico atuante. (AMARAL, 2016).

Tião formou suas primeiras duplas intituladas de: Zezinho e Lenço Verde, Palmeirinha e Coqueirinho, Palmeirinha e Tietezinho, e Zé Mineiro e Tietezinho, nesse cenário, ainda tendo o circo como palco principal, foi que Tião Carreiro passou a se dedicar a viola-caipira, após ser advertido por um proprietário de circo, que lhe disse que era necessário que um integrante da dupla tocasse viola, e dessa forma Tião passa a dedicar-se a tal instrumento, tendo como fonte principal de inspiração Florêncio, da dupla Raul Torres e Florêncio.(AMARAL, 2016).

Antonio Henrique de Lima, nasceu em São Carlos na Fazenda São Joaquim. Logo depois, se mudou para a Fazenda Figueira Branca. Ele começou cantando com o nome de Miranda e formou uma dupla com Zé Carreiro (da dupla Zé Carreiro & Carreirinho) em 1956, para concorrer a um concurso para violeiros lançado pela rádio Tupi. A dupla ganhou o prêmio com o cururu “Canoeiro”. A partir daí, Antonio Henrique adotou o pseudônimo de Pardinho e começou a criar seus próprios sucessos. Pardinho também cantou com outros parceiros, como Zé Carreiro (Lúcio Rodrigues de Souza), Peão Carreiro (Manoel Nunes Pereira), João Mulato (Wilson Leôncio de Melo) e Pardal (Gonçalo Gonçalves).⁷

Foi em 1954 no circo “Rapa Rapa” de Pirajui, SP, Tião Carreiro, que até então usava o nome de Zé mineiro, conheceu Antônio Henrique de Lima, o Pardinho, daí em

⁶ Disponível em: <http://tiaocarreiro.com.br/biografia/>

⁷ Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/tiao-carreiro-e-pardinho>.

diante, formaram a dupla Tião Carreiro e Pardinho, Amaral(2016), cita que essa formação trazia junto muitas indiferenças, em certo ponto não se combinavam, embora se completassem no palco, e com muitas idas e voltas, entre diversas separações e conciliação, construíram uma história de quase quarenta anos, começando o deslanche de suas carreiras em 1960, quando gravam um disco que continha a canção Alma de Boêmio (Tião Carreiro/Benedito), com inserção de violão, baixo acústico e trompete, ainda neste ano gravaram o pagode em Brasília (Teddy Vieira/Lourival dos Santos), música que registrou o primeiro registro do gênero denominado pagode, Tião daí em diante passando a ficar conhecido como criador e o rei do pagode.

Dada a apresentação da dupla, seguimos para parte essencial deste trabalho, analisar as representações percorridas na sua produção da dupla, para maior segurança no trabalho, e para evitar equívocos, uma vez que a dupla produziu grande material, devido ao sucesso adquirido, para tal análise, escolhemos o seu primeiro LP “Rei do Gado”, contendo 14 faixas, dessas 4 foram escolhidas para elucidar a representatividade produzida, e diferentes estéticas na qual a dupla era capaz de condensar em um único disco.

Figura 1: Capa do LP Rei do Gado.



Fonte: Immub, 2018.

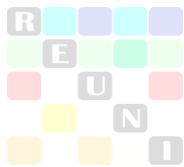
Figura 2: Contra capa do LP Rei do Gado, contendo as faixas.



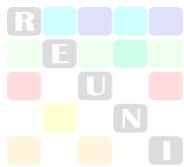
Fonte: Immub, 2018.

Alma de Boêmio

Composição: Tião Carreiro e Benedito Sevierio



minha sorte foi tirana e deslinda
Estou sofrendo por amar quem não me quer
Isto acontece para um homem que acredita
Que existe amor no coração duma mulher
Por mais que eu queira esquecer o meu passado
Meu sofrimento é viver pensando nela
E os amigos só para me ver magoado
Quando me encontra vem me dar notícias dela
Só tenho as ruas e a bebida como herança
Essa mulher me deu esse maldito prêmio
E hoje dela só me resta uma lembrança
A torturar a minha alma de boêmio
Embriagado passo as noites pelas ruas
Ninguém tem pena deste meu triste viver
Olhando ao céu quanto contemplando a luz da lua
Me representa a sua imagem aparecer
Foi o desgosto que atirou-me
nesta vida
Abandonado e renegado pelo mundo
Eu vivo sempre naufragado na bebida
Tornei-me apenas um boêmio vagabundo
Perdi amigos, perdi tudo que já tive
Em altas noites só o sereno me abraça
Essa mulher na mesma rua ainda vive
Bebe com outro a brindar minha desgraça
"Se hoje vive maltrapilho pela rua
A culpa é toda tua, não soubestes me conservar
E por vingança hoje eu bebo nesta taça
A brindar tua desgraça na mesa deste bar"
"Segue, segue bebendo que eu continuo vivendo assim
E quando chegar meu fim que eu partir deste mundo



Hás de lembrar com saudade que já foi para eternidade

Eu boêmio vagabundo"

Foi o desgosto que atirou-me nesta vida

Abandonado e renegado pelo mundo

Eu vivo sempre naufragado na bebida

Tornei-me apenas um boêmio vagabundo

Perdi amigos, perdi tudo que já tive

Em altas noites só o sereno me abraça

Essa mulher na mesma rua ainda vive

Bebe com outro a brindar minha desgraça.

Essa canção, considerada um tango, nota-se a com inserção de violão, baixo acústico e trompete, a canção retrata o desgosto de um boêmio embriagado e vagabundo a lamentar a perda de sua amada. Destacamos aqui a inserção de cotidiano ligado a cidade, retratando cenário noturno, e o sofrimento por amor, de um rapaz, sendo assim a canção mostra-se mais preocupada em atender as demandas da modernidade, afastando-se da representação rural.

Borboletas do Asfalto

Composição: Tião Carreiro

Assim como as nuvens que vagam no espaço

Como as borboletas vão de flor em flor

Assim você vive de braços em braços

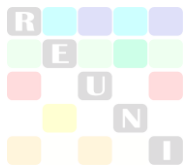
Buscando os carinhos de um novo amor

Quem sabe os detalhes, da sua história

Não crê que estejas na lama caída

Pensava que o mundo lhe desse a glória

E hoje se encontra no inferno da vida



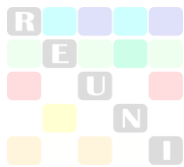
Lá num edifício em plena avenida
Tem seus aposentos no lugar mais alto

Por trás a seu lado leva essa vida
São as borboletas que vivem no asfalto
Durante a noite sai pelas ruas
Dançar na boate e bebe no bar
Ao findar a noite quando desce a Lua
Volta acompanhada pra o maldito lar
Hoje sua vida se cobriu de trevas
Chama por meu nome e sozinha chora
Sentindo remorsos da vida que leva
E sente vergonha do lugar que mora
Eu aqui distante vivo muito bem
Nos braços de outra que muito me quer
E só de vergonha não digo a ninguém
Que já fui marido daquela mulher.

Borboleta do Asfalto, uma canção uma canção rancheira, nota-se presença marcante do trompete, e principalmente acordeom. No próprio nome da canção já se evidencia sua levada a cidade, retratando um homem, que perdeu sua amada para vida noturna urbana, na qual era uma dançarina, que optou por viver essa vida, no desenrolar da canção, personagem da música mostra superar o abandono, estar feliz com um outro alguém, e aquela que o deixou está arrependida, enredo bem cotidiano, apesar de estabelecer comparações de elementos da natureza com urbano, a representatividade ligada ao campo estagna-se por aí.

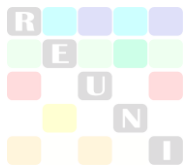
Faixa 9: Rei do Gado

Composição: Teddy Vieira



Num bar de Ribeirão Preto
Eu vi com meus olhos esta passagem
Quando champanha corria a rodo
No alto meio da grã-finagem
Nisto chegou um peão
Trazendo na testa o pó da viagem
Pro garçom ele pediu uma pinga
Que era pra rebater a friagem
Levantou um almofadinha e falou pro dono
Eu tenho má fé
Quando um caboclo que não se enxerga
Num lugar deste vem pôr os pés
Senhor que é o proprietário

Deve barrar a entrada de qualquer
E principalmente nessa ocasião
Que está presente o rei do café
Foi uma sarva de parma
Gritaram viva pro fazendeiro
Quem tem bilhões de pés de cafés.
Por este rico chão brasileiro?
Sua safra é uma potência
Em nosso mercado e no estrangeiro
Portanto vejam que este ambiente
Não é pra qualquer tipo rampeiro
Com um modo bem cortês
Responde o peão pra rapaziada
Essa riqueza não me assusta
Topo em aposta qualquer parada
Cada pé desse café
Eu amarro um boi da minha invernada
E pra encerrar o assunto eu garanto
Que ainda me sobra uma boiada

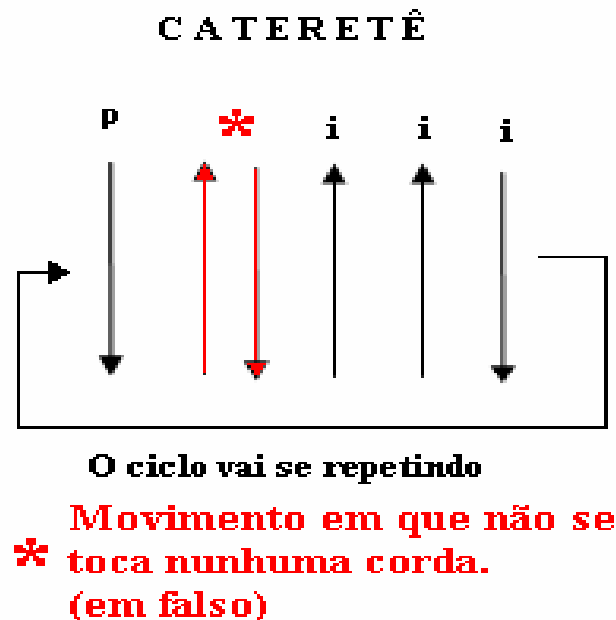


Foi um silêncio profundo
O peão deixou o povo mais pasmado
Pagando a pinga com mil cruzeiro
Disse ao garçom pra guardar o trocado
Quem quiser meu endereço
Que não se faça de arrogado
É só chegar lá em Andradina
E perguntar pelo rei do gado.

Rei do gado, é uma moda de viola, que caracteriza o cantar acompanhado do ponteio da viola em todo seu decorrer, interrompido por rápidos repicados entre uma estrofe e outra. Esta canção retrata um embate ocorrido em um ambiente urbano, o bar, porém com uma demanda do campo, um grande cafeicultor se sente ofendido ao ter que dividir o mesmo espaço com peão de boiadeiro, mal vestido e sujo de poeira, aquele que parecia um reges peão boiadeiro, se desvenda um grande pecuarista, e devolve as ofensas do cafeicultor ostentando dinheiro, e o convidando para ir até sua região e pedir informações sobre sua pessoa

O Pagode criado por Tião Carreiro e Pardinho apensar de ser homônimo a um ritmo ligado ao samba, as estruturas harmônicas e rítmicas dos dois gêneros são totalmente distintas, pois Tião Carreiro criou um ponteado diferente com a viola e Pardinho ao violão fazendo contra-tempo conseguiram unir o recorte do catira/cateretê paulista (lento) com o recortado mineiro (mais expressivo), criando uma nova sonoridade demonstrando a versatilidade da viola como instrumento e abrindo desse modo, um leque de possibilidades rítmicas e harmônicas para a música rural brasileira, abaixo é possível observar a estrutura rítmicas desses ritmos utilizados por Tião Carreiro e Pardinho:

Figura 3: Ritmo Cateretê executado na viola



Fonte: <http://orquestradeviola.com.br/> acesso 11/12/2018

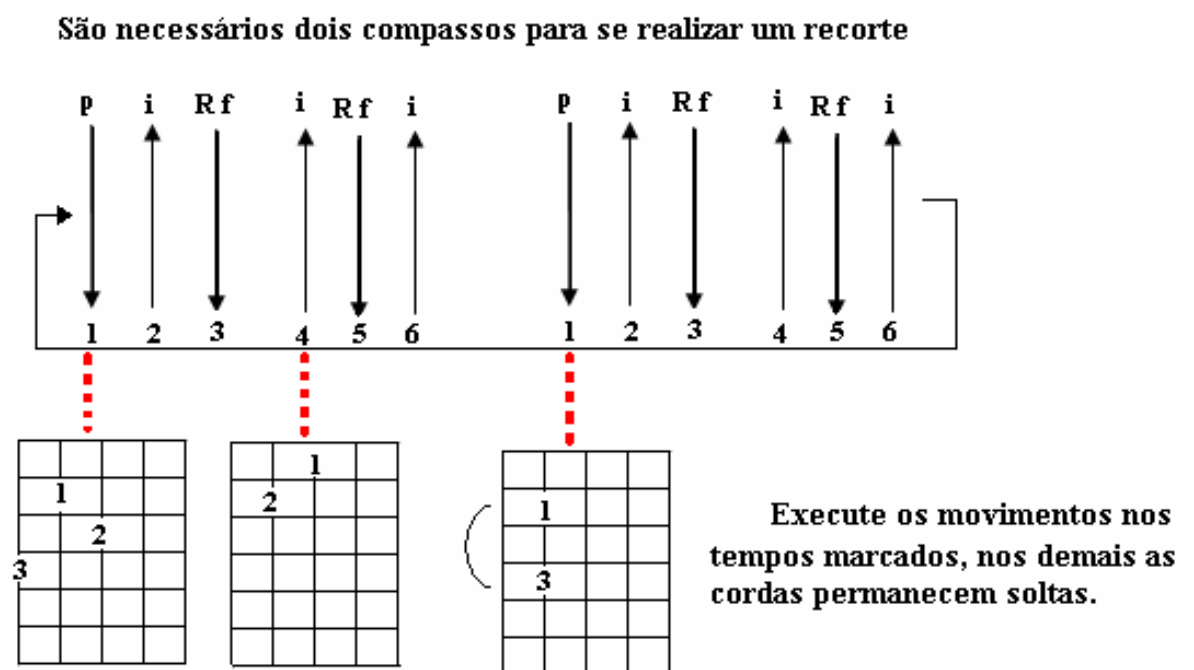
O Cateretê também conhecido como Catira, é um ritmo de origem indígena no qual música e dança se completam, uma vez que a percussão de tal gênero fica a cargo dos dançarinos que durante a dança complementam as lacunas dos compassos com a sonoridade extraída da batida dos pés e das mãos. Esse ritmo é oriundo de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

O Cateretê foi utilizado pelos jesuítas como um dos instrumentos de catequização dos índios, como apontado no dicionário Cravo Albin da música popular brasileira:

O caipira paulista considera que "todas as danças são invenção diabólica exceto o cateretê, porque esta foi abençoada e até praticada por Jesus, quando em sua peregrinação histórica". Para Mário de Andrade, esta superstição é uma sobrevivência histórica. Os jesuítas, no afã de retirar os índios e primeiros mestiços de suas práticas pagãs (sempre coreográficas), teriam enegrecido as danças ameríndias com o anátema divino. Menos o cateretê, que adotaram, substituindo-lhe os textos pagãos por outros católicos em tupi. (CRAVO ALBIN, 2013)

O recortado mineiro se apresenta como uma rítmica um pouco mais complexa que o cateretê paulista, visto que são necessários dois compassos para executar o ritmo, aumentando a dificuldade e exigindo uma técnica mais refinada do músico, como é possível observar na imagem que ilustra a cadencia do ritmo abaixo:

Figura 4: Ritmo “Recortado”



Fonte: <http://orquestradeviola.com.br/> acesso 11/12/2018

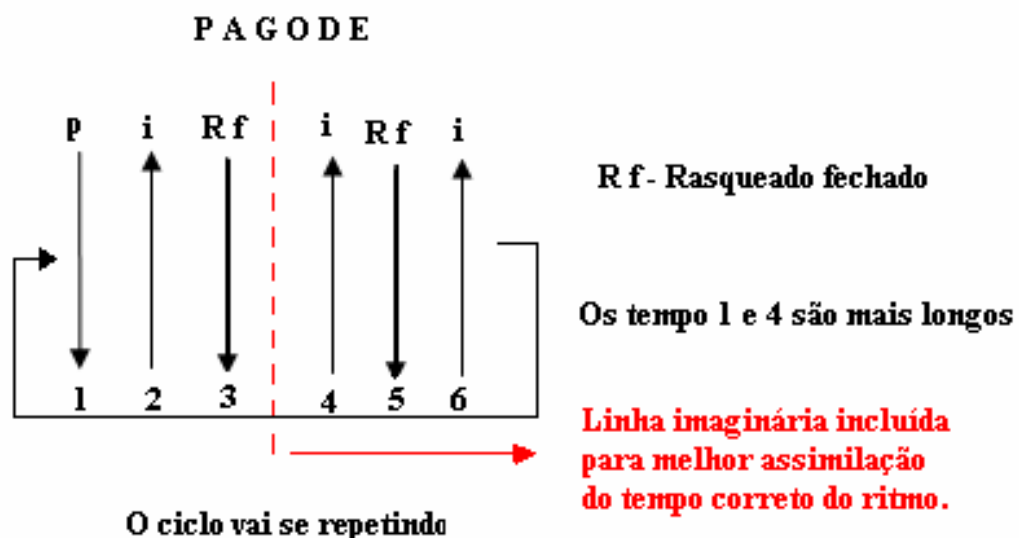
O pagode que irá consagrar a dupla Tião Carreiro e Pardinho e principalmente elevar Tião Carreiro a ser conhecido como um dos “Mestres da Viola”, surge da junção dos dois ritmos apresentados acima como já foi apontado anteriormente, contudo, o Pagode é muito mais que uma simples junção de dois ritmos tradicionais. Tião Carreiro trouxe para a música caipira uma sonoridade até então incomum, trouxe a harmonia e

a melodia baseadas no modo mixolídio⁸, um modo característico no Brasil da cultura musical nordestina. (MALAQUIAS, 2013, p 53) e como aponta Ivan Vilela:

Sobre Tião Carreiro vale ressaltar que além de um violeiro personalíssimo (arreatou para si os louros do “ser violeiro”) ele trouxe a utilização do modo Mixolídio para a música caipira a partir de suas introduções de pagode. Tião Carreiro nasceu em Montes Claros, Norte de Minas Gerais. Lá, adquiriu parte de sua formação musical de maneira lúdica, cantando e brincando. No Norte de Minas, ao contrário de toda Paulistânia, a escala musical corrente não é a escala maior (modo jônio) e sim o mixolídio que é uma escala maior com o sétimo grau rebaixado em meio tom. Esta escala é frequentemente utilizada na música do Nordeste brasileiro e na região Norte de Minas Gerais. Assim, Tião Carreiro, pela sua herança musical infantil trouxe à música caipira elementos que fazem alusão a uma sonoridade incomum neste meio. Este elemento certamente ajudou a personificar o violeiro que ele se tornou. (Vilela Pinto 2011, p. 94-95)

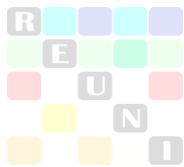
A execução do pagode de viola está dividida em 6 (seis) partes, onde os movimentos 1 e 4 são mais longos, os movimentos 3 e 5 são um rasqueado fechado recortados do pagode (os enfeites) são executados entre um compasso e outro do ritmo, como é possível observar na ilustração abaixo:

Ritmo “Pagode” tocado na viola



Fonte: <http://orquestradeviola.com.br/> acesso 11/12/2018

⁸ Segundo Holst (1998, p. 23) em cada escala modal os semitons se encontram em graus diferentes, de acordo com a nota que a inicia. É a posição dos semitons em relação a tônica que imprime a cada modo o seu caráter próprio. Sobre o modo mixolídio observa que: os semitons estão entre o terceiro e o quarto, e entre o sexto e sétimo graus. Isso traz uma sonoridade e caráter peculiares ao modo.

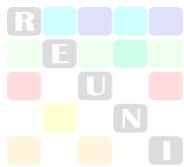


As transformações infligidas por Tião Carreiro e Pardinho vão além da estrutura rítmica, pois a dupla irá abandonar em grande parte as músicas com temáticas voltadas para as desventuras amorosas algo comum no trabalho de duplas que os antecederam como no caso de Tonico e Tinoco que foi apresentado no primeiro capítulo desse trabalho. As letras das canções de Tião Carreiro irão buscar retratar em sua grande parte um sertão bravio que é conquistado através do trabalho e da força bruta, mas sempre salientando que o eu poético de suas canções quase nunca se apresentam como um agente do progresso.

Tais observações podem ser contempladas no trabalho de Lucas Araújo, apresentado abaixo:

A quantidade de músicas que têm no amor romântico seu tema só não é maior porque Tião Carreiro e Pardinho gravaram alguns discos dedicados somente às modas de viola e outros aos pagodes. É importante frisar ainda que nem sempre a letra com o tema do amor se insere no primeiro lado do disco, o mais eclético, e pode estar entre as canções consideradas tradicionais, aquelas que têm na viola de dez cordas seu instrumento base. Cabe lembrarmos ainda que esse sempre foi um tema de grande apelo no interior da música sertaneja, desde as primeiras gravações de que se tem registro, a partir de 1929. É recorrente em diversos outros gêneros denominados populares no Brasil e no mundo. Isso quer dizer que podemos encontrar músicas com o tema do amor romântico em todos os ritmos que compõem o gênero, mas, especialmente, nas guarânias que são intimamente ligadas a esse tema.

As epopeias e narrativas épicas são encontradas na quinta parte das canções gravadas pela dupla. Podemos observar um considerável aumento desse tipo de narrativa em relação à dupla Tonico e Tinoco. Estes em sua temática campestre, em seu ruralismo, apelavam mais para as narrativas bucólicas, idílicas, para a idealização do sertão. Já em Tião Carreiro, essa perspectiva do campo e do passado como um lugar de harmonia, do “paraíso perdido”, é menos recorrente e há grande ênfase nas narrativas de um passado e de um cenário rural, palcos de feitos heroicos, de grandes dificuldades. Não é mais a harmonia do homem com o meio que dá a tônica das narrativas, mas o oposto, a luta do homem com o meio. Há a exaltação do tipo rural comum, boiadeiros e carreiros, que demonstram seu valor enfrentando a terra bruta, feras, adversidades e homens prepotentes e maus, nem sempre obtendo vitória, ocupando o posto de heróis destas narrativas. (ARAUJO, 2014, P 130)



Pagode em Brasília⁹

Composição: Lourival dos Santos e Teddy Vieira

Quem tem mulher que namora
Quem tem burro empacador
Quem tem a roça no mato me chame
Que jeito eu dou
Eu tiro a roça do mato sua lavoura melhora
E o burro empacador eu corto ele de espora
E a mulher namoradeira eu passo o couro e mando embora
Tem prisioneiro inocente no fundo de uma prisão
Tem muita sogra encrenqueira e tem violeiro embrulhão
Pro prisioneiro inocente eu arranjo advogado
E a sogra encrenqueira eu dou de laço dobrado
E o violeiro embrulhão com meus versos estão quebrados
Bahia deu rui barbosa
Rio grande deu getúlio
Em minas deu juscélino
De são paulo eu me orgulho
Baiano não nasce burro e gaúcho é o rei das coxilhas
Paulista ninguém contesta é um brasileiro que brilha
Quero ver cabra de peito pra fazer outra Brasília
No estado de Goiás meu pagode está mandando
O bazar do Vardomiro em Brasília é o soberano
No repique da viola balanceia o chão goiano
Vou fazer a retirada e despedir dos paulistano
Adeus que eu já vou me embora que Goiás tá me chamando.

É o pagode de viola, gênero tradicionalmente ligado a figura de Tião Carreiro, considerado o inventor do pagode. O pagode é caracterizado por sua batida, considerada de difícil execução, onde há um complemento entre o recortado da viola e a batida do violão. (OLIVEIRA, 2009).

⁹ Destaca-se que a letra desta música foi redigida no seu original, na forma que era cantada pela dupla.
Disponível: <https://www.letas.mus.br/tiao-carreiro-e-pardinho/48904/>.



Pagode em Brasília, no decorrer de seu enredo, vai tocando em diferentes pontos, sempre soando como a personagem retratado, fosse responsável para resolver qualquer dificuldade ou problema exigido, portador de grande habilidade na viola, ainda passa citando alguns personagens da política do Brasil, e ainda brinca com características de vários estados Brasileiro, estrofes essas ritmadas pelos rápidos movimentos na viola.

Considerações Finais

Portanto, mesmo sendo um assunto muito delicado de se abordar a música sertaneja, é sempre importante que buscarmos compreender como ocorrem processos de transformações na sociedade, de maneira geral, podemos constatar é que aquela canção puramente de caráter lúdico, denominada música caipira, vai pouco a pouco deixada de lado, não como um evento isolado, pois sim resultado de toda uma movimentação para uma “modernização”, em conjunto com essa modernização, surgimento da indústria fonográfica, a música passa a ser capitalizada, ela perde quase que por todo seu caráter lúdico, e passa a cada vez mais buscar atender o que a indústria cultural quer vender, deixando suas raízes nos mais baixos planos.

E justamente, nesse âmbito de ser Tião Carreiro e Pardinho se destacaram, pois, seu sucesso tinha força tamanha, que eles eram capazes de gravar canções com arranjos mais modernos exigidos pelas gravadoras porém, conseguiam ainda gravar coisas de seu gosto, como podemos evidenciar neste artigo, a dupla apesar da dupla gravar tangos, rancheiras, conseguiam gravar canções que mantivessem vivos aspectos rurais, volta e meia, gravavam curú, entre outros ritmos mais ligados a música caipira. Esse respeito, podemos dizer que de certa forma permanecem em alguma escala até os dias de hoje, duplas modernas regravam sucessos da duplas, homenageiam, e em especial aos violeiros que tem em Tião como grande inspirador para tocar viola.



Referências Bibliográficas

ALONSO, Gustavo. **Cowboys do Asfalto: Música Sertaneja e Modernização brasileira**. 2011. 520f. Tese (Doutor em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro, não: música popular cafona e ditadura militar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ARAÚJO, Lucas Antônio de. **A Representação do Sertão na Metrópole a Construção de um Gênero Musical (1929 – 1940)**. 2007. 127f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual Paulista, Franca.

ARAÚJO, Lucas Antonio de. **Tensões e ajustes entre tradição e modernidade nas definições de padrões da música sertaneja entre os anos 50 e 70** [s.n.], 2014. 274 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca

BAIA, Silvano Fernandes. **A Historiografia da Música Popular no Brasil (1971-199)**. 2010. 279f. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo. São Paulo.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

BAKTIN, Michail. **A cultura popular na Idade Media e no Renascimento – o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Solido Desmancha no Ar: A aventura na Modernidade**. 14ª edição. São Paulo: Ed. Schwarcs Ltda, 1982.



CALDAS, Waldemyr. **O que é musica sertaneja?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALDAS, Waldenyr. **Acorde na aurora: musica sertaneja e indústria cultural.** 2. ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1979

CANCLINI, Nestor Garcia. Introdução (Estratégias para entrar e sair da modernidade) “Contradições Latinoamericanas. Modernismo sem modernização?”. In: _____. **Culturas Híbridas**, São Paulo, Edusp, 1998, p. 67 – 84.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** São Paulo: Duas Cidades, 1979.

CHARTIER, Roger. Cultura Popular. Revisando um conceito Historiográfico. **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, Vol. 8, n. 16, 1995.

CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes.** Porto Alegre. Ed Universidade/UFRGS, 2002.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1988.

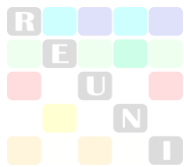
COHN. Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural.** São Paulo: Editora Nacional, 1971.

DE CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural.** Campinas: Papirus, 1995.

DIAS, Marcia Tosta. **Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura.** São Paulo: Boitempo, 2000.

FAVARETTO, Celso. **Tropicália, alegoria, alegria.** 4ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

Ferrete, J. L. **Capitão Furtado: viola caipira ou sertaneja?** Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Música, Divisão de Música Popular - Funarte, 1985.



GARCIA, Tânia da Costa. **O IT Verde Amarelo de Carmen Miranda (1930-1946)**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2004.

GUISBURG, Carlos. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

HOBBSAWM, Eric. **A Invenção das Tradições**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

LUCA, Tânia Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas, 2ª ed, São Paulo: Contexto 2006, p. 111 – 154.

MAGI, Érica Ribeiro, **Rock androllé o nosso trabalho: a Legião Urbana do underground ao mainstream**. 2011. 147f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Araraquara.

Malaquias, Denis Rilk. **O pagode de viola de Tião Carreiro: configurações estilísticas, importância e influências no universo da música violeirística** 2013. 270 f: Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás.

MARTINS, José de Souza. “Música Sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados” In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Capitalismo e tradicionalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1975.

MARTINS, José de Souza. **Florestan: Sociologia e Consciência Social no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1998.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando. Capitalismo tardio e sociabilidademoderna. In: NOVAIS, Fernando (Coord.); Schuwarcz, Lilia Moritz



(Org.). **História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658.

MORAES, J. Jota. **O que é música?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

MORELLI, Rita de Cássia Lahoz. **Indústria Fonográfica: Um estudo antropológico**. Campinas: Editora UNICAMP, 1991.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo II** (neurose) Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1977.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música – história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **A Síncope das ideias: A questão da Tradição na música popular brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

_____. **O conceito de “MPB” nos anos 60**, história: questões e debates: mpb, ano16, nº 31, jul/dez, 1999, p.12.

_____. **Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969)**. 1ª ed. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira: da roça ao rodeio**. São Paulo: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Adriana Matos. **A JOVEM GUARDA E A INDÚSTRIA CULTURAL: análise da relação entre o movimento Jovem Guarda, a indústria cultural e a recepção de seu público**. 2011. 111f. Dissertação (Mestrando em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.



OLIVEIRA, Allan de Paula, **Miguilin foi para cidade ser cantor: uma Antropologia da Música Sertaneja**. 2009. 352f. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ORTIZ, Renato. **Cultura Nacional e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense. 1985.

PRADO, Caio Júnior. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANT'ANNA, Romildo. **Moda é viola: Ensaios do cantar caipira**, 2ª ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2009.

SBERNI, Cleber Junior. **O álbum na indústria fonográfica: contracultura e o Clube da Esquina de 1972**. 2008. 97f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual Paulista, Franca.

SEVCENCO, Nicolau; NOVAIS, Fernando. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos no Rio. In: Novais, Fernando (Coord.); Sevcenco, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Radio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 513-619.

SILVA, A. R. **Sinal fechado: a música popular brasileira sob censura (1937-45/1969-78)**, Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1994,

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

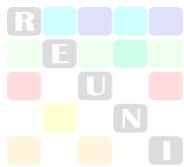
TINHORÃO, José Ramos. Música sertaneja é esse negócio. In: _____. **Cultura popular: temas e questões**. São Paulo: Editora 34, 2001.

WEBER, Max. **O Desenvolvimento das Idéias Capitalistas**. In: *História Geral da Economia*. Trad. Calógeras A. Pajuaba. São Paulo: Mestre



WOLNEY, Honório Filho. **O sertão nos embalos da musica rural (1929–1950).** 1992. 139 f. Dissertação (Mestrado em História). Pontífice Universidade Católica PUC/SP, São Paulo.

ZAN, José Roberto. **(Des)Territorização e Novos Híbrido na Música Sertaneja.** Anais do V Congresso Latino-americano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular, 2004.



Entre ratos e gatos, *Maus* faz sangrar história

SILVA, Gabriel Goes

CAVICHIA, Alessandro Henrique Dias

RESUMO

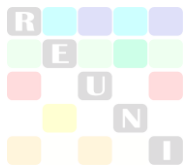
Contemporaneamente, um dos veículos midiáticos mais poderosos é a história em quadrinhos. Conjugando textos e imagens, aborda gêneros como aventura, dramas policiais, romance, terror, e questões históricas. Sendo um subgênero vindo das histórias em quadrinhos, as *graphic novels* compreendem temas mais sérios, alcançando um caráter de participante direto da esfera social, numa relação de construção e manutenção de laço permanentes com o meio em que se encontra, frequentemente refletindo sobre ele. É o caso de *Maus: A história de um sobrevivente*, uma *graphic novel* que pondera sobre o extermínio institucionalizado de judeus durante os anos da Segunda Guerra Mundial. O objetivo do presente artigo é pensar sobre a historicidade presente em *Maus*, questionando se é realizável estudar a obra a partir de suas características históricas. Este artigo foi realizado por meio de revisão de leitura, com pesquisas em artigos, livros e outras obras que versam sobre o contexto da histórica judaica, Europa de meados do século XX, antissemitismo e conteúdos relacionados.

Palavras-chave: História. História em quadrinhos. Antissemitismo.

ABSTRACT

At the same time, the most powerful media vehicles are comics. Combining texts and images, he approaches genres such as adventure, crime dramas, romance, horror, and historical issues. Being a sub genre from comic books, graphic novels comprise more serious themes, achieving a direct participant character of the social sphere, in a permanent relationship of construction and maintenance of bond with the environment in which it is, often reflecting on it. This is the case of Maus: A survivor's tale, a graphic novel that ponders the institutionalized extermination of Jews during the years of World War II. The purpose of this article is to think about the historicity present in Maus, questioning if it is feasible to study the work from its historical characteristics. This article was made through a reading review, with researches in articles, books and other works that deal with the context of Jewish history, Mid-20th century Europe, anti-Semitism and related contents.

Keywords: History. Comic. Antisemitism.



INTRODUÇÃO

Em tempos de veículos midiáticos sobrecarregados, mas que inversamente tendem a superficialidade, de uma mídia pouco notada pela academia brasileira surge uma nova ponderação acerca de aspectos já anteriormente desbravados da história humana, mas que agora recebem nova abordagem e podem ser questionados doutra forma, que não a usualmente feita.

Questões como o ódio aos judeus, a Segunda Grande Guerra, as subjetividades da psiquê humana, já gastas em milhões de páginas, livros, filmes ou documentários por aquelas grandezas chamadas de espaço e tempo obtém agora roupagem inaudita. Isto é o que *Maus: A história de um sobrevivente* – um gibi de autoria de Art Spiegelman – faz em suas aproximadamente 300 páginas.

A história encarrega-se destes eventos, haja vista sua presença no passado, e mesmo em diferente perspectiva, ainda é possível problematizá-los a partir da visão histórica, buscando resultados ainda não apresentados.

A obra, de caráter bibliográfico, é a concretização dos relatos de áudio que seu pai, Vladek Spiegelman, um judeu polonês que sobreviveu ao Holocausto, lhe confiou. Essas descrições vão desde os sucessos românticos de Vladek até o tratamento conferindo aos judeus pelos gatos – ou alemães.

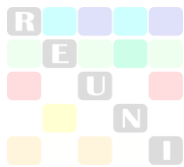
A principal característica de *Maus* é o uso do antropomorfismo durante quase todas as páginas do gibi. Os judeus são ratos, os alemães transformam-se em gatos, franceses são representados por sapos, os estadunidenses surgem como cães, os poloneses não judeus aparecem como porcos.

Partindo desta explanação, este trabalho levanta como problema a indagação: é possível abordar aspectos históricos tendo como objeto uma revista em quadrinhos?

Com base neste questionamento, este trabalho busca subsídios dentro da história enquanto ciência para observar a construção de ligações inteligíveis entre páginas da HQ e eventos respaldados pela historiografia mundial.

Na primeira parte do artigo será problematizada a questão de entrar ou não na categoria de fonte histórica a HQ tida como objeto de estudo, por meio dos livros *A Escrita da história*, de Michel de Certeau, *Apologia da história ou o ofício de historiador*, do também francês Marc Bloch, o *Dicionário de termos históricos*, da Editora Contexto, e outras obras de mesmo cunho epistemológico.

Em seguida, por meio de escritos que abordem a atuação do Conde de Gobineau, e seus discípulos, os *neogobineanos*, enquanto contaremos também com a obra da escritora



Hannah Arendt – *Origens do totalitarismo* – e *A ideia de decadência na história ocidental*, de Arthur Herman, para traçarmos a construção antissemita dentro da mentalidade coletiva dos europeus contemporâneos.

Na próxima parte do projeto, serão comparadas as descrições sobre os campos de concentração e suas características médias, como a agressividade e o extremismo ao qual foram levados os homens, por meio da HQ e do livro *É isto um homem?* do autor italiano Primo Levi. Ainda no terceiro ponto, reflexões sobre a memória do Holocausto serão feitas, ponderadas principalmente pela obra *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs.

Alcançando o último ponto do artigo, será desenvolvida uma discussão tendo como foco a principal característica visual do gibi: seu antropomorfismo. Este terá sua abordagem legitimada por artigos científicos e pelo livro *Narrativas Gráficas*, um clássico do autor Will Eisner.

Portanto, como objetivo, o presente trabalho visa abordar a HQ *Maus* – *A história de um sobrevivente*, evidenciando suas características e peculiaridades a partir de uma perspectiva de grande ênfase histórica. Serão registrados também, em análise, pontos relacionados com a HQ, que podem, por sua vez, serem ligados com o estudo da história.

Esta pesquisa justifica-se pela contemporaneidade dos assuntos abordados pelo objeto de estudo: ao versar sobre o antissemitismo, *Maus* toca numa ferida aberta das religiões do mundo, de ímpar importância para a comunidade judaica global.

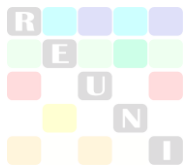
Quanto a Segunda Guerra Mundial, a obra revisita os horrores do conflito de maneira inovadora optando por um amalgama entre suavidade e agressividade pautadas pelo uso do antropomorfismo.

E transcreve com assustador talento – justamente por não ser ficcional – as incongruências que perseguem a humanidade. As incoerências resultantes do nosso caráter subjetivo são habilmente ressaltadas por Art, tornando tudo mais humano.

Também se encaixa como justificativa o entendimento de que o gibi, unindo mensagem verbal e não verbal, a união entre imagem e palavra transmite realidade encarregada de sentimento, mesmo que não sejam humanos, e sim ratos.

1. Considerações sobre um gibi como fonte histórica.

A primeira discussão que será feita pondera sobre as possibilidades da HQ ser utilizada para a construção do saber histórico. Dizendo de outra forma, tendo em mente a máxima de que



as fontes constroem tal saber, poderia ser *Maus: A história de um sobrevivente*, considerada fonte histórica, e, portanto, de utilidade para a História?

Para chegar a uma conclusão buscaremos o significado de fonte histórica. Segundo o *Dicionário de Termos Históricos*, publicado em 2009, de autoria de Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva, entendemos que:

Fonte histórica, documento, registro, vestígio são todos termos correlatos para definir tudo aquilo produzido pela humanidade no tempo e no espaço; a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base para a construção do conhecimento histórico. (p. 158, 2009)

A citação corresponde a uma visão contemporânea do que é fonte histórica. Caso lêsemos o verbete por completo, notaríamos como o mesmo está em forma de avanço cronológico, caminhando da concepção metódica ou positivista para as interpretações da Escola dos Annales e da Nova História, em que se encontra a opinião dos autores.

Agora, buscaremos o mesmo raciocínio, analisando as duas últimas grandes linhas de pensamento da historiografia ocidental.

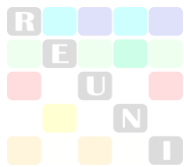
Os metódicos surgem em França durante período que praticamente se encaixa ao da terceira república na nação. Gabriel Monod escreve o Manifesto ao lançar a Revista Histórica em 1876, dando as bases do movimento. Seria mais tarde, em 1898, complementado pelo guia lançado por dois outros historiadores franceses, Charles Langlois e Charles Seignobos.

Como apontam Bourdé e Martin, no que se refere a própria opinião de Monod, a Revista e todo o movimento metódico pretendem ser o resultado do que ele percebeu como uma tendência ou tradição, iniciado por alguns eruditos do Renascimento, seguida por eruditos essencialmente católicos – quadro irônico, pela composição e postura anticatólica do movimento metódico – seguidos pelas produções românticas de Michelet. (p. 99, 2003)

A consolidação das concepções de uma história científica surge com o supracitado guia de Langlois e Seignobos. A dúvida metódica impedia, por vezes, questões e interpretações do historiador, que deveria estar apagado por detrás dos documentos.

Estes eram precisamente os vestígios escritos, e somente estes. Cartas, decretos, ofícios, documentos clericais ou militares, em suma, documentos redigidos que detivessem o caráter de oficial.

Essa particular escolha por documentos oficiais é explicada pela influência exercida por Leopold Von Ranke, erudito alemão, na historiografia metódica francesa. Ao lidar com as questões do Estado germânico que pulsava por sua formação nacional, Von Ranke



naturalmente optou por documentos diplomáticos, ou ainda de cunho religioso ou militar, que pareciam fundamentais à sua realidade. (REIS, p.11, 1996)

Logo, os positivistas franceses tinham dos documentos uma perspectiva de valorizar somente os escritos e vindos de organizações políticas ou burocráticas. À esta definição podemos adicionar outra, igualmente importante, descrita pela seguinte citação:

A história científica, portanto, seria produzida por um sujeito que se neutraliza enquanto sujeito para fazer aparecer o seu objeto. Ele evitará a construção de hipóteses, procurará manter a neutralidade axiológica e epistemológica, isto é, não julgará e não problematizará o real. (REIS, p. 13, 1996)

Para atingir a verdade objetiva, os fatos não devem ser analisados pelo historiador dentro dos seus juízos. Este deveria apenas reuni-los e posteriormente organizá-los, fugindo de direcionamentos sociais, filosóficos, culturais ou religiosos.

Tendo notado a visão dos metódicos, percebemos que um registro nos moldes de Maus não seria considerado fonte histórica pelo grupo francês. Pois não traria consigo o caráter de oficial – não sendo produção da máquina estatal, tampouco de instituições militares ou religiosas – somamos a isto, ainda, o pensamento de que é um documento com inevitável necessidade de interpretação e problematização próprias vindas do autor, o que feriria o estatuto de ação metódica.

Avançando para o movimento historiográfico seguinte, alcançamos a ilustre Escola dos Annales, que repensa a noção positivista de fonte histórica:

Erguendo-se contra a dominação da “escola positivista”, uma nova tendência da historiografia francesa exprime-se bastante discretamente em A Revista de Síntese durante os anos 1920, mais francamente na revista Les Annales durante os anos 1930. A corrente inovadora despreza o acontecimento e insiste na longa duração; deriva a sua atenção da vida política para a atividade econômica, a organização social e a psicologia coletiva, esforça-se por aproximar a história das outras ciências humanas. (BOURDÉ; MARTIN, p.118, 2003)

Os ideais da primeira geração do movimento são a escolha da longa duração em oposição ao acontecimento; busca pela interdisciplinaridade, envolvendo a história noutras disciplinas científicas; e uma mudança de perspectiva sobre a política e o oficialismo, sendo que estas saem do foco da escola para que a atividade econômica, a organização social e a mentalidade coletiva ganhem maior atenção.

Tais concepções estão sumariamente representadas pelos escritos dos dois autores que compõem a geração pioneira, Lucien Febvre e Marc Bloch, ambos franceses, amigos e colegas de profissão.



A opinião de ambos sobre a construção da história apenas com documentos escritos é semelhante. Febvre versa sobre as possibilidades de fazer ressurgir o passado utilizando não apenas os documentos oficiais e grafados, mas sim uma gama de recursos para, verdadeiramente, restabelecer o passado a partir do uso de várias disciplinas que se auxiliam.

Marc Bloch compartilha da opinião supracitada de seu companheiro, demonstrando-a num manifesto inacabado, que se tornou marco para os historiadores contemporâneos. Na obra *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*, o medievalista francês aborda a história a partir de sua epistemologia.

Como todas as outras ciências, que tem seus respectivos objetos de estudo, a história também tem o seu: “os homens no tempo”. E para analisá-los, todos os rastros deixados por eles:

A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele. (BLOCH, p.79, 2001)

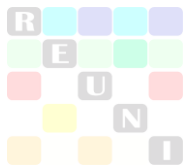
Noutro trecho, Bloch cita o descaso com a arqueologia, ainda dentro desta questão:

Se os mais conhecidos teóricos de nossos métodos não tivessem manifestado tão espantosa e soberba indiferença em relação às técnicas próprias da arqueologia, se tivessem sido, na ordem documentária, obcecados pelo relato, ao passo que na ordem dos fatos, pelo acontecimento, sem dúvida os veríamos menos prontos a nos jogar para uma observação eternamente dependente. (BLOCH, p. 72, 2001)

Fica evidente o apreço que tem pela arqueologia como ciência auxiliar e companheira da história, enquanto também facilmente se nota a crítica feita por ele em relação a ação dos metódicos. Ao optarem por não usar a arqueologia, encontram-se inevitavelmente com a morosidade, contrariando a definição que Bloch defende, de uma contínua evolução no conhecimento sobre o passado, com a utilização de variadas fontes e técnicas.

O bom historiador, para o francês, é comparável ao ogro das lendas populares, que sente o cheiro da carne humana e sabendo que ali está seu objetivo, emprega todos os artifícios que lhe são possíveis: “por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar.” (BLOCH, p.54, 2001).

Outra questão apontada no escrito que se direciona para os metódicos é a ação de problematizar as fontes. Enquanto o movimento historiográfico de Monod indicava tão somente a reunião e catalogação das fontes, para alcançar a “verdade” do acontecimento, Marc defende a atuação do historiador interpretando o que tem em mãos:



Ao passo que uma fase anterior essencial exige do historiador a consciência de que o fato histórico não é um fato “positivo”, mas um produto de uma construção ativa de sua parte para transformar a fonte em documento e, em seguida, constituir esses documentos, esses fatos históricos, em problema. (LE GOFF, 2001 apud BLOCH, 2001, p.19)

A citação acima é do prefácio do livro de Bloch, escrito por Jacques Le Goff. O também medievalista incita que os fatos precisam ser inevitavelmente interpretados, pois não são trazidos ao historiador de forma “pronta” ou ainda, “positiva”.

Portanto, à luz da opinião de Marc Bloch – e em tom geral, se referindo a primeira geração da Escola dos Annales – certamente um documento com as características de Maus seria considerado uma fonte histórica profícua, pois encaixa-se, com suas particularidades, na perspectiva do movimento do qual o erudito francês fez parte.

É, naturalmente, de criação humana, estando na categoria daquilo que o homem “escreve ou fabrica”, como foi supracitado. É parte daquilo que “ogro das lendas” deve buscar incessantemente. É matéria a se problematizar. É história nos moldes contemporâneos.

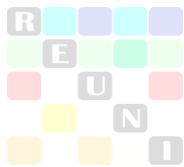
Prosseguindo com a discussão alcançamos outro historiador francês, o participante da terceira geração da Escola dos Annales, Michel de Certeau. Este é responsável pela obra *A Escrita da História*, que sucede espiritualmente a obra de Bloch no que tange a discussões sobre as operações que regulamentam a prática da escrita do historiador.

O mais conceituado capítulo do livro, e que aqui será utilizado, é o segundo, intitulado *A Operação Historiográfica*. Iniciando com a opinião de que o historiador deve dar voz ao “não dito”, Certeau caminha seguidamente para sua importante teoria do lugar social, que permeará todo o capítulo: “A escrita da história se constrói em função de uma instituição.” (CERTEAU, 1982, p.66)

A referida instituição - que serve de arquétipo para todas, no geral – organiza, por meio de seus interesses, métodos e restrições – como a História, enquanto disciplina, se configurará. As escolhas da academia podem agir indicando o viés político, ressaltando o desejo de uma metodologia determinada, ou ainda selecionando as fontes históricas que podem ser usadas durante a pesquisa.

Posteriormente, Certeau se refere ao discurso acadêmico, denotando como o mesmo é regrado por um conjunto de normas, que podem ser silenciosas ou não, e que expressam uma ordem vinda da instituição, na qual está inserida a disciplina História.

Uma ponderação feita em sequência é aquela sobre a validade do discurso acadêmico, que será julgado pelos “seus equivalentes”, outros historiadores, que podem aceitá-



lo, ou não, baseando o julgamento nas anteriormente referidas regras de “conduta”. (CERTEAU, 1982, p.72)

Um julgamento orquestrado pelos outros historiadores que resulte na opinião de que a obra não aceitou as leis acadêmicas instituídas trará como provável consequência a segregação do autor, assinalando que na prática de pesquisa histórica existem moldes a serem seguidos, que são, por sua vez, construídos pelo lugar social, definindo o que pode e que não deve ser praticado.

Através destes comentários, fica evidente a acentuada importância do lugar social na elaboração do discurso do historiador. Podemos abstrair pelos apontamentos feitos a partir do livro *A Escrita da História*, que a opinião de Certeau sobre a questão já colocada à frente dos metódicos e imposta à Bloch, é relativa.

Relativista, pois, sua opinião não é objetiva, sendo que ele prefere demonstrar a inteligibilidade por detrás das opiniões dos outros historiadores, de modo oculto. Ao dar enfoque a questão do lugar social, dando visibilidade para a academia e seu particular *modus operandi*, tem a inteligente capacidade de trazer-nos a constatação de que para alguns historiadores, sujeitos a estabelecida academia – que seja a francesa, da terceira república – as fontes históricas são do tipo restritivo, enquanto que para outros historiadores, de uma outra academia – pensemos numa escola surgida em 1929, ainda na França – estas fontes históricas sejam de tipo amplo. Tudo baseado em convenção social.

2. Construção do antissemitismo na Europa

O antissemitismo implicou ferozmente na vida de Vladek Spiegelman, pai de Arthur, o quadrinista responsável pela HQ aqui analisada. Em verdade, a obra somente foi produzida, e na mesma medida, este artigo somente está sendo escrito, pela fatal influência da aversão generalizada aos judeus na vida de Vladek e de outros tantos milhões de judeus ao longo da história da Europa moderna e contemporânea.

É imperioso denotar que não há como precisar um único motivo para o ódio contra os judeus, sendo que este surgiu por uma gama de razões nem sempre próximas entre si e em lugares com particularidades evidentes.

Agora buscaremos uma reconstituição do desenvolvimento da rejeição por tudo o que fosse judaico, ao longo das eras, no território europeu:

O antissemitismo moderno deve ser encarado dentro da estrutura geral do desenvolvimento do Estado-nação, enquanto, ao mesmo tempo, sua origem deve ser encontrada em certos aspectos da história judaica e nas funções especificamente



judaicas, isto é, desempenhadas pelos judeus no decorrer dos séculos. (ARENDT, 2012, pg.37)

Arendt entende que a aversão aos judeus somente pode ser interpretada relacionando-a com os laços mantidos por estes com o Estado. Observando superficialmente, a opinião da escritora judia pode indicar que tal interpretação deva ter seu início a partir da era moderna, quando o que ela chama de “Estados-nações” surgem na alvorada do conturbado horizonte europeu.

Apesar disso, conforme apurando o olhar e investindo-o na era anterior – a medieval – entendemos, como até mesmo Hannah pondera, que o vínculo entre os judeus e o Estado deu-se de muitíssimas formas, ocorrendo, inclusive, quando o mais próximo de uma máquina estatal fosse um feudo medievo.

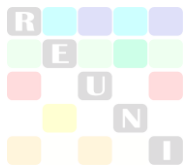
É, no entanto, indubitavelmente na era moderna que a atuação do “judeu de corte” tem seu ápice. Ao fim do século XVII, quando os Estados europeus modernos surgem, estes precisavam ser financiados para que pudessem preparar suas máquinas estatais. Os burgueses, de todo hesitantes, recusam-se a financiar os Estados, considerando este um negócio inevitavelmente improdutivo. Esta responsabilidade é encaminhada, portanto, para alguns poucos judeus mais ricos, já antigos e conhecidos agiotas.

Fatalmente, tendo em mãos tamanha responsabilidade financeira, lhes ocorre estar inseridos nos assuntos da corte real. Eram, agora realmente, “judeus de corte”. Tendo início seu secular vínculo com a força estatal, simultaneamente a sua sina de uma situação continuamente paradoxal também principia.

O primeiro dilema é o que se refere a negação de direitos civis para o povo judaico por parte do Estado, para que “os filhos de Sem” não se homogeneizassem com o povo remanescente. Em contrapartida, eram relegados aos judeus privilégios, que visavam balancear sua condição enquanto também os diferenciavam socialmente.

O monopólio mantido pelos judeus como únicos negociantes com os Estados-nações cai por terra quando se inicia a era imperialista do século XIX, momento histórico em que a burguesia estabelecida e ávida por voos cada vez maiores finalmente nota o quão lucrativo poderia ser aliar-se ao ímpeto anexador das potências europeias.

A nova postura da classe cidadina implica numa perda de prestígio social dos “judeus de corte”, que faz com que eles se encontrem noutra situação contraditória, mantendo suas riquezas, mas perdendo sua importância de ser: “O elemento judeu, intereuropeu e não nacional, tornou-se objeto de ódio, devido à sua riqueza inútil, e de desprezo, devido à sua falta de poder.” (ARENDT, 2012, p.41)



A noção do “eterno judeu” ainda figurava entre a mentalidade coletiva cristã moderna, instigando de modo geral a situação:

Culpado pela usura, pelo próprio judaísmo como heresia, violentado em suas crenças e cultos e impossibilitado de ser incorporado plenamente como cristão novo, aos judeus estavam reservadas as fogueiras medievais e modernas, a expropriação de seus bens, o desterro e a secreticidade como via de resistência. (ZAGNI, 2008, p.5)

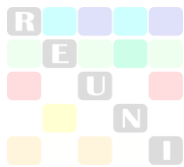
O próximo passo naquilo que podemos chamar de evolução econômica dos judeus aconteceu no momento em que os mais poderosos entre a antiga e praticamente finada categoria dos judeus de corte tornaram-se em banqueiros estatais, aumentando o porte das transições que faziam.

Um caráter que propiciava a suspeita contra os judeus era a tendência de se manterem ainda mais isolados do que já estavam naturalmente, por conta de sua peculiar busca pela manutenção da família e dos laços de sangue, fato assustador para os insurgentes conspiracionistas que desconfiavam cada vez mais das ações judias. Este mesmo caráter influenciou a criação de grupos ou clãs, não unidos por questão biológica, mas sim por relativa igualdade em fortuna e *status quo* ainda restantes, dentro do povo judeu. Um desses clãs ou famílias unidas por interesses é a casa dos Rothschild.

Com rara capacidade de perceber a instabilidade da situação de seu povo, a casa dos Rothschild internacionalizou seus serviços bancários, tornando-se servidores de várias nações, até mesmo antagônicas entre si, como Alemanha, França e Inglaterra, cada qual com seu representante do mais eminente grupo judeu, disposto a financiar os desejos estatais. (ARENDT, 2012, p.54)

A nova conjunção judaica – como bancários estatais simultaneamente internacionais – traz à tona ainda mais um dilema contraditório para a lista dos judeus. A alteração natural pela qual a sociedade europeia passa retira poder e influência da aristocracia, levando-a para um ostracismo que muito lhe incomodava. Com maus olhos, portanto, os aristocratas, percebiam a permanência de alguns judeus nos altos postos estatais, mesmo que, agora, de outra maneira que não a anterior. É algo que ocorre principalmente com os *junkers* germânicos.

Em contrapartida, colocando a discussão em termos marxistas, os oprimidos socialmente também não nutriam sentimentos positivos pela minoria judaica, pois, tomando o exemplo da França no século XIX, nação em que a pequena e média burguesia jaziam em enormes e aparentemente infundáveis dívidas, os credores que lhes batiam na porta carregavam estrelas de Davi consigo: eram os bancários judeus.



Os judeus, que havia séculos mantinham-se orbitando fora da pirâmide social europeia, eram odiados pela base tanto quanto pelo topo, não encontrando em nenhuma das extremidades apoio relevante. Recaiam sobre eles a culpa de todos os infortúnios que acometiam as outras classes sociais:

Alguns estudiosos adotam a velha noção de “bode expiatório” para explicar a animosidade contra os judeus. Segundo tal interpretação, o antissemitismo emanaria de uma situação de crise ou de um episódio de frustração social intensa [...]. Para esse papel de bode expiatório seriam designados aqueles cuja imagem já carrega algum tipo de juízo negativo da opinião pública. (SORJ, 2007, p.10)

Outro aspecto que deve ser problematizado sobre o antissemitismo é a sua relação com a intelectualidade. Segundo Arendt, os três países em que mais fortemente floresceu o movimento contra judeus foram Áustria, Prússia – que se torna Alemanha durante os desenvolvimentos aqui discutidos – e França (2012, p. 67), chegando ao grau de concretização de partidos políticos legitimados pelo ódio.

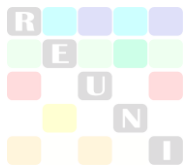
Em cada uma destas nações, com suas linhas individuais de progressão do antissemitismo, surgiu uma *intelligentsia*, com teóricos próprios e, a partir destes, obras bibliográficas voltadas ao objetivo de provar como eram os judeus inferiores e perigosos para a estabilidade social.

O cientificismo que envolve a Europa do século XIX toma proporções de larga escala e alcança o posto de construtor e regulador da sociedade:

Os pensadores iluministas, por exemplo, esforçaram-se por aplicar o modelo de racionalidade científica (à luz do qual se tinha consolidado a nova ciência da natureza nos séculos XVII e XVIII) à organização da sociedade. Dessa empreitada surgiram, no limiar dos séculos XVIII e XIX, na França, na Inglaterra e na Alemanha, quatro grandes tendências que buscavam, de uma forma ou de outra, a racionalidade social. (VÉLEZ, 2011, p. 2)

Ricardo Vélez aponta que na Europa do século XIX existiam “inclinações” ilustradas que tentavam observar a sociedade por meio de um cientificismo exagerado. Entre as tais tendências referenciadas por ele encontramos uma que se adequa a nosso problema: tendência da fisiologia social.

Esta aborda a sociedade como um corpo orgânico, passível de ser contaminado por “doenças” – entre as quais estaria, para os teóricos antissemitas, o judaísmo – e que deveria, portanto, passar por uma “higiene social”: “Esses cuidados de higiene social permitiriam às sociedades evoluir pacificamente, livres das doenças identificadas com as paixões revolucionárias. Tratava-se, sem dúvida, de garantir ao corpo social a sua evolução orgânica.” (VÉLEZ, 2011, p.3)



Inserida nessa atmosfera de exaltação demasiada à ciência e busca de uma sociedade “limpa” e “saudável”, a aversão contra os judeus institucionaliza-se como mais um tema abordado por etnólogos, biólogos, sociólogos e escritores.

A categoria destes últimos tem sua ação representada principalmente no romantismo alemão, que veicula o antissemitismo enquanto dissemina pelo ar do velho continente ideias de decadência da raça europeia, com um crescente atavismo que se referia a cultura nórdica de forma saudosista, entendendo que a miscigenação crescente na Europa teria enfraquecido o povo.

A partir de uma perspectiva intelectualizada, o antissemitismo alemão é dos mais intensos, pois havia na História germânica margem para a especulação, tão cara ao cientificismo:

O passado germânico, ao contrário do latino, carecia de documentos, de cronologias e de linearidade, campo fértil portanto para que o mito ocupasse o lugar da História. A falta do componente histórico, que daria a saber sobre esse passado, fez proliferar o interesse pelo ocultismo e por aqueles a quem o passado tivesse sido “revelado”, havendo uma relação muito próxima entre esse ocultismo e as teorias rúnicas desenvolvidas no mesmo período. (ZAGNI, 2008, p.6)

As lacunas das ciências sócias à época, por sua vez, legitimaram a vida intelectual de Joseph Arthur de Gobineau, intitulado Conde. Tornou-se ilustre pela publicação de Ensaio sobre a desigualdade das raças, em 1855, que funda uma linha de pensamento chamada, por Arthur Herman, de pessimismo racial.

Na obra, o Conde evidencia sua opinião de que a miscigenação estava enfraquecendo o homem, e o direcionando para a tragédia racial:

O fato fundamental no progresso ou na decadência das nações não é a religião, a moral ou um bom governo, mas o fator racial. A pureza racial, se a raça for bem-dotada, é a condição necessária e suficiente para que se realize o progresso da sociedade de sua civilização, e para que fique obstada sua degenerescência e seu consequente extermínio. Toda mistura é uma contaminação que vicia as fontes do progresso. Afirmando que existe uma desigualdade das raças quanto ao seu valor: umas são superiores, outras inferiores. Das três raças originalmente existentes - a branca, a amarela e a negra - a primeira, particularmente seu ramo ariano, mostrou-se a mais criadora e sob sua égide constituíram-se as grandes civilizações da história. (GOBINEAU Apud LOPES, 2007, p. 25-26)

Suas opiniões são de cunho generalista, sendo que uma etnia específica – como a dos judeus – não é atacada. Em uma constante crise de identidade, o Conde nunca alcançou o reconhecimento que tanto desejou e julgou merecer. Para os fins deste projeto, inclusive, sua participação é oportuna, mas limitada, relegando para dois de seus discípulos maior foco.

O Conde de Gobineau tornou-se amigo de Richard Wagner, maestro alemão. E dentro do círculo de amigos de Wagner encontrou grande apoio para suas teorias raciais: “Dois em particular, Ludwig Schemann e Houston Stewart Chamberlain, seguiriam Gobineau



e transformariam suas ideias num evangelho político para a Alemanha moderna, acompanhando o evangelho artístico wagneriano”. (HERMAN, 1999, p.77)

De imediato, em território alemão, o legado de Gobineau é continuado por Schemann, que funda uma sociedade de estudos raciais homenageando seu mentor. A Sociedade Gobineau e os *neogobineanos* alcançam destaque e começa a receber atenção dos políticos alemães, fornecendo nova legitimidade e fôlego para o nacionalismo pangermânico. Sobre a visão de Schemann, Herman pondera:

A cultura popular alemã era o último remanescente dos primitivos povos arianos indo-germânicos, e o povo alemão representava seus últimos descendentes e herdeiros. [...] Bayreuth passou a ser um festival anual onde os alemães-arianos podiam participar de “seus mistérios primordiais”, redescobrir as origens de sua *Kultur* e restaurar a saúde espiritual. (HERMAN, 1999, p.78)

Schemann tem seu legado postergado por Houston Stewart Chamberlain. Este, de nascimento inglês, considerava-se alemão de alma. Foi iniciado nas culturas germânica e nórdica, vendo-as como patrimônio de uma humanidade em decadência.

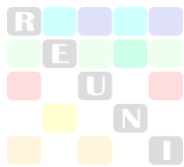
Em 1899, Houston lança sua mais famosa obra, nomeada *Fundamentos do Século XIX*. Tendo o objetivo de “tornar o passado parte do presente”, o autor defende a supremacia da raça ariana, europeia e totalmente alemã, sobre todas as outras raças existentes.

Os arianos, ou teutões, trariam consigo características físicas sobre-humanas – como saúde e força – contando também com habilidades mentais espetaculares, como muita inteligência, grande capacidade imaginativa e uma natural tendência para criar. No entanto, mesmo com tais atributos generosos, a raça estaria em crise, pois tais qualidades estariam se perdendo ao longo das gerações miscigenadas.

É imperioso notar que, diferentemente de Gobineau, que não foca suas críticas a um “inimigo” para a raça ariana, e Schemann, que direciona sua atenção para o arianismo como fonte de nacionalismo germânico, Houston Stewart estabelece os adversários da sua raça premiada:

Antigos europeus – latinos, gauleses, gregos mediterrâneos e judeus – conspiravam contra os recém-chegados alemães. Com o passar do tempo, os conquistadores eram iludidos a abraçar seus inimigos mais mortais. (HERMAN, 1999, p.80)

O irresistível avançar da marcha do tempo pesou sobre estes “antigos europeus”, e os dissolveu em maioria noutros povos, noutras nações, dificultando a permanência deles como inimigos claros e distintos. A única etnia que se manteve em situação de extrema semelhança foi a dos judeus. Para Houston, portanto, eram eles os principais inimigos da condição de Homem-Deus nórdico.



Zagni aponta que o ódio aos judeus era fomentado a partir da ótica religiosa cristã e agora também de uma visão secular: “Culpados pela morte de Jesus, para uma visão religiosa que negava o cristianismo eram agora os culpados pela miscigenação racial que levou à decadência da raça ariana.” (2008, p.7)

Além de praticar atividades visando a destruição da ordem social europeia, os judeus também se interessariam, na mesma proporção, pelo ouro. É válido lembrar que, além do contato com Gobineau e Schemann, Richard Wagner tinha Houston Stewart como genro. Não é difícil pensar, portanto, de onde veio sua inspiração para a criação do arquétipo do judeu de nariz avantajado, sempre em busca da vantagem própria, nomeado Alberich, na sua peça *O anel de nibelungo*. Culturalmente, o antissemitismo era disseminado entre acordes.

Proferindo supostas verdades, usando a ciência como veículo, a existência dos judeus era questionada, descrita como um erro da natureza. Sua religião era em todo oposta à dos arianos – divina – pois era “estéril” e “morta”, naturalmente.

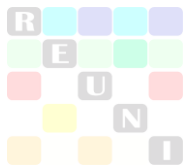
Conscientes de sua própria condição inferior, os judeus estariam orquestrando contra toda a civilização, objetivando sua completa derrocada. Para Houston, a ciência contemporânea, com vasta quantidade de expoentes judeus, é um dos engenhos judaicos para o desmoronamento do povo ariano. Outras instituições, como a democracia, e os meios de produção capitalista e socialista teriam a mesma origem maléfica.

Não obstante toda a imensa e aparente infundável conspiração daqueles que carregam a estrela de Davi, existiria um modo de escapar dela. Pois sendo a raça não uma questão biológica, como vociferava Houston, e sim de espírito, este podia tornar-se forte novamente, reaparecendo nos descendentes de arianos, desde que estes voltassem-se para seu interior e lá buscassem a grandeza agora perdida.

Atingindo o século XX, o nazismo desponta como o grau último do antissemitismo. Seu líder, Adolf Hitler, teve inicialmente contato indireto com as ideias dos neogobineanos, enquanto servia no exército alemão. O atavismo nórdico condensa-se com misticismo alemão vindo da sociedade Thule, com a qual Hitler teve contato.

Quando o partido nazista é fundado, em 1920, o antissemitismo estava entre seus ideais, e após a prisão de Hitler, pós tentativa de golpe, tudo a que tinha sido exposto e que compunha sua visão de mundo é evidenciado no seu livro *Mein Kampf*.

Anos depois, em 1927, com o partido em franca ascensão, Houston e Hitler se encontraram. Reunião esta simbólica para ambos, pois o líder nazista encontrava seu mentor indireto, enquanto este, via parado em sua frente o líder ariano que tanto proclamou aos céus.



Os desdobramentos finais do movimento contra os judeus – quando este se torna um agente de assassinato em massa – serão contemplados posteriormente.

Relembrando Schemann, é sintomático, ao mesmo tempo que traz consigo caráter de síntese de toda a situação exposta, o fato dele ter sido premiado por Adolf Hitler, quando este liderava o terceiro reich alemão, em 1937, com o prêmio Goethe de arte e ciência, a maior gratificação literária da Alemanha.

A medalha recebida por Schemann é sinal de como o antissemitismo tornou-se uma potente força ideológica na Europa contemporânea, moldando um dos movimentos sociais mais extremos já vistos pela humanidade. Também podemos interpretar o ato como um resumo de uma cadeia de acontecimentos aparentemente sem importância e sem ligação entre si, que observados por outra ótica, facilmente podem ser relacionados e sua importância estabelecida.

3. Campos de concentração: comparação e memória

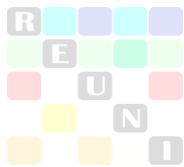
Para iniciarmos a próxima discussão, traçaremos paralelos entre as descrições e detalhes cedidos sobre os campos de concentração de Auschwitz, no qual residiram cativos Vladek Spiegelman, o nosso protagonista que teve sua história desenhada em páginas pelo filho, e o autor de *É isto um homem?* o químico italiano Primo Levi.

Na obra de Arthur Spiegelman temos momentos da vida de Vladek desde que se tornou adulto, detalhes contados pelo pai ao filho a pedido deste último. Desta forma, somos apresentados às suas empreitadas amorosas, o desenvolvimento de sua relação com Anja, mãe de Arthur, e até mesmo sua rápida participação na Segunda Guerra Mundial.

Todos estes fatos foram contados por Vladek e desenhados por Arthur, acontecendo antes de seu confinamento no campo de concentração de Birkenau. Tal construção de panorama de vida não ocorre com Primo, que inicia de maneira corrida sua obra, dando poucos detalhes de sua vida antes do campo de Monowitz.

Sua atuação como guerrilheiro lhe rende uma prisão, depois uma estadia em um campo provisório ainda na Itália, e por fim, seu destino se apresenta como sendo o campo de concentração de Auschwitz, que em um primeiro momento, como o mesmo relata, nada lhe significou.

Na HQ somos apresentados ao método de trabalho dos alemães, que antes de começarem a prender os judeus, os destinaram à guetos. Depois, os nazistas livraram-se dos judeus idosos, para então separar os restantes e enviá-los a vilarejos.



Os detalhes desenhados pelo quadrinista continuam: desde o emprego conquistado por Vladek no vilarejo em que estava com Anja, até a fuga de ambos de lá, temendo a iminência da morte. A fuga resulta em nada, pois são capturados e mandados para o segundo campo de Auschwitz, Birkenau.

A partir do momento em que, nas duas obras, os protagonistas chegam aos seus campos, se deparam e narram a fúnebre frase que os recebeu, cada qual com sua maneira.

Levi: “O caminhão parou; via-se um grande portão e, em cima do portão, uma frase bem iluminada (cuja lembrança ainda hoje me atormenta nos sonhos): ARBEIT MACHT FREI – o trabalho liberta.” (1988, p.25).

O momento correspondente em *Maus* é demonstrado com gatos – os alemães – escoltando caminhões que entravam no campo, além de uma reflexão de Vladek:

Imagem 1 – Chegada de Vladek ao campo. Destaque para o lema nazista no portão.



Fonte: Spiegelman (2009).

O desconforto do banho é acentuado graficamente pela arte de Arthur, com a qual percebemos a baixa temperatura da água, a falta de condições para higienização e o caráter coletivo do banho:

Imagem 2 – O “banho” coletivo ao qual eram sujeitos os judeus.



Fonte: Spiegelman (2009)

É válido analisar a representação da marcação feita nos judeus. Vladek a mostra para seu filho, e assim o mesmo desenha a cena no quadrinho. Seu número: 175.113.

No braço esquerdo de Primo, seu novo nome. Sua marca eterna: 174.517. Ele reflete, em seguida: “Aos velhos do Campo, o número reflete tudo: a época da entrada no Campo, o comboio com o qual se chegou e, conseqüentemente, a nacionalidade.” (LEVI, 1988, p.34)

Poucas páginas após a representação do banho, vemos a atuação do Kapo, uma figura de destaque em ambas as obras. Este era normalmente um judeu ao qual os alemães deram privilégios e lhe cederam liderança, para que lidasse com os demais judeus:

Imagem 3 – A atuação do *Kapo*, sempre repressiva e autoritária.



Fonte: Spiegelman (2009)

Sobre este mesmo personagem, Levi escreve:

“São o típico produto do campo de concentração alemão: basta oferecer a alguns indivíduos em estado de escravidão uma situação privilegiada, certo conforto e uma boa probabilidade de sobrevivência, exigindo em troca a traição da natural solidariedade com os companheiros, e haverá por certo quem aceite. Ele será subtraído à lei comum e se tornará intangível; será, então, tanto mais odioso e odiado quanto maior for o poder a ele concedido.” (1988, p.133)

Levi também busca em seu campo mnemônico reminiscências que lhe tragam os meios de sobrevivência de pessoas específicas com as quais relacionou-se durante seus dias no campo.

Um destes, Henri, usava de todos os artifícios possíveis para a manutenção de sua vida. Dividindo suas práticas em três categorias: o “jeito”, a compaixão e roubo, ele conquista a proteção de cozinheiros, soldados ingleses presos no Campo e até mesmo de médicos na

enfermaria. Seu “jeito” e o uso da compaixão dos outros praticamente tornava desnecessário o uso do roubo. (LEVI, 1988, p. 146)

Em sua realidade de um Campo vizinho, Vladek também tem em sua trajetória de cativo momentos de astúcia, que poderiam ser encaixados nas categorias de Henri. Utilizando sua racionalidade – o “jeito” – ele mantém-se fora do radar seletivo dos oficiais alemães por dois momentos, garantindo-lhe, com certeza, um fôlego vital.

Em um primeiro momento, Vladek torna-se útil para seu *Kapo*, pois este buscava aprender inglês. Enquanto na condição de professor, ele tinha privilégios, tais como roupas que se adequavam a seu corpo e uma alimentação digna:

Imagem 4 – Vladek ministrando aulas para seu *Kapo*.



Fonte: Spiegelman (2009)

Em outra ocasião, Vladek continuamente mutila sua mão, fazendo permanecer aberta uma ferida que lhe garantia alguns dias na enfermaria, pois lá a condição de extrema dificuldade era menor:

Imagem 5 – Vladek utiliza o “jeito” citado por Primo noutra situação.



Fonte: Spiegelman (2009)

Sobre a sociologia própria dos Campos, escreve Bauman (1998) que a situação dos judeus era a de um jogo doentio, em que competiam forçados pelos nazistas, sendo que todas as suas ações, no limite do racional, objetivavam alargar apenas sua vida ou suas chances de sobreviver. Todos os valores morais ou éticos estariam restringidos ao da sobrevivência.

Em meio ao maior genocídio da contemporaneidade, com sofrimento indescritível, uma questão normal é a que indaga a necessidade de fazer manter-se viva a memória sobre o evento. Levi responde:

“Estamos convencidos de que nenhuma experiência humana é vazia de conteúdo, de que todas merecem ser analisadas; de que se podem extrair valores fundamentais (ainda que nem sempre positivos) desse mundo particular que estamos descrevendo. Desejaríamos chamar a atenção sobre o fato de que o Campo foi também (e marcadamente) uma notável experiência biológica e social.” (1988, p. 127)

No que tange a memória, podemos analisar a questão utilizando os conceitos de Maurice Halbwachs.

Segundo Maurice Halbwachs, no seu livro *A memória coletiva*, não existem memórias puramente individuais, pois argumenta ele, nunca estamos sozinhos. Mesmo que distintamente não exista ninguém ao nosso lado, permanecemos como integrantes de grupos, os quais, com suas interações, compõem quem somos, e participam de nossas memórias, mesmo das mais íntimas.

Em um grupo com laços familiares e relacionamentos interpessoais secularmente promovidos, como é o caso dos judeus, um evento da magnitude do holocausto, faz parte da memória coletiva da comunidade.

Segundo Maurice, além do fato de que, em verdade, nunca estamos sós, outra indicação de que uma memória é coletiva é o fato de que ela é composta por reminiscências vindas de vários integrantes do corpo social em questão.

Essa composição grupal da memória é exemplificada como reminiscências que interagem e se completam, dando ao acontecimento uma gama de detalhes: percepções "individuais", de cada um, que lançadas ao grupo fazem "crescer" a percepção coletiva, criando algo que está dentro do imaginário coletivo daquelas pessoas que se reúnem.

Além da intensidade humanamente aterradora, o holocausto ainda permanece vivo na memória dos judeus por ser alvo de coletivização nesta comunidade fechada. Ele faz parte de sua memória coletiva.

Entretanto, com o contínuo seguimento da marcha do tempo, cada vez menos judeus que vivenciaram os Campos estão vivos para compartilhar entre si e posteriormente com o restante da comunidade suas reminiscências sobre o ocorrido. É fácil de notar, porém, que o Holocausto não cai em importância dentro da sociedade judaica, pois mantém-se vivo – além do âmbito coletivo – por conta da memória histórica.

Halbwachs cita o conceito de memória histórica, que nos serve nesta ocasião, pois combina-se com o de memória coletiva. A natural sensação de que nos lembramos de eventos que não presenciamos advém de nossa bagagem cultural, adquirida ao longo da vida, por meio de estudo, principalmente. (HALBWACHS, p.54)

Assim sendo, mesmo sem a nossa presença em eventos acontecidos ao longo da história da humanidade, podemos evocá-los, pois ouvimos dizer ou lemos sobre eles. Em fatos com presenças de ícones humanos essa característica ganha ainda mais força, já que estes “heróis” de tempos por pouco não esquecidos podem ter sua imagem gasta pela mídia contemporânea, em filmes, livros ou gibis.

Halbwachs segue em seu raciocínio, ponderando sobre a memória pessoal (autobiográfica) e a social (histórica):

A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e denso. (HALBWACHS, 1990, p.55)

As novas gerações que carregam a estrela de Davi não viveram o indescritível sofrimento do Holocausto (que lhes seria a memória pessoal), mas podem criar e evocar memórias, dentro de algumas possibilidades.

Em primeiro lugar, estando num grupo intensamente unido, a evocação de memórias sangrentas e manutenção da experiência nos Campos de Concentração torna-se algo palpável mesmo para aqueles que não a viveram pois conseguem compor em suas mentes e posteriormente acessar em seu campo mnemônico como se houvessem sentido o que seus ancestrais sentiram, por conta dos relatos (fontes primárias) vindos destes.

Secundariamente, a mesma situação de permanência pode acontecer pela veiculação da memória social no grupo. Aquela sensação que todos temos, ao estudar um fato histórico, e depois pensar nele, não deixa de ser uma rememoração, uma evocação de memórias.

Acontece, peculiarmente, que ninguém nos cedeu especificamente aquelas reminiscências, pois não sendo uma fonte original de onde retiramos aquele conhecimento, ela não foi vivida, na maioria das vezes, nem mesmo por aquele que escreveu o livro ou o artigo que lemos. Mesmo com tamanha distância entre o destinatário final e aquele que viveu o fato, podemos evocá-lo, dentro de certas limitações. Tal qual uma memória artificial.

Observando essa dicotomia, percebemos que ocorre uma convergência na situação dos judeus, pois no que se refere aos dias de Campo, memória pessoal confunde-se com memória social ou histórica, de modo a intensificar o sentimento que envolve toda a comunidade judaica.

No caso judeu, “coletivizar” o Holocausto para a maior quantidade de pessoas possíveis tornou-se uma tarefa quase compulsória, tão importante e necessária a eles e sua comunidade quanto qualquer outra atividade fisiológica.

Essa urgência em contar o que aconteceu é descrita por Levi, quando admite que “os outros” lhe eram agora o mais desejado público do qual gostaria de receber atenção, pois foi o próprio livro escrito levando isso em conta, “com a finalidade de libertação interior”.

A disposição dos capítulos também é mister para indicar como foram os dias de Levi – e de todos os judeus, em geral – nos Campos, um desamparado do outro, quase que sem relação

entre si, de tão extremos que eram: “seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência.” (LEVI, 1988, p.8)

4. Entre gatos e ratos: o antropomorfismo para se explicar uma tragédia

Ao se deparar com uma obra como *Maus*, a primeira particularidade naturalmente notada é o emprego do antropomorfismo. Como citado anteriormente, todos os personagens da narrativa são representados por animais específicos, conforme sua nacionalidade ou participação em grupo no mundo real.

Etimologicamente falando, o termo “antropomorfismo” tem sua origem em duas outras palavras do grego. São elas: “anthrophos” (humano) e “morphé” (forma). Sua criação tem por objetivo identificar uma substituição humana por animal, sendo uma representação que pode ocorrer em variados aspectos, do literário ao psicológico.

Will Eisner, ilustre quadrinista estadunidense, num de seus livros em que trabalha os quadrinhos de um ponto de vista científico, nomeado *Narrativas Gráficas*, pondera sobre o uso de estereótipos nas produções. Para a criação de um arquétipo seria preciso representar a imagem a partir da experiência social, tendo como alvo a forma que o leitor entende que aquele protótipo deveria ser.

Visuais excessivamente padronizados dão lugar a construções com modelos de arquétipos intrínsecos somente à obra em questão, quando esta tem narrativa ou contexto que suporte tal característica.

Um dos padrões comuns para se construir é o de animais vivendo a realidade humana. Entretanto, esta construção costumeira varia em conteúdo, conforme as escolhas do autor. Os animais de uma obra antropomórfica não têm de ser os mesmos animais de outra obra que também utilize feras animálias.

É o caso do objeto deste artigo, em que estereótipos são construídos ao longo de toda a obra, mas estes não estão expandidos para o imaginário coletivo da sociedade, pois apenas aqueles que leram o gibi não observam com estranheza sapos ao invés de franceses, ou porcos no lugar de poloneses, vivendo dentro de um contexto de guerra.

A questão do arquétipo explica ainda uma das principais vantagens do antropomorfismo, porque numa mídia com pouco espaço para desenvolvimento dos personagens, um parâmetro bem aplicado poupa recursos e preenche a necessidade visual que o gibi carrega consigo.

Diego Kerchove (2015) escreve que “a escolha das espécies e classes de animais por parte dos autores pode ser determinante não só de um ponto de vista simbólico para a composição de personagens, mas também para compor a atmosfera de uma obra”.

Eisner se refere a um caráter atávico que nota presente na humanidade literária, e que exerce influência na escolha dos animais:

Eu acredito que os humanos modernos ainda retêm instintos desenvolvidos quando eram primitivos. É possível que o reconhecimento de uma pessoa perigosa ou uma resposta a posturas ameaçadoras sejam resíduos de uma experiência primitiva. Talvez, numa experiência anterior, com a vida animal as pessoas tenham aprendido quais posturas ou configurações faciais eram ameaçadoras ou amigáveis. Era importante para a sobrevivência reconhecer instantaneamente quais animais eram perigosos. (EISNER, 2005, p.24)

As escolhas de Arthur abstraem como ele interpretou a situação dos judeus no relato de seu pai. É fácil notar que praticamente todos os animais escolhidos por ele – gatos, ratos, porcos, alces, sapos, cães – ou são considerados medianamente pelas pessoas belos seres, ou de frágeis existências. Um artifício psicológico contundente o suficiente para, de antemão, carregar de maneira oculta a carga emocional da obra.

É possível buscar inteligibilidade específica em algumas escolhas, pois os suecos, representados por alces, são assim desenhados tendo em vista o caráter calmo e a sensação de estabilidade destes animais em seu estado de natureza, e o fato de que a Suécia manteve-se neutra durante a Segunda Guerra Mundial.

Os poloneses podem ser encontrados na obra em posições estratégicas contra os judeus, traindo-os – como ocorre com a família de Vladek – ou atuando como parte das forças armadas da Polônia. Sua representação como porcos, somos levados a pensar, tem essa razão.

A dicotomia clássica entre gatos e ratos é o ponto forte de todo o uso do antropomorfismo na HQ, sendo as duas representações mais significativas. Em primeiro lugar, as condições de caçador do gato e presa dos ratos são reforçadas, pois a supremacia felina (nazista, entendemos) é evidente.

Ela é legitimada por estarem os judeus sempre em situação complicada ou em fuga, enquanto que a superioridade natural do instinto caçador dos gatos é simbolizada por todo o sistema de morte em massa criado pelos alemães.

Os judeus foram, também é preciso citar, colocados no patamar dos ratos pela propaganda nazista, sendo considerados, como os roedores, pragas passíveis de morte.

É possível entender que, na opinião de Arthur Spiegelman, a veiculação dos preconceitos contra os judeus foi tão intensa e efetiva que chegou ao ponto de soar natural (para os alemães e para alguns judeus, de psicológico abalado), como nos soa a comum rivalidade entre gatos e ratos.

5. Conclusão

O desenvolvimento deste artigo visou responder à uma grande indagação: será possível analisar aspectos históricos de um gibi? Acreditando que sim, outras perguntas foram feitas, para legitimar a resposta da primeira questão.

Questionamentos foram pensados a partir de características presentes na obra, que em seguida foram problematizadas.

O primeiro ponto discutido tinha o objetivo de analisar o gibi como fonte histórica. De três pontos de vista diferentes, concluímos que a escola histórica dos metódicos não aceitaria nosso objeto de estudo como fonte confiável, ao passo que a escola dos Annales e seus desenvolvimentos seguintes teriam no gibi mais um recurso para a construção de sua disciplina.

Por fim, retirando a opinião de Michel de Certeau de uma de suas obras, a consideramos relativista e de certa forma, inconclusiva, pois mantém-se variando conforme o ambiente.

Em seguida passamos pelo objetivo de construir o surgimento do antissemitismo na Europa e seus desdobramentos até sua concretização como parte do nazismo. Concluímos que as raízes do movimento contra os judeus nasceram ainda em solo da Europa medieval, ganhando novos contornos com o romper das nações europeias, e chegando na contemporaneidade com uma roupagem baseada no cientificismo.

Posteriormente demos atenção para o objetivo de traçar laços comparativos entre relatos retirados de um livro enquanto o comparávamos com o gibi como base. Chegamos à conclusão de que mesmo em Campos diferentes – dentro do enorme Auschwitz – as situações vividas pelos judeus eram medianamente semelhantes, pautadas na incerteza e no sofrimento exacerbado.

Ainda neste ponto tínhamos o objetivo de pensar sobre a manutenção do Holocausto na memória dos judeus, e para isso discutimos sobre a memória do grupo utilizando um estudo de Maurice Halbwachs. Chegando ao resultado de que a permanência ocorre pelo seu caráter coletivo e pelo uso da dualidade história social e história autobiográfica.

Após, objetivamos problematizar o uso do antropomorfismo na obra. Utilizando como apoio bibliografia que versava sobre o uso de modelos padronizados e utilização do recurso, concluímos que animais ao invés de pessoas cedem à obra carga emocional diferente, enquanto preenchem-na de embasamento.

Tais questões, quando vistas como componentes de um só todo, servem para responder, finalmente, a pergunta que agiu como primeiro motor de todo o artigo. Tencionamos concluir que a HQ *Maus: A história de um sobrevivente* pode e deve ser observada de uma perspectiva histórica.



Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012;
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998;
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001;
- BOURDÉ, Guy. MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Lisboa: Publicações Europa-América, 2003;
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução: Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982;
- SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009;
- EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005;
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HERMAN, Arthur. **A ideia de decadência na história ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1999;
- KERCHOVE, Diego. **O antropomorfismo nos quadrinhos: personagens e narrativa**. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais3asjornadas/artigo_290520151318202.pdf>. Acesso em 01 de dezembro de 2018.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988;
- LOPES, Nei. **O racismo explicado a meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- REIS, José Carlos. **A história: entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- SORJ, Bila. **Antissemitismo na Europa hoje**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/05.pdf>>. Acesso em 23 de novembro de 2018.
- SPIEGELMAN, Art. **Maus: A história de um sobrevivente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987;
- _____. **Maus: A história de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005;
- VÉLEZ, Ricardo. **O Cientificismo: Tendência imperante no pensamento do século XIX**. Disponível em: <<http://www.ecsbrdefesa.com.br/defesa/fts/CIENTIFICISMO.pdf>>. Acesso em 01 de dezembro de 2018.
- ZAGNI, Rodrigo Medina. **As profundezas do intangível**. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/aula_1.pdf>. Acesso em: 23 de novembro de 2018.

GRAFITE: MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA PRESENTE NO ESTADO DE SÃO PAULO E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS

Evandra Bartira Varelo de Campos

Resumo: Ao longo desta pesquisa busca-se avaliar os limites do grafite como arte e expressão cultural de um determinado grupo social, analisando os pré-conceitos e estereótipos que são criados em torno desse elemento cultural, uma vez que o grafite geralmente é associado a uma simples pichação por determinados grupos dominantes, ou seja, o grafite estaria totalmente destituído de qualquer caráter crítico e seria apenas mais uma sujeira na paisagem urbana estando longe de se materializar como uma expressão artística.

Palavras Chave: Grafite, Manifestação Cultural, Arte

GRAPHITE: ARTISTIC MANIFESTATION IN THE STATE OF SAO PAULO AND ITS SOCIAL AND CULTURAL IMPLICATIONS

Abstract: Throughout this research we seek to evaluate the limits of graffiti as art and cultural expression of a particular social group, analyzing the preconceptions and stereotypes that are created around this cultural element, since graffiti is usually associated with a simple graffiti by certain dominant groups, that is, graffiti would be totally devoid of any critical character and would be just another dirt in the urban landscape being far from materializing as an artistic expression.

Key-words: Graffiti, Cultural Event, Art

INTRODUÇÃO

O grafite é uma manifestação artística caracterizada por ser desenvolvida em espaços públicos, sendo uma das linguagens da arte urbana. A palavra “grafite” origina-se do italiano *graffito* (no plural *graffiti*), e significa “escrita feita em carvão”, no singular a palavra significa a técnica, e no plural refere-se aos desenhos em si. Em português a palavra “grafite” difere-se da palavra “pichação”, já em italiano *graffito* ou *graffiti* abrange também a pichação. Possui seus primeiros registros no Império Romano, surgindo então no mundo contemporâneo em 1970 em Nova York, quando alguns jovens começam a deixar suas marcas nas paredes da cidade, fachadas de prédios e vagões de metrô, evoluindo posteriormente para desenhos mais aprimorados. Entre estes primeiros

jovens se destaca o grafiteiro Stay High 149 (1950-2012), o qual se tornou bastante conhecido no mundo.

FIGURA 1: GRAFITE NO IMPÉRIO ROMANO

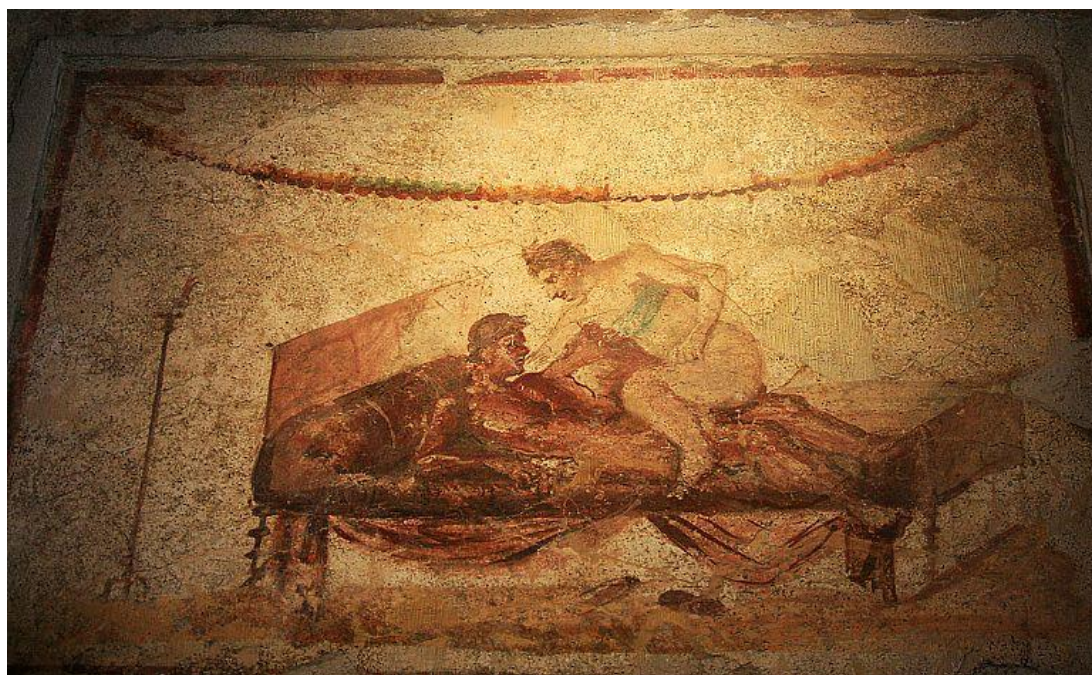


Foto de grafite registrado em Pompéia, revela conotação lasciva típica dos grafites dessa região.

(Foto: Valdiney Pimenta)

FIGURA 2: METRÔ GRAFITADO POR STAY HIGH 149



Fonte: Metrô grafitado por Stay High 149 em Nova York, década de 70. (Foto de 1973 de Jon Naar)

FIGURA 3: VAGÃO GRAFITADO EM NOVA YORK



Vagão de metrô grafitado em Nova York na década de 70. (Foto: Bruce Davidson)

FIGURA 4: VAGÃO GRAFITADO EM NOVA YORK



Vagão de metrô grafitado em Nova York na década de 70. (Foto: Martha Cooper)

Este movimento está estreitamente ligado a movimentos de contestação, como hip hop, e desde seu início se caracteriza pela busca em retratar as mazelas da humanidade. No Brasil chegou no final da década de 70, período da ditadura militar, ganhando aqui características próprias conferidas pelos artistas locais, sendo os poetas os precursores, os quais vão se misturando a artistas plásticos, cantores e atores, formando os primeiros coletivos artísticos, e dando origem as primeiras expressões dessa arte de rua na capital São Paulo, segundo afirma LEITE (2013):

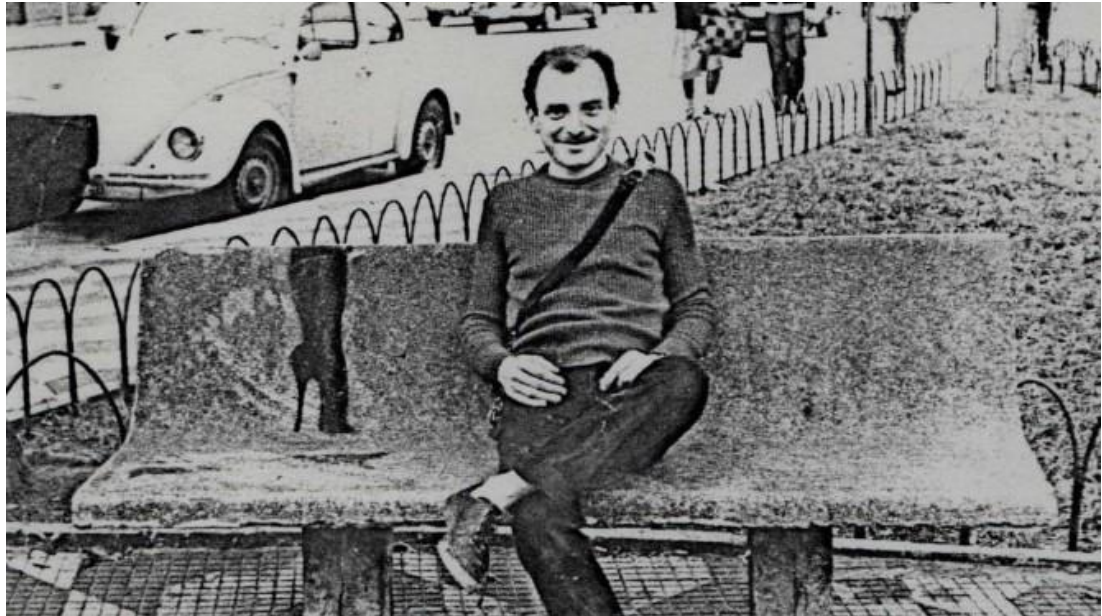
“As primeiras intervenções urbanas na cidade de São Paulo foram as palavras de contestação presentes nos muros como forma de grito em meio ao silêncio forçado a muitas mãos pela ditadura militar. Elas passaram a ganhar novas formas, sonoridades e diálogos com os transeuntes, pois o papel virou tijolo nas cabeças dos poetas marginais dos anos 1970. Como diversos movimentos artísticos, este também surge entre os poetas- como o simbolismo, cubismo, dadaísmo e futurismo”.

Neste período começam a atuar no cenário da arte urbana o primeiro coletivo de que se tem registro na cidade de São Paulo, o 3Nós3, formado por Hudinilson Jr, Mario Ramiro e Rafael França, o qual atuou entre 1979 e 1982, realizando diversas intervenções públicas e conceituais, seguido pelos coletivos Tupinãodá e Manga Rosa, abrindo caminho para tantos outros que se formariam e ganhariam espaço devido o enfraquecimento do regime militar. Esses artistas tinham o propósito de criticar a institucionalização da arte, e intervir em locais públicos para uma releitura e ressignificação do espaço urbano.

Surge então neste cenário Alex Vallauri (1949-1987), artista plástico por formação, nascido na Etiópia, criado na Argentina e radicado no Brasil, pioneiro na arte do grafite no país, o qual desenvolveu sua arte na cidade de São Paulo. No decorrer dos anos o grafite e a pichação vão se distanciando e afirmando algumas identidades estéticas e de produção, e é neste contexto que ele começa a introduzir ilustrações simples em suas intervenções por toda cidade, mas que logo ganham o carisma dos observadores, e com o tempo essas ilustrações vão tornando-se mais elaboradas fazendo com que o artista concretize seu objetivo de aproximar a arte ao indivíduo comum, o qual não frequentava museus nem galerias de arte. Sendo assim, na década de 80 o grafite passa a utilizar-se de procedimentos do desenho, da gravura (estêncil) e da pintura, alterando o aspecto das

paisagens urbanas e estabelecendo um novo conceito de arte, a qual não se restringe a local nem conceitos estéticos e morais preestabelecidos, problematizando assim o campo da arte contemporânea.

FIGURA 5: ALEX VALLAURI POSANDO AO LADO DE SUA CRIAÇÃO



Alex Vallauri posa para foto em um banco ao lado de uma bota desenhada por ele (Foto: Divulgação)

A arte de Vallauri, torna-se um tipo de linguagem que tem o poder de dialogar com a sociedade, de maneira simples e objetiva, provocando a reflexão de quem passa por ela e retratando através de sua estética os dilemas sociais, culturais e políticos vivenciados pelos indivíduos ao seu redor. Segundo conta João Spinelli, amigo do artista e curador da exposição “Alex Vallauri: São Paulo e Nova York como suporte”, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2013): “Além de um talento fora do normal, Vallauri tinha uma versatilidade impressionante... Ele nunca ficava muito tempo numa obra, numa área ou num trabalho só. Estava sempre avançando, buscando novos universos e novos desafios”.

FIGURA 6: GRAFITE DE ALEX VALLAURI



Foto de um dos grafites de Alex Vallauri na exposição “Alex Vallauri: São Paulo e Nova York como suporte”, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2013). (Foto: Divulgação)

Além de seu icônico grafite da bota, sua primeira imagem reconhecida, outra obra através da qual ele seria conhecido até os dias atuais é: “A Rainha do Frango Assado”, que chegou a ser vivida em uma *performance* pela atriz Cláudia Raia em 1985 na 18ª Bienal Internacional de São Paulo. Sobre esta obra Albuquerque (2013) afirma:

“ Era um misto de *pinup* e vedete, com suas curvas destacadas, roupas extravagantes (salto alto e vestido de oncinha) e latinidade à flor da pele, sem mencionar a referida ave, (bem) servida numa bandeja de prata. Após as primeiras aparições “solo”, ela começou a ser acompanhada por um utilitário visual que incluía mesas, geladeiras, ventiladores e até mesmo um automóvel, numa bem-humorada crítica aos sonhos de consumo da classe média naquele período”. FONTE: Site O Globo

FIGURA 7: ALEX VALLAURI POSANDO AO LADO DE SUA CRIAÇÃO



Alex Vallauri posando para foto com sua obra “A Rainha do Frango Assado”. (Foto: João J. Spinelli/ Estadão Acervo).

A década de 80 foi palco de um grande desenvolvimento do grafite em São Paulo por essa razão, pensar a história do grafite é um exercício de construção que se faz possível através da análise de seus grafiteiros, e o desenvolvimento de seus conceitos e técnicas os quais figuram mundialmente como referência em cores, formas e composições.

Os primeiros grafiteiros atuavam no centro de São Paulo, onde acreditavam ter maior visibilidade por parte da população, onde podia se observar as emblemáticas e magistrais caligrafias *widstyle* de Binho Ribeiro, também os desenhos livres dialogando com as letras de Tinho, as peculiaridades e letras fora do padrão de Vitché, os personagens amarelos e os *bombs* dos Gêmeos. Sobre essas intervenções os Gêmeos Gustavo e Otavio Pandolfo afirmam em uma entrevista à Eloísa Devese, para revista Caros Amigos, nº 91: “Os engravatados que se sentem os reis da cocada preta atrás do volante tem que ver a miséria, mas quem está cansado de ver miséria tem que ver o mundo mágico”. Os temas no centro eram mais agressivos, já nas periferias podiam se observar desenhos voltados ao universo mágico e lúdico.

Entre vários nomes importantes neste cenário de construção da história do grafite, dois nomes surgem neste contexto como figuras as quais contribuem através de suas respectivas trajetórias para melhor compreensão da história do grafite, são eles: Carlos Eduardo Fernandes (1975), conhecido como Eduardo Kobra e Fabio Luiz Santos Ribeiro (1971), o Binho Ribeiro. Ambos têm o início de sua trajetória artística na década de 80 e destacam-se no cenário nacional e internacional até os dias atuais.

Tratando-se de Fabio Luiz Santos Ribeiro, ou Binho Ribeiro, artista citado acima por sua característica *widstyle*, este é um dos pioneiros na arte urbana no Brasil e na América Latina. Atuante desde 1984, acompanhou a chegada da cultura *hip hop* no Brasil e foi por ela influenciado, assim como por outros movimentos oriundos dos guetos de Nova York, como o *skate* e *break*, e em entrevista ao site Vírus da Arte & Cia afirma: “*Eu realmente gosto de me divertir com a arte, e continuo fazendo o que gosto, mesmo que não seja o que os galeristas querem que eu faça (...)*”. (FONTE: Site Vírus da Arte & Cia)

FIGURA 8: GRAFITE DE BINHO RIBEIRO



Foto de grafite de Binho Ribeiro, em São Paulo, utilizando-se do estilo *widstyle*. (Foto: Divulgação)

Com o passar dos anos foi se profissionalizando, e ganhando espaço nas ruas e galerias por todo o mundo, sendo hoje um dos mais reconhecidos *street artists* no país e no mundo, não apenas pelo trabalho consistente que nunca parou de fazer nas ruas, mas também pelo apurado trabalho em telas e curadoria de grandes projetos envolvendo a *street art*, como o Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo (MAAU), localizado na Zona Norte de São Paulo, sob as pilastras das estações do Metrô, no trecho elevado da linha 1 Azul, entres as estações Tiete, Santana e Carandiru, o primeiro museu aberto de

arte urbana do mundo, e a Bienal Internacional *Graffiti Fine Art*, hoje a mais completa bienal de arte urbana do mundo. Sobre o grafite no Brasil Binho Ribeiro afirma:

“A cultura do grafite é bem aceita no Brasil e há um monte de apoio dos projetos governamentais e sociais”... “Eu aconselharia outros grafiteiros para nunca parar de pintar na rua e também ser humildes com os novos artistas”... “No Brasil, o grafite é uma arte que educa os jovens. Em muitos lugares, ele é usado como uma força contra a criminalidade e o vandalismo. As pessoas nos apoiam agora e fazemos projetos com um grande impacto, apoiados por empresas e pelo governo”. FONTE: Site Vírus da Arte & Cia

FIGURA 9: MUSEU ABERTO DE ARTE URBANA DE SÃO PAULO (MAAU)



Foto do Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo (MAAU), localizado na Zona Norte de São Paulo. (Foto: Divulgação)

Outra figura importante já citada é Carlos Eduardo Fernandes, nascido em 01 de janeiro de 1976, em Martinica, zona sul de São Paulo, já no início da vida escolar se destacava por seu talento, ganhando na escola pública onde estudava, o apelido de Kobra devido a perfeição e realismo de seus desenhos. Aos 12 anos tornou-se pichador e chegou a pertencer posteriormente a uma *gang* que espalhava desenhos pela cidade, chegando por essa razão a ser preso por três vezes. O pichador assume então pretensões artísticas, mas segue ainda pintando paredes sem autorização.

É nos anos 90 que começa a ganhar dinheiro com sua arte, pintando cartazes para agências de publicidade. Neste ponto começa a partir para os murais e deixa a clandestinidade uma vez que a execução de um mural requer, por suas dimensões,

autorização e contrato. E em 2007 aparece na mídia com o projeto “Muros da Memória”, onde retrata fotos antigas de São Paulo, por diversos pontos da cidade, reafirmando sua identidade fiel as raízes paulistanas.

Foi realizado para execução deste projeto, um trabalho intenso de pesquisa tanto iconográfica quanto histórica, e um dos maiores dos murais desse projeto, contava com 1000 m², e estava localizado na Avenida 23 de maio em São Paulo, no entanto mesmo se tratando de um mural conhecido e respeitado internacionalmente e possuir uma relevância afetiva e cultural para os cidadãos paulistanos, o referido projeto foi totalmente apagado, pela prefeitura de São Paulo, em 28 de janeiro 2017, por iniciativa do então prefeito da cidade João Dória, através de uma ação denominada “Cidade Linda”. A alegação para tal ação da prefeitura, que nesta ocasião apagou diversos grafites por toda cidade, foi a de que o mural havia sofrido atos de vandalismo.

FIGURA 10: MURAL DO PROJETO “MUROS DA MEMÓRIA” PRODUZIDO NA AV. 23 DE MAIO



Mural grafitado por Eduardo Kobra na Avenida 23 de Maio, em São Paulo, antes de ser apagado, mostrava a cidade antiga, entre os anos 1920 e 1930. (Foto: Divulgação).



Imagem: Luiz Claudio Barbosa/ Código19/ ESTADÃO CONTEÚDO, registrada em 28 de janeiro de 2017

Tornou-se um obstinado pesquisador de imagens históricas, que uma vez ilustradas em muros gigantescos, acabaram por muitas vezes trazendo aos habitantes uma sensação de resgate de identidade, fortalecendo a sensação de pertencimento, além de chamar a atenção para a importância dos lugares escolhidos, sendo assim é notória a junção entre seu trabalho, a história do grafite e a própria história de São Paulo. Em entrevista para o site da Revista Caras (2017), sobre seu trabalho Kobra afirma: “Trabalhar nas ruas te dá liberdade, mas exige dedicação e pesquisa. São muitos anos de trabalho, sempre batendo na mesma tecla. Aos poucos, as pessoas foram conhecendo meu trabalho e sou muito grato por tudo que conquistei”.

Embora tenha atualmente obras espalhadas por mais de 30 países, as quais retratam momentos e figuras emblemáticas do ponto de vista social para humanidade, sempre enfrentou preconceitos sociais e artísticos, e nunca deixou de realizar parcerias em prol de causas sociais, ambientais, animais entre outras.

Detém o recorde de maior mural do mundo oficializado pelo *Guinness Book* (2018), tratando-se de uma obra de 5742 m², chamada “Processo colheita de cacau na Amazônia” (2017), localizado no km 35, as margens da Rodovia Castelo Branco, Itapevi,

grande São Paulo, a qual quebra seu próprio *record*, que era o mural “Etnias” (2016), localizado no Rio de Janeiro.

Sobre sua vivência e sua arte Eduardo Kobra (2017) afirma:

“Cresci na periferia de São Paulo e não sou um cara que passou pela universidade. Só vim a conhecer artistas que faziam esse tipo de *street art* algum tempo depois. Embora o universo ao meu redor estivesse ligado ao crime e às drogas, eu não estava envolvido com nada disso, só queria pintar”...“Para mim, tudo é, e foi, um grande aprendizado. Eu e meu trabalho não nos separamos, eu sou o que pinto. Um artista pode nascer em um lugar simples ou frequentar as melhores universidades”. FONTE: Site Revista Caras

FIGURA 12: MURAL DE EDUARDO KOBRA “Processo colheita de cacau na Amazônia” (2017)



Mural de Eduardo Kobra “Processo colheita de cacau na Amazônia” (2017), localizado as margens da Rodovia Castelo Branco km 35, Itapevi, grande São Paulo, oficializado pelo *Guinness Book* como maior mural do mundo. (Foto: Divulgação)

ESTÉTICA DO GRAFITE E SEU DIÁLOGO COM A SOCIEDADE

Podemos afirmar que desde seu início, o grafite sempre estabeleceu a clara intencionalidade de se comunicar com a sociedade e expressar seus anseios, rompendo com os padrões acadêmicos pré-estabelecidos de se produzir arte apenas em galerias, o que a distanciava do cidadão comum. Neste contexto, através da análise das obras de Eduardo Kobra, que serão utilizadas, como parâmetro, será possível perceber como esta comunicação ocorre e quais suas implicações sociais e culturais.



Tratando-se dos aspectos técnicos de seu trabalho, como ele próprio afirma, é artista autodidata, jamais estudou arte de forma acadêmica, sendo assim, todo seu conhecimento e habilidades artísticas, foram adquiridos ao longo dos anos, através de incansáveis estudos e trabalho de pesquisas, relacionados tanto a técnicas de desenho e pintura, quanto a história e as experiências das ruas. Quanto a temática de sua *street art*, adota a linha de protesto e de conscientização. Eduardo Kobra, como já foi afirmado, iniciou sua trajetória ainda adolescente na pichação, o que o faz ter até hoje uma relação de entendimento com os pichadores, os quais respeitam e preservam o seu trabalho, o que demonstra a abrangência de sua arte e o quanto dialoga com diversos setores da sociedade.

A princípio desenhava letras interligadas a personagens, já com forte tendência a valorização da anatomia, suas referências neste período vinham dos grafiteiros nova-iorquinos, sendo que, posteriormente viria a conhecer o trabalho dos grafiteiros muralistas mexicanos, e esta arte mudaria todo rumo de seu trabalho, uma vez que, o contato com os murais produzidos no México, trariam novos conceitos de perspectiva, luz e sombra e o desejo de também produzir seus próprios murais. Neste contexto de construção de sua identidade artística, Kobra descobriria o universo da pintura 3D em pisos, a qual por volta de 2009 passou a ser pesquisada por ele através da busca de referências nos grafiteiros europeus. Hoje Eduardo Kobra se dedica quase que exclusivamente aos murais, por constituírem um trabalho autorizado, seja pelas prefeituras ou por proprietários.

Em 2017 o #ProgramaDiferente produzido pelo canal do *YouTube* TVFAP.net, exibiu um documentário sobre a trajetória artística de Eduardo Kobra, onde em entrevista ele afirma:

“Eu sempre trabalhei de forma séria, mas nunca tive nenhum tipo de ambição comercial com meu trabalho, e nenhuma ambição até artística mesmo, no sentido de, ‘ah eu quero que meu trabalho esteja em determinada galeria, eu quero que meu trabalho esteja em determinado museu’, porque eu nem sabia dessa possibilidade, eu entrei numa galeria de arte pela primeira vez eu acho que já tinha uns 29 anos de idade, 30 anos”...”já pinte em 15 países diferentes em lugares que nem sonhava ir, quem dirá ser convidado pra pintar”. Fonte: #ProgramaDiferente, TVFAP.net

Embora o trabalho de Eduardo Kobra tenha se estabelecido pelo mundo todo, vamos nos ater a cidade de São Paulo, e em projetos desenvolvidos nela, os quais serão parâmetro para compreender de que forma o grafite implica nas questões sociais, valoriza e agrega-se a cultura. São projetos os quais resgatam a identidade do povo paulistano, relembram personagens icônicos, resgatam memórias de diversos pontos da cidade, destacam conceitos de preservação ambiental, animal e causas sociais.

Dentre inúmeros projetos do grafiteiro, vamos destacar três exemplos: “São Paulo, uma realidade aumentada (10 grafites em 10 dias)”, onde a temática é social; o “Mural Oscar Niemeyer”, o qual retrata um estilo característico desenvolvido por Eduardo Kobra da pintura tridimensional, de cores intensas com intensão de homenagear um personagem icônico em grandes proporções, e o grafite “Alta Mira” parte do projeto “Green Pincel”, que tem a intencionalidade de abordar questões ambientais e animais.

Em relação ao projeto “São Paulo, uma realidade aumentada (10 grafites em 10 dias)”, o mesmo foi estruturado por dois anos até ser posto em prática, onde o propósito era chamar a atenção para questões sociais e ocupar lugares estratégicos da cidade, sendo assim como o título sugere, 10 lugares da cidade, entre centro, periferia e até regiões nobres deveriam ser grafitados em 10 dias de trabalho, sempre interagindo com quem passasse pelo local. Sobre a intencionalidade deste trabalho Kobra esclarece: “Eu quis ampliar alguns fatos da cidade, em que muitas vezes passam despercebidos, a primeira delas foi a cracolândia...”.

Com o objetivo de elucidar do que se tratou este projeto, vamos destacar brevemente alguns destes murais, começando pelo que deu início ao projeto, sendo executado na região popularmente conhecida como “cracolândia”, e contou entre sua equipe, com dois integrantes que são ex dependentes químicos, e em relação aos grafites realizados, houve uma interação com os indivíduos daquele local onde aproximadamente 40 deles participaram efetivamente, pintando junto com a equipe de Kobra.

O objetivo nesse projeto foi sempre interagir de alguma forma com a comunidade, sendo assim no mural “Trocás”, onde pela primeira Eduardo Kobra trabalhou com *lamb*, as pessoas que passavam pelo local puderam participar ajudando na colagem dos cartazes. Em outro dia, no mural “Desemprego” as pessoas que estavam desempregadas foram convidadas a colarem seus currículos no muro. Outro mural desta série foi em realizado em Carapicuíba, em parceria com a Associação Nacional de Prevenção e Busca

a Pessoas Desaparecidas, cujo objetivo é a conscientização em relação ao tema, onde uma criança desaparecida foi retratada.

A fachada da escola de *Ballet* da comunidade de Paraisópolis foi outro local escolhido para ser grafitado, onde um exemplo da valorização às pessoas que fazem parte daquele contexto fica evidente através da escolha por retratar uma personagem da comunidade local, a qual se trata de uma menina bailarina que faz parte do referido projeto de *ballet*. Essa opção por retratar pessoas locais destaca a importância do cidadão comum, como o real protagonista da história da cidade, valorizando o sentimento de pertencimento e representatividade em cada um. Ressalta-se também neste trabalho a participação dos moradores da comunidade em todo processo de pintura o qual acabou resultando em um grande processo de interação, o que constitui um dos objetivos desse projeto, que era unir a população em torno da construção de cada grafite.

FIGURA 13: MURAL BAILARINA DE PARAISÓPOLIS



Mural grafitado na fachada do projeto de *ballet* da comunidade de Paraisópolis em São Paulo.

Fonte: Site Revista Exame

Outro exemplo de projeto que proporcionou uma experiência inovadora, foi o painel em homenagem ao arquiteto Oscar Niemeyer, que trata-se de um retrato policromático de 52 m de altura que orna uma das laterais do edifício Ragi, número 124 da praça Oswaldo Cruz, no início da mais famosa avenida de São Paulo, a Avenida Paulista. Esta obra esconde em sua linguagem geométrica nos traços do rosto e roupa do

arquiteto, referências a importantes obras do mesmo, como a Pampulha, o Copan, o Museu Oscar Niemeyer e o Palácio do Planalto. Outro aspecto interessante é o de que os observadores puderam interagir com a obra através de um aplicativo de realidade aumentada, quem apontava câmera do celular para o grafite, visualizava obras de Oscar Niemeyer que saltavam da tela em imagens tridimensionais.

FIGURA 14: MURAL EM HOMENAGEM AO ARQUITETO OSCAR NIEMEYER



Foto: Alan Teixeira para Casa Vogue

No que diz respeito a abordagem de temas ambientais e causas animais, presente no trabalho de Eduardo Kobra, destaca-se um mural bastante conhecido, o “Alta Mira”, **que faz trocadilho com o nome** da cidade de Altamira, no estado do Pará, que é constantemente ameaçada por ser cercada de terras indígenas. Este painel faz parte de uma série de trabalhos do projeto “Green Pincel”, o mesmo está localizado na esquina da Consolação com a rua Maria Antônia, também na cidade de São Paulo, e faz referência à Usina de Belo Monte, construída na cidade de Altamira, no Pará. Nele, Kobra retrata um índio com uma mira em seu rosto, simbolizando a devastação das terras indígenas causadas pela construção da usina. Sobre o objetivo deste projeto Kobra afirma em entrevista ao canal do YouTube Repórter Eco de 26 de fevereiro de 2018:

“É justamente para falar sobre todos os tipos de agressão do homem ao meio ambiente e aos animais, e aí acabam se encaixando obviamente os povos indígenas, porque nós não temos obviamente o direito de invadir o espaço do próximo por conta das nossas ambições”...“por isso que eu venho utilizando esses murais para falar justamente sobre a união dos povos, sobre paz, sobre preservação do meio ambiente, sobre preservação do mundo animal, porque senão a próxima geração já não vão ter mais várias espécies de animais que estão entrando em extinção justamente por nossa causa, nós vamos ser lembrados como o povo que mais levou animais a extinção na história.”

FIGURA 15: PAINEL ALTAMIRA



Mural “Altamira”, parte de uma série de trabalhos do projeto “Green Pincel”. (Foto Divulgação)

Considerações Finais

Ao concluir esta análise à cerca das implicações sociais e culturais do grafite em São Paulo é possível afirmar, que essa linguagem artística surgiu e se estabeleceu na sociedade, sempre refletindo sua história, e suas condições sociais, políticas e culturais. Cada grafiteiro ao desenvolver sua arte, com frequência o faz chamando a atenção para algum tema que julga relevante, e assim através de imagens propõe reflexões que instigam o pensamento crítico de quem visualiza o grafite, ainda que alguns temas sejam incômodos e polêmicos, mesmo assim são necessários e resguardam o direito à liberdade de expressão garantido por lei em nossa sociedade.

Uma vez que o grafite vai além de meras imagens - pois contém uma mensagem- ele provoca o olhar do indivíduo em sua direção, porque é pensado através de suas cores, formas e proporções para atrair o olhar, e em um momento breve é capaz de comunicar muito mais que um texto escrito, ou seja, contém mensagens que se aparecessem de forma escrita, demandariam mais tempo para serem lidas e compreendidas e não chamariam tanto a atenção das pessoas.

Hoje muitos grafites e praticamente todos os murais são autorizados, e em sua maioria não são mais considerados atos de vandalismo como foi no passado, quando eram confundidos com pichação e ainda não tinha sua intencionalidade bem definida perante as autoridades, que não enxergavam os grafiteiros como artistas, mas sim como vândalos e acreditavam que suas mensagens deveriam ser censuradas, pois embora o que fosse alegado é que o grafite “sujava” a cidade na verdade o que incomodava eram as mensagens transmitidas, que embora ainda hoje sejam incômodas, ganharam força tal diante da sociedade, que já não podem ser suplantadas.

O grafite hoje é considerado arte e muitos grafiteiros adentraram as galerias, e estão neste novo ambiente, sendo aceitos e reconhecidos, sendo que o inverso também ocorreu, e muitos artistas de galerias romperam com padrões sociais e vieram para as ruas comunicar sua arte através dos painéis urbanos, uma vez que perceberam a visibilidade da qual a *street art* vem desfrutando, e que nos espaços externos atinge-se um número muito maior e diverso de pessoas.

Outro aspecto relevante a se concluir, é o de que a *street art* conquistou o mundo, e os grafiteiros brasileiros estão sendo cada vez mais respeitados e admirados pela sua criatividade, talento e ousadia em produzirem murais cada vez maiores, com técnicas e características próprias, à exemplo do grafiteiro Eduardo Kobra, que já pintou

em mais de 30 países, em pontos turísticos e importantes das cidades, sendo muitos destes trabalhos realizados a convite de autoridades governamentais.

Existem em São Paulo hoje, inúmeros grafiteiros novos e talentosos, que se espelham nos grafiteiros de vanguarda, mas que estão desenvolvendo trabalhos muito originais e de uma identidade tão característica, que se faz possível identificar a autoria de um grafite muitas vezes apenas pelo estilo da obra, sem que se precise averiguar a assinatura, isso ocorre por exemplo com Paulo Ito, Binho Ribeiro, Os Gêmeos e Zé Palito entre tantos outros.

Esta linguagem artística conquistou relevância tal, que está inserida hoje na nova grade do curso de licenciatura de Artes Visuais, através da disciplina de Arte Urbana, proporcionando ao futuro professor de Artes, uma linguagem muito rica em possibilidades, tanto para trabalhar suas questões estéticas, quanto qualquer tema do currículo através da representatividade e diversidade das imagens. Existem também diversos projetos, os quais os educadores ensinam a arte de grafitar, com o principal intuito de retirar jovens de situações de risco, devolver-lhes a auto-estima e proporcionar o resgate de sua identidade de cidadãos importantes para construção da sociedade.

Ao concluirmos este panorama sobre a história do grafite em São Paulo, e suas implicações sociais e culturais, percebemos a extrema importância de ressaltar que este se constituiu em meio a inúmeras lutas e perseguições, e uma vez que era considerado crime, os grafiteiros tiveram que enfrentar muitas adversidades e serem duramente combatidos por muito tempo, para só então hoje poderem desfrutar alguma liberdade em relação as suas produções artísticas. Por manifestarem-se contra a opressão imposta pelo regime, por proporem temas polêmicos e chocar não só as autoridades, mas toda sociedade, principalmente as camadas mais altas, é que o grafite figura como forte símbolo de contestação, trazendo em si a marca de uma arte que evoluiu da contracultura a um importante recurso de expressão dos anseios sociais mais latentes e reprimidos.

Referência Bibliográfica

LEITE, Antonio Eleilson. Graffiti em SP: Tendências Contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2013.

FRANCO, Sérgio Miguel. Iconografias da Metrópole: Grafiteiros e pichadores representando o contemporâneo. Dissertação de Mestrado. FAUUSP. São Paulo, 2009.

SILVA, Robson José Romano. Grafite em São Paulo: Entre a comunicação a céu aberto e a comunicação nas galerias de arte. Dissertação de Mestrado. Comunicação e Semiótica-PUC. São Paulo, 2014.

PAIXÃO, Sandro José Cajé da. O meio é a paisagem: pichação e grafite como intervenções em São Paulo. Dissertação de Mestrado. PGEHA-USP. São Paulo, 2011.

DANELUZ, Clarissa Rita. Imagens- Grafite: Processos estéticos e comunicacionais na produção de Bruno Novelli. Dissertação de Mestrado. PPGCCOM/ UNISINOS. São Leopoldo, 2010.

CASTRO, Panmela Silva e. A arte de Anakia Boladona e outras questões sobre o graffiti. Dissertação de Mestrado. CEH/ UERJ. Rio de Janeiro, 2013.

TEÓFILO, A. B. S.; PEREIRA, M. F.; LOPES, V. F. M. Grafite como linguagem: apontamentos teóricos e metodológicos de estudo sobre as interferências do espaço da cidade na manifestação do grafite. Projeto de Iniciação Científica. INTERCOM. Boa Vista- RR, 2011.

WEB SITES

PERCILIA, Eliene. Grafite. Disponível em:
<<https://brasilescola.uol.com.br/artes/grafite.htm>>. Acesso em 01 de set. 2018.

ALBUQUERQUE, Carlos. Pioneiro do grafite no Brasil, Alex Vallauri recebe homenagens. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/pioneiro-do-grafite-no-brasil-alex-vallauri-recebe-homenagens-8099795>>. Acesso em 15 de out. de 2018.

ROCHA, Cristal. Dia do Grafite, uma homenagem a Alex Vallauri. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,dia-do-grafite-uma-homenagem-a-alex-vallauri,12736,0.htm>>. Acesso em: 15 de out. de 2018.

Site G1: Cidade como tela: A explosão do grafite em Nova York. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/04/cidade-como-tela-a-explosao-do-grafite-em-ny.html>>. Acesso em 30 de out. de 2018.

LORENTE, Beatriz. Série de fotos impressionante mostra a Nova York dos anos 70 e 80. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2013/11/serie-de-fotos-impressionante-mostra-a-nova-york-dos-anos-70-e-80/>. Acesso em 30 de out. de 2018.

FRAZÃO, Dilva. Eduardo Kobra: Muralista brasileiro. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/eduardo_kobra/>. Acesso em 16 de out. 2018.

GASPAR, Tamara. A história de força e arte de Eduardo Kobra. Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/bem-estar/eduardo-kobra-muralista-historia-de-forca-e-arte.phtml>>. Acesso em: 09 de jun. 2018.

MARCEL, Denis. Grafite: uma arte milenar que teve início na Roma Antiga. Disponível em: http://www2.uol.com.br/guiadolitoral/materias/grafite_uma_arte_milenar_que_teve_inicio_na_roma_antiga_veja_fotos-3988-2017.shtml. Acesso em 05 de out. de 2018.

Site Oficial Eduardo Kobra. Disponível em: <<http://www.eduardokobra.com>>. Acesso em 05 de mai. 2018.

Site Oficial Fabio Luiz Santos Ribeiro. Disponível em: <<http://www.binhoribeiro.com.br>>. Acesso em 05 de mai. 2018.



MARX E ENGELS, DURKHEIM E WEBER E A EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO NO MUNDO CAPITALISTA¹⁰

Jémerson Quirino de Almeida¹¹

Resumo:

O objeto de estudo deste texto é expor brevemente a produção intelectual dos autores clássicos Marx e Engels; Durkheim e Weber sobre a educação. O objetivo é nos aproximar dos fundamentos básicos da educação para o trabalho na sociedade capitalista na perspectiva dos autores. A discussão se justifica frente à reconfiguração da educação contemporânea no Brasil, voltada para o tecnicismo. Nesse contexto, torna-se ainda mais relevante a retomada do estudo dos clássicos. Marx e Engels, Durkheim e Weber são autores de fundamental relevância, determinantes para pensarmos o fenômeno educativo e podem fomentar uma melhor percepção da atual proposta curricular, pois acreditamos que as alterações em curso na educação brasileira estão estreitamente ligadas ao mundo do trabalho capitalista. Vivenciamos o esvaziamento do compromisso de nossa educação com a elevação intelectual do ser social, em prol do construto de força de trabalho treinada para o mercado capitalista. Assim, compreendemos que a educação para o trabalho é tema de grande mérito para os intelectuais que buscam analisar o papel da escola na sociedade de classes. Desta perspectiva, nosso interesse nesse momento é expor a abordagem dos autores clássicos sobre o tema educação, entendida essa perspectiva como base para se estabelecer relações entre suas abordagens e a educação contemporânea.

Palavras-chave: Ciências Humanas. Educação para o trabalho. Reforma curricular.

MARX AND ENGELS, DURKHEIM AND WEBER AND EDUCATION FOR WORK IN THE CAPITALIST WORLD

Abstract:

The object of study of this text is to briefly expose the intellectual production of the classic authors Marx and Engels; Durkheim and Weber on education. The goal is to approach the basic foundations of education for work in capitalist society from the authors' perspective. The discussion is justified in view of the reconfiguration of contemporary education in Brazil, focused on technicalism. In this context, the resumption of the study of the classics becomes even more relevant. Marx and Engels, Durkheim and Weber are authors of fundamental relevance, decisive for thinking about the educational phenomenon and can foster a better perception of the current curriculum proposal, because we believe that the ongoing changes in Brazilian education are closely linked to the capitalist world of work. We experience the emptying of the commitment of our education to the intellectual elevation of the social being, in favor of the construct of a trained workforce for the capitalist market. Thus, we understand that education for work is a subject of great merit for intellectuals who seek to analyze the role of school in class society. From this perspective, our interest at this moment is to expose the approach of the classical authors on the theme of education, understanding this perspective as the basis for establishing relations between their approaches and contemporary education.

Keywords: Humanities. Education for work. Curriculum Reform.

¹⁰ Uma versão inicial deste texto foi publicada nos anais do 5º Congresso Internacional de Educação do Noroeste Paulista – Aprendizagem e Inovação que ocorreu na cidade de Votuporanga-SP em julho de 2018.

¹¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Mato do Sul - UFMS/Câmpus de Campo Grande, MS. Bolsista CAPES. Professor no Centro Universitário de Jales (Jales-SP); na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Cassilândia-MS) e; no Colégio Ferreira Prado (Jales-SP).Email: jemersonalmeida@yahoo.com.br



Introdução

O objeto de estudo deste texto é expor brevemente a produção intelectual dos autores clássicos Marx e Engels; Durkheim e Weber sobre a educação. O objetivo é nos aproximar dos fundamentos básicos da educação para o trabalho na sociedade capitalista na perspectiva dos autores. Com nessas discussões, podemos refletir e tecer algumas problematizações acerca dos desafios para a promoção da educação no mundo contemporâneo, envolvida pelo processo de mercantilização das relações sociais.

Desta perspectiva, acreditamos que o ponto central do desafio educativo é a leitura do mundo. Assim, compreendemos que o caráter prioritário de uma educação que busca oferecer condições de aprendizagem culturalmente significativa, deve ser conduzido pela busca em oferecer ao estudante condições de elevação intelectual, de forma, a proporcionar, a leitura crítica do mundo à sua volta.

Uma educação que não leve em conta o capital cultural familiar, as desigualdades sociais, e não contemple a diversidade, jamais poderá ser base para a construção de um currículo plural, comum e ao mesmo tempo integrador das especificidades locais. Assim, a crítica que apresentamos não pretende diminuir a importância de uma busca em se elaborar uma base curricular nacional para a educação básica brasileira, mas sim, e antes de tudo, cobrar a real participação de todos na elaboração das propostas educacionais em nosso país.

1. Marx e Engels

Assim, na obra de Marx e Engels a educação pode ser percebida como um instrumento ideológico a serviço da classe dominante. Nesta perspectiva, Marx e Engels compreendem que o capitalismo promoveu a elevação da sujeição do ser humano por meio da alienação do trabalho. Sendo assim, a educação contribui com este processo. No entanto, a leitura dos autores também permite outra possibilidade de interpretação, pois Marx e Engels também veem a educação perpassada pela contradição, uma vez que para Marx e Engels a dominação de uma classe sobre a outra foi socialmente construída, e dessa forma, por meio do enfrentamento entre as classes sociais, se abrem possibilidades concretas de mudanças nas estruturas sociais. Deste modo, pode-se romper com a exploração da classe trabalhadora, assim como conceber-se outras formas de organização social, que não precisem se basear na dominação de uma classe sobre a outra, como foi exposto pelos autores ao longo de suas obras.



Para tal, despertar a consciência de classe entre os trabalhadores é crucial ao projeto revolucionário. Desta maneira, o processo educativo disposto para a classe trabalhadora não poderia deixar de ser objeto de interesse de Marx e Engels. Conforme Rodrigues (2007): “[...] fazendo uma análise empírica (mesmo que não aprofundada) dos filhos dos operários do nascente sistema fabril, identificaram na educação uma das mais importantes formas de perpetuação da exploração de uma classe sobre a outra”. (RODRIGUES, 2007, p. 42).

A análise de Marx e Engels não poderia dar-se de outra forma, tendo em vista as precárias condições da educação à época. Em *O capital*, Marx (1988) aponta a debilidade dos estabelecimentos escolares, criados tão somente para atender as exigências legais: “Durante a elaboração da Lei de 1844, os inspetores de fábricas denunciavam a lamentável situação dos locais, denominados escolas, cujos certificados eles tinham de aceitar como totalmente válidos do ponto de vista legal” (MARX, 1988, p 25). Desta maneira, é evidente que a educação da classe trabalhadora não poderia cumprir outro papel, se não contribuir à perpetuação da exploração dos trabalhadores.

Mesmo nessas condições Marx e Engels, como já afirmado, também percebiam a educação como uma arma revolucionária para a emancipação do trabalhador. Separa-se assim a crítica dos autores em relação à escola disposta aos trabalhadores em seu tempo, do reconhecimento da necessidade e importância da educação para a elevação intelectual do ser social. Corrobora esta afirmativa a própria confecção de alguns textos de Marx e Engels, como o panfleto *Manifesto do Partido Comunista* (2007); e artigos como *Trabalho Assalariado e Capital* (2007) e *Salário, Preço e Lucro* (2010), entre outros, onde, em linguagem direta, tinham como objetivo educar a classe trabalhadora. Somam-se a esses esforços, outras ações como a fundação da Associação dos Operários Alemães de Bruxelas, fundada por Marx e Engels em 1847, para contribuir na formação política dos operários alemães que moravam na cidade de Bruxelas (MARX; ENGELS, 2010, p. 19) e diversas conferências ministradas por Marx nesta mesma associação, como afirmou Engels na introdução para a edição de 1891 do texto *Trabalho Assalariado e Capital*. Com base nisso, é possível perceber o envolvimento direto dos autores com a busca pela formação da consciência teórico-crítica da classe operária.

2. Durkheim

Quanto aos estudos realizados por Émile Durkheim (1965), destacamos *Educação e Sociologia*. Neste texto, observa-se o conceito de educação como um fenômeno social. Para Fouconnet, em Durkheim (1965) o homem é um ser social e, nesse sentido, “o objetivo da

educação é organizar esse ser em cada um de nós” (FOUCONNET, 1965, p.10). Na análise de Durkheim, a educação possui envolve um conjunto de dispositivos sociais que se impõe aos indivíduos. Assim, nos diferentes contextos histórico-sociais, a educação manifesta-se de variadas formas. Segundo Durkheim (1965):

A educação tem variado infinitamente com o tempo e o meio. Nas cidades gregas e latinas, a educação conduzia o indivíduo a subordinar-se cegamente à coletividade, a tornar-se uma coisa da sociedade. Hoje, esforça-se para fazer dêle personalidade autônoma. Em Atenas, procurava-se formar espíritos delicados, prudentes, sutis, embebidos da graça e harmonia, capazes de gozar o pelo e os prazeres da pura especulação; em Roma, desejava-se especialmente que as crianças se tornassem homens de ação, apaixonados pela glória militar, indiferentes no que tocasse à letras e às artes. Na Idade Média, a educação era cristã, antes de tudo; na Renascença toma caráter mais leigo, mais literário; nos dias de hoje, a ciência tende a ocupar o lugar que a arte outrora preenchia. (DURKHEIM, 1965, p. 35).

A partir da premissa de que os jovens são educados pelos mais velhos, Durkheim compara os sistemas educativos. O autor sustenta que a educação não resulta de um desenvolvimento espontâneo: “A educação não se limita a desenvolver o organismo, no sentido indicado pela natureza, ou a tornar tangíveis os elementos ainda não revelados, embora à procura de oportunidade para isso. Ela cria no Homem um ser novo” (DURKHEIM, 1965, p. 42). Nesta perspectiva, para Durkheim a educação tem um caráter inovador, e a escola é a instituição que deve desenvolver a criança, de forma que alcance a maturidade, para se estabelecer a harmonia na vida social. Não caberia falar, portanto, numa educação para além daquela que torna possível a reprodução do ser social.

3. Max Weber

Outro autor clássico que se dedicou a compreensão do fenômeno educativo foi Max Weber (2002). Weber dilata o conceito de educação, concebendo-o no âmbito da educação religiosa; carismática; familiar; filosófica; literária; política e especializada. Em Weber, a educação é percebida na sua dimensão sociológica, política e religiosa. Dentre as contribuições de Weber, destacamos a concepção de que a educação é o caminho pelo qual se transmitem conhecimentos especializados. Nesse sentido, a educação cumpre um papel importante frente ao processo de racionalização da vida social e burocratização política:



Quando ouvimos, de todos os lados, a exigência de uma adoção de currículos regulares e exames especiais, a razão disso é, decerto, não uma ‘sede de educação’ surgida subitamente, mas o desejo de restringir a oferta dessas posições e sua monopolização pelos donos dos títulos educacionais. Hoje, o ‘exame’ é o meio universal desse monopólio e, portanto, os exames avançam irresistivelmente. Como a educação necessária à aquisição do título exige despesas consideráveis e um período de espera de remuneração plena, essa luta significa um recuo para o talento (carisma) em favor da riqueza, pois os custos ‘intelectuais’ dos certificados de educação são sempre baixos, e com o crescente volume desses certificados os custos intelectuais não aumentam, mas decrescem. (WEBER, 1974, p. 279).

Desse modo, se educar passou a ser fundamental para a vida em sociedade, uma vez que a especialização pode definir um posicionamento social, tal perspectiva se distancia das indagações postas por Durkheim e Marx, sobre o papel da educação. Como aponta Rodrigues (2007):

A educação, para Weber, não é mais, então, a preparação para que o membro do todo orgânico aprenda sua parte no comportamento harmônico do organismo social, como propôs Durkheim. Nem é tampouco vista como possibilidade de emancipação com base na ruptura com a alienação, como propôs Marx. Ela passa a ser, na medida em que a sociedade se racionaliza, historicamente, um fator de estratificação social, um meio de distinção, de obtenção de honras, de prendas, de poder e dinheiro. (RODRIGUES, 2007, p. 66).

Assim, é inegável a distinção entre as interpretações acerca do fenômeno educativo, presente nas leituras dos autores clássicos: Marx e Engels; Durkheim e Weber. Da mesma forma, esses autores atuaram como intelectuais engajados com o processo educativo em seu tempo, e ainda exercem significativa influência no desenvolvimento de pesquisas na área da educação, bem como estão presentes na fundamentação das políticas públicas para a educação e na concepção de sistemas educacionais de diversas redes (privadas e públicas) de ensino no mundo contemporâneo. Nessa perspectiva, acreditamos que os autores clássicos nos permitem melhor compreender os atuais nuances que culminaram nas atuais diretrizes para a educação no Brasil, como as postas em curso por meio da BNCC em 2017.

Considerações Finais

A breve exposição das perspectivas dos autores Marx e Engels; Durkheim e Weber sobre a educação nos permite perceber a relevância dada à instrução articulada ao mundo do trabalho, presente em suas obras. Com base nisso, entendemos a educação para o trabalho como elemento essencial para a constituição do ser social. Desta maneira, distinguimos o trabalho histórico-



ontológico socialmente significativo que buscamos para a humanidade, do trabalho degradante e precarizado oriundo do desenvolvimento do capital, que se impõe, hoje, à maior parte dos trabalhadores.

Na atual forma de organização social capitalista, o indivíduo tem seu valor mensurado de acordo com o emprego de sua força de trabalho. A naturalização dessa forma de relação social de trabalho releva a segundo plano a dimensão criativa e transformadora do labor humano. Com base nessa premissa do trabalho alienado, a educação vem buscando as avessas atender as expectativas do mundo do trabalho enquanto criador de valor de troca e, não, da ontologia do ser social.

Ao analisamos as políticas públicas voltadas para a educação no Brasil que se materializaram nos últimos anos, em especial na reconfiguração posta na BNCC de 2017, percebemos que o interesse em educar está voltado em desenvolver suficientemente os indivíduos para serem aptos a atender as expectativas do mercado de trabalho. As disciplinas de ciências humanas parecem deixadas de lado, ao passo que deixamos de considerar os valores essenciais para a constituição dos próprios trabalhadores enquanto homens.

Acreditamos que a forma de trabalho que devemos incorporar nas escolas não deve ser tecnicista. O trabalho como princípio educativo tem por finalidade formar o ser social, combater e erradicar a segregação, a desigualdade social e a exploração dos trabalhadores. Para tal, faz-se necessário a presença das obras clássicas e seu estudo no processo de escolarização, dando acesso ao aluno a instrumentos que lhes oportuna reflexão crítica sobre a realidade na qual se encontra inserido.

Referências

DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. Trad. Lourenço Filho. 11.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FAUCONNET, Paul. **A obra pedagógica de Durkheim**. In: DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. Trad. Lourenço Filho. 11 .ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978. p.5-31.

MARX, Karl. ; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: Feuerbach - A contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista**. Trad. Frank Müller. 3ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2010.

_____. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2007.

MARX, Karl. **O capital: Crítica da Economia Política**. Vol. I, Tomo I. Coleção os economistas. Trad. Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. 6.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Trad. Waltensir Dutra. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.



O DIREITO À OBEDIÊNCIA. ESCOLA SEM (?) PARTIDO

José Renato Barbosa

Quando as coisas ficarem muito pesadas, me chame de
'hélio', o gás mais leve que existe...

Jimi Hendrix

Em vez de tomar a palavra, gostaria de estar à sua
mercê e de ser levado muito para lá de todo o começo possível.
Michel Foucault

Resumo:

O intento deste artigo será discorrer, à luz da análise do discurso, as proposituras do anteprojeto de lei cujo objetivo é legitimar a “Escola sem Partido”. Acredita-se que o mesmo possua, em sua essência, um mascaramento de interesses a fim de combater uma suposta doutrinação, impingindo a todos uma outra. Para efetuar esta empresa, além da abordagem do corpo do anteprojeto que pretende transformar em legislação o referido; conta-se com o aporte teórico dos professores Fernandes, Freitas e Orlandi, a fim de elucidar o conceito de análise do discurso; bem como, far-se-á uma contraposição da proposição legislativa frente à LDB – esta, entendida como lei maior do país, no campo da educação. Constata-se a importância do respaldo teórico de Foucault e Perrenoud além de adicionar o conceito de “distopia”, presente na obra de Orwell.

Abstract

The purpose of this article will be to discuss, in light of the analysis of the discourse, the proposals of the draft law whose purpose is to legitimize the "School without Party". It is believed that it has, in essence, a masking of interests in order to combat an alleged indoctrination, imposing on everyone another. To carry out this company, in addition to the approach of the body of the draft that intends to transform into legislation the aforementioned; is counted on the theoretical contribution of teachers Fernandes, Freitas and Orlandi, in order to elucidate the concept of discourse analysis; as well as a counterbalance of the legislative proposal before the LDB - this one, understood as the major law of the country, in the field of education. The importance of the theoretical support of Foucault and Perrenoud is confirmed, as well as the concept of "dystopia" in Orwell's work.

1. A crise de ideologias

A contemporaneidade é marcada em seu cotidiano com a expressão “crise de ideologias”. Termo que traz em si certa dose de imprecisão, no sentido de não apontar o cerne do problema. Pode aludir a uma crítica àquilo que, genericamente – e de tom pejorativo –, nominou-se “direita” e “esquerda”. Terminologias com as quais, identificam-se pensamentos conservadores, no caso da primeira e progressistas na segunda.

O horror causado pelo nazismo, representando a “direita” e o malogro do stalinismo, nomeado como “esquerda”, polarizam o tema num debate que tende ao maniqueísmo, com apologias eloquentes de ambos, cuja tendência é um debate inóspito e vazio, com altas doses de fundamentalismo.

O que se espera? Evidente, aquilo que nos foi ensinado pelo filósofo Aristóteles: “*Áurea mediocridade*”¹, o equilíbrio, a justa mediação.

2. O Projeto de Lei 867/2015: A Escola sem partido

Justamente nesse estado de coisas nos encontramos. Em meio a ele, busca-se elidir um debate acerca dos preceitos do “Escola sem Partido”, produzido de acordo com o indicado acima.

Em seu Artigo 1º, Inciso I, o anteprojeto de lei fala em “neutralidade política, ideológica e religiosa de Estado”.

Portanto, qual o significado semântico do termo “ser neutro”? A princípio, não escolher nenhuma premissa a partir da qual possa executar seu trabalho.

“Não é possível formar professores sem fazer escolhas ideológicas. Conforme o modelo de sociedade e de ser humano que defendemos, não atribuiremos as mesmas finalidades à escola e, portanto, não definiremos da mesma maneira o papel dos professores”. (Perrenoud.2002 p.12)

Não é possível realizar qualquer tarefa sem uma opção de princípios éticos, estéticos, políticos ou ideológicos. É aceitável escolher a neutralidade? Quer dizer, faz sentido caminhar sem escolher um parâmetro com o qual dirigir-se-á para este ou aquele lugar?

Qual é o peso de uma vida sem ideologia, opção política e religiosa?

Faz-se necessário, inicialmente, elucidar estes três conceitos.

Ideologia pode ser explicada, de forma genérica, como: um conjunto de ideias a partir das quais produz-se um ponto de vista que suscita uma discussão. É construir um mundo de conceitos dentro do qual organizar-se-ão ações. Em qualquer circunstância, estas ações necessitam de uma escolha ideológica. Não é possível agir a partir da neutralidade, do nada.

¹ Expressão cunhada pelo filósofo na obra “Ética a Nicômaco”. Citada de “OBRAS ESCOLHIDAS. VÁRIOS AUTORES”. Coleção “Os Pensadores”. Editora Abril, São Paulo, 1978. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bonrheim.



O termo política origina-se de polis; comunidades instituídas na Grécia Antiga, caracterizadas pela autonomia, com governo, leis e culturas próprias. Administrá-las, governa-las demandava um exercício cujo significado é o “*fazer política*”. Portanto, o conceito política é por demais amplo e denso, denota toda e qualquer ação ou escolha, a fim de gerir projetos, ações, execuções, quer no âmbito público e até mesmo no privado.

Religião é um conceito que de antemão nos leva à crença. Todavia, um credo não é, inevitavelmente, unido a uma doutrina. É possível crer sem vincular-se a uma doutrina.

Voltando ao anteprojeto: o Inciso II, diz: “pluralismo de ideias no ambiente acadêmico”. Uma questão inicial acerca do tema: como proceder com pluralismo sem ideologia política, por exemplo?

No Inciso III fala-se de “liberdade de consciência e de crença”, novamente a pergunta anterior faz sentido.

Inciso IV: “liberdade de ensinar e de aprender”. A princípio, diga-se vagos, sem opções político-ideológicas.

No posterior, diz: “reconhecimento da vulnerabilidade do educando como parte mais fraca na relação de aprendizado”. Cabe o questionamento: o que se pretende ao afirmar que o educando é vulnerável? Ainda: o ensino-aprendizagem deve-se constituir de partes fraca e forte?

Inciso VI: “educação e informação do estudante quanto aos direitos compreendidos em sua liberdade de consciência e de crença”. Pergunta-se: é papel da escola dar informação ou conhecimento? Informar é educar? Educar é construir conhecimentos, os quais são muito maiores que a informação.

Vale também outra indagação: no geral, a escola tem ferido as liberdades de consciência e crença dos estudantes? Quais os indicativos para essa assertiva?

Por fim, o Inciso VII: “direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções”. Parece existir uma confusão conceitual, quanto aos conceitos moral e ética.

A moral é de caráter particular, específico de um povo, de uma cultura, de um tempo. De propósito universal, a ética deve nortear princípios e ações no mundo. Logo, a preocupação da instituição de ensino deve ser ética. Além disso, supõe-se, nunca haver indisposição de respeitar valores morais e religiosos. Todavia, há um ímpeto em combater a intolerância e o desrespeito aos mesmos.



Diz o parágrafo único: “O Poder Público não se imiscuirá na orientação sexual dos alunos nem permitirá qualquer prática capaz de comprometer ou direcionar o natural desenvolvimento de sua personalidade, em harmonia com a respectiva identidade

biológica de sexo, sendo vedada, especialmente, a aplicação dos postulados da ideologia de gênero”. (Proposta do anteprojeto da Escola sem Partido, 2015)

Parece haver uma acusação subliminar de existir nas instituições de ensino um proposital direcionamento de personalidade, no que diz respeito à sexualidade. Carece de objetividade comprobatória.

Usa-se o termo “ideologia de gênero” sem precisão semântica.

Em seu Artigo 2º enfatiza: “ São vedadas, em sala de aula, a prática de doutrinação política e ideológica bem como a veiculação de conteúdo ou a realização de atividades de cunho religioso ou moral que possam estar em conflito com as convicções dos pais ou responsáveis pelos estudantes”.

A princípio, é válido perguntar: a exposição de um determinado conteúdo, constante no plano de ensino, nos planos de aula do educador, construído durante o planejamento escolar do ano letivo em questão, se apresentada, é doutrinação? O que faz de determinado tema uma doutrinação e de outro apenas exposição? Conflitar ideias, debater, deve ser peça essencial do processo ensino-aprendizagem.

Quem deve estabelecer o que ensinar? Os especialistas em educação, o corpo docente ou os responsáveis e corpo discente?

Quem deve tratar a patologia, o médico ou o paciente?

No terceiro artigo – em toda sua extensão – a propositura alude a tudo aquilo que os educadores – na acepção da palavra – defendem e sempre defenderam. Não há mister de nova legislatura, para ensinar-lhes o que sabem e praticam.

No quinto artigo afirma-se: “ Professores, estudantes e pais ou responsáveis serão informados e educados sobre os limites éticos e jurídicos da atividade docente, especialmente no que tange aos princípios referidos no art. 1º desta Lei”. Pergunta inicial: O que se entende por limite ético e jurídico da atividade docente? Existem legislação e estatuto que conduzem a vida do professor. Por outro lado, se se pretende modificar os “limites éticos e jurídicos” do educador, o mesmo não deve ser consultado?

Preocupante: no sexto artigo, determina-se que no descumprimento da propositura da lei “serão dirigidas, sob garantia de anonimato, à Secretaria de Educação, e encaminhadas, sob pena de responsabilidade, ao órgão do Ministério Público incumbido da defesa dos interesses da criança

e do adolescente”. Não se está a propor um clima de denunciismo e perseguição sombria, próprios de regime de exceção?

“Artigo sete: O disposto nesta Lei aplica-se, no que couber:

I - às políticas e planos educacionais;

II - às propostas curriculares;

III - aos livros didáticos e paradidáticos;

IV - às avaliações para o ingresso no ensino superior;

V - às provas de concurso para ingresso na carreira docente e aos cursos de formação de professores;

VI - às instituições de ensino superior, respeitado o disposto no art. 207 da Constituição Federal”. (Proposta do anteprojeto da Escola sem Partido. 2015)

Há, no mínimo, indícios de vilipêndio da liberdade de cátedra.

Quanto ao tema: “Deveres do Professor”, seguem os ditames:

I - O Professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos, para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias.

II - O Professor não favorecerá, não prejudicará e não constrangerá os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas.

III - O Professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas.

IV - Ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e seriedade –, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito.

V - O Professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.

VI - O Professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de estudantes ou terceiros, dentro da sala de aula. (Proposta do anteprojeto da Escola sem Partido. 2015)

Cabe, novamente, perguntar: Esse não tem sido o papel e o trabalho dos educadores, compromissados com o ensino-aprendizagem? A resposta é afirmativa.

Em sua justificativa, o anteprojeto afirma:

“É fato notório que professores e autores de livros didáticos vêm-se utilizando de suas aulas e de suas obras para tentar obter a adesão dos estudantes a determinadas correntes políticas e ideológicas; e para fazer com que eles adotem padrões de julgamento e de conduta moral – especialmente moral sexual – incompatíveis com os que lhes são ensinados por seus pais ou responsáveis.

Diante dessa realidade – conhecida por experiência direta de todos os que passaram pelo sistema de ensino nos últimos 20 ou 30 anos –, entendemos que é necessário e urgente adotar medidas eficazes para prevenir a prática da doutrinação política e ideológica nas escolas, e a usurpação do direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.

Trata-se, afinal, de práticas ilícitas, violadoras de direitos e liberdades fundamentais dos estudantes e de seus pais ou responsáveis, como se passa a demonstrar:

1 - A liberdade de consciência – assegurada pelo art. 5º, VI, da Constituição Federal – compreende o direito do estudante a que o seu conhecimento da realidade não seja manipulado, para fins políticos e ideológicos, pela ação dos seus professores;

2 - O caráter obrigatório do ensino não anula e não restringe a liberdade de consciência do indivíduo. Por isso, o fato de o estudante ser obrigado a assistir às aulas de um professor implica para esse professor o dever de não utilizar sua disciplina como instrumento de cooptação político-partidária ou ideológica;

3 - Ora, é evidente que a liberdade de consciência dos estudantes restará violada se o professor puder se aproveitar de sua audiência cativa para promover em sala de aula suas próprias concepções políticas, ideológicas e morais;

4 - Liberdade de ensinar – assegurada pelo art. 206, II, da Constituição Federal – não se confunde com liberdade de expressão; não existe liberdade de expressão no

exercício estrito da atividade docente, sob pena de ser anulada a liberdade de consciência e de crença dos estudantes, que formam, em sala de aula, uma audiência cativa;

5 - De forma análoga, não desfrutam os estudantes de liberdade de escolha em relação às obras didáticas e paradidáticas cuja leitura lhes é imposta por seus professores, o que justifica o disposto no art. 8º, I, do projeto de lei;

6 - Além disso, a doutrinação política e ideológica em sala de aula compromete gravemente a liberdade política do estudante, na medida em que visa a induzi-lo a fazer determinadas escolhas políticas e ideológicas, que beneficiam, direta ou indiretamente as políticas, os movimentos, as organizações, os governos, os partidos e os candidatos que desfrutam da simpatia do professor;

7 - Sendo assim, não há dúvida de que os estudantes que se encontram em tal situação estão sendo manipulados e explorados politicamente, o que ofende o art. 5º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), segundo o qual “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de exploração”;

8 - Ao estigmatizar determinadas perspectivas políticas e ideológicas, a doutrinação cria as condições para o bullying político e ideológico que é praticado pelos próprios estudantes contra seus colegas. Em certos ambientes, um aluno que assume publicamente uma militância ou postura que não seja a da corrente dominante corre sério risco de ser isolado, hostilizado e até agredido fisicamente pelos colegas. E isso se deve, principalmente, ao ambiente de sectarismo criado pela doutrinação;

9 - A doutrinação infringe, também, o disposto no art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente, que garante aos estudantes “o direito de ser respeitado por seus educadores”. Com efeito, um professor que deseja transformar seus alunos em réplicas ideológicas de si mesmo evidentemente não os está respeitando;

10 - A prática da doutrinação política e ideológica nas escolas configura, ademais, uma clara violação ao próprio regime democrático, na medida em que ela instrumentaliza o sistema público de ensino com o objetivo de desequilibrar o jogo político em favor de determinados competidores;

11 - Por outro lado, é inegável que, como entidades pertencentes à Administração Pública, as escolas públicas estão sujeitas ao princípio constitucional da impessoalidade, e isto significa, nas palavras de Celso Antonio Bandeira de Mello (Curso de Direito Administrativo, Malheiros, 15ª ed., p. 104), que “nem favoritismo nem perseguições são toleráveis. Simpatias ou animosidades pessoais, políticas ou ideológicas não podem interferir na atuação administrativa e muito menos interesses sectários, de facções ou grupos de qualquer espécie.”;

12 - E não é só. O uso da máquina do Estado – que compreende o sistema de ensino – para a difusão das concepções políticas ou ideológicas de seus agentes é incompatível com o princípio da neutralidade política e ideológica do Estado, com o princípio republicano, com o princípio da isonomia (igualdade de todos perante a lei) e com o princípio do pluralismo político e de ideias, todos previstos, explícita ou implicitamente, na Constituição Federal;

13 - No que tange à educação moral, referida no art. 2º, VII, do projeto de lei, a Convenção Americana sobre Direitos Humanos, vigente no Brasil, estabelece em seu art. 12 que “os pais têm direito a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções”;

14 - Ora, se cabe aos pais decidir o que seus filhos devem aprender em matéria de moral, nem o governo, nem a escola, nem os professores têm o direito de usar a sala de aula para tratar de conteúdos morais que não tenham sido previamente aprovados pelos pais dos alunos;

15 - Finalmente, um Estado que se define como laico – e que, portanto, deve ser neutro em relação a todas as religiões – não pode usar o sistema de ensino para promover uma determinada moralidade, já que a moral é em regra inseparável da religião;

16. Permitir que o governo de turno ou seus agentes utilizem o sistema de ensino para promover uma determinada moralidade é dar-lhes o direito de vilipendiar e destruir, indiretamente, a crença religiosa dos estudantes, o que ofende os artigos 5º, VI, e 19, I, da Constituição Federal.

Ante o exposto, entendemos que a melhor forma de combater o abuso da liberdade de ensinar é informar os estudantes sobre o direito que eles têm de não ser doutrinados por seus professores, a fim de que eles mesmos possam exercer a defesa desse direito, já que, dentro das salas de aula, ninguém mais poderá fazer isso por eles.

Nesse sentido, o projeto que ora se apresenta está em perfeita sintonia com o art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que prescreve, entre as finalidades da educação, o preparo do educando para o exercício da cidadania. Afinal, o direito de ser informado sobre os próprios direitos é uma questão de estrita cidadania.

Note-se por fim, que o projeto não deixa de atender à especificidade das instituições confessionais e particulares cujas práticas educativas sejam orientadas por concepções, princípios e valores morais, às quais reconhece expressamente o direito de veicular e promover os princípios, valores e concepções que as definem, exigindo-se, apenas, a ciência e o consentimento expressos por parte dos pais ou responsáveis pelos estudantes.

Por uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar.

O Programa Escola sem Partido é uma proposta de lei que torna obrigatória a afixação em todas as salas de aula do ensino fundamental e médio de um cartaz (com os deveres dos professores).

Esses deveres já existem, pois decorrem da Constituição Federal e da Convenção Americana sobre Direitos Humanos. Isto significa que os professores já são obrigados a respeitá-los – embora muitos não o façam, sob pena de ofender: a liberdade de consciência e de crença e a liberdade de aprender dos alunos (art. 5º, VI e VIII; e art. 206, II, da CF); o princípio constitucional da neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado (arts. 1º, V; 5º, caput; 14, caput; 17, caput; 19, 34, VII, ‘a’, e 37, caput, da CF); o pluralismo de ideias (art. 206, III, da CF); e o direito dos pais dos alunos sobre a educação religiosa e moral dos seus filhos (Convenção Americana sobre Direitos Humanos, art. 12, IV).

Portanto, o único objetivo do Programa Escola sem Partido é informar e conscientizar os estudantes sobre os direitos que correspondem àqueles deveres, a fim de que eles mesmos possam exercer a defesa desses direitos, já que dentro das salas de aula ninguém mais poderá fazer isso por eles”. (Proposta do anteprojeto da Escola sem Partido. 2015)

Cabe ressaltar: no item quatro, condena-se a liberdade de expressão do professor, no exercício da atividade docente. Pois bem, em qualquer profissão ou ofício, num determinado momento, lhe é pedida sua opinião acerca de um tema. É possível se eximir da resposta?

Todavia, no “calor da aula”, quando o estudante pede a posição de seu professor, na maioria das vezes por tê-lo como uma referência, não é contraproducente, para não dizer desrespeitoso, omitir-se? Em tempo, como qualquer pessoa, supõe-se que o educador seja dotado de opiniões e tenha o sagrado e legítimo direito de externá-las. Óbvio, cabe avaliar o momento em que se possa ou deva fazê-lo e como realiza-lo.

Depois de toda a transcrição do anteprojeto, é pertinente uma pergunta: Tudo isso é válido se os professores defenderem os mesmos preceitos, ideologias, partidos e convicções religiosas dos autores da proposta?

3. Análise do Discurso.

Inicialmente pretende-se definir “discurso”.

“Discurso, como uma palavra corrente no cotidiano da língua portuguesa, é constantemente utilizada para efetuar referência a pronunciamentos políticos, a um texto

construído a partir de recursos estilísticos mais rebuscados, a um pronunciamento marcado por eloquência, a uma frase proferida de forma primorosa, à retórica, e muitas outras situações de uso da língua em diferentes contextos sociais”. (Fernandes. 2008. P.11)

Assim, discurso necessita, atestado por Fernandes, de uma “exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística”.

É constante num discurso aspectos ideológicos, sentidos que se pretenda apresentar para uma determinada afirmação. Não é o que se diz; todavia, como se diz, para que se diz e para quem se quer dizer.

Além disso, o fator histórico ajuda a compor o escopo desse problema. Determinados períodos da História caracterizam-se por um discurso. Essa discursividade pode modificar-se num outro dado momento.

Os discursos, portanto, não são fixos e imutáveis, acompanham mudanças sociais, políticas e mesmo culturais.

“ A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática da linguagem: com estudo do discurso observa-se o homem falando”. (Orlandi, 1999, p.15)

“Analisar o discurso, implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. A ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens”. (Fernandes. 2008, p.14).

Como sustenta Fernandes (2008) “os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução”; assim, “uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam”.

Sabemos que a língua se insere na História e seus processos constituem sentidos. Analisar esses sentidos, é o propósito.

“O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo”, diz-nos Pêcheux, conclui: “é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”. (Pêcheux. 1997. apud. Fernandes 2008, p.15).

É mister considerarmos as condições histórico-sociais que envolvem a produção do discurso. Exterior à língua e objeto de investigação, traz consigo conflitos da própria existência em vida social. É a materialização da língua.

Definidor de um embate, alocação, posições de sujeitos, de grupos sociais; disputa de territórios antagônicos, é a ideologia. A marca ideológica de cada um dos sujeitos em questão. Os discursos são realizados no calor da História, no momento em que se operam.

Como explica Robin (1973):

“...busca-se verificar, a partir de enunciados efetivamente produzidos em determinada época e lugar, as condições de possibilidade do discurso que esses enunciados integram. Isto equivale a dizer que as transformações históricas nos possibilitam a compreensão da produção dos discursos, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão”. (Apud Fernandes. 2008. p.17)

Salientando também que Fernandes ao falar em sujeito não se está a falar em indivíduo, todavia, como ser social, integrado ao meio, parte dele. Sua voz revela os lócus social e ideológico no qual se insere. Expressa um aglutinado de outras vozes integrantes de uma realidade histórica e social.

É fundamental reportar-se ao conceito de *polifonia* discorrido por Fernandes, onde a voz desse sujeito é construída no decorrer de várias outras vozes sociais, inseridas num contexto.

“Assim, o sujeito e o discurso resultam da interação social estabelecida com diferentes segmentos em um mesmo ou em diferentes âmbitos sociais; daí o entrelaçamento de diferentes discursos na constituição do sujeito discursivo., o que nos leva, com Bakhtin, a constatação de que o sujeito é polifônico. A linguagem será apreendida sempre em uma situação social, e histórica, na qual e com a qual os sujeitos constituem-se pela interação social; o “eu” e o “outro” são inseparáveis e a linguagem possibilita-lhes a interação”. (Fernandes. 2008, p.26 e 27).

Acrescenta Foucault:

“...a análise do discurso não vai revelar a universalidade de um sentido, mas trazer à luz do dia a raridade que é imposta e com um poder fundamental de afirmação. Raridade e afirmação – e de maneira nenhuma uma generosidade contínua do sentido ou uma monarquia do significante”. (Foucault. 1970. P.19).

a) Distopia

Thomas Morus, no século XVI, cunhou o termo *utopia* da obra homônima². O livro fala de um lugar idílico, caracterizado pela fartura e a comunhão de todos.

Do ponto de vista semântico, o termo designa: não-lugar; um lugar inexistente. *Tópus*, do grego, significa lugar. O prefixo ‘U’, na língua helênica, denota negação. Portanto, lugar nenhum.

O conceito passou a ter a conotação de “sonho inatingível”, “algo irrealizável”; conservando a ideia de algo muito bom. Em oposição ao conceito de “*utopia*”, elidiu-se o termo “*distopia*”. O prefixo “*dys*” adicionado a palavra “*Tópus*”, logo, distopia, lugar ruim.

O conceito passou, portanto, a estabelecer visões de mundo opostas às aquelas maravilhosas. Herbert George Wells, Aldous Huxley e George Orwell, estão entre os principais autores.

² MORUS, Thomas. Utopia; Prefácio: João Almino; Tradução: Anah de Melo Franco. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004.

A título de ilustração considera-se pertinente rememorar a excelente obra intitulada 1984 de George Orwell³. Escrita no ano de 1948, a mesma apresenta um mundo massacrado pelo autoritarismo. Tudo e todos eram monitorados pelas “teletelas”, além disso, havia a “*polícia do pensamento*”; ou seja, um ambiente de total vigilância.

Todos eram obrigados a praticar o “*minuto do ódio*”, dirigido ao inimigo maior: Gladstone. Permanentemente chegavam notícias do aumento de produção e consumo, ainda que nas casas, mesas e pratos não se verificasse o fato. Todavia, todos aceitavam.

O personagem principal – Winston – escreve um diário, escondido da vigilância; possui reflexão e, óbvio, não aceita o horror. O personagem trabalha no jornal, com a tarefa de receber as notícias e distorcê-las. Além disso, é destacado para a equipe que produz o “*Novilíngua*”, novo dicionário, cujo objetivo é fazer as pessoas falarem e escreverem sem a necessidade de pensar.

A alusão é pertinente, na medida em que pleiteia-se demonstrar toda a arquitetura autoritária que reveste o supracitado anteprojeto de lei.

“Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. Isto vale a qualquer sociedade, mas creio que na nossa as relações entre poder, direito e verdade se organizam de uma maneira especial”. (Foucault. 1982. P.179-180)

3- A Lei 9394/96 - A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Abaixo serão destacados alguns artigos da LDB que se considera relevantes para a abordagem do tema e alguns comentários acerca dos mesmos.

TÍTULO I

Da Educação

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.



§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (LDB. 1996)

³ George Orwell (1903-1950), pseudônimo de Eric Arthur Blair, nascido na Índia Britânica, foi escritor, jornalista ensaísta político. Autor dentre outros de “1984”.

Em tempo: a lei maior que rege a educação brasileira, atenta para a relação escola-família, no entanto, salienta que a formação acadêmica é de responsabilidade da instituição de ensino.

TÍTULO II

Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB. 1996)

Fica evidente, a urgência do pleno exercício de escolha e de ação.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideais e de concepções pedagógicas;

IV - Respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V - Coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII - valorização do profissional da educação escolar;

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX - Garantia de padrão de qualidade;

X - Valorização da experiência extraescolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

XII - consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 13)

XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (Incluído pela Lei nº 13.632, de 2018) (LDB. 1996)

Portanto, torna-se nítida e evidente a negativa veemente à intolerância a que se propõe o anteprojeto de lei.

TÍTULO IV

Da Organização da Educação Nacional

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

I - Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II –elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

III - zelar pela aprendizagem dos alunos;

VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. (LDB. 1996)

Ressaltamos alguns incisos do artigo supracitado, a fim de elucidar na lei maior, a responsabilidade do educador, quanto ao que ensinar. Além de enfatizar a relação escola-família.

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. (LDB. 1996)

Nesse aspecto, o artigo acima inviabiliza um propósito impositivo como o do referido anteprojeto que, ao que tudo indica, pretende emoldurar ações, finalidades e escolhas.

TÍTULO V CAPÍTULO II DA EDUCAÇÃO BÁSICA Art. 26 Seção I

§ 1º Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

§ 9º Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente serão incluídos, como temas transversais, nos currículos escolares de que trata o caput deste artigo, tendo como diretriz a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), observada a produção e distribuição de material didático adequado. (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Lei 10.639/03)

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

Art. 27. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

I - A difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II - Consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III - orientação para o trabalho;

IV - Promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008) Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado



o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. (Redação dada pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997) (LDB. 1996)

Fica explícito nos trechos acima citados que o ensino deve ser embasado em vários princípios. Vale novamente destacar o “respeito à liberdade e o apreço à tolerância” retomados aqui para elucidar a necessidade de conhecer e compreender diversos modos de ser e de se viver em sociedade. Conhecimento e compreensão em todos os seus aspectos – tanto sociais, culturais e biológicos – que são a base para se conviver com respeito às diferenças, à diversidade e a individualidade.

CAPÍTULO IV DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade.

No capítulo acima, permite-se a possibilidade de se ponderar que as proposituras do citado anteprojeto, de antemão, estariam a ferir ou ignorar a LDB, no sentido de um engessamento das ações.

À guisa de ilustração, escolheu-se os artigos, parágrafos e incisos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 20.12.1996, pois os mesmos constituem-se como importantes elementos nesse mosaico de questões.

Oportuno recordar: esta lei foi redigida sob os ventos da abertura política e da Constituição de 1988, do retorno das eleições gerais para presidente da república e, sobretudo para sepultar a anterior, cujo odor de enxofre aludia aos “anos de chumbo” do período da ditadura militar.

Notoriamente, a atual LDB estabelece como preceitos básicos a pluralidade, o debate, a tolerância, a alteridade e o respeito às diferenças.

Mais uma vez: parece contraditória a propositura do anteprojeto de lei, ao pleitear o contrário.



“Contra as usurpações da mecânica disciplinar, contra a ascensão de um poder ligado ao saber científico, estamos hoje numa situação tal que o único recurso aparentemente sólido que nos resta é exatamente o recurso ou o retorno a um direito organizado em torno da soberania. Quando se quer objetar algo contra as disciplinas e todos os efeitos de poder e de saber que lhes são vinculados, o que se faz concretamente, o que faz o sindicato da magistratura e outras instituições semelhantes senão invocar precisamente este direito, este famoso direito formal, dito burguês, que nada mais é do que o direito da soberania? Creio, porém, que chegamos assim a uma espécie de beco sem saída: não é recorrendo à soberania contra a disciplina que os efeitos do poder disciplinar poderão ser limitados, porque soberania e disciplina, direito da soberania e mecanismos disciplinares são duas partes intrinsecamente constitutivas dos mecanismos gerais do poder em nossa sociedade. Na luta contra o poder disciplinar, não é na direção do velho direito de soberania que se deve marchar, mas na direção de um novo direito antidisciplinar e, ao mesmo tempo, liberado do princípio de soberania”. (Foucault. 1982. p. 190)

Considerações Finais

A busca pela assertiva de Aristóteles para embasar o agrupamento das questões aqui suscitadas se dá no sentido aglutiná-las e “catalogá-las”. Do caos busca-se a luz.

A partir das ponderações e objeções aqui elencadas, quando da apresentação do anteprojeto, enriquecidas pelas reflexões acerca das definições fundamentais da Análise do Discurso, fortalece o aporte teórico para inferir essa propositura amalgamada pela própria legislação maior – no caso a Constituição Federal e a LDB –, buscando ajustar a extensão do problema.

Salientando a essência distópica do empobrecimento do ensino, até a perda completa do domínio da linguagem e de sua apropriação, corroborando para a impossibilidade do posicionamento, do questionamento, da crítica e da reflexão.

Entende-se pertinente adicionar à questão uma rápida lembrança da distopia orwelliana, na medida em que alude aos comandados pelo autoritarismo, vigilância e punição extremas, os quais “explodem” num discurso vazio e irracional de ódio; portanto contrários aos princípios propalados pela Constituição Federal do Brasil reiterados na LDB.

Voltando novamente para a Análise do Discurso, a fim de ressaltar que essa voz não é única. São vozes, aglutinadas em torno de um interesse, de um projeto de poder.

“...O que será colocado em prática depende da luta política e dos recursos econômicos. Mesmo no caso de nos dirigirmos a uma sociedade planetária, dominada por algumas grandes potências, as finalidades da educação continuam sendo uma questão nacional. O pensamento e as ideias podem atravessar fronteiras, mas os brasileiros é que definirão as finalidades da escola no Brasil e, conseqüentemente, formarão seus professores. A questão é saber se o farão de forma democrática ou se a educação continuará sendo, como na maioria dos países, um instrumento de reprodução das desigualdades e de sujeição das massas ao pensamento dominante.



Infelizmente, não temos motivos para sermos otimistas. Isso não nos impede de refletir sobre a formação ideal dos professores para uma escola ideal, porém não somos ingênuos a ponto de acreditar que simples ideias podem destruir as relações de força. No entanto, elas podem ao menos alimentar o debate e esboçar alternativas. Recordemos algumas das principais contradições que estruturarão nosso futuro: entre cidadania planetária e identidade local; globalização econômica e fechamento político; liberdade e desigualdades; tecnologia e humanismo; racionalidade e fanatismo; individualismo e cultura de massa e democracia e totalitarismo. ” (Perrenoud. 2008. p. 13/14)

Perrenoud chama a atenção para uma possível resposta do problema a partir dos *Sete saberes necessários à educação do futuro* de Edgar Morin⁴ em que destaca o perfil do professor: que deve ser pessoa confiável, mediador intercultural e de uma comunidade educativa; que garanta o estabelecido na lei para organizar a vida democrática; enfim, propagador cultural e intelectual.

As escolhas das palavras do sociólogo suíço fazem referência a uma crítica contumaz aos preceitos propostos no propalado anteprojeto. Deflagram uma contradição inexorável entre àquilo que se sugere, que se necessita e ao que se deseja como projeto de poder.

No silêncio acinzentado das palavras, na frieza da proposição das leis, novamente a Análise do Discurso auxilia-nos a elucidar um possível monstro a “emergir da lagoa”.

Mesmo diante de uma possível imprecisão das palavras, entre o não dito que se esconde entre elas, nos é permitido pensar que o título que engendra esse intento, torna-se preciso.

⁴ Edgar Morin é antropólogo, sociólogo e filósofo francês. Pesquisador emérito do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). Formado em Direito, História e Geografia, realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia. Autor de mais de trinta livros, entre eles: *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*.

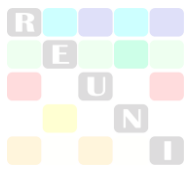
Bibliografia

BRASIL, Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Projeto de Lei n.867 de 2015 (da Câmara dos Deputados). Inclui, entre as diretrizes e bases da educação nacional, o "Programa Escola sem Partido". 2015. Disponível em <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168.pdf>

FERNANDES, C.A. Análise do Discurso. Reflexões introdutórias. Ed. Claraluz. São Carlos. S.P., 2008.



FOUCAULT, M. “A Ordem do Discurso”. Lição inaugural no Collège de France, pronunciada em 02/12/1970. Éditions Gallimard, Paris, 1971. Tradução de Edmundo Cordeiro com a ajuda da parte inicial de António Bento.

_____. ”Microfísica do Poder”. Edições Graal. Rio de Janeiro, 3ª Edição, 1982. Tradução de Roberto Machado.

FREITAS, S.A. “Ideologia: Um dos Pilares do Pensamento Bakhtiniano. Estudos Lingüísticos. P.100-107.RGL n°3, setembro de 2006.

ORLANDI, E.P. “Análise de Discurso”. Princípios & Procedimentos. Pontes Editora. Campinas, S.P. 2009.

PERERENOUD, P. “in: As Competências para ensinar no Século XXI. A Formação dos professores e o Desafio de Avaliar”. Artmed. Porto Alegre. RS. 2008.

OS “RIPES” DA MÚSICA SERTANEJA, OU SE PREFERIREM A DUPLA DE “CABELOS LONGOS”: LEO CANHOTO E ROBERTINHO TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Alessandro Henrique Cavichia Dias

Resumo:

A música rural brasileira sofre grandes transformações durante o fim da década de 1960, e ao longo da década de 1970, principalmente pela sua hibridização com outros ritmos como o rock, ranchera, guarânia entre outros ritmos que chegavam ao Brasil e conquistavam pouco a pouco um novo público consumidor que havia se formado recentemente com a industrialização do país e agora ansiava pelo que fosse sinônimo de moderno. Ao longo desse artigo busca-se apresentar a hibridização da música rural brasileira como rock através das performances de seus interpretes em especial da dupla Leo Canhoto e Robertinho, que insere em suas apresentações elementos sonoros e indumentários da Jovem Guarda.

Palavras-chave: Leo Canhoto e Robertinho, música rural, rock

Abstract:

Brazilian rural music underwent major transformations during the late 1960s, and throughout the 1970s, mainly due to its hybridization with other rhythms such as rock, ranch, guarania among other rhythms that arrived in Brazil and conquered little by little one a new consumer public that had recently formed with the industrialization of the country and now yearned for what is synonymous with modern. Throughout this article we seek to present the hybridization of Brazilian rural music as a rock through the performances of its interpreters especially Leo Canhoto and Robertinho, who inserts in their presentations elements of the Young Guard sound and dress.

Key-words: Leo Canhoto and Robertinho, rural music, rock

Introdução

Leonildo Sachi, o Leo Canhoto, nasceu em Anhumas, no interior de São Paulo, no dia 27 de abril de 1936. José Simão Alves, o Robertinho, nasceu em Água Limpa, Goiás, no dia 09 de fevereiro de 1952.

O nome artístico que Leonildo ficou conhecido, foi devido ao fato dele realmente ser canhoto. José Simão Alves, por sua vez, se batizou artisticamente como “Robertinho” em homenagem ao seu grande ídolo Roberto Carlos. Antes de formar a dupla, Léo Canhoto realizava composições que se destacavam nas vozes de outras duplas, como Vieira e Vieirinha, Zilo e Zalo, Pedro Bento e Zé da Estrada. Em 1963, Zezinha, Limeira e Luizinho gravaram "Só para mim", de sua autoria.

Leo Canhoto e Robertinho gravaram o primeiro disco em 1969, pela RCA Victor, contendo, entre outras, as músicas "Apartamento 37" e "Amarga despedida". Apesar de a dupla

não contar com programa de rádio, com pouco dinheiro para divulgação e sem acesso à televisão, conquistaram o país e venderam mais de 500 mil cópias do primeiro disco. Tornaram-se conhecidos pelo uso de efeitos sonoros e citações de filmes americanos de faroeste¹²

A música rural brasileira sofre grandes transformações durante o fim da década de 1960, e ao longo da década de 1970, principalmente pela sua hibridização com outros ritmos como o rock, rancheira, guarânia entre outros ritmos que chegavam ao Brasil e conquistavam pouco a pouco um novo público consumidor que havia se formado recentemente com a industrialização do país e agora ansiava pelo que fosse sinônimo de moderno.

Ao realizar hibridização de gêneros distintos a dupla Léo Canhoto e Robertinho serão os principais responsáveis por realizar uma aproximação entre a música rural brasileira e o rock nacional que se materializava nas performances dos interpretes da Jovem Guarda, como Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Sergio Reis entre outros.

Nesse sentido pode se observar que o rock n' roll, começa a conquistar pouco a pouco a audição de uma parte da juventude brasileira desde a década de 1950, e principalmente pelo *rock* estadunidense interpretado por Elvis Presley e Bill Haley e seus Cometas. O mercado fonográfico brasileiro foi invadido pelo gênero conhecido como *rock and roll*, visto que os compactos de música internacional foram um dos elementos utilizados pela Indústria Cultural para incorporar o público, em especial jovem e de baixo poder aquisitivo, ao mercado, como afirma Eduardo Vicente:

Entendo que o que se coloca aqui é uma situação na qual os lançamentos internacionais parecem estar cumprindo a função de aproximar o mercado brasileiro do padrão de consumo desejado pela indústria, ou seja, atender às demandas de um mercado em expansão, jovem e efetivamente massificado, ao qual boa parte da música brasileira dos anos 1960 não podia responder plenamente. Relembrando o cenário internacional de dez ou quinze anos antes, quando do início do *rock*, teremos um quadro bastante similar: o de um público consumidor jovem, de baixo poder aquisitivo, sendo incorporado ao mercado através da compra de compactos de artistas de sucesso frequentemente efêmero. (VICENTE, 2006 P 118)

Junto às investidas da indústria fonográfica, o *rock* também pôde contar com um dos principais veículos de divulgação do período, o cinema, que apresentou filmes como *Blackboard Jungle* (Sementes da Violência), *Rebel Without a Cause* (Juventude Transviada) e *The Wild One* (O selvagem), dirigido por Láslo Benedek, cuja temática, a rebeldia juvenil, foi retratada a partir do conflito entre duas gangues rivais de motociclistas em uma singela cidade no interior da Califórnia. O filme traz como protagonista Marlon Brandon, interpretando Johnny, líder de uma das gangues. O filme influenciou muitos jovens por meio de seu personagem principal, Johnny, que trazia em sua indumentária uma jaqueta de couro, um *kep* e a indispensável motocicleta que

¹² <http://dicionariompb.com.br/leo-canhoto-e-robertinho/dados-artisticos> acesso em : 15/06/2017

se convertia em sinônimo da liberdade do personagem - as motocicletas, a velocidade e a liberdade serão elementos intrínsecos aos roqueiros, especialmente os brasileiros, como será perceptível mais adiante neste estudo.

O filme de 1953, *Rebel Without a Cause* (Juventude Transviada), foi dirigido por Nicholas Ray e estrelado por James Dean. Apesar de o filme não possuir nenhum rock em sua trilha sonora, ele contribuiu para difundir o visual roqueiro e as atitudes de rebeldia da juventude, mostrando que o *rock* não se resumia apenas a um novo estilo musical, mas que trataria também de novos padrões de comportamento por parte de seu público consumidor.²⁵ Em sua bibliografia *Minha Fama de Mau*, Erasmo Carlos, um dos fundadores da Jovem Guarda, demonstra a influência e o fascínio exercidos pelos personagens cinematográficos —(...) Quem não podia ter um canivete igual ao do filme *Juventude Transviada* comprava uma imitação barata e ridícula no camelô da estação Leopoldina (...) (OLIVEIRA. 2011)

Por fim, o filme que marca a caracterização do *rock* como sinônimo de juventude e rebeldia é *Blackboard Jungle* (Sementes da Violência), de 1955, dirigido por Richard Brooks. A trama desenvolve-se em torno de uma escola, nos Estados Unidos, demonstrando a rebeldia juvenil e o conflito de gerações entre professores e alunos, algo que se acentuaria ainda mais nas décadas seguintes. No entanto, a película não traz em seu elenco nenhum grande nome do cinema do período, mas apresenta um grande diferencial em relação aos outros dois filmes, pois em sua trilha sonora destaca-se a música *Rock Around the Clock*, com Bill Haley e seus Cometas, que contribuiu para a ampla divulgação do gênero e para estreitar ainda mais a relação entre *rock* e juventude rebelde. Com a extensa aceitação pelos jovens brasileiros do ritmo apresentado nas telas do cinema, logo o mercado nacional passou a investir nesse novo gênero que conquistava a audição do público jovem. A primeira gravação de *rock* no Brasil foi da canção *Rock Around The Clock*, de Bill Haley e seus Cometas, sendo esta homônima ao filme que também divulgava o gênero. Essa primeira gravação foi realizada em inglês por uma cantora de samba canção, Nora Ney, em 1955. (CAVICHIA. 2014)

Ainda assim, o *rock* nacional só começou a dar seus primeiros passos em 1958, com os irmãos Campello. Através da apropriação, divulgação e ressignificação do *rock* estadunidense, Tony e Celly Campelo, ambos contratados pela gravadora Odeon para gravar versões de *rocks* internacionais, alcançaram um sucesso sem precedentes, especialmente Celly Campelo, que se tornou ícone da juventude, ganhando um programa na TV Record de São Paulo, intitulado *Crush em Hi-Fi*, que também era dedicado ao público jovem.

Na formação da constelação do *rock* nacional, da década de 1950, surgiu mais um astro, o cantor Sérgio Murilo, contratado pela gravadora Columbia para fazer frente aos irmãos Campello, da Odeon. Sérgio Murilo teve sua carreira lançada em 1958, através do filme *Alegria de Viver*, uma produção nacional dirigida por Watson Macedo, sendo um dos primeiros filmes nacionais a divulgar o *rock* através de sua trilha sonora.

Outro intérprete que também pôde contar com a produção cinematográfica como respaldo à sua carreira foi Roberto Carlos que, em 1968, protagonizou *Roberto Carlos em Ritmo de Aventura*, com produção de Roberto Farias. Segue cartaz do filme em anexo. A trama do filme se desenvolve em torno de Roberto Carlos sendo perseguido por um grupo de vilões, liderados por José Lewgoy e, durante essa perseguição, canta grandes sucessos da Jovem Guarda, como *Eu sou Terrível*, *Como é Grande o Meu Amor por Você*, *Por Isso Corro Demais*, *Namoradinho de um Amigo Meu*, *Negro Gato*, *Eu te darei o Céu*, *De que Vale Tudo isso* e *Quando*.

Todas essas canções já haviam sido difundidas durante o programa de TV *Jovem Guarda* e em rádios e discos. Desse modo, a produção do filme ao selecionar essas músicas para a trilha sonora da película, possibilitou incluir novas referências visuais às canções, visto que isso acrescentaria a elas novos sentidos a partir das performances e dos cenários escolhidos para serem compostos para elas. (OLIVEIRA. 2011)

A veiculação do *rock* nacional no Brasil, conta com um movimento conhecido como Jovem Guarda, que começou nos primeiros anos da década de 1960 e ganha força a partir de 1965, com o programa homônimo *Jovem Guarda* que foi transmitido pela TV Record até 1968, e era comandado por Roberto Carlos, com o auxílio de Erasmo Carlos e Wanderleia.

O repertório do movimento Jovem Guarda se embasava no *rock* estadunidense de Bill Harley e seus Cometas, em Elvis Presley, no *rock* britânico dos Beatles, como também em canções românticas italianas e francesas, expressando, assim, uma nova linguagem que ficou conhecida com iê-iê-iê – denominação proveniente da música *She Loves You* (OLIVEIRA. 2011). Cabe apontar a definição do movimento Jovem Guarda, apresentada pelo pesquisador Marcos Napolitano:

O programa Jovem Guarda surgiu em setembro de 1965, comandado por Roberto Carlos, Wanderleia e Erasmo Carlos. Era transmitido em —jovens tardes de domingo! na própria TV Record. Aproveitando-se de uma subcultura oriunda do *rock'n roll*, o programa lançava o novo —ritmo da juventude! o iê-iê-iê (corruptela do ornamento vocal *Beatles*). Mais próximo das soporíferas baladas *pop* dos anos 1950 do que propriamente do criativo *rock* dos anos 1960, as canções de iê-iê-iê alternavam temas românticos tradicionais com temas mais agressivos, pasteurizando o comportamento tipo —juventude transviada! culto ao carro, às roupas extravagantes, aos cabelos longos, às brigas de rua etc. Roberto Carlos sintetiza o —movimentol e logo explodiu como o maior fenômeno de consumo de massa de todos os tempos no Brasil. (NAPOLITANO. 2007 P 96)

No entanto, o músico e pesquisador Luiz Tatit apresenta sua definição do movimento Jovem Guarda da seguinte forma:

Para dar vazão à cantoria dos praticantes do iê-iê-iê, um novo programa foi criado sob o comando de Roberto Carlos e batizado de Jovem Guarda. Despido de qualquer engajamento de ordem social ou política, esses novos músicos encadeavam acordes perfeitos em guitarras elétricas e retomavam, agora sob a égide do *rock*, a música para dançar. Ao mesmo tempo, falavam de amor, estilo de vida e todos os assuntos considerados à época —alienados—. Produzir para o mercado de disco e reafirmar o próprio sucesso junto a um público já cativo eram os únicos propósitos dos representantes da jovem guarda, conquistados, aliás, com extremo profissionalismo. Roberto Carlos, e seu parceiro Erasmo Carlos, revelaram-se excelentes compositores e suas canções são até hoje disputadas pelos nossos grandes intérpretes. Roberto tornou-se o cantor do Brasil (TATIT. 2004 P 53)

A Jovem Guarda não se converteu apenas em um ritmo ou gênero e, sim, em um estilo de vida, não de rebeldia, mas na vitrine da juventude brasileira, principalmente via televisiva. Todos os fins de semana, o programa *Jovem Guarda* apresenta à juventude brasileira maneiras de cortar o cabelo, vestir, falar, pensar e de como comportar-se. Dessa forma, junto ao programa foi lançada a Grife *Calhambeque*, que vendia produtos vinculados a Roberto Carlos, assim como a Grife *Tremendão*, que vendia artigos referentes a Erasmo Carlos e a Grife *Ternurinha* ligados a Wanderléia. (CAVICHIA. 2014)

Como apontado acima é possível perceber que a Jovem Guarda não se restringia apenas a um simples movimento musical influenciado pelo rock norte americano, mas também como um modelo apresentado à juventude brasileira de como se vestir, comporta-se e entender o mundo.

Contudo, as sonoridades que embalavam o movimento Jovem Guarda não se restringiram a apenas um único gênero, o contato com ritmos nacionais como no caso da música rural brasileira permitirá que se realize uma hibridização dos ritmos, o que muitos críticos entenderam como uma modernização da música rural brasileira.

Entre os vários intérpretes que aproximaram a estética da música rural brasileira ao rock tanto no ritmo quanto na indumentária podemos destacar a dupla Leo Canhoto e Robertinho que na gravação de seu primeiro disco, em 1969, pela gravadora RCA, com produção do ex-roqueiro Tony Campello, que também produziu os discos que deram origem nas transformações de Sérgio Reis. As mudanças apresentadas por Léo Canhoto & Robertinho não se restringiram apenas às harmonias e aos ritmos das canções, como aponta a jornalista Rosa Nepomuceno:

O desejo de modernizar a cara da música e do próprio artista sertanejo de ser aceito pela nova classe média urbana estava escancarado. O figurino não deixará dúvidas. Eles sabiam o que queriam: desprezavam aqueles trajes mexicanos, como calças de listras e chapéu de Sancho Pança, e inauguravam um estilo, na verdade, mais exagerado, misturando trajes de boiadeiro com roqueiro. Sob as camisas berrantes de estampados psicodélicos abertas ao peito, tilintava uma profusão de medalhões e

pulseiras. E os cabelos tinham crescido. Quando apareceram de motos e guitarras, Jeca Tatu cortou o dedo, picando fumo. (NEPOMUCENO, 1999 P 181)

Tais alterações podem ser notadas na figura apresentada abaixo:

Figura 01: Os Ripes da música Sertaneja



Fonte: Boa Música Brasileira. Disponível em: <<http://www.boamusicaricardinho.com/>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

Esse novo visual, resultante da junção da imagem do cantor jovem de *rock* da Jovem Guarda e da imagem do intérprete da música sertaneja influenciará outras duplas, tais como Milionário & José Rico, Chitãozinho & Chororó, etc. Diferentemente de Sérgio Reis, que faz o caminho inverso, ou seja, começando com o visual jovem e, posteriormente, mudando para o sertanejo. (CAVICHIA, 2014)

Contudo essas transformações na música rural brasileira agradar o grande número de apreciadores, alguns intelectuais como o sociólogo Waldenyr Caldas assinalam que as transformações inseridas por Leo Canhoto e Robertinho se restringem simplesmente a incorporação de artifícios eletrônicos, visto que na estrutura melódica e na linguagem das canções não há alteração algumas, como apontado pelo sociólogo em entrevista ao periódico Estado de São Paulo:

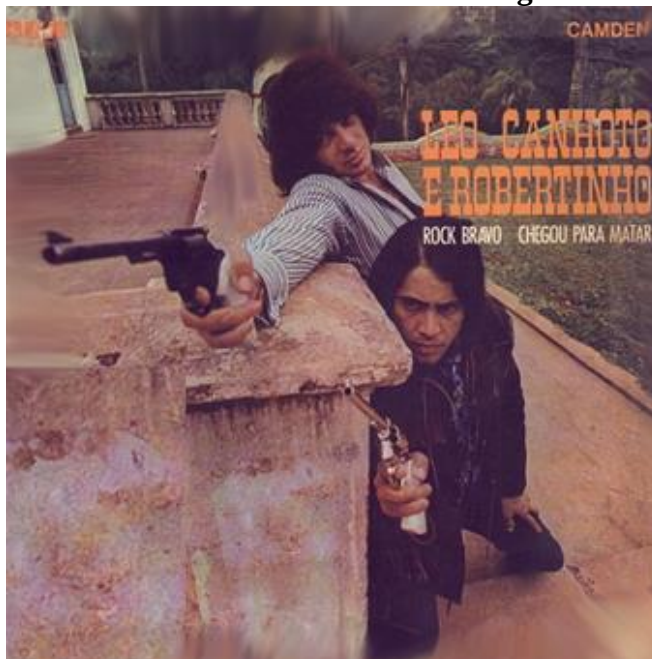
No entanto, é com a dupla Léo Canhoto e Robertinho, lançados em 1970, que a música sertaneja incorpora um novo elemento, representado pela sofisticada parafernália eletrônica, mas que não trouxe, segundo o professor Waldenyr Caldas, nenhuma modificação estética no gênero sertanejo, pois não houve nenhuma inovação na estrutura melódica nem na linguagem. "Se hoje, o jovem proletário usa um discurso modernizante, isso não é obra de Léo Canhoto e Robertinho (embora o estejam sempre empregando), mas sim, dos meios de comunicação de massa". Para o sociólogo, a única novidade criada pela dupla "foi a introdução do ritmo extremamente desgastado e semelhante ao da Jovem Guarda durante os anos 60, novidade entendida aqui apenas enquanto andamento musical". Léo Canhoto e Robertinho criaram uma imagem complexa, um misto de cowboy americano e do jovem que adotou a maneira de viver e ser do meio urbano, e suas canções são inspiradas nos western-spaghetti, que invadiram no início da década de 70 os cinemas de São Paulo. O movimento inicia do pela dupla "que tudo leva a crer se manterá" _ afirma o sociólogo _ foi, segundo ele, mais consistente. "pois, de lá para cá, dó faz sucesso quem se assemelha a seu estilo", como os endinheirados Milionário e José Rico, e os nem tão bem-sucedidos Mero e Merinho, Ringo Black e Kid Hollyday. (ALMEIDA, 1979 P 24)

Outro importante ponto a ser elencado e a influência que a dupla irá causar em outras duplas como apontado no artigo citado acima, visto que seria como se Leo Canhoto e Robertinho estabelecessem através de suas performances um modelo para o sucesso, com isso, bastaria para as novas duplas que estavam se inserindo no mercado fonográfico seguir tal receita.

A dupla de Léo Canhoto & Robertinho aborda em seus discos os mais variados temas, com as guitarras marcando o som, tanto das músicas *Motorista de Caminhão* ou *Vou Toma um Pingão*, como nas canções com efeitos e clichês inspirados nos filmes de *bang-bang* italianos, que estavam em alta na década de 1970, e que se iniciavam com diálogos entre heróis e facínoras, como em *O Homem Mau* e *Jack, O Matador* que foram dois de seus maiores sucessos. (NEPOMUCENO, 1999)

Assim, quase todos os seus álbuns faziam alguma referência ao tom modernizador que acreditavam estar impondo a música rural como no caso do disco "Amazonas Kid", ou caso contrário dominava na capa do disco o cenário de *bang-bang*, como é possível observar nas capas dos discos apresentadas abaixo:

Figura 02: Léo Canhoto e Robertinho Rock Bravo Chegou Para Matar - Volume 3



Fonte: GRAVADORA RCA 1970¹³

Na capa do disco apresentado acima nota-se que os intérpretes simulam uma troca de tiros com um oponente, enfatizando o clima de *bang-bang* sugerido pela montagem da cena, além desses elementos podemos destacar o nome da música de trabalho (música utilizada para divulgar o disco) estampada na capa “Rock Bravo chegou para matar” que narra às desventuras de um malfeitor, como é possível observar na letra da música citada abaixo:

- Atenção moradores da vila do Cachorro sentado
o Rock Bravo entrou aí no bar, muito cuidado, hein!
- Papai, quem é aquele homem feio que quer matar todo mundo, hein?
 - Fala baixo, meu filho, aquele é o Rock Bravo
- Vamos... saiam todos da minha frente, saiam da frente já disse!
 - Vou derrubar tudo isso aqui!!!
 - Agora eu vou embora, mas amanhã voltarei
Para acabar com tudo isso aqui! Ha ha ha ha

Rock bravo era temido

¹³ 1) **Rock Bravo Chegou para matar** - Léo Canhoto e Carlos Alberto, 2) **Meu Velho Pai** - Léo Canhoto, 3) **Caixa Postal 95** - Léo Canhoto e Robertinho, 4) **Meu Carango** - Léo Canhoto, 5) **Saudade do meu Amor** - Léo Canhoto e Nenete, 6) **Beliscão de Amor** - Léo Canhoto, 7) **Soldado sem Farda** - Léo Canhoto, 8) **O Lobisomem** - Léo Canhoto, 9) **Sonho Triste** - Léo Canhoto e Augusto Toscano, 10) **O Calhambeque do meu Bem** - Léo Canhoto, 11) **Quarenta Quilos de Amor** - Léo Canhoto e Carlos Alberto, 12) **Minha Linda Namorada** - Léo Canhoto e Ricieri Faccioli

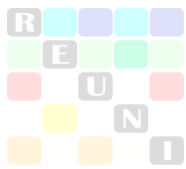
Era o terror lá do sertão
Ninguém mais tinha sossego
Em toda aquela região

Pra puxar o seu revólver
Tinha bem facilidade
Ligeiro igual um raio
Em dias de tempestade

No lugar que ele chegava
Todo o povo se escondia
No boteco que ele entrava
Confusão logo surgia

- "- Me dá um conhaque aí depressa
- Pronto, seu Rock, aí está o conhaque
- Não quero mais o conhaque! Troca ele por uma cachaça, vamos logo!
- É pra já, seu Rock, aí está a cachaça no lugar do conhaque, pode beber
- Assim é que eu gosto! Até logo!
- Seu Rock, você vai embora sem pagar a cachaça?
- Pagar?! Eu não troquei a cachaça pelo conhaque?
- Está certo, mas o senhor não pagou o conhaque?
- Como é que eu vou pagar se eu não tomei o conhaque?
Pronto, está pago. E a senhora aí, gosta de flores?
- Ah, seu Rock, eu adoro flores
- Amanhã no seu enterro terá muitas flores! Ha ha ha

- Os dias foram passando, certa vez Rock Bravo
Soube que no arraial da vaca morta havia um homem valente
Rock foi para lá e ao ver o valentão, Rock Bravo disse assim:
- Quem é o bravo aí?
- O bravo aqui sou eu, por que?
- Tem mais algum bravo aí? Quem são vocês dois?
- Eu sou o Joanim Farofa e este aqui é meu irmão famoso Bepe Caruncho!
- Pronto! Deu caruncho na farofa! Cadê o garçom desse restaurante aqui, hein?
- Estou aqui, seu Rock
- Tem comida aqui?
- O senhor gosta de bife a cavalo?
- Gosto
- O senhor gosta de frango frito?
- Gosto.
- Hum... eu também gosto, mas não tem
- Toma e vê se me respeita! Você aí... o que está fazendo? Dê o fora daqui já!
- Eu vou dar o fora daqui, mas você vai comigo, Rock Bravo!
- Eu ir com você? Ha ha ha! E por que motivo?
- O motivo é simples! Eu sou um policial e você está preso, Rock bravo!
E não tente nenhum golpe senão eu te encho de estanho entendeu?
Vai andando, Rock Bravo, você está preso
- Ha ha ha ha! Eu preso? Coisa nenhuma! lá vai fogo, policial!
- Eu lhe avisei, Rock Bravo! Você ia pra cadeia, agora vai para o cemitério!



Com a justiça não se brinca!"

Acabou-se o valentão
A paz voltou nessa cidade
Todos vivem trabalhando
Cheios de felicidade

Rock Bravo hoje está morto
Recebeu o seu castigo
Com ferro vivia ferindo
Com ferro ele foi ferido

Rock Bravo desordeiro
Recebeu sua sentença
Devia ter compreendido
Que o crime não compensa

A grande parte da música é dedicada a narração do *modus operandi* de Rock Bravo, um homem que atua às margens da lei executando qualquer um que cruze seu caminho, fazendo prevalecer a força sobre a razão e a civilidade, e para acentuar tais características e tornar o cenário narrado o mais próximo possível do real, ao longo de toda a canção os intérpretes recorrem a efeitos sonoros que simulam sons de tiroteio, cavalos galopando, vidro quebrando entre outros sons, permitindo que o ouvinte realize uma imersão nos característicos cenários de velho oeste.

Outra característica importante é que a maior parte da canção é composta pelos efeitos sonoros destacados acima e pelo diálogo entre Rock Bravo e seus interlocutores, apenas em dois momentos da música ela é ritmada pelas vozes de Leo Canhoto e Robertinho cantando em terça com uma harmonia composta por sanfona e violões, uma estética ainda bem semelhante à da tradicional música rural brasileira, algo que mudará consideravelmente em seus próximos discos como veremos adiante.

Figura 03: Leo Canhoto e Robertinho Amazonas Kid - Volume 10



Fonte: Gravadora RCA 1973¹⁴

A receita utilizada por Leo Canhoto e Robertinho como já apontada de realizar uma hibridização entre a música rural brasileira com o rock norte americano e inserindo em suas performances o gênero “western spaghetti”, gera uma gigantesca aceitação pelo público, que o investimento na carreira da dupla se torna extremamente lucrativa tanto para a indústria fonográfica como no demonstra Antonio Gonçalves Filho em reportagem publica na Folha de São Paulo:

O cowboy atômico

Uma das primeiras duplas a incorporar o arsenal eletrônico na gravação de seus discos foi Leo Canhoto e Robertinho, agora separados. Léo Canhoto que faz o gênero, homem mau de “western spaghetti”, sempre posando de revólver na cintura e cigarrilha na boca, usa, em seu mais recente disco, “Leo Canhoto” (gravadora 3M), sintetizadores que produzem sons muito parecidos com os do grego Vangelis Papathanassiou (autor da trilha sonora de “Blade Runner”, filme de Ridley Scott), na faixa “Última Explosão”,

¹⁴ **01) Amazonas Kid** - Léo Canhoto , **02) A Praia** - Léo Canhoto e José Russo , **03) De Mala e Cuia** - Adauto Santos e Tripoli, **04) Divina Luz** - Léo Canhoto , **05) Garçon Cara de Pau** - Léo Canhoto **06) Meu Grito de Amor** - Léo Canhoto e Robertinho , **07) O Menino** - Léo Canhoto , **08) Por Onde Anda Meu Amor** - Christian Bruhn e Georg Buschor - Versão: Léo Canhoto , **09) Dor de Cotovelo** - Léo Canhoto , **10) Minha Velha Mãe** - Léo Canhoto , **11) A Marreca** - Léo Canhoto e Robertinho **12) Inverno Cruel** - Léo Canhoto e Ricieri Faccioli , **13) Tatu Tem que Morrer Cavando** - Léo Canhoto



“música de protesto” contra as 50 mil bombas atômicas estocadas no mundo e preste a mandar tudo pelos ares.

“Leo Canhoto é apenas um exemplo da modernização da música sertaneja”, diz o coordenador artístico da gravadora 3M, proprietário do selo Terra Nova, Edwison José Azevedo, 37 “Quase todas as duplas contratadas pelo selo Terra Nova, especialmente dedicado a Música sertaneja não dispensam a participação de orquestras de corda e coral”, revela Edwison, mas conhece como Michael, o produtor que lançou, nos anos 70, os cantores “americanos” fabricados no Brasil Morris Albert, Crystian e Dave Maclean.

Os custos de produção, que podem chegar a Cz\$ 300 mil ou mais por disco, compensam, considerando que só no segundo semestre a multinacional 3M lançou 25 discos sertanejos e deve lançar outro tanto até o início do ano, vendendo, por exemplo, uma média de 50 mil cópias em apenas dois meses, caso do disco da dupla Mococa e Paraíso, Os contratos também são milionários, algo em torno de Cz\$ 1 milhão para comprar o passe de uma dupla medianamente conhecida. (FILHO, 1986 P 46)

A dupla Léo Canhoto e Robertinho alcançaram um grande destaque no mercado discográfico na década de 1970; contudo, boa parte desse sucesso deve-se ao tom ufanismo que estava presente em todos os seus álbuns. Léo Canhoto, o compositor da dupla, concentrava suas composições em fazer apologias ao Brasil Grande tão propalado pelos ditadores (ALONSO, 2014). Uma das primeiras canções escrita por Léo Canhoto ainda antes de formar dupla com Robertinho intitulada *Minha Pátria*, e gravada em 1968 pela dupla Zilo & Zalo, já deixa evidente esse caráter ufanista de suas canções, como pode se observar na letra citada abaixo:

Você me disse que pra ser bom brasileiro / Tem de ir ao estrangeiro para ter o que contar / Você me disse que conhece a Alemanha / França, Itália, até Espanha que nasceu pra viajar / Eu só conheço meu Brasil, sou patriota / Porém não me vejo idiota por desse jeito pensar / Por isso agora prepare sua defesa / Me responda com clareza o que vou lhe perguntar / Você já viu os pantanais de Mato Grosso / Se não viu vai ver seu moço para ter o que falar / Você conhece a verdadeira maravilha / Que tem por nome Brasília nossa bela capital / Você já sabe que o jangadeiro do norte / Lança com seus braços forte sua jangada ao mar / Fique sabendo que muitos fogem da guerra / Vem aqui na minha terra pra poder se abrigar / Quero que saiba que o meu Brasil querido / sorrindo tem recebido gente de todo lugar / Fique sabendo que a Virgem Aparecida / Nosso eterna mãe querida vive a nos abençoar / Tem muita gente chutando e prato que come / Querendo manchar o nome do meu torrão verdadeiro Seu atrevido cale antes que eu me zangue / em minhas veias corre sangue de caboclo brasileiro / Aqui nós temos liberdade todo dia / Porque a democracia domina minha nação / Aqui se ouve onde quer que você esteja / Melodia sertaneja natural do meu sertão / Temos sambistas, e futebol em nossa praça / Mostrando que a minha raça é destemida e varonil / Quero cantar, quero gritar eternamente / Viva, viva para sempre minha pátria, meu Brasil

Seguindo essa linha em 1971, a dupla lança no mercado fonográfico outra canção de título semelhante, *Minha Pátria Amada*, que sustentava as mesmas peculiares nacionalistas apaixonadas de sua antecessora:

Sou brasileiro, digo de coração,/ Esta nação ninguém mais pode segurar/Sou orgulhoso por ser filho de uma terra/ Onde seu povo só pensa em trabalhar /Onde os negros e os brancos se entendem/ Sem preconceito nem de raça, nem de cor;/ O brasileiro sempre foi muito gentil/ Quem nasce aqui no meu Brasil tem mais bondade, mais amor./ Salva, salve meu Brasil, terra querida /Minha Pátria, minha vida orgulho dos filhos seus

/Brasil querido tua beleza não se encerra/ Meu Brasil tu és a terra prometida por Deus./
Aqui seu moço não existe a tal guerra/ Nosso caminho é enfeitado de flor/ Nos
trabalhamos semeando em nossa terra /Ordem, progresso, liberdade, paz e amor./ Aqui
meu chapa não se brinca em serviço/ A minha raça e destemida e varonil/ A minha terra
por Deus foi abençoada /Eu te amo pátria amada, eu te adoro meu Brasil

Essa receita utilizada nas composições de Leo Canhoto em exaltar o Brasil Grande que ia
de encontro com a propaganda do governo militar lhe rendeu uma certa estabilidade no mercado
fonográfico, visto que seus discos não encontravam problemas em passar pela censura. Seguindo
essa perspectiva Leo Canhoto compõe e grava em 1970 a música *Soldado sem Farda*, uma vez
que ao longo da letra da canção o agricultor é comparado ao militar:

Cantando estes veros eu quero falar / Do soldado sem farda que é nosso irmão
/ Soldado sem farda é você lavrador / Que derrama o suor com suas próprias mãos /
Soldado sem farda aqui vai um abraço / Das forças Armadas da nossa Nação / Aceite
também o abraço dos artistas / Do Rádio, do disco e da televisão. / Soldado sem farda
que luta no campo / Com frio ou calor, isto possa ou não possa / Ninguém na cidade não
existiria / Não fosse você, o soldado da roça / Nos seus braços fortes, soldado sem farda
/ Você colhe o fruto que nasce da terra / Aceite portanto com sinceridade / O abraço da
nossa marinha de guerra. / Soldado sem farda, herói sem medalha / Aceite da classe
estudantil / O abraço apertado de todo o estudante / Futuros governos do nosso Brasil. /
Aceite lavrador o abraço apertado / Das forças aéreas do nosso país / Você lavrador é
um soldado sem farda / Desta nossa pátria você é a raiz / Aqui vai também o aperto de
Mão / E o abraço do exército brasileiro / Todos operários das grandes indústrias / Enviam
um abraço ao soldado roceiro / Soldado sem farda, que Deus lhe abençoe / Para continuar
sempre assim sorridente / Aceite lavrador, o abraço apertado / Do homem que agora é
nosso presidente.

Em 1972, Léo Canhoto e Robertinho ganharam um Disco de Ouro com o sucesso de
"Apartamento 37", tendo sido a primeira dupla dedicada ao gênero sertanejo a conquistar tal
prêmiação no Brasil, visto que em tal disco figura a canção *Meu Irmão da Roça* que mantém
afinada a relação entre o agricultor e o regime militar:

Não me canso de gritar pro mundo a fora / Não me canso de falar dos meus
irmãos / Não me canso de falar dos lavradores, / Eu os quero de todo meu coração. / A
verdade está no mar e nas montanhas / Na estrelas, na cidade, nos desertos / Toda casa
onde vive um lavrador / Pode crer que Jesus Cristo está por perto. / Nazareno do olhar
meigo e puro / Amparai nosso querido lavra dor / Daí a ele muita força para luta / Daí a
ele esperança, paz e amor./ Quando alguém, fala mal do homem do campo / A berra pesa,
a gente briga, a coisa engrossa / Porque aquilo que comemos na cidade / Vem do braço
da minha gente da roça. / Juventude que trabalha sorridente / Sob a luz que vem de um
céu da cor-de-anil / Lavradores, você estão construindo / Nossa Pátria, nosso querido
Brasil.

Já em 1971, Leo Canhoto volta suas atenções para o trabalhador da indústria brasileira,
realizando ao longo da letra uma comparação entre o operário e o soldado, uma vez que o operário
seria o soldado do progresso e o militar um é um soldado da justiça, segue a letra da canção
Operário Brasileiro (1971):

Eu vou cantar pros operários brasileiros / Esta homenagem que fiz de coração / O operário da indústria brasileira / Merece o nosso respeito, a nossa admiração. / Os automóveis que transitam pelas ruas / O avião que hoje corta o espaço / O caminhão, o trem de ferro e o navio / Foram construído pela força dos seus braços / Tudo aquilo que se compra no comercio / Que a gente vê ai pelo Brasil inteiro / Foi fabricado por quem trabalha nas fabricas / E foram feitos por nosso operários brasileiros / Todo o artigo que a gente calça e veste / São todos eles de sua fabricação / A condução que leva a gente ao trabalho / Foi o operário que fez com as suas mãos. / Meu operário eu lhe fiz esta canção / Só por saber que você é merecedor / Não compra aquilo que você mesmo fabrica / Por isso mesmo amigo reconheço seu valor / Meu operário você é um grande herói / És um soldado do Brasil eu lhe confesso / O militar é um soldado da justiça / E você meu operário é um soldado do progresso.

Na canção gravada em 1976, intitulada *O Presidente e o Lavrador*, uma vez que Leo Canhoto se mostrava respeitoso diante do chefe máximo da nação (ALONSO, 2014), tal canção rendeu a Léo Canhoto e Robertinho o "Brasão da República", homenagem prestada pelo então Presidente Ernesto Geisel em 1976, pela beleza da música "O Presidente e o Lavrador" de autoria de Léo Canhoto, consagrando os com a única dupla sertaneja que recebeu tal homenagem, segue letra da canção:

Excelentíssimo senhor presidente / Aqui estou na vossa frente / Com muita admiração / É um brasileiro que vos fala nessa hora / Por favor me ouça agora / Oh nobre chefe da nação / É com respeito que venho a vossa presença / Falar com vossa excelência / Para olhar pra gente nossa / Venho pedir para o senhor bom presidente / Olhai pela minha gente / Que trabalha lá na roça / Vossa excelência precisa ir no interior / Pegar na mão do lavrador / E ver seu rosto queimado / Aqueles calos que ele tem eu lhe asseguro / É de um trabalho duro / Muito honesto e muito honrado / Esse meu povo é igualzinho uma formiga / Trabalha muito e não liga / Sempre foi batalhador / Por isso digo e repito novamente / Ajude senhor presidente / O meu querido lavrador / Pertencem a eles, eu falo de coração / Se for preciso beijei a mão / Desse povo tão ordeiro / Bato no peito, grito alto, falo sempre / Sou filho de boa gente / Eu sou filho de um roceiro / Vim da roça esta fazendo muito tempo / Me lembro a todo momento / Do meu povo do interior / Porque meu sangue é de um povo hospitaleiro / Sangue de brasileiro / É sangue de lavrador

A coroação da carreira de Leo Canhoto e Robertinho vem em 1978, quando chega aos cinemas o primeiro filme protagonizado pela dupla, intitulado "Chumbo Quente" com mais de 90 minutos de duração, o filme com temática rural se inspira no sucesso do filme "O Menino da Porteira" que havia entrado em cartaz um ano antes e era protagonizado por Sergio Reis, como afirmou em entrevista o diretor do filme Clery Cunha:

Sim, com a dupla Léo Canhoto e Robertinho, que eram uma espécie de Zezé di Camargo e Luciano. Tinham avião, ônibus, agenda lotada. E eu, coincidentemente, vi na televisão, não me lembro em qual canal, uma entrevista com o Léo Canhoto. O Léo é o compositor; o Robertinho, o complemento. Eles faziam shows em circos, banguê-banguê ao vivo. O Jesse James teve a idéia do filme, e como "O Menino da Porteira" estava explodindo, fui verificar a versatilidade dos dois no palco. Incrível! Briga, mesa virando, baú que atira. E a partir de uma dessas apresentações, começamos a armar. Foi bem difícil a realização, por conta da agenda. Rodamos em Mogimirim, Mogi Guaçu, em São Paulo. 95% de externas de dia, umas 3 seqüências à noite, só, durante o filme todo. Quem

dificultou mais foi o Robertinho, meio inibido, mas o Léo Canhoto foi de uma grande versatilidade. O resultado final é meio burlesco, meio circense, os bandidos fazem pirueta. Coisas de eles abrirem um queijo e sair um rato de dentro. Inusitado *[risos]*.¹⁵

O filme contava com argumento Leo Canhoto, produção Carlos Raele, Moracy do Val, Hércules Breseghelo, Marcel Hollender, roteiro Jesse J. Costa, Co-produção Profilbrás. Além de Leo Canhoto e Robertinho o filme ainda contava com grandes nomes da dramaturgia como Durvalino de Souza (coronel Lucas), Hercules Breseghelo (Rodrigo), Cavagnoli Neto (Julião), Márcia Fraga (Marina), Robertinho (Berto), Leo Canhoto (Leonardo), A. Paschoalin (Jeremias), Toni Santos (Corvo), Carlos Aguiar (padre Miguel), Jesse James (Zico), José Lopes (índio), Arlete Moreira, Waldemar de Lima, Ronaldo Medeiros Proffetha, Nabor Rodrigues, Rodolfo Valentin, Mauro Bronson, Eva Paiva, Alair Norton, Compadre Moreira, nomes que se destacam no cartaz do filme como é possível notar logo abaixo:

Figura 04: Cartaz do Filme “Chumbo Quente” de 1978



Fonte: <http://www.cineplayers.com/filme/chumbo-quente/18826> acesso: 27/05/2018

A trama do filme desenvolve inicialmente em torno de um conflito de terras, sendo que coronel Lucas, fazendeiro da região, ambiciona as pequenas propriedades de seus vizinhos, principalmente a do delegado de polícia Julião, uma vez que o Coronel Lucas que descobriu a

¹⁵ Disponível em http://estranhoencontro.blogspot.com.br/2009_02_01_archive.html acesso em 12/08/2012

existência, ali, de uma mina de calcário. Com isso, o coronel incumbe seu filho Rodrigo de propor a Julião a compra das terras, mas o rapaz se apaixona por Marina, filha do delegado, que recusa o namoro por estar noiva. Enfurecido, Rodrigo é expulso por Berto, irmão de Marina, prometendo vingança se o casamento se efetivar.

Em viagem ao rancho velho do Jeremias, Berto faz amizade com o andarilho Leonardo, irmão do padre Miguel, que casará Marina. Sabendo dos preparativos para o matrimônio, Rodrigo e seu pai contratam o pistoleiro Corvo e seus capangas para matarem todos na festa. Na véspera, Berto, Leonardo e Jeremias se embriagam, chegando a festa tarde demais para impedir o massacre e o rapto da noiva. Um fotógrafo, entretanto, registra vários instantâneos dos pistoleiros e, revelado o filme, fica também incriminado o coronel Lucas. Leonardo e Berto partem em busca dos criminosos, liquidando-os e resgatando Marina.¹⁶

O enredo apresentado pela película e juntamente com a dinâmica dos fatos permite aos críticos de cinema do periódico Estadão Rubem Biáfora antever o possível fracasso de bilheteria do filme visto que na película estava ausente os elementos fundamentais que fizeram do filme “O Menino da Porteira” em 1977, um sucesso de público, como pode se observar na crítica abaixo:

CHUMBO QUENTE __ Nacional (São Paulo), 17 de abril de 1978. Produção B.H Cinematográfica. Topázio Cinematográfica. Distribuição Topázio Cinematográfica. Direção Clery Cunha. Argumento; música, canções: Leo Canhoto, Fotografia: Adilson Nucci, Marcel Hollender. A cores. Elenco: Léo Canhoto, Robertinho, Durvalino de Souza, Marcio Fraga, Cavahnoli Neto, Toni Santos, A. Paschoallin, Eva Paiva, Alair Norton, participações especiais(?) de Carlos Aguiar, Hercules Bresegheio, Jasse James e (??) Ariete Moreira, atores convidado (???) Waldemar de Lima, Ronaldo Medeiros (???), Naber Rodrigues, Rodolfo Valentin (?????) Mauro Breson (?????), José Lopes (indio), Compadre Moreira. Amanhã, nos Cines Art-São Paulo, Rio Branco (Sala Vermelha) Belas Artes Centro 1, Majestic e circuito.

Consequência de êxito de “O Menino da Porteira”, mas sem as coisas mais essenciais daquele filme (a simpatia do menino Márcio Costa e a experiência do técnico Jeremias Moreira Filho, que entre outras, havia sido o montador de “O Predileto”). E com os óbices de uma volta ao “interiorano”, em alucinante voga aos primeiros tempos do “boom” rádio, em inícios dos anos 30. (BIAFORA, 1978)

Contudo, o filme “Chumbo Quente” ficou bem distante da bilheteria alcançada pelo “O Menino da Porteira”¹⁷, visto que a película de Léo Canhoto e Robertinho não chegou nem a 1 milhão de espectadores, um número muito baixo levando em conta as expectativas depositadas no filme, ainda por se tratar de uma obra que se aproximava da temática do filme protagonizado por Sérgio Reis e ter sido lançada a menos de um ano depois.

¹⁶ Disponível em <http://www.cinemabrasileiro.net/topazio.html> acesso em 18/03/2013

¹⁷ Ao longo do filme predominam as cantorias e as paisagens bucólicas do interior do estado de São Paulo e Minas Gerais, dos municípios de Araraquara-SP, Borborema-SP e Ouro Fino-MG, onde foram estabelecidas as locações do filme, combinação que foi muito bem recebida pelo público, fazendo com que o filme chegasse a ficar dez semanas em cartaz em um cinema da capital e ser visto por mais de três milhões de pessoas em todo o Brasil em um ano, chegando a faturar a cifra astronômica de 300 milhões de cruzeiros em pouco mais de um ano

O fracasso do filme Chumbo Quente não irá interferir no sucesso da dupla, simplesmente fechou as portas para produções cinematográficas futuras, uma vez que Chumbo Quente foi o único filme protagonizado pela dupla, mas o por outro lado, o simples fato de a dupla ter gravado um filme demonstra a estabilidade que Leo Canhoto e Robertinho gozava junto o mercado fonográfico.

Ao abordarmos a transformação sofrida pela música rural brasileira as performances da dupla Leo Canhoto e Robertinho são de fundamental importância para compreendê-la, uma vez que com as incorporações de instrumentos até então estranhos aos ritmos e harmonias da música rural, (entre eles guitarras, contra-baixos, baterias e teclados) a dupla possibilita que o público ouvinte da tradicional música rural, adapte sua escuta a uma dinâmica modernizada deste gênero.

É importante ressaltar que Léo Canhoto e Robertinho não possuíam um projeto estético para a música rural brasileira ou acreditava em uma linha evolutiva para o gênero (como Caetano Veloso enxergava no caso da Tropicália), a dupla simplesmente parte da perspectiva de realizar uma hibridização entre o rock da Jovem Guarda e a música rural, buscando conquistar tanto o jovem de classe média quando o migrante que havia partido da zona rural em direção a cidade grande em busca de melhores condições de vida, e agora se via mergulhado em um turbilhão de inovações que estava ao seu alcance graças ao seu salário mensal.

Referências Bibliográficas:

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 4 ed. São Paulo: Hucitec/INL/MEC, 1982.
- BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.
- BIAFORA, Rubem. **Chumbo Quente**. Estadão 18 de jun de 1978
- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003
- CALDAS, Waldemyr. **O que é música sertaneja?** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Acorde na aurora: música sertaneja e indústria cultural**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1979
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades, 1982.



CAVICHIA, Alessandro Henrique Dias. **A Trajetória Artística de Sérgio Reis: Tradição e Modernidade na Música Sertaneja (1967 - 1982)**. 2014.172f. Dissertação. Mestrando em História. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2002. pp. 07-79.

DIAS, Marcia Tosta. **Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura**. São Paulo: Boitempo, 2000.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP. 2005

FERRETE, J. L. **Capitão Furtado: viola caipira ou sertaneja?** Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Música. Divisão de Música Popular – FUNARTE, 1985.

FILHO, Antonio Gonçalves. **O Neocaipira dos Tempos de Quércia**, Folha de São Paulo, 22/11/1986, Folha Ilustrada, pagina A 46

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987

KOSELLECK, R. Sobre a relação passado e futuro na história moderna, História dos conceitos e História Social. In: _____. **Futuro Passado. Contribuição à Semântica dos tempos Históricos**. Rio de Janeiro. Editora PUC – Rio, 2006.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 3 ed., São Paulo: Melhoramentos, 1948.

_____. **Jecatatzinho**. 34 ed., São Paulo: Bloch Editores, 1971

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. **História e música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

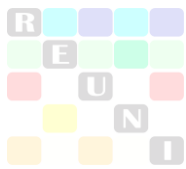
OLIVEIRA, Allan de Paula, **Miguilin foi para cidade ser cantor: uma Antropologia da Música Sertaneja**. 2009. 352f. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ORTIZ. Renato. **Cultura Nacional e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense. 1985.

SANT’ANNA. Romildo. **Moda é viola: Ensaios do cantar caipira**, 2ª ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2009.

SILVA, A. R. **Sinal Fechado: a música popular brasileira sob censura (1937-45/1969-78)**. Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1994,

SEVCENCO, Nicolau; NOVAIS, Fernando. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos no Rio. In: Novais, Fernando (Coord.); Sevcenco, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no**



Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 513-619

VICENTE, Eduardo. Organização, Crescimento e Crise: a indústria fonográfica brasileira nas décadas de 60 e 70. **Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación.** v. VIII, n. 3, 2006, p. 118.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979. pp. 99- 137.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade.** São Paulo: Boitempo, 2007.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.



Ciências Biológicas e Ciências da Saúde



ATUAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL E PSICOLOGO EM CUIDADOS PALIATIVOS

PERES, Wellen Cristhine Rafael

PENHALVER, Daiane Ramos de Jesus

Resumo:

Câncer é o nome dado a um conjunto de mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado de células que invadem os tecidos e órgãos, podendo espalhar-se para outras regiões do corpo. O estudo teve como objetivo apresentar a importância dos profissionais da Assistência Social e da Psicologia no tratamento paliativo de pacientes em tratamento oncológico e seus familiares. Foram selecionados trabalhos científicos relacionados a ação do assistente social e psicólogos em pacientes em tratamento oncológico. O estudo foi realizado por meio de consultas bibliográficas existentes e teve como norteamento a eficácia destes profissionais no cumprimento de fomentação dos direitos humanos bem como na partilha de ações perante a equipe multiprofissional evidenciando a complexidade da patologia em questão de modo a fazer frente de como lidar com as dificuldades diante do tratamento paliativo oncológico e tentar entender a abordagem paliativa que tem como foco reduzir a dor, superando o rótulo de terminal juntamente com a participação e inserção das famílias no processo de cuidar durante e pós-tratamento e na fundamentação, por ser importante atender as suas expectativas, agindo como facilitador na implementação desses cuidados.

Palavras-chave: Cuidados paliativos; oncologia; Assistente Social; Psicólogo

ABSTRACT:

Cancer is the name given to a set of more than 100 diseases that have in common the disordered growth of cells that invade the tissues and organs and can spread to other regions of the body. The aim of this study was to present the importance of Social Care and Psychology professionals in the palliative treatment of patients on cancer treatment and their relatives. Scientific papers related to the work of the social worker and psychologists in patients undergoing oncological treatment were related. The study was carried out through existing bibliographic consultations and had as its guideline the effectiveness of these professionals in the length of human rights development as well as in the sharing of actions before the multiprofessional team evidencing the complexity of the pathology in question in order to deal with how to deal with the difficulties faced by oncologic palliative treatment and to try to understand the palliative approach that focuses on reducing pain, overcoming the terminal label along with the participation and insertion of families in the care process during and after treatment and in the reasoning, important to meet their expectations, acting as a facilitator in the implementation of these care.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estabeleceu em 1990 os Cuidados Paliativos como uma modalidade de assistência, definindo que os cuidados paliativos são aqueles voltados à valorização da vida dos pacientes e de seus familiares ajudando-os a lidar com a doença na sua fase final, mediante a prevenção e alívio do sofrimento, identificado precocemente

(REMEDI; et al . 2009).

A filosofia dos Cuidados Paliativos tem como foco principal a busca pela melhor qualidade de vida para o paciente que se encontra num estágio avançado da doença sem o intuito de prolongar a vida por meios artificiais (onde não haja diminuição da dor e do sofrimento) ou abreviá-la. O objetivo é oferecer ao paciente as condições que supram suas necessidades até o final de sua vida e dar suporte à família, cabendo aos profissionais de saúde buscar cada vez mais a competência para exercer os Cuidados Paliativos com amor e conhecimento na área (AMORIM; OLIVEIRA, 2010; OTHERO et al., 2010).

O objetivo do presente trabalho será o de expor através da literatura constituída por sites, revistas apostilas acadêmicas bem como livros na intenção de diagnosticar a importância destes profissionais atuando na área da saúde com procedimentos metodológicos para o resgate da prática. O primeiro capítulo é apresentado a fim de compreender o significado da palavra saúde como um conjunto de ações e condições em que o paciente está inserido de acordo com normas e leis que vão de encontro com a prestação da saúde num todo. Já no segundo capítulo foi fundamental a explanação dos direitos humanos e do tratamento paliativos para detecção da seguridade no tratamento de forma a abranger não somente o paciente como também seus familiares. O último capítulo é voltado, a detecção da importância do Assistente Social e do Psicólogo na intervenção juntamente com a equipe multiprofissional no tratamento oncológico e seus reflexos psicológicos e sociais.

A ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL E PSICOLOGIA NA COMPREENSÃO DA SAÚDE

A atuação de profissionais qualificados e preparados na área da saúde nos últimos anos tem exercido grandes influências no bem-estar na fase invisível e final no tratamento de indivíduos que tem acometimento e necessitam de tratamento especializado de modo a levar em consideração as condições que o paciente está inserido minimizando e amparando o paciente tanto nas aplicações dos seus direitos como também no seu intelecto mental. (HELENA; Hartke. 1992)

Contextualizando sobre a importância das ações dos Assistentes Sociais e dos Psicólogos tais profissionais são de reconhecimento amparados por lei que atribui e reconhece ambos profissionais como profissionais da área da saúde conforme resolução de nº 218 de 06/03/1997 do Conselho Nacional de Saúde. A resolução estabelece várias ações que vão além de visitas domiciliares, atendimentos emergenciais e ações seletivas criando assim lacuna no atendimento que até então irá na direção contrária do entendimento da Constituição Federal de



1988 em seu artigo 192 que delimitava as ações do psicólogo e também da assistência social entre outros. Assim sendo, o destaque para este entendimento se deve as várias ações que a exemplo que o serviço social através do assistente social e a psicologia através do psicólogo se apresentem como uma profissão inserida em equipes multiprofissionais nas partes de divisões técnicas assim homologadas por seus respectivos conselhos federais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001).

O reconhecimento das ações destes profissionais se faz necessária devido a posição sócio política pertencentes a área da saúde de modo geral que os transforma e os colocam numa concepção crítica dando aos mesmos atribuições e competências distintas na elaboração, implementação e avaliações de políticas públicas, programa e projetos além de encaminhamentos e orientações planejadas que possa contribuir para a realidade do paciente e da família (MOURA, 1989).

Para tanto a Assistência Social e a Psicologia agrega conhecimento educacional e científico para prevenção e tratamento de doenças na etiologia³ e diagnostico relacionados as disfunções, aperfeiçoamento do sistema na concepção de políticas públicas à saúde.

A psicologia de atuação sustento da “profilaxia⁴”, na pedagogia científica e na cura de enfermidades leva-se em considerações contextos sócio cultural, econômico, de gênero e de sua diversidade cultural. Sendo assim, a psicologia tem por objetivo a promoção e manutenção da saúde mental e prevenção da doença de modo que o resultado de integração e suas contribuições especificam de diversas áreas do conhecimento psicológico (SCIELO, 2000)

Sobretudo, no correlacionamento destas duas áreas da saúde, é necessário que se atente que a política nacional de ambas profissões possui como objetivo central a garantia de direitos, a acessibilidade destes na integração articulada na rede de tratamento e prevenção da saúde num todo, além disso na saúde mental de modo que estes profissionais além de exercerem um papel fundamental para saúde humana possa ser também de grande valia nas equipes interprofissionais que existem para o tratamento oncológico, utilizando-se ainda de técnicas paliativas.

DIRETOS HUMANOS E CUIDADOS PALIATIVOS

Para ser identificada a necessidade da atuação da Assistência Social e do Psicólogo juntamente com uma equipe multiprofissionais, primeiramente precisa-se levar em consideração que as preocupações de toda a equipe envolvida esteja voltada para o saneamento e tratamento da doença no paciente levando em consideração o meio em que o mesmo está



inserido bem como de seus familiares, de forma que se faz a necessidade de tornar os dias de sobrevida menos árduo não só para o paciente, mas também para os familiares. Neste caso é utilizado tratamentos e cuidados paliativos.

³A etiologia (do grego αιτία, aitia, "causa") é o estudo ou ciência das causas. Não há que se falar em "etiologia" como termo restritivo de uma ciência isoladamente. A biologia, a criminologia, a psicologia, a medicina e várias outras ciências possuem, em seu campo de atuação, a presença de conhecimento etiológico, visando à busca das (continuação 3) causas que deram origem ao seu objeto de estudo. O conceito abrange toda a pesquisa que busca as causas de determinado objeto ou conhecimento

⁴Nas áreas da saúde e ciências da saúde, profilaxia (do grego *prophylaxis*, "cautela") é a aplicação a evitar a propagação de doenças.

Na primeira definição da OMS – Organização Mundial da Saúde para cuidados paliativos, em 1998, estes foram categorizados como o último estágio de cuidado: "cuidados oferecidos por uma equipe interdisciplinar voltado para pacientes com doença em fase avançada, ativa, em progressão, cujo prognóstico é reservado e o foco da atenção é a qualidade de vida" (OMS, 2007 p. 3).

Entretanto, é sabido que os cuidados paliativos podem e devem ser oferecidos o mais cedo possível no curso de qualquer doença crônica potencialmente fatal, para que esta não se torne difícil de tratar nos últimos dias de vida. A mais recente definição da OMS estabelece que "cuidados paliativos é uma abordagem que melhora a qualidade de vida dos pacientes e seus familiares frente a problemas associados à doença terminal, através da prevenção e alívio do sofrimento, identificando, avaliando e tratando a dor e outros problemas, físicos, psicossociais e espirituais" (OMS, 2007 p. 84).

Dentro do seu porte de atuação, os cuidados paliativos tem como principal destaque para o alívio da dor e dos sintomas que provocam a angustia, na consideração de que morrer nada mais é do que um processo natural sem a pretensão do adiantamento ou adiamento do mesmo. É levado em consideração os aspectos psicológicos e o fomento da prática dos seus direitos dando condições do mesmo a possibilidade de viver mais e de modo mais ativo dentro de ações que englobam a família, para a conscientização da doença e na conscientização do luto futuro utilizando se de uma metodologia de abordagem juntamente com a equipe multiprofissional e levando em considerações os direitos reservados ao ser humano (ALBUQUERQUE; Aline et al)

Segundo a OMS os Direitos Humanos são direitos inerentes⁵ a todos os seres humanos, sem qualquer tipo de discriminação. Os direitos humanos, que se caracteriza por serem universais se encontram expressos em tratados, no direito internacional além de outras fontes do Direito Internacional. Os tratados dos Direitos Humanos estabelecem obrigações aos Estados no sentido de adotar determinadas medidas ou de abster-se de certos atos como objetivo de promover e proteger tais direitos de indivíduos ou grupos sendo que são os direitos envolvidos diretamente nos cuidados paliativos sendo: Direito à Saúde; Direito à Privacidade; Direito a não ser submetida a tratamento desumano ou degradante e Direito a Informação, (OMS; 2007).

⁵*adjetivo de dois gênero* que existe como um constitutivo ou uma característica essencial de alguém ou de algo. "função i. ao cargo de subprefeito

Os Direitos Humanos e os Cuidados paliativos tem em comum a fundamentação na dignidade humana, no respeito à autonomia pessoal, e no dever moral e jurídico de evitar a dor considerando, compartilhando e adotando cuidados que se centram no paciente e não somente na enfermidade, de modo que os Estados cumpram uma série de obrigações decorrentes de tratados e outros compromissos internacionais que fundamentam a reivindicação por cuidados paliativos de qualidade podendo ser ofertados em vários tipos de serviços, incluindo hospitais, clínicas especializadas e até mesmo em residências de modo que deve permear todo o sistema de saúde, tanto os serviços da atenção primária como também da especializada ao qual torna os cuidados paliativos essenciais para a saúde e a dignidade humana (ALBUQUERQUE; Aline et al).

O direito aos cuidados paliativos se encontra reconhecido internacionalmente como, por exemplo, pelo Comitê de Diretos Econômicos, Sociais e Culturais da Organização das Nações Unidas (ONU) que estabelece ser crucial a atenção e o cuidado às pessoas com enfermidades crônicas e terminais, bem como evitar que sintam dor e permitir-lhes morrer com dignidade (ALBUQUERQUE; Aline et al).

Os cuidados paliativos têm por objetivo fornecer uma abordagem que dentre outros fatores, melhore a qualidade de vida dos pacientes ou que pressupõe cuidados em saúde que não apenas evitem a dor, mas também, incluam a previsão do tratamento adequado para outros sintomas freqüentemente associados a estes pacientes. Com base nos Diretos Humanos, os Estados devem incluir os cuidados paliativos em seu plano nacional de saúde para assegurar a disponibilização dos cuidados paliativos para todos que assim precisarem (ALBUQUERQUE; Aline et al).

Informar aos pacientes em situações de terminalidade da vida sobre seu diagnóstico ou prognóstico é vedado ou fortemente desencorajado. Atualmente, verifica-se um incremento no reconhecimento do direito a informação do mesmo em cuidados paliativos de modo a atribuir-lhe o direito de ser informado de forma acessível e cuidadosa sobre a real condição. A informação acessível é aquela que seja adequada a identidade cultural do paciente, ao seu nível de educação formal e as necessidades de comunicação.

Desta forma o paciente e seus familiares devem receber informações sobre as opções em cuidados paliativos em linguagem acessível de modo que possam compreendê-las. O direito à informação requer que, previamente ao consentimento do paciente, sejam providas informações adequadas e suficientes sobre os riscos e benefícios dos tratamentos propostos e do não tratamento. Nos cuidados paliativos, o direito à informação pode incluir que as pessoas

recebam informação sobre o prognóstico de seu estado de saúde, opções de tratamento e os efeitos adversos de medicamentos possíveis para o tratamento de sua condição e sintomas.

CUIDADOS PALIATIVOS NO TRATAMENTO ONCOLÓGICO: INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO E DO ASSISTENTE SOCIAL

De todos os sintomas que um paciente com diagnóstico de câncer apresenta, a dor é o mais temido, constituindo o fator mais determinante de sofrimento relacionado a doença mesmo quando comparado à expectativa da morte. Apesar disso, pouca atenção tem sido dada ao tratamento da dor oncológica quando comparada aos avanços tecnológicos no controle do câncer. A dor acomete 60% a 80 % dos pacientes com câncer sendo 25% a 30% na ocasião do diagnóstico e 70% a 90% dos pacientes com doença avançada classificam a dor como moderada a grave. Diante desses fatos a OMS declarou a dor associada ao câncer uma Emergência Médica Mundial publicando em 1986 um guia de tratamento que pode proporcionar alívio da dor em 90% dos pacientes no tratamento da dor oncológica em Cuidados Paliativos. A OMS estima que o número de pacientes com câncer irá dobrar até o ano de 2030 (HUPPE; Revista) 2018.

Logo que surgiu os cuidados paliativos foram oferecidos aos pacientes com câncer. No passado, as possibilidades de tratamento eram quase que inexistentes, os doentes eram institucionalizados esperando o momento da morte. Depois veio o desenvolvimento das práticas cirúrgicas oncológicas, no século XIX, abrindo novas possibilidades para o tratamento da doença e no final desse mesmo século e início do século XX surgiram também os tratamentos com quimioterápicos e radioterápicos. Desse modo, os avanços no tratamento do câncer foram se acentuando e consequentemente o tempo de sobrevida dos pacientes prolongou-se (OTHERO,COSTA,2007; SILVA,2010).

O câncer é uma doença que causa além da dor e de outros desconfortos físicos, impactos tanto de ordem psíquica como também social e econômica para o indivíduo e familiares. Devido ao estigma que a doença põe à vida em risco, os transtornos psíquicos são frequentes, levando à diminuição da qualidade de vida (GRANER,JUNIOR;et al,2010).

Assim, direcionamos nossas afirmações sob o ponto de vista da atuação do psicólogo e do assistente social já incluso na equipe multiprofissional e sua total relevância de modo que cada um destes profissionais, dentro de suas habilitações, se tornam de super importância para o controle da dor e para o tratamento.

O psicólogo no caso deve estar atento em detectar os conteúdos envolvidos na queixa, no sintoma e na patologia, permitindo assim uma atenção integral e a identificação de distúrbios psíquicos que geram sofrimento, estresse e também aos mecanismos de defesa negativos que costumam surgir. Isso favorece a reorganização da vivência de doença e o uso de recursos



adaptativos no sentido de manter o paciente participativo no processo de tratamento (OTHERO;COSTA,2007).

Segundo Sampaio e Löhr:

(...) A psicologia é uma das profissões da saúde cuja inclusão em equipes de acompanhamento de pacientes com câncer é regulamentada por lei. A Portaria nº

3.535 do Ministério da Saúde, publicada no Diário Oficial da União em 14 de outubro de 1998, determina que toda equipe responsável pelo tratamento de pessoas com câncer tenha, entre seus profissionais, um psicólogo (SAMPAIO;LOHR, 2008, p.56).

O psicólogo que integra uma equipe de cuidados paliativos precisa de formação profissional na área, na busca de estratégias para ajudar o paciente no enfrentamento e elaboração das experiências emocionais intensas vivenciadas na fase de terminalidade da vida. Tendo cuidado para não ocupar o lugar de mais um elemento invasivo no processo de tratamento, mas de facilitador no processo de integração do paciente, da família e da equipe multidisciplinar⁶, mantendo como foco o doente (não a doença) e a melhora na qualidade de vida do paciente (não o prolongamento infrutífero⁷ do seu sofrimento). Um dos objetivos primordiais do atendimento psicológico é mostrar ao paciente que o momento vivido pode ser compartilhado, estimulando e buscando seus recursos internos, para assim atenuar sentimentos como de solidão e derrota, e trabalhar com ele o sofrimento psíquico (que inclui ansiedade, depressão, perda da dignidade e seus medos), num compartilhar de cumplicidade e favorecendo a ressignificação desta experiência que é o adoecer (HUPPE; Revista).

Já à ação do Assistente Social, na equipe, fundamenta-se na necessidade de organização e prestação da assistência social ao paciente e sua família O profissional de Serviço Social tem intervenção direta junto ao paciente, utilizando-se de instrumentais

⁶Multidisciplinar significa reunir várias disciplinas em busca de um objetivo final.

⁷Ressignificação é o método utilizado em neurolinguística para fazer com que pessoas possam atribuir novo significado a acontecimentos através da mudança de sua visão de mundo.

técnicos e recursos para conhecer e atender as implicações da internação hospitalar. Um dos instrumentais técnicos utilizados é a abordagem, que, para SOUZA, Maria Luiza (1987: 82), é:

(...) um processo, com a qual o profissional desenvolve suas relações com outras pessoas. A “abordagem marca o desenrolar de todo um conjunto de ações pelo que consegue expressar, sobretudo, no seu início”.

É por intermédio da abordagem individual que o profissional do Serviço Social, em essência, procura ajudar o paciente a resolver seus problemas, seja por meio de mudança de atitudes ou utilizando recursos existentes na comunidade. Utilizamos, ainda, a observação, que, para SOUZA, Maria Luiza (1987: 184) consiste em:

(...) ação de perceber, tomar conhecimento de um fato ou acontecimento que ajude a explicar a compreensão da realidade, encontrar os caminhos necessários aos objetivos a serem alcançados.

Por meio da observação, podem-se obter elementos de compreensão da realidade, pois ela é um instrumento, um exercício que pode detectar, pelo modo de agir, tudo que envolve a relação do cotidiano e pela entrevista que o profissional de Serviço Social procura compreender a realidade em que o usuário está inserido, construindo, com ele, uma relação embasada no diálogo que ocorre quando cada um passa a opinar e expressar o que sente, além de encontrar o respeito pelo outro se tornando possível conhecer a história de vida do paciente e suas relações, buscando compreender e respeitar seus valores. O Assistente Social tem a concepção de que a saúde do usuário não está relacionada somente aos fatores físicos, e procura, assim, visualizar o homem como uma unidade biopsico-social, inscrita em uma realidade específica.

Entende-se que o diálogo com o paciente, a compreensão, o apoio e o respeito frente aos problemas são caminhos para a humanização. Esta deve ocorrer no sentido de que a identidade do paciente não se perca na estrutura e funcionamento hospitalar, buscando-se trabalhar com eles suas ansiedades, ressaltando que estão recebendo assistência médica hospitalar, não como um favor, mas como um direito previsto na Constituição, em seu artigo 196.

Artigo 196: "A saúde é direito de todos e dever do estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas, que visem a redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação" (Conselho Nacional da Saúde, 2000).

Mesmo a saúde sendo um direito de todos, previsto na Constituição, a maioria dos usuários não tem este conhecimento. Desse modo, uma das funções do Assistente Social é a veiculação acerca dos direitos do cidadão, para que os mesmos saiam do papel para a realidade.



Após adquirir conhecimento da realidade e estabelecer um compromisso com o paciente, o Assistente Social tem como objetivo auxiliar no tratamento, orientar e esclarecer o paciente quanto a sua problemática estando, assim, contribuindo para eliminar tensões, favorecendo o paciente, bem como mobilizar recursos pessoais e externos como, por exemplo, a garantia dos direitos humanos para que ele possa melhor se adaptar e sentir-se mais seguro.

Dependendo do problema do paciente, o Assistente Social, fornece orientação sobre os benefícios a que ele tem direito, mantém contato com instituições que desenvolvem programas assistenciais, com familiares, com empresas nas quais os pacientes trabalham, como, também, com prefeituras que se responsabilizam pelo transporte das pessoas que realizam tratamento fora do seu município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, a atenção recai sobre a contribuição do Assistente Social e do Psicólogo no atendimento ao paciente em tratamento oncológico. Para tanto, foi necessário inicialmente, conhecer e compreender a atuação destes profissionais inseridos primeiramente na área da saúde de acordo com suas fundamentações e seus conhecimentos juntamente com uma equipe multiprofissional. Pode-se observar que o câncer é uma doença que traz profundas e graves conseqüências para o paciente, tais como: depressão, angústia, medo e ansiedade que somadas a fragilidade decorrente da patologia e ao tratamento, geralmente ocasiona regressão no estado geral do paciente, podendo levá-lo à dependência. Portanto, a doença não compromete apenas o indivíduo, mas, também, suas relações psicossociais, principalmente com seus familiares. De acordo como processo difícil pelo qual passa o paciente e sua família, os mesmos devem ser acompanhados, uma vez que se trata, sempre, de uma prova difícil para o ser humano. Uma vez internado o doente, o profissional de Serviço Social e Psicologia devem ser capaz de interpretar com ele a problemática decorrente de sua enfermidade, para que o mesmo e sua família possam responder, positivamente, ao tratamento.

Assim concluímos que é de suma importância a necessidade de acompanhamento da equipe multiprofissional, através da qual será possível percebermos o paciente como ser humano, em sua totalidade, não entendendo a saúde somente como ausência de doença, mas, sim, a situação resultante de políticas econômicas, sociais, culturais e jurídicas, incluindo a história pessoal de cada indivíduo, o nível de percepção do próprio corpo e das disfunções orgânicas e a dinâmica com o meio ambiente.



O Assistente Social e Psicólogo necessitam ter clareza de sua atuação, com objetivos bem estabelecidos, bem como conhecimentos acerca da problemática do câncer e suas consequências no plano da vida prática, cotidiana do paciente e familiar. É importante também, enfatizar que o Assistente Social e o Psicólogo devem ter claro que só contribuirão para um bom atendimento ao paciente oncológico, a medida que suas ações ultrapassem a estrutura institucional. A prática, centrada em ações preventivas, terapêuticas, individuais e coletivas, sem dimensões políticas-particulares, mas sim, numa conjuntura mais ampla, de políticas sociais, contribuirá de forma significativa, para uma abordagem mais eficiente da questão. Ao elaborarmos este trabalho, não consideramos concluída a discussão sobre o tema, tendo em vista sua complexidade. Entretanto, pretendemos contribuir para maior compreensão da necessidade de ser reconhecida, como fundamental, na área da saúde, a intervenção do Serviço Social e Psicologia, como integrante de uma equipe interprofissional.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALBUQUERQUE, Aline. Et al. – Cuidados Paliativos e Direitos Humanos: Observatorio de direitos dos pacientes. Pág 17 ano 2018.

AMORIM, W. W.; OLIVEIRA, M. Cuidados no final da vida. *Revista saúde Coletiva*, 43 (7), 198.2010.

CONSELHO.SAUDE.GOV.BR:http://conselho.saude.gov.br/web_sus20anos/20anossus/legis_lacao/constituicaoofederal.pdf acesso no dia 06 de abril de 2019
GRANER-Junior et AL,2010

HARTZE, Helena de Oliveira. Serviço Social e Seguridade Social-Saúde Pública. Tese/in caderno de Teses. Sétimo Congresso brasileiro de Assistentes Sociais. São Paulo,1992.

HUPPE;Revista<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistahupe/article/view/8928/6833> acesso no dia 16 de dezembro/2018

MINISTERIO DA SAUDE-Brasil, Instituto Nacional de Câncer (2001).Cuidados paliativos oncológicos: controle da dor pag 70 e 74.

MOURA, Denócrito.Saúde não se dá conquista-se. São Paulo HUOITEC,1989,25p.

OMS-National câncer control programmes.policies and managerial guidelines. Geneve:OMS, 2012.

OMS-www.scielo.br,cuidadospaliativos,2007 pag 03, 84 acessado 13 de abril de 2019.



OTHERO, M. B.; COSTA, D. G. Propostas desenvolvidas em cuidados paliativos em um hospital amparador – terapia ocupacional e psicologia. *Revista prática Hospitalar, Ano IX* (52), 157-160, Jul./ Ago. Graner, K. G.; JUNIOR, A., L., C.; Rolim, G. S. (2010). Dor em oncologia intervenções complementares e alternativas ao tratamento medicamentoso. *Temas em Psicologia, 18* (2), 345-355, 2007.

REMEDI, P. P.; MELLO, D. F.; MENOSSI, M. J.; LIMA, R. A. G. Cuidados paliativos para adolescentes com câncer: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Enfermagem, 62* (1), 107-12, Brasília, Fev, 2009.

SAMPAIO, A. S.; LOHR S. S. Atuação em casas de apoio: pensando o papel da psicologia e construindo novos caminhos. *RUBS, 1* (3), 52-60, Curitiba, Set./Dez, 2008.
SOUZA, M. L.

SCIELO;

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000200008

WORLD HEALTH ORGANIZATION, Better palliative care for older people. Geneva – WHO, 2004

WORLD HEALTH ORGANIZATION. National cancer control programmes: policies and managerial guidelines. 2nd Ed. Geneva: World Health Organization; 2002.



A INSERÇÃO DAS TERAPIAS ALTERNATIVAS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE COMO MÉTODO DE PREVENÇÃO

¹OLIVEIRA, Bruna Talita Nakamura;

² SANTOS, Nayara Garcia;

³ SILVA, Wederson Henrique do Livramento

E-mail: brunaka_98@hotmail.com

RESUMO: A terapia alternativa visa olhar o indivíduo de forma holística, favorecendo assim o equilíbrio, bem-estar, saúde e qualidade de vida, tornando-a cada vez mais procurada pelas pessoas em busca pelo bem natural, sendo assim difundida pelo mundo inteiro com grande intensidade, é um tratamento, que não utiliza meios da medicina convencional como cirurgia, remédios ou procedimentos invasivos. O presente estudo tem como objetivo de buscar através de revisão de literatura, a inserção das terapias alternativas no Sistema Único de Saúde (SUS), bem como às terapias alternativas, acupuntura, aromaterapia, cromoterapia e reiki, visando suas aplicações, bem como seus resultados. O método de estudo foi elaborado por meio de levantamentos bibliográficos e livros didáticos. 29 diferentes terapias já são disponibilizadas pelo SUS e estão presentes em 57% dos municípios do país, sendo pouco divulgada, sendo assim, não se têm um amplo conhecimento da sua inserção no sistema, porem indivíduos que já conhecem suas práticas atesta sua melhora e testemunham os benefícios os benefícios que ela faz a saúde.

Palavras chaves: terapias alternativas, saúde e Sistema Único de Saúde (SUS).

ABSTRACT: *The alternative therapy aims to look at the individual in a holistic way, favoring the balance, well-being, health and quality of life, making it increasingly sought by people in search of the natural good, being thus spread throughout the world with great intensity, is a treatment that does not use conventional medicine means like surgery, medicines or invasive procedures. The aim of this study is to search through literature review the insertion of alternative therapies in the Unified Health System (SUS), as well as to alternative therapies, acupuncture, aromatherapy, chromotherapy and reiki, aiming at its applications, as well as its results. The method of study was elaborated through bibliographical surveys and didactic books. 29 different therapies are already available through the SUS and are present in 57% of the municipalities of the country, being little publicized, thus, they do not have a wide knowledge of their insertion in the system, but individuals who already know their practices attest their improvement and testify the benefits the benefits it does to health.*

Key words: *alternative therapies, health and the Unified Health System (SUS).*

¹,

² Acadêmicas do curso superior de Tecnologia em Estética e Cosmética do Centro Universitário de Jales (UNIJALES) Jales-SP.

³ Orientador, Especialista em Dermatologia Estética Integrada, docente do centro Universitário de Jales (UNIJALES) Jales –SP.



INTRODUÇÃO

A saúde era entendida simplesmente como o estado de ausência de doença, mas a mesma foi considerada insatisfatória assim formando uma outra visão, de que saúde engloba bem-estar físico, mental e social. O sistema único de saúde (SUS) é um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo, assim garantindo acesso universal, integral e gratuito, tendo como princípio assegurar que a saúde é um direito de toda a cidadania, independente de raça, sexo, ocupação ou outras características sociais ou pessoais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005).

As terapias complementares fazem parte de abordagem holística e natural da saúde, essas práticas de saúde complementares e integrativas têm se difundido ultimamente pelo mundo inteiro e com grande intensidade. O interesse da população por estas práticas vem crescendo, estimulando os órgãos gestores da saúde a implementar e desenvolver medidas que correspondam aos anseios da sociedade nessa área (SILVA, LIMA, BASTOS, 2015).

De acordo com o Ministério da Saúde (2005), diante dessa realidade, e com o intuito de garantir a integralidade na atenção à saúde no Sistema Único de Saúde, foi instituído na forma de Portaria Ministerial, nº 971 em 03 de maio de 2006, e nº 1.600, de 17 de julho de 2006, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, a qual regulamenta essas práticas no Sistema Único de Saúde, voltados para prevenir doenças.

Tendo em vista os altos níveis de estresse, depressão e outras doenças psicológicas que acometem a população, as pessoas estão cada vez mais a procura de tratamentos diferenciados, que favorecem o equilíbrio, saúde, bem-estar e qualidade de vida, tratamento que se associam as terapias alternativas (BÜCKER, CUNHA, MACHADO, 2013).

A terapia alternativa é uma forma de tratamento, que não usa os meios da medicina convencional, como por exemplo, cirurgias, remédios ou procedimentos invasivos, etc. É usada para o tratamento da pessoa de forma integral, observando seus aspectos emocionais e físicos, além de respeitar as crenças e concepções de vida. Através da terapia será feita uma avaliação pessoal, a qual mostrará onde há os desequilíbrios na saúde e em sua qualidade de vida (DOMINGO, ALENCASTRO, 2011)

Este artigo tem como objetivo buscar através de revisão de literatura, a inserção das terapias alternativas no Sistema Único de Saúde (SUS) e artigos relacionados as terapias alternativas como aromoterapia, cromoterapia, acupuntura e reiki.

REVISÃO DE LITERATURA



Desde muito tempo o homem procura manter uma vida saudável, até então o trabalho tinha como objetivo principal garantir ao homem a satisfação de suas necessidades básicas. Com o passar dos anos a ocupação foi tomando uma grande parte do tempo das pessoas, passando a adquirir outros significados como fonte de status, realização pessoal, reconhecimento e identificação (SILVA, SALLES, 2016).

Com as grandes tensões e o estilo de vida atual das pessoas, tem sido buscado cada vez mais métodos para prevenção, e por isso foi resgatada a procura por novas técnicas, que vêm sendo utilizada há mais de 50 mil anos principalmente pelos orientais (PERON et al., 2004).

Ao passar do tempo várias massagens foram surgindo, ampliando assim os recursos dos profissionais que trabalha na área, oferecendo várias possibilidades de atende as expectativas dos clientes. As técnicas terapêuticas alternativas usam vários acessórios para incrementar os movimentos de massagem e aumentar a sensação de relaxamento e bem-estar, embora que o toque das mãos seja considerado extremamente agradável a quase todas as pessoas (OLIVEIRA et al., 2014).

As terapias alternativas é uma técnica trabalhada pelos terapeutas holísticos, onde terapia significa harmonizar e equilibrar e holística do grego holus, que significa totalidade, são um conceito criado por Jan Chrstiaan Smuts em 1926. Tendo como objetivo avaliar os desequilíbrios energéticos, buscando a otimização da qualidade de vida, harmonia e autoconhecimento (BÜCKER, CUNHA, MACHADO, 2013).

As terapias holísticas são consideradas terapias que promovem o alívio dos sintomas de ordem física, psicológica e emocional, proporcionando tranquilidade, diminuindo a ansiedade e consciência corporal e emocional (BRAUNSTEIN, BRAZ, PIVETTA, 2011).

Terapias alternativas são técnicas que visam à assistência à saúde do indivíduo, seja na prevenção, tratamento ou cura, tendo como objetivo tratar o indivíduo de forma global tanto e não um conjunto de partes isoladas, visando o físico, mental, espiritual e o emocional (TROVO, SILVA, LEÃO, 2003).

O mistério da saúde inclui 10 novas práticas integrativas no Sistema Único de Saúde, que são voltadas para prevenir diversas doenças como depressão e hipertensão, que já são realizados por vários municípios brasileiros, que são oferecidos por iniciativa local mais recebem financiamento do ministério da saúde, por meio do piso de atenção básica. (MINISTERIO DA SAUDE, 2011).

A Política Nacional de Práticas Integrativas desenvolveu abordagens à saúde buscando estimular prevenção e recuperação da saúde utilizando métodos naturais, pautados na escuta,



no acolhimento, desenvolvimento de vínculos terapêuticos, visando o entendimento do conceito de saúde e autocuidado (GALLI et al.,2011).

A prática dessas terapias tem um efeito no nosso organismo que provoca uma resposta no sistema nervoso simpático, mandando informações via aferente para o sistema nervoso central, o qual prepara o indivíduo para mobilizar ou defender-se. Quando o corpo não apresenta perigo, interrompe o sistema nervoso simpático e ativa o parassimpático deixando o indivíduo em repouso, diminuindo atividade cardiovascular e hormônio do estresse e maior sensação de bem-estar (BERTOJA, TOKARS, 2017).

As terapias possuem influência sobre várias substâncias neuroquímica do corpo, o aumento de histamina que é o hormônio de defesa, melatonina que permitirá um sono reparador e maior serotonina e endorfina, que ambas promovem sensação de bem-estar (BERTOJA, TOKARS, 2017).

Uma das práticas complementares implantada no Sistema Único de Saúde, foi a acupuntura, que é uma técnica terapêutica milenar que surgiu na China trazendo para o ocidente, tendo seus primeiros registros datados de 1812, cujo objetivo é a cura de enfermidades através do estímulo das agulhas em pontos específicos do corpo, chamados acupontos (SILVA, SALLES, 2016).

A aplicação das agulhas é dividida em pontos de linhas energéticas que se interligam ao longo do corpo, que por intermédio delas estimulam pontos, fazendo com que a energia circule, aliviando assim doenças e distúrbios emocionais. Tendo como principal objetivo da acupuntura é harmonizar a pessoa, buscando equilíbrio físico, emocional, mental e espiritual. Essa técnica geralmente é empregada em casos como depressão, insônia, dependente de drogas e no tratamento de dor (PERON et al.,2004).

As civilizações antigas já usavam a cromoterapia para os tratamentos de saúde como os chineses, indianas, gregas, egípcias e outras, a origem da palavra cromoterapia vem do grego pela junção de dois termos, “kromos” que significa cor e “terapheia”, terapia. Essa terapia possui várias cores diferentes que possivelmente naquela época eram feitas de formas de rituais em pessoas enfermas para serem curadas através das cores. Cada cor tem uma função e atua de diferentes maneiras no metabolismo humano (SCHULKA, SOUZA, 2017).

A cromoterapia é a ciência que utiliza o poder das cores na busca do equilíbrio do corpo, que baseada nas sete cores do espectro solar: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta (SCHULKA, SOUZA, 2017).



Essa técnica existe desde a antiguidade e é praticada por várias origens, onde usavam a mirra ou do uso perfumes queimados, a fim medicinal ou religiosos, reconhecendo seus valores terapêuticos benefícios fisiológicos que é considerada uma terapia natural (BÜCKER, CUNHA, MACHADO, 2013).

A aromoterapia é considerada uma arte e uma ciência que tem como finalidades estudar propriedades terapêuticas dos óleos essenciais, para alívio de dores, prevenção de doenças, promovendo bem-estar ao corpo, alma e das emoções (AMARAL, SILVA, LHAMAS, 2015).

A aromoterapia pode ser feita por inalação de óleos e essências podendo trazer alívio rápido de problemas respiratórios e estresse, uma indicação e que feche os olhos ao inalar; nos banhos que auxiliam nos tratamentos na saúde é indicado que aplique o óleos em um banho morno permanecendo durante 10 a 20 minutos; por meio de massagem usando como veículo óleos e essências; através de compressas com óleos podendo acalmar dores (PRICE, 1999).

Reiki é um método de cura mais antigo de que a humanidade tem conhecimento, é uma prática espiritual baseada na matéria e no espírito, tendo origem no Tibete há dezoito séculos e redescoberto por um monge japonês chamado *Mikao Usui*. Ela é uma terapia de cura natural, holístico pois trata o ser humano como um todo (FREITAG, ANDRADE, BADKE, 2015).

O reiki é uma das modalidades de terapias alternativa complementar que é importante na prevenção de doenças ocupacionais. Essa terapia é uma prática vibracional através de imposição de mãos, sobre o cliente ocorrendo a estabilização de energia, fazendo assim o equilíbrio energético e espiritual (GALLI et al., 2011).

Como relatado por Barbosa et al., 2016:

Mesmo que todos possuam a capacidade inata de impor as mãos, no sistema *reiki* o desbloqueio dos *chakras* “roda de luz”. São pontos de energia de diferentes vibrações, representando diferentes aspectos do corpo, da alma e do espírito. simbolizam a lei da natureza, estando em constante movimento. (Eles estão localizados ao longo da coluna vertebral do corpo humano; sua função é de receber e transmitir energia para as áreas afetadas do corpo físico, trazendo o equilíbrio) ocorre com o ritual de iniciação, momento em que canais de energia são abertos permitindo ao iniciado entrar em sintonia com a Energia Universal e assim transformar-se em um agente de cura, podendo atuar como terapeuta *reiki*.

METODOLOGIA

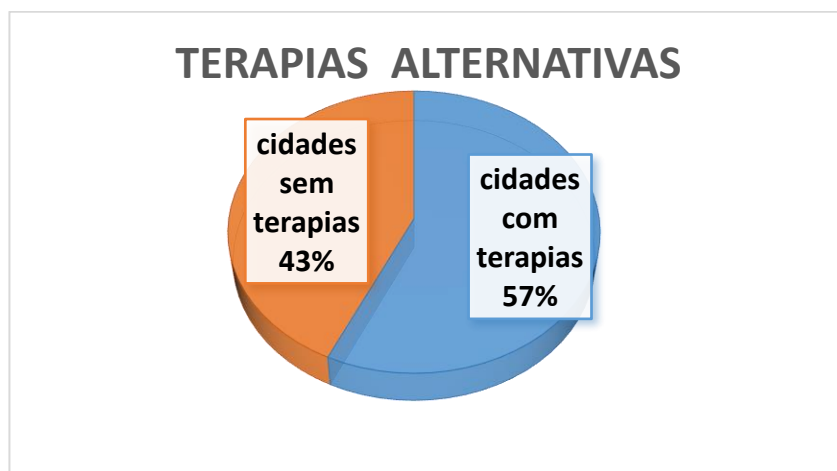
O presente estudo foi elaborado por meio de levantamentos bibliográficos, livros didáticos encontrados na biblioteca do Centro de Universitário de Jales-Unijales, e pesquisa realizada através de artigos científicos, retirados de base de dados virtuais como google

acadêmico, scielo (literatura latina-américa) e do caribe em ciência da saúde. Tendo como objetivos esclarecer através de revisões bibliográficas a importância das terapias alternativas como método de prevenção do sistema único de saúde (SUS). O artigo está sendo desde o período de março 2018.

DISCUSSÃO

A folha São Paulo diz que é oferecido pelo SUS 29 tipos de terapias diferentes, já estão presentes em 57% dos 5570 municípios do país, estimula que 5 milhões de pessoas participe dessa prática no SUS, como demonstra a figura 1:

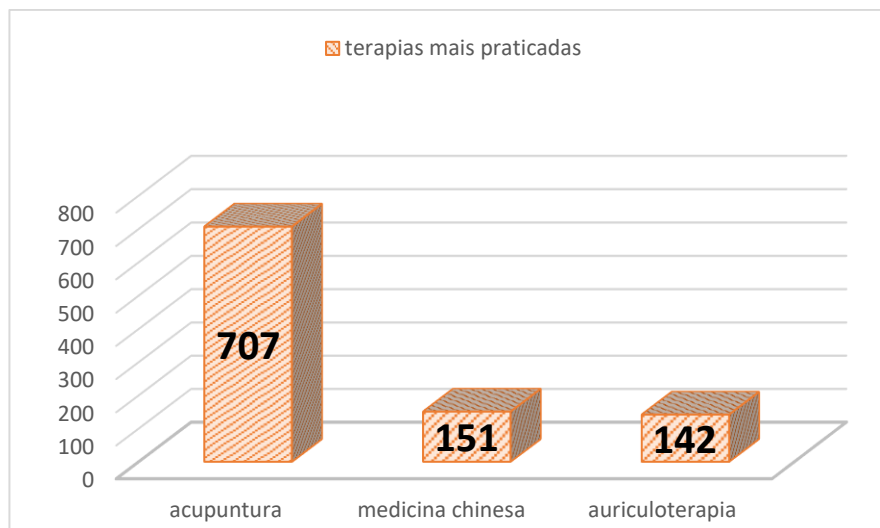
Figura 1: Percentual de inserção as terapias alternativa



Fonte: Próprio autor, 2018.

A figura 2 apresenta as terapias mais praticadas que são acupuntura a mais utilizada com 707 mil atendimentos em seguida a medicina chinesa com 151 mil atendimentos e a Auriculoterapia com 142 mil atendimentos.

Figura 2: Terapias mais praticadas



Fonte: próprio autor, 2018.

No site do Ministério da Saúde diz que atualmente a acupuntura é a mais difundida com 707 mil atendimentos e 277 mil consultas individuais, em segundo lugar está a medicina chinesa com 151 mil sessões de atendimento em seguida está a Auriculoterapia com 142 mil procedimentos e várias outras foram registradas como yoga com 35 mil, biodança com 23 mil sessões.

Adams (2002) diz que é necessário fazer a vida mais flexível com atitudes mais divertidas para sair da rotina, ser criativo, sempre tendo planos bons para ter sempre a chave da felicidade que consequentemente estaremos livre de adoecer a mente, corpo, a pessoa mais brincalhona e que procura meios para relaxar proporciona momentos imensamente benéficos, dentre eles estão a melhora do quadro clínico, diminuição de ansiedade e do estresse.

Bertoja e Tokars (2017) fala que o indivíduo que procura meios para relaxar como algumas das terapias alternativas, tem o efeito psicológico que é promovido pelo toque e a soma dos vários efeitos proporciona a sensação de bem-estar. A resposta do sistema parassimpático através da massagem, fornece vantagem como reduzir a ansiedade, depressão, dor e o aumento da imunidade.

Diz o autor Schulka, Souza (2017) a cromoterapia é a ciência que utiliza as cores na busca do equilíbrio do corpo, proporcionando ao indivíduo uma energia que falta através da luz manifestada pelas cores, a partir disso cria-se um laço que chega ao equilíbrio. No Brasil, as terapias complementares, entre elas a cromoterapia, são consideradas grandes aliadas para quem busca bem-estar, qualidade de vida e proteção da saúde.



O autor Santos, Filho (2012) comprova isso através de uma pesquisa que foi realizada, a cromoterapia é utilizada desde antiguidade e os seus efeitos eram visto só de forma empírica. Mais estudos comprovam resultados positivos na aplicação desta prática na área da saúde, foi visto que o indivíduo que realiza sessões de cromoterapia tem o controle de pressão arterial, tratamento de doenças crônica, diminuição de dor, em desequilíbrio emocional e na depressão entre outros.

A terapia complementar é cada vez mais comum, pessoas que enfrentam o desafio de doenças incuráveis, estão sendo atraídas pela possibilidade de outra forma de cuidados, aumentando a procura por essas terapias visando auxiliar o tratamento convencional. As terapias que já foram consideradas crendices no passado, hoje se mostra benéfica pelas pessoas. (Souza et al, 2014).

Freitag, Andrade e Badke (2015) relatam que o reiki é uma técnica de cura segura natural, onde se utiliza a posição das mãos sobre o indivíduo com o principal objetivo de restabelecer o equilíbrio do corpo, promovendo bem-estar espiritual emocional e mental. Podendo ainda tratar muitas enfermidades agudas e crônicas.

A pratica do reiki não se impõe em causa a medicinas convencionais, pois ela é uma terapia complementar, o reiki já é usado em alguns hospitais (nacionais e principalmente no Reino Unido e Estados Unidos da América), em pessoas oncológicas que apontam uma diminuição de dor e da ansiedade, redução dos efeitos colaterais da quimioterapia, sensação de pacificação interior e melhora da auto estima (SALVADO,2016)

Segundo Ferreira (2005) o reiki auxilia ainda na relação com o outro, nos abrindo a outras pessoas, proporcionando um entendimento maior entre os seres e elimina barreiras, tornando assim a vida mais agradável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo possibilitou conhecer de forma mais profunda sobre as terapias alternativas, mostrando que trazem benefícios e sendo assim cada vez mais utilizada como um método de prevenção, possibilitando a sua prática através do SUS para todo o indivíduo que procura um método alternativo. Alcançando o objetivo proposto que foi relatado- pelos autores, afirmando seus benefícios das terapias alternativas como meio de prevenir doença. O método foi suficiente para alcançar o objetivo, através de revisões literárias, livros didáticos, site de órgão públicos. Conclui-se também que as terapias já implantadas (SUS); são muito pouco divulgadas, deixando o indivíduo sem conhecimento da melhoria e dos benefícios que ela traz a saúde.



REFERÊNCIAS

AMARAL, C. D; SILVA, M. E; LHAMAS, F, M, L. Os efeitos da massagem relaxante associada a aromoterapia no tratamento da depressão 2015.4f UNISALEANO LINS São Paulo.

BÜCKER, J; CUNHA. J; MACHADO. M. Aromaterapia, Cromoterapia E Musicoterapia Associadas Aos Tratamentos Estéticos 2013.19f. Academia do curso de cosmetologia e estética do vale do Itajaí- UNIVALI, Balneário Camboriú, Santa Catarina.

BRAUNSTEIN, G, V, M; BRAZ, M, M; PIVETTA, F, M, H; A fisiologia da massagem terapêutica, 2011; Centro Universitário Franciscano UNIFRA Santa Maria RS.

DOMINGOS, J, J, S; ALENCASTRO, H, L; Auriculoterapia; 2011; Universidade Federal do Paraná Setor litoral UFPR.

BERTOJA, G.V; TOKARS, E; Os benefícios da massagem relaxante, 2017- Universidade Tuiuti do Paraná (Curitiba, PR).

FREITAG, V, L; ANDRADE, A; BADKE, M, R; O reiki como forma terapêutica no cuidado à saúde: uma revisão de literatura; revista eletrônica trimestral de enfermagem; universidade de Murcia; número 38; abril 2015.

FERREIRA, B; P. - O Valor Para O Usuário De Terapias Alternativas. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul Escola De Administração Departamento De Ciências Administrativas- PORTO ALEGRE 2005.

GALLI, B, S, K; SCARATTI, M; DIEHL, A, D; LUNKES, T, J; ROJAHN, D; SCHOENINGER, D 2011. 11f. saúde e equilíbrio através das terapias integrativas: relato de experiencia. Universidade do estado de Santa Catarina UDESC.

GALLI, B, S, K; SCARATTI, M; DIEHL, A, D; LUNKES, T, J; ROJAHN, D; SCHOENINJER, D. Saúde e equilíbrio através das terapias integrativas: relato de experiência; Revista de enfermagem; Rio Grande do Sul FW; Volume 8; Numero 8; 245 a 255, 2012.



Sistema Único de Saúde MINISTÉRIO DA SAÚDE disponível em:
<<http://portalms.saude.gov.br/sistema-unico-de-saude>> acesso em: 29 março. 2018.

OLIVEIRA, L, A; PEREZ, E; SOUZA, B, J; VASCOSCELOS, G, N; Curso Didático de Estética; 2º edição; editora Yendis LTDA- 2014.

PERON, P, A; ROCHA, C, S, M, L, C; NEVES, S, Y, G; VICENTINI, P, E, V; Medicina alternativa II, 2004; 33-34f.

PRICE, S; Aromaterapia para doenças comuns; 1º Edição Brasileira; Editora Manole LTDA- 1999.

SALVADO, P. Suplemento Informação; Congresso ACE, julho 2016.

SANTOS, B, D, E; FILHO, C, J, F; Panorama geral das pesquisas científicas sobre cromoterapia: uma revisão integrativa; 2012, Campus Grande Florianópolis- Palhoça, SC- Brasil.

SCHULKA, S; SOUZA, W, A; Cromoterapia aplicada na harmonização do emocional intensificando os tratamentos estéticos, 2017. 3f; Universidade de Tuiuti do Paraná.

SILVA, C, L; SALES, A, L, T; O estresse ocupacional e as formas alternativas de tratamento; Revista de carreira e pessoas; São Paulo; Volume VI; Número 02; 234 a 247f; Maio 2016.

SILVA, C, I; BASTOS, A, R; SILVA, B, L; Terapias complementares e integrativas: conhecimento e utilização pelos docentes do curso de enfermagem de uma instituição pública, 2015 41f; Universidade Estadual de Feira de Santana UEFS Bahia.

SOUZA C, J; ARGOLO, A, T; BEZERRA, A, J; CALASANS, A, T; ROCHA, S, R, DAIANA, M; A Utilização Das Terapias Complementares Nos Cuidados Paliativos: Benefícios E Finalidades, 2012.



SOUZA C, J; ARGOLO A, T; BEZERRA, A, J; CALASANS, A, T; ROCHA, S, R, DAIANA, M; A Utilização Das Terapias Complementares Nos Cuidados Paliativos: Benefícios E Finalidades Cogitare Enfermagem, vol. 19, núm. 3, julio-septiembre, 2014, pp. 514-520 Universidade Federal do Paraná Curitiba - Paraná, Brasil.

Sus Inclui Dez Novas Terapias Alternativas, Como a de Florais Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/sus-inclui-dez-novas-terapias-alternativas-como-a-de-florais.shtml>> acesso em : 22 agosto, 2018.

TROVO, M.M; SILVA, M.J.P; LEÃO E.R; Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. Rev Latino-am Enfermagem 2003 julho-agosto; Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

APLICAÇÃO DA CINESIOTERAPIA ATRAVÉS DE EXERCÍCIOS DE KEGEL COMO FORMA DE TRATAMENTO E PREVENÇÃO NA INCONTINÊNCIA URINÁRIA DE ESFORÇO EM MULHERES - REVISÃO DE LITERATURA

SANTOS, Jaqueline Fernandes dos ¹;

FREITAS, Cyntia Gutierrez Umiji ²

1 Fisioterapeuta especializando em Reabilitação na Saúde da Mulher, graduada no
Centro Universitário de Jales – UNIJALES/SP

2 Especialista em Dermatofuncional e docente do Curso superior de Fisioterapia do
Centro Universitário de Jales – UNIJALES/SP.

Cyntia.gfu@gmail.com

RESUMO:

A Incontinência Urinária de Esforço (IUE) é definida como perda involuntária de urina proveniente da fraqueza dos músculos do assoalho pélvico aos mínimos esforços, ao tossir, espirrar, subir escada e excesso de exercícios físicos, sendo considerada um problema de saúde pública, afeta tanto homens e mulheres de todas as idades, principalmente a terceira idade causando grande impacto psicossocial, baixa autoestima, ocasionando até uma institucionalização precoce e afetando também na sexualidade. Este estudo objetiva averiguar o que as referências bibliográfica trazem sobre os efeitos da cinesioterapia através de exercícios de Kegel na prevenção e tratamento de mulheres incontinentes. As buscas foram realizadas utilizando bases de dados virtuais como Scielo, Google Acadêmico, livros e revistas contidos no acervo do Centro Universitário de Jales (UNIJALES). Conclui-se que o exercício de Kegel isolado tem uma grande aceitabilidade pelos pacientes por apresentar melhora na força e no tônus da musculatura do períneo, podendo levar a cura da IUE, os exercícios de cinesioterapia quando associados com técnicas de eletroestimulação, biofeedback ou cones vaginais apresentam melhores resultados do que os exercícios de Kegel isolados, por auxiliar e estimular os músculos internos difíceis de localizar no ato da contração da musculatura do períneo.

Palavras Chaves: incontinência urinária de esforço, assoalho pélvico feminino, exercícios de Kegel.

ABSTRACT: Stress Urinary Incontinence (SUI) is defined as involuntary loss of urine from weakness of the pelvic floor muscles upon minimal exertion, when coughing, sneezing, climbing stairs and excessive exercise, being considered a public health problem, affecting both men and women of all ages, especially the elderly, causing great psychosocial impact, low self-esteem, leading to early institutionalization and also affecting sexuality. This study aims to demonstrate the consequences of stress urinary incontinence; to find out what the bibliographical references bring about the effects of kinesiotherapy through Kegel exercises in the prevention and treatment of incontinent women. The searches were performed using virtual databases such as Scielo, Google Scholar, books and magazines contained in the collection of the Centro Universitário de Jales (UNIJALES). It can be concluded that Kegel exercise alone has great acceptability by patients because it has improved perineum muscle strength and tone, and may lead to healing of SUI, kinesiotherapy exercises when associated with electrostimulation techniques, biofeedback or vaginal cones. show better results than Kegel exercises alone, as it helps and stimulates internal muscles that are difficult to locate when the perineum muscles contract.

Keywords: stress urinary incontinence, female pelvic floor, Kegel exercises.



INTRODUÇÃO

O assoalho pélvico é uma importante estrutura no suporte uretral e no mecanismo de continência urinária, sendo o assoalho pélvico feminino formado por estruturas que estão entre o peritônio pélvico e a pele da vulva, constituído pela bexiga e uretra. A cavidade do abdômen e da pelve são interligadas, porém, a porção caudal é separada anatomicamente do períneo pelo diafragma pélvico (OLIVEIRA; RODRIGUES; PAULA, 2007).

Os músculos do assoalho pélvico são compostos por fibras do tipo I e tipo II. Fibras do tipo I são constituídas de 70% de contração lenta e fibras do tipo II, 30% de contração rápida. As fibras de tipo I são responsáveis sustentar e manter o tônus muscular, fazendo a manutenção da continência no repouso, a fibra tipo II de contração rápida, durante o aumento súbito da pressão abdominal vai fazer contenção da continência urinária de esforço (DREHER et al., 2009; GLISOI; GRELLI, 2011).

A bexiga urinária é formada por músculos lisos contendo duas partes, o corpo que é a bexiga onde armazena aproximadamente 400 ml de urina, e o colo vesical, é uma extensão do corpo em forma de um tubo que contém aproximadamente de 2 a 3 cm de comprimento, que faz a passagem inferior e anteriormente ao triângulo (trígono) urogenital que liga a uretra. A bexiga é envolvida por fibras musculares lisas, chamado músculo detrusor onde fibras parassimpáticas se prolonga em todas as direções, que se contrai aumentando a pressão no interior da bexiga, as fibras musculares que agem no interior do colo da bexiga formam o esfíncter interno, este esfíncter não age sobre controle voluntário só irá acontecer o esvaziamento quando ocorrer o estímulo apropriado. A passagem da uretra posterior ocorre pelo diafragma urogenital que comporta uma camada muscular chamada esfíncter externo que age no controle voluntário no momento da micção, entre a bexiga e a uretra contém pregas chamadas de rugas que mede o volume de urina conforme ela se enche (GUYTON; HALL, 2006, BERNE et al., 2004).

A bexiga é comandada pelo sistema complexo de nervos que se encontram no triângulo que envolve estruturas como, sistema nervoso central, sistema nervoso periférico e estruturas do trato urinário, estas estruturas determina um equilíbrio coordenado e harmônico para continência urinária (RODRIGUES, 2008).

A incontinência urinária de esforço (IUE) define-se, por ser um comprometimento no armazenamento da urina, é mais frequente no sexo feminino, atinge principalmente as gestantes e idosas, mas pode ocorrer em qualquer fase da vida. A incontinência urinária de esforço é definida pela Sociedade Internacional de Continência como uma perda involuntária de urina



pela uretra, com a ausência da atividade do músculo detrusor associado ao aumento da pressão intra-abdominal, ocasionando um problema higiênico e social. No entanto a Sociedade Internacional de Continência retirou o fragmento da definição que se refere a um problema social, por considerá-lo inadequado para definir o sintoma (BERQUÓ; RIBEIRO; AMARAL, 2009; HONORIO; SANTOS, 2008).

Estas alterações fisiológicas podem afetar o convívio social, perda da autoestima, isolamento, depressão, vergonha e medo, ocorreram problemas psicológicos e sociais para o paciente e familiares, afetando nas atividades do dia a dia (OLIVEIRA; GARCIA, 2011; TAMANINI et al., 2003).

O indivíduo que apresenta a incontinência muitas vezes não procura ajuda de um profissional, por sentir-se constrangidos em falar sobre o problema com amigos, familiares ou com profissional da saúde, carregando o problema por vários anos. Mediante o distúrbio acaba mudando sua rotina evitando participar de festas, casa de amigos (HONÓRIO; SANTOS, 2008).

A incontinência urinária de esforço é considerada por dois tipos de fisiopatologia, a primeira é hiper mobilidade do colo vesical ou por uma insuficiência esfíncteriana intrínseca (SOUSA et al., 2011).

A hiper mobilidade do colo vesical, é a causa mais frequente de incontinência, ocorre por uma fraqueza da musculatura em torno da bexiga e uretra. Quando há uma pressão abdominal simultaneamente a contração dos músculos do assoalho pélvico, acontecerá o processo da continência, mas se houver uma falha da contração dos músculos do assoalho pélvico, ou seja, uma falha nesta transmissão consequentemente haverá uma perda natural da urina, ocorrendo o que é chamado de incontinência urinária por hiper mobilidade do colo vesical (SOUSA et al., 2011; OLIVEIRA; RODRIGUES, PAULA, 2007).

Outra forma de incontinência urinária ocorre pela insuficiência esfíncteriana intrínseca, onde ocorrem alterações nas camadas internas da parede esfíncteriana, o esfíncter promove a pressão que mantém o fechamento uretral que resiste a pressão intravesical garantindo a continência. Quando ocorre a IUE é gerada uma perda do suporte uretral e de todos os conjuntos musculares e tecidual, gerando a insuficiência esfíncteriana intrínseca aos mínimos esforços (SOUSA et al., 2011; OLIVEIRA; RODRIGUES; PAULA, 2007; SOCIEDADE BRASILEIRA DE UROLOGIA, 2006).

Os principais fatores de riscos que podem desencadear a IUE são: obesidade, idade, cirurgia pélvica, medicamentos que age no sistema nervoso central, menopausa, gestação,



infecções do trato urinário (SOCIEDADE BRASILEIRA DE UROLOGIA, 2006b; HIGA; LOPES; REIS, 2008).

O tratamento fisioterápico visa a prevenção em meio a educação da função miccional, informando o uso adequado da musculatura do assoalho pélvico e fortalecimento. O tratamento de cinesioterapia visa reforçar a resistência uretral e melhora os elementos de sustentação dos órgãos pélvicos, vem por meio de pratica de exercícios para o assoalho pélvico baseando na regra de movimentos voluntários repetitivos, proporcionando efeitos benéficos melhorando a restauração e manutenção da força, mobilidade, flexibilidade, relaxamento e coordenação da habilidade dos movimentos (NOLASCO et al., 2007).

Em 1948 Kegel foi o primeiro a descrever o método fisioterápico que incluem exercícios de resistência do assoalho pélvico, Kegel propôs vários estudos para avaliar a eficácia do fortalecimento da musculatura perineal, ao ser avaliado Kegel sugeriu que as pacientes antes de realizar os exercícios devem ser orientadas a forma correta da contração a ser exercida, em adquirir consciência evitando contrações acessórias dos músculos abdominais, adutores de quadril e glúteos (GARCIA; LEÃO, 2008; O'CONNOR; STEPHENSON, 2004).

A cinesioterapia de Kegel tornou a chamar de terapia fisiológica que consiste em exercício da musculatura perineal, um de seus aparelhos mais utilizados é o perineômetro por auxiliar na reabilitação, associados com outras técnicas, tornando o tratamento mais eficaz promovendo o aumento do tônus das fibras musculares trabalhando a hipotonia da musculatura perineal (VALERIO; CARVALHO; SILVA, 2013).

Os exercícios de Kegel baseia na contração e no relaxamento da musculatura perineal, esta contração deve ser realizada no mínimo três vezes por semana e repetida 10 vezes com intervalo de 20 segundos, além dos exercícios pode utilizar acessórios como cones vaginais, bola suíça, biofeedback. (VALERIO; CARVALHO; SILVA, 2013).

OBJETIVO

Relatar através de pesquisas e estudos de artigos a importância do tratamento fisioterápico utilizando da cinesioterapia a respeito dos exercícios funcionais de Kegel como forma de tratamento alternativo não invasivo e de baixo custo.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica utilizando base de dados virtuais como Scientific Electronic Library Online (Scielo), Google Acadêmico, sendo utilizadas também referências em outras fontes científica como livros contidos no acervo bibliográfico do Centro Universitário de Jales (UNIJALES) e revistas que abordam sobre o assunto. Os



descritores utilizados foram: assoalho pélvico feminino, incontinência urinária de esforço, exercícios de Kegel. A estratégia do método definido foi uma revisão de literatura de característica descritiva; os artigos foram pesquisados em língua portuguesa, não havendo limitação para datas, tendo em vista um estudo que abrange a aplicação dos exercícios de Kegel como tratamento para incontinência urinária de esforço. O período do presente estudo teve duração de sete meses, sendo de março a outubro de 2015.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A incontinência urinária é considerada um problema de saúde pública que acomete principalmente mulheres tanto no período gestacional e pós-gestação, ou em várias faixas etárias principalmente pessoas idosas.

A perda urinária ocorre devido a uma fraqueza acometida por flacidez no assoalho pélvico, alguns fatores contribuem para perda urinária como distúrbios hormonais, o tratamento conservador composto por Kegel vem por meio de exercícios ativos que promove uma reeducação perineal e ganho de conscientização corporal, os exercícios tem se tornado uma solução eficaz e de baixo custo (RAMOS; OLIVEIRA, 2010).

O processo da perda involuntária de urina ocorre na ausência do músculo detrusor e também na falha da ação do esfíncter externo os exercícios de cinesioterapia são indicados para o aumento da força nas fibras musculares, mas ao passar do tempo os exercícios perineais foram sendo esquecidos, e trocados por tratamentos cirúrgicos, o que acreditava ser mais eficazes, porém observou-se que os indivíduos que passaram pelo tratamento cirúrgico alguns anos após a intervenção cirúrgica foram aparecendo os mesmo sinais da perda urinária (NOLASCO et al., 2007).

Segundo Nolasco et al., (2007) observaram que as mulheres apresentam dificuldades em realizar corretamente a contração da musculatura do períneo, por utilizar os músculos acessórios como glúteo, abdômen e adutores, quando precisa ser recrutada a musculatura do assoalho pélvico. Então observou-se que os exercícios de Kegel ao ser aplicado devem manter estes músculos acessórios em repouso, o autor relata que a paciente muitas vezes não consegue realizar o exercício simplesmente com a orientação verbal do fisioterapeuta, é necessário uma palpação intravaginal com a presença de outro profissional ao analisar a contração exercida.

Se os exercícios forem executados de forma correta, contraindo os músculos do períneo, mantendo os músculos acessórios em repouso, eles promovem uma boa reeducação perineal e uma melhora de força das fibras musculares. A Sociedade Internacional de Continência em



1992 averigua as técnicas de reabilitação do assoalho pélvico como eficácia no tratamento conservador de incontinência urinária (NOLASCO et al., 2007).

De acordo com o Berquió, Ribeiro e Amaral (2009) mostram que o tratamento cirúrgico tem mais aceitabilidade pelas pacientes com um índice 80 a 98% de cura no pós-cirúrgico, mas estes procedimentos ocorrem complicações, cerca de 30% das mulheres em um período de cinco anos relata fraqueza do assoalho pélvico, isso faz com que atualmente há uma procura muito grande pelo tratamento conservador, gerando melhores resultados.

O tratamento conservador proporciona uma melhora e até cura por ser um tratamento menos invasivo de baixo custo em vista do tratamento cirúrgico, a cinesioterapia torna-se mais eficaz através da motivação e desempenho pelas pacientes e principalmente pela equipe multiprofissional. Os exercícios buscam melhorar o tônus muscular, força de contração das fibras e promover uma boa reeducação da musculatura do assoalho pélvico e uma melhora na função sexual, este tratamento pode ser isolado ou aplicado com outras técnicas como eletroestimulação, pode ser realizado em pé sentado, deitado e em decúbito este tipo de tratamento não tem contra indicação (BERQUIÓ; RIBEIRO; AMARAL, 2009).

De acordo com Oliveira; Rodrigues e Paula (2007) mostra que o tratamento conservador farmacológico e fisioterapêutico, esta promovendo grande aceitabilidade pelas pacientes de IUE pós- menopausa e pós- cirúrgicas, sem a necessidade de tratamento mais agressivos, pois a IUE não gera risco de vida para pacientes. A cinesioterapia tem por finalidade reforçar a resistência uretral, melhorar as fibras de contração rápidas tipo II e melhorar a sustentação dos órgãos pélvicos, tornando eficaz com índice de 70% de melhora e até cura no tratamento, as modalidades dos exercícios de Kegel são fáceis de realizar, mas o autor relata que é necessário uma avaliação da capacidade ao interromper o jato urinário durante a micção, se a paciente estiver com um grau mais elevado da IUE não terá um efeito muito satisfatório, de forma que estes exercícios são eficazes em IUE leves e moderadas.

Foi realizado um estudo de caso com 15 mulheres implantadas no SUS relatando perda urinária no ato de relação sexual e menopausa, as pacientes passaram por uma avaliação de força através de teste de força elementos do ânus (AFA) e exame de anamnese, depois da avaliação o atendimento foi individualizado com elaboração de tratamento de exercício de Kegel isolado ou associado com eletroestimulação, biofeedback e cones vaginais de acordo com a capacidade de força das pacientes, o atendimento teve um período de oito meses acompanhadas de 10 sessões realizadas duas vezes por semana com duração de 50 minutos de exercícios para o assoalho pélvico, nas posições em decúbito dorsal, sentada e ortostática,



durante este período de tratamento 5 mulheres tiveram alta após 10 sessões, as outras 10 pacientes foram remarcadas dando continuidade ao tratamento relatando perda de escape da urina (ROUSSENQ et al., 2011).

No estudo de Roussenq et al., (2011) destaca que após os exercícios as pacientes foram avaliadas novamente e perceberam que no início a AFA era de 2,7 de força e após o tratamento a AFA foi para 3,6 no final, isso mostra que o tratamento conservador gera uma grande melhora nos sintomas de IUE, sendo uma das primeira opções de tratamento através de exercícios de Kegel, porém neste estudo observou que o tratamento conservador são ausentes nos serviço públicos de saúde, sendo o mais indicado o tratamento cirúrgico o que gera um alto custo para o sistema único de saúde SUS, com internações, anestésias e medicamentos.

Em um estudo de caso realizado com 25 mulheres em fase pós- menopausa, sendo que 22 permaneceram no tratamento por período de um ano, uma paciente não pode realizar o tratamento por que apresentou uma limitação anatômica e as outras duas pacientes por motivos pessoais desistiram durante o tratamento. As pacientes foram avaliadas pelo AFA, perineômetro e exames de anamnese, o tratamento foi realizado com exercícios de Kegel duas vezes por semana, por 30 minutos executando quatro contrações lentas em um período de cinco segundo, e um intervalo de dez segundos em cada contração e logo após oito contrações sem relaxamento no período de 12 sessões de tratamento, sendo todas individuais. Os autores mostram que no final do tratamento as pacientes foram reavaliadas novamente pelo teste de força AFA e perineômetro, o resultado da pesquisa de acordo com os autores mostra que houve um aumento de força muscular no pós-tratamento e no tempo de contração, com isso mostrou a relevância e eficácia do tratamento conservador (SOUSA et al., 2011).

A cinesioterapia vem demonstrando sua principal técnica que promove o relaxamento e a contração dos músculos do assoalho pélvico, gerando uma grande melhora e aceitabilidade em mulheres após- menopausa com consequência de IUE, por ser um método não invasivo e de baixo custo e trazem bons resultados e até cura em determinadas pacientes, com persistência no tratamento envolvendo técnicas associados com eletroestimulação, biofeedback (SOUSA et al., 2011).

No entanto Santos (2015) realizou um estudo de caso com duas mulheres diagnosticadas com IUE, foram realizadas 24 sessões com 1 hora de duração de segunda a sexta feira. A amostra (A) realizou exercícios de fortalecimento de assoalho pélvico na posição sentada, em pé e deambulando, já a amostra (B) realizou 40 minutos de exercícios para o assoalho pélvico e 20 minutos com o aparelho Biofeedback.



O referido autor citado observou que os exercícios de cinesioterapia isolado ele apresenta resultado, mas quando associado com biofeedback mostrou resultado ainda melhor. A cinesioterapia de exercícios de Kegel houve uma melhora significativa em um grupo, mas não tanto quanto o protocolo de tratamento do outro grupo, já no outro grupo os exercícios associado com o biofeedback tem sido mais eficaz na reeducação do assoalho pélvico, fornecendo um efeito fisiológico na musculatura exercida obtendo controle voluntário no fortalecimento agonista e antagonista. O autor identifica que as pacientes ao realizar o exercício ativo de Kegel não consegue relatar se esta realizando ou não corretamente a musculatura do períneo. Porém a cinesioterapia isolada tem mostrado sua eficácia no tratamento da IUE, mas quando associada a outras técnicas obtêm-se um resultado mais satisfatório (SANTOS, 2015).

Foi realizado um estudo de caso com 8 pacientes voluntárias na faixa etária de 45 e 65 anos de idade que obteve IUE no climatério que é uma fase que ocorre no período reprodutivo na mulher chamado menopausa, o tratamento foi aplicado exercícios de contração isolada no períneo e associada com contrações da musculatura acessória como glúteo, adutor e abdômen, as pacientes foram convocadas a realizar uma AFA, após a avaliação foram aplicados os exercícios com 10 sessões com duração de 30 a 40 minutos durante três semanas em dias intercalados totalizando 21 dias, as posições realizadas foram aplicadas de forma que as pacientes tomam conhecimento de seu corpo a desenvolver uma conscientização do períneo, na posição em decúbito dorsal, em pé, sentada, de gato e cócaras (RAMOS; OLIVEIRA, 2010).

Foi realizado os exercícios de contração associada da musculatura glútea, abdominal e adutora em posição de decúbito dorsal, sentada e de gato, com treino proprioceptivo realizados 3 séries de contração não sustentada, repetindo por 10 vezes com um intervalo de 20 segundos entre uma série e outra, sendo assim foi repetido o mesmo exercício sustentando a contração por 10 segundos (RAMOS; OLIVEIRA, 2010).

Outro exercício aplicado de forma isolada em posição sentada, em pé, cócaras, gato e decúbito dorsal realizaram 3 séries de 10 repetições de contração não sustentada com intervalo de 20 segundos entre uma série e outra, o mesmo exercício foi repetida mais com contrações sustentadas. De forma que os exercícios foram sendo aplicada com os mesmos parâmetros mais de forma associada com contrações dos músculos acessórios, o que observa-se que na pesquisa o autor relata que 30% das pacientes não consegue realizar a contração correta por isso do exercício proprioceptivo, na pesquisa aponta que os exercícios é o suficiente pra ganho de força e ajuda a recuperar o controle do esfíncter de forma que os exercícios vêm para prevenir a incontinência (RAMOS; OLIVEIRA, 2010).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de Kegel isolado tem uma grande aceitabilidade pelos pacientes por apresentar melhora na força e no tônus da musculatura do períneo, podendo levar a cura da IUE, os exercícios de cinesioterapia quando associados com técnicas de eletroestimulação, biofeedback ou cones vaginais apresentam melhores resultados do que os exercícios de Kegel isolados, por auxiliar e estimular os músculos internos difíceis de localizar no ato da contração da musculatura do períneo. Conclui-se que as duas técnicas de exercícios de kegel isolada e exercícios de kegel associados a eletroestimulação, biofeedback e cones vaginais são indicadas para o tratamento da IUE e apresentam bons resultados e até cura, se o grau da incontinência for leve ou moderado, sendo a segunda forma de tratamento mais eficaz.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BERNE, R.M. et al. **Fisiologia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BERQUÓ, M.S.; RIBEIRO, M.O.; AMARAL, R.G. Fisioterapia no tratamento da incontinência urinária feminina. **Femina**, v.37, n.7, p.385-388, 2009. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=537580&indexSearch=ID>>. Acesso em: 11 jul. 2015

DREHER, D.Z. et al. O fortalecimento do assoalho pélvico com cones vaginais: programa de atendimento domiciliar. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v.19, n.1, p.43-49, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scientiamedica/article/viewDownloadInterstitial/2612/7819>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

GARCIA, L.S; LEÃO, V.L. **A intervenção da fisioterapia preventiva em grávidas na maternidade do povo em Belém**. 2008. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fisioterapia) - Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém/PA, 2008. Disponível em: <<http://www.unama.br/graduacao/fisioterapia/pdf/2008.2/a-intervencao-da-fisioterapia-preventiva-em-gravidas.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

GLISOI, S.F.N; GIRELLI, P. Importância da fisioterapia na conscientização e aprendizagem da contração da musculatura do assoalho pélvico em mulheres com incontinência urinária. **Rev. Bras. Clin. Med.**, São Paulo, v.9, n.6, p.408-413, 2011. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2011/v9n6/a2557.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2015.

GUYTON, A.C.; HALL, J.E. **Tratado de fisiologia médica**. 11.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

HIGA, R.; LOPES, M.H.B.M; REIS, M.J. Fatores de risco para incontinência urinária na mulher. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.42, n.1, p.187-192, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n1/25.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2015.



HONÓRIO, M.O.; SANTOS, S.M.A. Incontinência urinária e envelhecimento: impacto no cotidiano e na qualidade de vida. **Rev. Bras. Enferm.**, v.62, n.1, p.51-56, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n1/08.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

NOLASCO, J. et al. Cinesioterapia no fortalecimento muscular do assoalho pélvico feminino. **Nova Físio**, ed.56, maio/jun. 2007. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&q=NOLASCO%2C+Juliana+et+al.+Cinesioterapia+no+fortalecimento+muscular+do+assoalho+p%C3%A9lvico+feminino&btnG=&lr=>>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

O'CONNOR, L.J.; STEPHENSON, R.G. **Fisioterapia aplicada à ginecologia e obstetrícia**. 2.ed. Barueri: Manole, 2004.

OLIVEIRA, J.R.; GARCIA, R.R. Cinesioterapia no tratamento da Incontinência Urinária em mulheres idosas. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.343-351, 2011. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=DE+OLIVEIRA%2C+Jaqueline+Ramos%3B+GARCIA%2C+Rosamaria+Rodrigues.+Cinesioterapia+no+tratamento+da+Incontin%C3%Aancia+Urin%C3%A1ria+em+mulheres+idosas&btnG=&lr=>>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

OLIVEIRA, K.A.C.; RODRIGUES, A.B.C.; PAULA, A.B. Técnicas fisioterapêuticas no tratamento e prevenção da incontinência urinária de esforço na mulher. **Revista eletrônica F@pciência**, Apucarana-PR, v.1, n.1, p.31-40, 2007. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?q=OLIVEIRA%2C+K%C3%A1tia+Adriana+Cardoso%3B+RODRIGUES%2C+Ana+Beatriz+Cezar%3B+PAULA%2C+A.+B.+T%C3%A9nicas+fisioterap%C3%Aáticas+no+tratamento+e+preven%C3%A7%C3%A3o+da+incontin%C3%Aancia+urin%C3%A1ria+de+esfor%C3%A7o+na+mulher.+Revista+elet%C3%B4nica+F@pci%C3%Aancia%2C+Apucarana-PR&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

RAMOS, A.L.; OLIVEIRA, A.A.C. Incontinência urinária em mulheres no climatério: efeitos dos exercícios de Kegel. **Rev. Hórus**, v.4, n.2, 2010. Disponível em: <<http://www.faeso.edu.br/horus/artigos%20anteriores/2010/incontinenciauri.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2015.

RODRIGUES, B.P. **Abordagem fisioterapêutica na incontinência urinária de esforço na mulher idosa**. 2008. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fisioterapia) - Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?q=RODRIGUES%2C+Bruna+Paz.+Abordagem+fisioterapia%C3%Aática+na+incontin%C3%Aancia+urin%C3%A1ria+de+esfor%C3%A7o+na+mulher+idosa&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

ROUSSENQ, K.R. et al. Atendimento fisioterapêutico na incontinência urinária: resultados e vivência prática. In: 6º ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UDESC. **Anais...** 2011, Joinville. Disponível em: <http://www.udesc.br/arquivos/id_submenu/797/artigo_cefid_11.pdf>. Acesso em: 10 set. 2015.

SANTOS, F.D.R.P. Análise entre a técnica de cinesioterapia isolada e associada ao biofeedback no tratamento da incontinência urinária de esforço: estudo de dois casos. **Movimenta**, v.8, n.1,



2015. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta/article/view/3372>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE UROLOGIA. **Incontinência Urinária de Esforço: Tratamento Farmacológico da Insuficiência Esfincteriana**. 2006. Disponível em: <http://projetodiretrizes.org.br/6_volume/27-IncontUrinEsforTrat.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2015.

SOUSA, J.G. et al. Avaliação da força muscular do assoalho pélvico em idosas com incontinência urinária. **Fisioterapia em Movimento**, v.24, n.1, 2011. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=DE+SOUSA%2C+Juliana+Gon%C3%A7alves+et+al.+Avalia%C3%A7%C3%A3o+da+for%C3%A7a+muscular+do+assoalho+p%C3%A9lvico+em+idosas+com+incontin%C3%Aancia+urin%C3%A1ria.+Fisioterapia+em+Movimento&btnG=&lr=>>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

TAMANINI, J.T.N. et al. Validação do King's Health Questionnaire para o português em mulheres com incontinência urinária. **Rev. Saúde Pública**, v. 37, n. 2, p. 203-11, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v37n2/15287.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

VALÉRIO, T.M.O.S.; CARVALHO, J.A.; SILVA, E.B. Cinesioterapia na incontinência urinária de esforço na mulher. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.6, n.4, out. 2013. Disponível em: <<http://www.itpac.br/arquivos/Revista/64/7.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2015.



CARCINOMA DE PULMAO DE PEQUENAS CÉLULAS: Revisão de Literatura

Daiane Sentinello Santos
Naiara Fantini Domingos
Lucimara Ártico

RESUMO:

Câncer é o nome dado a um conjunto de doenças que tem o crescimento desordenado de células, invadindo tecidos e órgãos. Mutações genéticas, hábitos alimentares irregulares, exposição a produtos cancerígenos, são alguns dentre muitos fatores que podem acarretar a doença. Quando diagnosticado precocemente, as chances de cura são promissoras. Muitas mortes por câncer poderiam ser evitadas fazendo escolhas saudáveis, como não fumar e comer corretamente. Já o câncer de pulmão, tem maior incidência entre os fumantes, sendo mais comum em homem do que mulheres. Analisado o carcinoma de pulmão de pequenas células, pode-se vislumbrar a agressividade do mesmo, diagnóstico, sintomas e tratamento. Considera-se que apesar dos tratamentos e pesquisas, a eficácia e resultados ainda são pífios ante a amplitude da doença. O estudo foi realizado de forma descritiva e explicativa, tendo embasamento em consultas publicas sobre o tema, no período compreendido entre 1950 e 2016. O objetivo desse trabalho foi realizar uma revisão bibliográfica, retratando essa patologia que acomete milhares de pessoas.

Palavras-chave: Câncer. Carcinoma de pulmão. Tratamento.

ABSTRACT:

Cancer is the name given to a set of diseases that causes the disorganized growth of cells, invading tissues and organs. Genetic mutations, irregular food habits and exposure to carcinogenic products are some of the many factors that can provoke cancer. When early diagnosed, the chances of cure are promising. Several deaths by cancer could have been avoided by making healthy choices, such as not smoking and eating correctly. Lung cancer has more incidence among smokers, being more common in male smokers than female ones. Analyzing the small lung cells carcinoma, it was possible to have a glimpse of the referred's aggressiveness, the diagnosis, the symptoms and treatment. Despite treatments and research, it is considered that their efficiency and results are still despicable before the disease's amplitude. The study was accomplished in a descriptive and explanatory way, being supported in public inquiries about the topic, which were published between 1950 and 2016. This paperwork's objective was to create a bibliographic review, exposing the referred pathology, which assaults thousands of people.

Keywords: Cancer. Lung carcinoma. Treatment.

INTRODUÇÃO

Em relação ao Brasil, o câncer de pulmão de pequenas células (CPPC) representa aproximadamente 20% dos casos. Assim ele pode corresponder a 4.417 dos 22.085 casos novos para todo Brasil, em 2003 (INCA, 2003).

Ainda de acordo com BARATA E COSTA (2007), a nível mundial, o cancro do



pulmão é responsável por mais de um milhão de casos em cada ano. A incidência de cancro do pulmão continua a aumentar 0,5% ao ano em paralelo com o aumento do consumo de tabaco.

Segundo a pesquisa de BARATA E COSTA (2007), com base em dados de epidemiologia descritiva da última metade do século XX, pode-se constatar que desde os anos 50, a sobrevivência aos cinco anos dos tumores malignos mais frequentes tem vindo a aumentar. Para o pulmão, passou de 8% de sobrevivência aos 5 anos nos anos 50 para os 13 – 14% nos anos 90.

O presente artigo tem como objetivo pesquisar sobre o câncer de pulmão de células pequenas, também conhecido como “carcinoma de pequenas células do pulmão”, visto que o mesmo, apesar da incidência atual, ainda tem pouca visibilidade, sendo visto pelos leigos como câncer de pulmão, simplesmente.

Inicialmente será definido o que vem a ser a doença conhecida popularmente como câncer, como o mesmo começa e se espalha, as principais categorias, assim como o câncer de pulmão, e posteriormente o carcinoma de pulmão de pequenas células, o qual será identificado posteriormente como CPPC. Também será delimitado possíveis causas, sintomas, tratamentos.

CÂNCER

O corpo humano é composto por trilhões de células vivas que se multiplicam através da divisão celular. Durante os primeiros anos de vida de uma pessoa, essas células se dividem mais rapidamente para permitir o desenvolvimento do ser. Na fase adulta, a maioria das células se divide apenas para substituir as desgastadas, reparar danos ou ainda as que morrem.

Esse processo acontece de forma ordenada e controlada, sendo responsável pela formação dos tecidos saudáveis do corpo, assim como por seu crescimento e regeneração.

De acordo com o Instituto Oncoguia, existem situações nas quais estas células, por razões variadas, sofrem uma mudança tecnicamente chamada de carcinogênese, e assumem características aberrantes quando comparadas com as células normais. Essas células perdem a capacidade de limitar e controlar seu próprio crescimento, passando então a multiplicarem-se muito rapidamente e sem nenhum controle. Esse crescimento desordenado faz com que o câncer se inicie, pois esse crescimento é diferente do normal, e ao invés de morrer, as células cancerosas continuam a crescer e formar novas células anômalas, podendo invadir outros tecidos. Essa invasão de outros tecidos e o crescimento fora de controle é o que torna uma célula



em cancerosa.

Isso tudo ocorre através de um dano no DNA, uma macromolécula que contém as instruções genéticas de todas as células. A partir de uma alteração do DNA da célula, que passa a receber instruções erradas, o câncer surge, podendo ocorrer em genes especiais, chamados proto-oncogenes, que inicialmente são inativos em células normais, mas, quando ativados, torna-se oncogenes, transformando células normais em cancerosas. Os efeitos cumulativos de diferentes agentes cancerígenos são responsáveis pelo início, promoção, progressão e inibição do tumor.

Apesar da possibilidade de herdar um DNA anômalo, a maioria dos danos do DNA é oriundo de erros quando a célula normal se multiplica ou fica a exposição de algum elemento do meio ambiente, como por exemplo exposição ao sol ou tabagismo. Mas saber exatamente o que ocasionou o câncer em determinada pessoa é muito raro.

O Instituto Nacional de Câncer (INCA) expõe sobre as características individuais que facilitam ou dificultam a instalação do dano celular. Esse processo é composto por três estágios:

- estágio de iniciação: os genes sofrem ação dos agentes cancerígenos, que provocam modificações em alguns de seus genes. Nessa fase, as células se encontram geneticamente alteradas, porém ainda não é possível se detectar um tumor clinicamente. Elas encontram-se “preparadas”, ou seja, “iniciadas” para a ação de um segundo grupo de agentes que atuará no próximo estágio.

- estágio de promoção: as células geneticamente alteradas, ou seja, “iniciadas”, sofrem o efeito dos agentes cancerígenos classificados como oncopromotores. A célula iniciada é transformada em célula maligna, de forma lenta e gradual. Para que ocorra essa transformação, é necessário um longo e continuado contato com o agente cancerígeno promotor. A suspensão do contato com agentes promotores muitas vezes interrompe o processo nesse estágio. Alguns componentes de alimentação e a exposição excessiva e prolongada a hormônios são exemplos de fatores que promovem a transformação de células iniciadas em malignas.

- Estágio de progressão: se caracteriza pela multiplicação descontrolada e irreversível das células alteradas. Nesse estágio, o câncer já está instalado, evoluindo até o surgimento das primeiras manifestações clínicas da doença. Os fatores que promovem a iniciação ou progressão da carcinogênese são chamados agentes oncoaceleradores ou carcinógenos. O fumo é um agente carcinógeno completo, pois possui componentes que atuam nos três estágios da carcinogênese (Site do Instituto Nacional de Câncer, acesso em 31/01/2019).

Na maioria dos casos, o câncer forma um tumor, mas alguns, como a leucemia, raramente formam tumor, afetando os leucócitos do tecido sanguíneo.

O Instituto Oncoguia relata que células cancerosas costumam se espalhar para outras partes do corpo onde elas começam a crescer e formar tumores. Isso acontece quando as células cancerosas entram na corrente sanguínea ou nos vasos linfáticos do corpo. Ao longo



do tempo, os tumores irão substituir o tecido normal. Esse processo de disseminação do câncer é denominado metástase. Quando a doença se espalha, o tipo de câncer leva o nome do local onde surgiu. (Material educativo, Instituto Oncoguia)

Os tipos de câncer correspondem aos tipos de células do corpo. As principais categorias incluem: carcinomas – que se iniciam na pele ou tecido que cobrem os órgãos internos; sarcomas – começa no osso, músculo, gordura, vasos sanguíneos, cartilagens; leucemia – seu início é no tecido que produz o sangue, como a medula óssea, provocando um grande número de células anormais que entram na circulação sanguínea; linfomas e mielomas – começam na célula do sistema imunológico; cânceres do sistema nervoso central – esse tipo tem seu início nos tecidos do cérebro ou da medula espinhal. (Instituto Nacional do Câncer, <<https://www.inca.gov.br/como-surge-o-cancer>> Acesso em 31/01/2019)

CÂNCER DE PULMÃO

Segundo o Instituto Oncoguia, o câncer de pulmão é o mais comum de todos os tumores e está diretamente associado ao consumo de tabaco ou seus derivados. É uma doença silenciosa, não apresentando sintomas em suas fases iniciais. Consequentemente, o diagnóstico na maior parte da doença é feito em estágios mais avançados da doença.

Ele é um tumor maligno que se inicia em um dos pulmões, caracterizado pela quebra dos mecanismos celulares naturais do pulmão, que pode pegar desde a traqueia até a periferia do pulmão, sendo que em 2016, de acordo com o Ministério Da Saúde (MS), houve 28.220 novos casos, sendo a principal causa de morte por câncer entre homens e a segunda maior entre mulheres.

Para o Brasil, estimam-se 18.740 casos novos de câncer de pulmão entre homens e de 12.530 nas mulheres para cada ano do biênio 2018-2019. (<http://www1.inca.gov.br/estimativa/2018/sintese-de-resultados-comentarios.asp> - acesso em 10/01/2019).

Existem diversos tipos diferentes de câncer de pulmão, que são determinados a partir de uma amostra da lesão analisada ao microscópio por um patologista. Em geral são divididos em dois grandes grupos: “carcinomas de células não pequenas” e “carcinomas de pequenas células”, sendo o primeiro mais frequente, com subtipos dentro do supramencionado, como os adenocarcinomas e carcinomas epidermóides entre os mais comuns (BARATA E COSTA, 2007).

Cerca de 90% dos pacientes com câncer de pulmão fumam ou já fumaram durante a



vida. Este é o fator de risco mais conhecido, pois é responsável pelo aumento de 40 vezes a chance de desenvolver o câncer de pulmão comparado ao de uma pessoa que não fuma. (Site do Instituto Nacional de Câncer, acesso em 31/01/2019)

Dentre as pessoas que não fumam, o câncer de pulmão é extremamente raro e possui características diferentes do câncer de pacientes tabagistas. Pessoas que já possuem histórico na família também podem ser mais predispostas ao desenvolvimento da doença (Material educativo, Instituto Oncoguia).

Existe também o fator de exposição a substâncias químicas, como arsênico, amianto, cromo, cádmio. Trabalhadores da construção naval, mineradoras, fábricas de freios, tem tendência a estarem em contatos com essas substâncias e merecem atenção. Doenças pulmonares como tuberculose, enfisema pulmonar e bronquite crônica aumentam a possibilidade de desenvolvimento de câncer de pulmão. (Material educativo, Instituto Oncoguia)

Os sintomas dependem da localização do tumor e podem variar entre: tosse (com sangue), dor torácica, nos ossos, nas articulações, falta de ar, chiado no pulmão, dificuldade para engolir. Também pode haver perda rápida de peso e de apetite, sendo comum, na fase inicial da doença, o paciente ser assintomático, o que é um grande perigo, pois a descoberta do câncer acaba acontecendo de forma tardia. Existe ainda pacientes que realizam radiografia do tórax ou tomografia computadorizada por outro motivo, como por exemplo em uma investigação cardíaca, e acaba descobrindo a doença. (Site Minha Vida, acesso 13/01/2019)

O Oncoguia traz alguns exames importantes também no diagnóstico da doença, como a ressonância magnética, tomografia por emissão de pósitrons (PETscan), cintilografia óssea, broncoscopia, ultrassom endobronquio, ultrassonografia endoscópica do esôfago, mediastinoscopia e mediastinotomia, toracocentese e toracosocopia (Material educativo, Instituto Oncoguia).

Retrata o INCA na Revista Brasileira de Cancerologia, 2002:

Entre esses exames, destacam-se a tomografia computadorizada e a cintilografia óssea. Recentemente, vem sendo utilizada uma ferramenta importante em alguns casos: o exame chamado tomografia por emissão de pósitrons. Este é um equipamento que une os recursos diagnósticos da Medicina Nuclear (PET) e da Radiologia (CT). O equipamento sobrepõe as imagens metabólicas (PET) às imagens anatômicas (CT), produzindo assim um terceiro tipo de imagem. Pode auxiliar no diagnóstico precoce, avaliar a extensão da doença e a eficácia de um tratamento, assim como no planejamento da radioterapia. Em alguns casos, pode-se até evitar procedimentos invasivos.



Conforme percebido durante a pesquisa, o tratamento do câncer de pulmão é complexo e exige participação de várias especialidades médicas (oncologia, cirurgia, radioterapia, radiologia), bem como vários profissionais da saúde.

Conhecer o estágio do tumor ajuda na definição do tipo de tratamento. Para um planejamento adequado do tratamento é necessário uma biopsia e exames de estadiamento, para que possa ser definido o quão avançado a doença está. Os pacientes sem metástases e sem ínguas na região entre os dois pulmões, o tratamento é cirúrgico, seguido ou não de quimioterapia e/ou radioterapia. Apesar da cirurgia ser considerada o tratamento com maior chance de controle e cura, poucos são os pacientes que se submetem a ela.

Explana o manual do Instituto Oncoguia que a realização de um teste molecular é fundamental para definir as diferentes mutações presentes no tumor e assim definir qual o tratamento indicado para cada caso. (Material educativo, Instituto Oncoguia)

Caso haja avanço do câncer de pulmão, pode surgir um líquido na cavidade pleural, ocupando todo o pulmão e causando insuficiência respiratória. Ele também pode avançar acima do coração, diminuindo a funcionalidade do mesmo, assim como acometer o fígado, causando insuficiência hepática. Se for para o sistema nervoso central ou coluna, causa paralisia, lesões e deficiência do movimento. (Site Oncoguia)

Quanto mais cedo for diagnosticado, maior a chance de cura. Se já disseminou para outros órgãos, o objetivo do tratamento é manter a doença sobre controle. Para um diagnóstico precoce é feito uma tomografia computadorizada de baixa radiação, especializada em rastrear o câncer de pulmão. A broncoscopia também é de suma importância, uma vez que permite avaliar a árvore tranquebrônica, permitindo a biopsia. (Material educativo, Instituto Oncoguia)

Estando determinado o diagnóstico, como tipo e estágio do tumor, localização, características moleculares, o médico determinará qual o tratamento indicado. Os mais comuns são cirurgia, radioterapia, quimioterapia, terapia alvo e imunoterapia. Em alguns casos, existe uma combinação de vários tipos de tratamento. Seguir as orientações médicas e utilizar corretamente os tratamentos prescritos são fundamentais para o êxito na terapia. (Material educativo, Instituto Oncoguia)

Segundo estatística do INCA, o diagnóstico precoce tem papel fundamental na sobrevida do paciente. Quando ainda está localizado, a sobrevida de 5 anos ou mais é de 55,2%. Já na fase metastática da doença, esse índice pode atingir 4,3% de sobrevivência. (Site Instituto Nacional do Câncer)

CÂNCER DE PULMÃO DE PEQUENAS CÉLULAS

É um tumor que se espalha de forma mais rápida pelo pulmão. Também chamado de carcinoma de pulmão de pequenas células, ele pode ser dividido entre carcinoma de pequenas células e carcinoma de pequenas células combinadas. Representa de 15% a 20% de todos os cânceres do pulmão, sendo mais comuns em homens do que mulheres. (BARATA E COSTA, 2007)

É a forma mais agressiva do câncer de pulmão, com grandes chances de criar metástase. Quase todos os casos de câncer de pulmão de pequenas células são devido ao tabagismo. O câncer em pessoas que não fumam tem células cancerígenas diferentes em todos os níveis, sendo necessária uma biópsia líquida para diagnosticar mutações. (Material Educativo, Instituto Oncoguia)

É incomum CPPC em pessoas que nunca fumaram, mas pode acontecer. Pode ser causado pelo fumo passivo, poluição do ar, exposição ao amianto, arsênico, cromo, radônio, níquel, cádmio, entre outras substâncias, assim como pode relacionar-se com histórico familiar e algumas doenças que predisõem à malignidade, como a tuberculose e a doença pulmonar obstrutiva crônica. (Material Educativo, Instituto Oncoguia)

Os fatores prognósticos negativos mais consistentes identificados são: sexo masculino, idade acima 70 anos, capacidade funcional baixa, doença extensa, desidrogenase láctica, série elevada de hiponatremia (INCA, 2002).

O sexo feminino está, em muitos estudos, associado a um melhor prognóstico em especial em mulheres com CPPC e menos de 60 anos (BARATA E COSTA, 2007)

Ainda segundo BARATA E COSTA (2007), muitas vezes esses tumores possuem receptores esteroides, importantes na inibição da proliferação tumoral, passíveis de influência hormonal.

A maioria dos sintomas demora a se manifestar, o que faz com que a descoberta da doença, muitas vezes, ocorra de forma tardia. Os principais sintomas são: tosse, tosse com sangue, tosse com expectoração de mucosa, dor no peito, rouquidão, falta de ar, fadiga, infecções recorrentes, perda de apetite e peso. Qualquer manifestação de algum sintoma, assim como a exposição a fatores de risco, devem servir de alerta e motivo para procurar ajuda médica, pois alguns sintomas podem ser causados por outras doenças, por isso é importante a consulta médica, pois ele poderá investigar e dar o diagnóstico da doença. (Site Minha Vida)

Alguns pacientes não apresentam nenhum sintoma ou sinal, sendo que o CPPC pode

ser descoberto através de radiografia do tórax ou tomografia computadorizada realizada por algum outro motivo, como por exemplo, na investigação cardíaca.

Infelizmente, a maioria das pessoas com câncer de pulmão acaba sendo diagnosticada quando o tumor já está grande e começa a interferir em outros órgãos. É crucial um rápido diagnóstico e o estadiamento, pois o mesmo descreve aspectos do câncer, como localização e se está disseminando para outros órgãos.

Embora o câncer possa deslocar-se para qualquer parte do corpo, os mais comuns são os gânglios linfáticos, os próprios pulmões, ossos, cérebro, fígados e as glândulas suprarrenais, segundo o guia Minha Vida. Ainda de acordo com referido guia, as metástases podem causar desconfortos respiratórios, dores nos ossos, fraqueza, dores abdominais, dor nas costas, dor de cabeça, convulsões, alterações neurológicas, inchaços ou icterícia. (Site Minha Vida)

Segundo dados do INCA, na Revista Brasileira de Cancerologia, 2002:

O curso clínico do CPPC é o mais agressivo de todos os tumores malignos do pulmão e, para os doentes não tratáveis, permite uma sobrevida mediana após o diagnóstico de apenas 3 meses. Esta neoplasia tende a se dissimular precocemente e, em mais de 60% dos casos, o paciente já se apresenta com doença extensa ao diagnóstico.

Este tipo de tumor geralmente responde bem a quimioterapia, embora a maioria das vezes a resposta seja temporária. De 15% a 20% dos pacientes com doença limitada e menos de 5% daqueles com doença extensa, estarão livres de doença por mais de 2 anos.

A sobrevida dos pacientes com doença limitada submetidos à quimioterapia varia entre 18 e 20 meses; já nos casos de doença extensa, ela varia entre 8 e 12 meses. No geral, os resultados terapêuticos ainda são pobres, sendo de 5% e 10% a sobrevida em 5 anos.

Existem diversos exames de avaliação para uma confirmação diagnóstica, que são: anamnese, broncospia, cintilografia óssea, citologia de escarro ou líquido pleural, tomografia computadorizada do tórax, radiografia torácica, punção por agulha fina ou biópsia por linfonodo ou punção biópsia pulmonar. Recentemente vem sendo utilizado uma importante ferramenta, que é o exame chamado de tomografia por emissão de pósitrons (PET). Este é um equipamento que une os recursos da medicina nuclear e da radiologia. (Site Small Cell Lung Cancer)

De acordo com o guia Minha Vida, este equipamento sobrepõe as imagens



metabólicas (PET) às imagens anatômicas, produzindo assim um terceiro tipo de imagem. Pode auxiliar no diagnóstico precoce, avaliar a extensão da doença, a eficácia do tratamento, assim como no planejamento da radioterapia. Em alguns casos, pode-se até evitar procedimentos invasivos.

Após o diagnóstico e estadiamento da doença, o médico definirá qual o tratamento indicado. Entre os principais estão: cirurgia, radioterapia, quimioterapia, terapia alvo e imunoterapia. Essas formas de tratamento podem ser utilizadas de forma individual ou combinado.

A cirurgia consiste na retirada do tumor e dos gânglios linfáticos próximos que podem conter células cancerosas. Existem quatro tipos de cirurgia: a ressecção em cunha, que consiste

em remover um pedaço do tecido pulmonar em forma de triângulo, sendo que se uma quantidade maior de tecido é retirado, passa a chamar-se ressecção segmentar; ressecção em luva, que remove parte do brônquio; lobectomia, esse procedimento remove um lóbulo inteiro do pulmão; pneumonectomia, onde é removido todo o pulmão. Este último é utilizado somente em casos muito avançados.

BARATA E COSTA (2007) retratam em seu estudo que:

A cirurgia não é indicada na maioria dos doentes com CPPC, doença limitada. Pensar em cirurgia com intenção curativa no CPPC será provavelmente pensar no estágio I. Quando contemplada, deverá ser precedida de um estadiamento anatômico e fisiológico exaustivo com inclusão na metodologia da tomografia por emissão de positrões e/ou mediastinoscopia.

A radioterapia é um tratamento que utiliza raios-x de alta energia ou outros tipos de radiação para destruir ou inibir o crescimento de células anormais que formam o tumor. O mais utilizado para CPPC é a radioterapia externa, que usa uma máquina fora do corpo para enviar radiação ao câncer, proporcionando a radiação a partir do corpo e que se concentra no cancro. (Site Minha Vida)

A radioterapia é uma forma de terapia local e não um tratamento sistêmico. A forma como é administrada depende do estágio do câncer. Ela pode ser usada para encolher tumores e aliviar sintomas como sangramentos, dificuldade de engolir, tosse, falta de ar, problemas causados pela metástase.

Quimioterapia, segundo o Oncoguia, é um tratamento que utiliza medicamentos para destruir as células cancerígenas, geralmente bloqueando a capacidade de



elas crescerem e se dividirem e esses medicamentos identificam e atacam especificamente células cancerígenas, provocando poucos danos as células normais. A quimioterapia pode ser administrada via oral ou injetada na veia ou músculo. Os fármacos entram na corrente sanguínea e podem atingir as células cancerosas como as saudáveis, por todo o corpo, num processo chamado quimioterapia sistêmica (Instituto Oncoguia, Material Educativo).

Ainda de acordo com BARATA E COSTA (2007):

Nos anos 60, foi demonstrada a quimiossensibilidade do CPPC. Nos anos 70, muitos fármacos, hoje raramente usados, foram utilizados no CPPC – lomustina, carmustina, metotrexato – habitualmente isolados. Durante os anos 80, novos fármacos, agora em combinação são largamente utilizados. Nesta década, a combinação ciclofosfamida, doxorubicina e vincristina (CAV) foi o regime mais utilizado em todo o mundo. Dois outros regimes também foram largamente utilizados: CAVE (CAV com etoposido) e CAE (ciclofosfamida, etoposido e vincristina). A taxa de resposta mediana é de 52% e a sobrevida mediana cifrou-se nos 8 meses.

Atualmente, a quimioterapia para CPPC é geralmente administrada como uma combinação de dois fármacos. As mais frequentes são: cisplatina e etoposido; carboplatina e etoposido; cisplatina e irinotecano; carboplatina e irinotecano. As terapias alvo são uma realidade no cancro de pulmão, e a introdução de novos fármacos tem acontecido na investigação de CPPC (Barata e Costa 2007)

Cada tipo de terapia alvo funciona de uma maneira diferente, mas todas alteram a maneira como as células cancerígenas crescem, dividem-se e interage com outras células, sendo que muitas vezes seus efeitos colaterais são menos severos. (Material Educativo, Instituto Oncoguia)

Imunoterapia é um tipo de terapia sistêmica que seus medicamentos estimulam o sistema imunológico a destruir as células cancerígenas de forma eficaz, de acordo com o exposto no Oncoguia.

Oncoguia ainda se refere aos tipos de imunoterapia que podem ser usados para tratar o CPPC, como os inibidores de DP-1 (pembrolizumab e nivolumab) e o inibidor de PD-L1 (atezolizumabe).

Já a Revista Onco, em 2016, trouxe um estudo clínico com resultados iniciais promissores para o tratamento do CPPC com o uso da imunoterapia. O tratamento testado usou um novo anticorpo conjugado à droga, o rovalpituzumab tesirine (Rova-T), que freou o crescimento de tumores em 89% e os reduziu 39% em pacientes com altos níveis de DLL3, um novo biomarcador identificado pelo grupo de pesquisa (REVISTA ONCO, 2016)



A referida revista ainda traz:

O conjugado combina um anticorpo anti-DLL3 e um agente anticâncer, pyrrolbenzodiazepine. O anticorpo serve para entregar o agente anticâncer às células tumorais. O estudo, de fase I, contou com 74 pacientes com câncer de pulmão de pequenas células que não responderam a tratamentos anteriores. Desses, cerca de dois terços tinham doença já avançada quando do diagnóstico e os demais apresentavam doença de estágio limitado.

Os pesquisadores mediram os níveis da proteína DLL3 quando tinham amostras de tecido disponíveis. O DLL3 é responsável por regular as células tronco tumorais nesse tipo de câncer. O composto testado é o primeiro a ter por alvo essa proteína.

Do total de pacientes estudados, 26 mostraram ter altos níveis de DLL3 no tumor, 10 (39%) responderam ao novo composto e tiveram uma sobrevida média de 5,8 meses; 32% mostraram sobrevida de 1 ano. Desse grupo, 12 pacientes responderam particularmente bem, com redução de 50% do tumor.

“Vimos poucos sucessos em relação ao tratamento do câncer de pulmão de pequenas células nos últimos anos, o que faz nossos resultados preliminares bem entusiasmantes”, disse em conferência de imprensa o líder do estudo, Charles M. Rudin, oncologista chefe do serviço de oncologia torácica do Memorial Sloan Kettering Cancer Center em Nova Iorque.

O pesquisador explicou à Revista Onco& que a dificuldade de obter bons resultados para o câncer de pulmão de pequenas células se deve principalmente à complexidade em identificar os alvos moleculares para o tratamento. Os protocolos de imunoterapia aplicados hoje na clínica para doença usam como alvo a proteína PD1 com as drogas Nivolumabe (Opdivo) e pembrolizumabe (Keytruda).

O especialista em câncer de pulmão Carlos Gil Ferreira, do Grupo Oncologia D’Or, comemora os resultados e destaca a relevância de novos tratamentos para a doença. “Depois de décadas, parece que vamos avançar no tratamento desse tipo de câncer de pulmão, uma doença muito relevante, que está diretamente ligada ao tabagismo e, no Brasil, tem incidência de cerca de 10% segundo dados do nosso grupo.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do CPPC ser a forma mais agressiva do câncer de pulmão, ainda está longe algum tratamento mais eficaz para a sobrevida ou mesmo a cura. Mesmo com as recentes pesquisas, os efeitos colaterais não estão explícitos. A prevenção vem sendo uma forma estratégica de se evitar a doença.

Recomenda-se parar de fumar, evitar o fumo passivo, não se expor a certos agentes químicos como poluição, amianto etc. Para ajudar a manter uma boa saúde, os sobreviventes de câncer de pulmão também devem: tentar chegar a um peso saudável e mantê-lo, ser fisicamente ativo, assim como uma ter uma dieta saudável.

Nota-se ao final deste, que além da extensão da sobrevida, ou ainda a cura estarem longe, também existe um déficit de material de pesquisa no Brasil. O tratamento traz bons resultados, mas estão muito aquém do ideal.



REFERÊNCIAS

BARATA, J Fernando; COSTA, Ana Filipa. Carcinoma do Pulmão de Pequenas Células – Estado da arte e perspectivas futuras. **Revista Portuguesa de Pneumologia**, Portugal, v. 13, n.04, p. 587-604, 2007.

Instituto Nacional de Câncer, Carcinoma de pequenas células de pulmão. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Brasil, v 49, n. 3, jan./fev./mar., 2003; 149-152.

Instituto Nacional de Câncer, **Como surge o câncer?** <<https://www.inca.gov.br/como-surge-o-cancer>> Acesso em: 31/01/2019

SÃO PAULO (Estado). Instituto Oncoguia. Amigo H. Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein. **Câncer: Prevenção e fatores de risco**. Material educativo. 3 p.

SÃO PAULO (Estado). Instituto Oncoguia. Amigo H. Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein. **Estou com câncer, e agora?**. Material Educativo. 19 p.

Revista Onco. ESTUDO identificou novo biomarcador para a doença e usou anticorpo conjugado a droga. Notícias. jun., 2016. Disponível em: <<http://revistaonco.com.br/novo-tratamento-com-imunoterapia-tem-resultados-iniciais-promissores-para-cancer-de-pulmao-de-pequenas-celulas>>. Acesso em 26/01/2019.

SMALL Cell Lung Cancer: banco de dados. Disponível em: <<https://www.cancer.org/cancer/small-cell-lung-cancer.html>>. Acesso em 04/01/2019.

IRION, Klaus L. Diagnostico precoce do câncer de pulmão. **Radiologia Brasileira**, São Paulo, v. 35, n.3, mai./jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-39842002000300001>. Acesso em: 04/01/2019.

BRASILIA(Distrito Federal). Colégio Brasileiro de Cirurgiões. **Programa de Auto Avaliação em cirurgia: Câncer de Pulmão**. Manual de orientações. Brasília. ago. 2004. 21 p.

CANCER de pulmão: sintomas, tratamentos e causa. banco de dados. Disponível em: <<https://www.minhavidacom.br/saude/temas/cancer-de-pulmao>>. Acesso em 13/01/2019.

<http://revistaonco.com.br/novo-tratamento-com-imunoterapia-tem-resultados-iniciais-promissores-para-cancer-de-pulmao-de-pequenas-celulas/>



http://biblioteca.unijales.edu.br/arquivos/20160620091614_501.pdf

<http://www1.inca.gov.br/estimativa/2018/sintese-de-resultados-comentarios.asp>



GINÁSTICA LABORAL E ERGONOMIA: BENEFÍCIOS PARA A EMPRESA E O TRABALHADOR

Denise Isabel Alves de Lima¹⁸
Mariana da Silva Araújo¹⁹
Thayná Gonçalves Barbosa Batista²⁰

RESUMO

A revolução industrial e introdução da mão de obra automatizada nas empresas, fez com que a preocupação se voltasse para a busca constante pela produtividade, o que pode ocasionar condições prejudiciais à saúde do trabalhador, tornando-o mais suscetível às doenças ocupacionais. No Brasil, as lesões decorrentes do trabalho são um dos grandes problemas que acometem a classe trabalhadora atualmente, como as lesões por esforços repetitivos e os distúrbios osteomusculares. O trabalho exaustivo e os movimentos recorrentes vêm se destacando como a segunda maior causa de afastamento dos trabalhadores, acarretando um grave problema de saúde pública, trazendo prejuízos financeiros aos trabalhadores e as empresas, decorrentes dos custos com o tratamento. Desta maneira, a ginástica laboral e a ergonomia, implantada durante o expediente no local de trabalho, realizada de acordo com a função de cada funcionário, feita em grupo, com o intuito de proporcionar qualidade de vida, saúde e lazer no trabalho, visando à prevenção de lesões por esforços repetitivos e de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho, torna-se muito relevante. Sendo assim, este estudo de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, teve como objetivo discutir sobre a importância da ginástica laboral e da ergonomia nas empresas, bem como sua contribuição para minimizar as doenças ocupacionais. Observou-se que a ginástica laboral pode ser aplicada no início, meio ou final da jornada de trabalho por meio de exercícios de alongamento, relaxamento e fortalecimento dos músculos. Para tanto, utiliza-se de exercícios simples e até mesmo atividades recreativas com a finalidade de prevenir e diminuir os casos de lesões por esforços repetitivos e ainda, melhorar as condições físicas do trabalhador, ambiente de trabalho e produtividade da empresa. A ergonomia também passou a ter um papel significativo nas empresas com os avanços tecnológicos, no que diz respeito às boas condições de trabalho. Através de soluções efetivas para melhorar as condições de trabalho, segurança e satisfação, sua aplicabilidade é fundamental na diminuição das doenças ocupacionais. Contudo, ressalta-se que a ginástica laboral e a ergonomia demonstra ser uma ferramenta muito importante e eficaz, no que tange à prevenção e diminuição dos casos de doenças ocupacionais, além de tornar o ambiente mais seguro e humanizado. Portanto, este tema precisa ser mais e

¹⁸ Graduada em Educação Física pela Fundação Municipal de Educação e Cultura de Santa Fé do Sul (1985). Experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física Escolar, Educação Física Inclusiva, Educação Infantil, Educação Física nos primeiros anos do Ensino Fundamental, Ensino Fundamental e Médio. Formada em Pedagogia Plena na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jales (1990) e Ciências- Licenciatura Plena pela Faculdades Integradas de Jales (2003) com experiência profissional com alunos do Ensino Fundamental. Pós graduada em gestão esportiva pelo Centro Universitário de Jales (2011). Especialização - Tutoria em Educação à Distância- Faculdade Futura (2018). cursando pós graduação - Formação Docente em Educação à Distância. Ministra aula atualmente nos Cursos de Educação Física e Pedagogia e professora de Estágio Curricular Supervisionado nos Cursos de Educação Física - Licenciatura, Educação Física - Bacharelado, Letras, Matemática, História, Geografia, Artes Visuais e Ciências Biológicas.

¹⁹ Especialista em Educação Especial pelo Centro Universitário Claretiano. Graduada em licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de Jales e Graduanda em Bacharelado em Educação Física.

²⁰ Graduada em licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de Jales e Graduanda em Bacharelado em Educação Física



melhor discutido, especialmente no âmbito empresarial, para que os empresários tenham consciência e convicção, a respeito dos benefícios que a ginástica laboral e a ergonomia podem proporcionar para a saúde do trabalhador e da sua empresa.

Palavras-chave: Ginástica laboral. Ergonomia. Trabalhador. Empresas.

ABSTRACT

The industrial revolution and the introduction of the automated labor force in the companies, caused that the concern was returned to the constant pursuit for the productivity, which can cause conditions prejudicial to the health of the worker, making it more susceptible to the occupational diseases. In Brazil, injuries due to work are one of the major problems affecting the working class today, such as repetitive strain injuries and musculoskeletal disorders. The exhaustive work and recurrent movements have been highlighted as the second largest cause of workers' withdrawal, causing a serious public health problem, bringing financial losses to workers and companies, resulting from the costs of treatment. In this way, work and ergonomics, deployed during the working day in the workplace, performed according to the function of each employee, done in a group, with the purpose of providing quality of life, health and leisure at work, aiming at the prevention of repetitive strain injuries and work-related musculoskeletal disorders, becomes very relevant. Therefore, this qualitative study, developed through a bibliographical research, aimed to discuss the importance of work and ergonomics in companies, as well as their contribution to minimize occupational diseases. It was observed that workout can be applied at the beginning, middle or end of the workday by stretching, relaxing and strengthening muscles. For this, simple exercises and even recreational activities are used to prevent and reduce cases of repetitive strain injuries and to improve the worker's physical conditions, work environment and company productivity. Ergonomics also played a significant role in companies with technological advances in terms of good working conditions. Through effective solutions to improve working conditions, safety and satisfaction, its applicability is fundamental in the reduction of occupational diseases. However, it should be noted that workout and ergonomics prove to be a very important and effective tool in preventing and reducing cases of occupational diseases, in addition to making the environment safer and more humanized. Therefore, this theme needs to be more and better discussed, especially in the business sphere, so that entrepreneurs are aware and convinced of the benefits that workout and ergonomics can provide for the health of the worker and his company.

Keywords: Gymnastics labor. Ergonomics. Worker. Companies.

1 INTRODUÇÃO

A industrialização e a introdução da mão de obra automatizada e repetitiva no ambiente de trabalho e a preocupação voltada com a busca constante pela produtividade, propiciou condições prejudiciais à saúde do ser humano na sua totalidade, tornando assim mais suscetível às doenças ocupacionais. Mendes e Leite (2004, p. 03) citam que “embora o ser humano apresente diversos sistemas corporais interligados que o possibilitem executar movimentos globais, as condições de trabalho atuais, como alto grau de repetição e monotonia, limitam a natureza humana”.



Segundo o autor acima, com os avanços da tecnologia trouxeram mudanças significantes ao homem, exigindo maior capacidade para se adaptar as inovações, ocorrendo um aumento significativo das doenças ocupacionais, devido os esforços repetitivos no ambiente de trabalho, maior estresse, ou seja, a utilização exacerbada de tecnologia e do trabalho mecanizado, jornadas de trabalho exagerada, exigindo dos trabalhadores maior produtividade, prejudicando gradativamente a sua qualidade de vida.

No Brasil, as lesões decorrentes do trabalho são um dos grandes problemas que acometem a classe trabalhadora atualmente, como as lesões por esforços repetitivos e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho devido à repetição dos exercícios e o trabalho exaustivo, vem se destacando como a segunda maior causa de afastamento dos trabalhadores, acarretando um grave problema de saúde pública, trazendo prejuízos financeiros aos trabalhadores e a empresa, proporcionando custos excessivos com o tratamento. A maneira mais eficaz de impedir o aumento significativo dessas doenças no âmbito do trabalho é a prevenção, a ginástica laboral e a ergonomia onde o tema passou a ser mais discutidos, sobre as causas, consequências e como fazer a prevenção desses distúrbios.

De acordo com o Ministério da Saúde, as estatísticas apontam que os brasileiros são submetidos a tratamento em razão de dores provocado pela postura inadequada e a pressão que sofrem diariamente no trabalho, havendo assim, a necessidade de desempenhar atividades que agem diretamente na prevenção de doenças musculares e no sistema nervoso. As afecções musculoesqueléticas ligadas ao trabalho são os casos mais agravantes à saúde, e os trabalhadores diagnosticados com Lesões por Esforços Repetitivos e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho, de acordo com o Ministério da Saúde, são mulheres e jovens que requer maior esforço no trabalho repetitivo, nas diferentes atividades no ambiente de trabalho. A dor na coluna, principalmente a lombalgia, são as primeiras causas de afastamento do trabalho no mundo, só perde para o resfriado, que mais afetam a população mundial. Com isso se detecta que a região da coluna não está excluída de acarretar distúrbios musculares, são mais comuns (STEFENHAGEN, 2011).

Na última década, a procura de um tratamento preventivo para esses distúrbios aumentou significativamente, tornando assim a ginástica laboral (GL) e a ergonomia muito utilizada, oportunizando tanto para o funcionário como para a empresa vários benefícios, além da prevenção dos distúrbios oriundos do trabalho e a melhoria do trabalhador na obtenção de uma qualidade de vida. Os fatores que mais contribuem para a incidência desses distúrbios osteomusculares relacionado ao trabalho são devido à excessiva jornada de trabalho. Desta



maneira, a ginástica laboral e a ergonomia podem ser relevantes como uma prática fundamental, como medida preventiva e terapêutica, contribuindo na diminuição dos índices dos Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho, agregando benefícios para as empresas. Assim, esse estudo tem como objetivo através de revisão de literatura conscientizar a importância e a contribuição da ginástica laboral e a ergonomia para a empresa e o trabalhador, buscando minimizar as doenças ocupacionais do trabalhador.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Contextualizações Históricas da Ginástica Laboral

Além do enfoque relacionado à saúde do trabalhador, a Ginástica Laboral também traz a ideia de socialização, ou seja, desenvolve as relações interpessoais e de promoção do lazer. Mendes e Leite (2004) a conceituam como um programa de qualidade de vida e de promoção do lazer, mesmo que ela aconteça no ambiente de trabalho e durante o expediente;

Ginástica Laboral é uma ginástica total que trabalha o cérebro, a mente, o corpo e estimula o autoconhecimento, visto que amplia a consciência e a autoestima e proporciona um melhor relacionamento consigo mesmo, com os outros e com o meio, levando a uma verdadeira mudança interna e externa das pessoas. (MENDES E LEITE, 2004, p. 02).

De acordo com Mendes (2012), a GL é um programa de qualidade de vida no trabalho, de promoção de saúde e lazer realizado durante o expediente de trabalho, surgiu em meados de 1925, iniciou na Polônia como uma ginástica de pausa para operários passando depois a ser realizada em outros países, No Brasil, as primeiras manifestações de atividades físicas entre funcionários surgiu em 1901, mas a GL teve início no ano de 1973. É também considerado programa de ergonomia que utiliza atividades físicas planejadas visando à prevenção de lesões por esforços repetitivos ou distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. Essas doenças manifestaram-se as mais novas epidemias dos últimos anos, já que, a partir da década de 1980, passaram a ser a mais frequente causa de afastamento do trabalho no mundo, ela podem ser acarretadas, de forma combinada ou não, pela repetição exagerada e pela postura incorreta, sobrecarregando os grupos musculares.

O Dia Mundial do Combate às Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), é memorado no dia 28 de fevereiro, pesquisas realizadas pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (FUNDACENTRO, 2016), fazem uma sondagem das lesões e doenças



relacionadas ao trabalho que mais tem prejudicado os funcionários, durante os anos de 2006 a 2016, como menciona abaixo.

Além de limitar apenas aos segurados do Seguro de Acidente do Trabalho, o Anuário Estatístico da Previdência Social (BRASIL, 2016), continua sendo apontado como as doenças ocupacionais que mais acometem os trabalhadores, mas apresenta imprecisão nos dados, principalmente no que diz respeito às doenças correlacionadas às Lesões por Esforços Repetitivos e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho.

A pesquisadora e médica da FUNDACENTRO (2016), Maria Maeno, acima citados, destaca exemplificando essa imprecisão onde observou que em 2014, representavam aproximadamente 52% das doenças com Comunicação de Acidente do Trabalho. Já em 2015, passaram a representar um número surpreendentemente menor, quase 29% e em 2016, aproximadamente 4%. Dos incidentes ocupacionais sem Comunicação de Acidente do Trabalho, que retratam o resultado da aplicação do Nexo Técnico Epidemiológico, em 2014, as doenças ligadas às Lesões por Esforços Repetitivos e os Distúrbios Osteomusculares caracterizaram em torno de 35%; em 2015 passaram cerca de 15% e em 2016, por volta de 4%.

Ainda de acordo com a pesquisa acima, a prática da GL se classifica em combinações de exercícios específicos de fortalecimento dos músculos, alongamentos, exercícios de coordenação motora e relaxamentos, realizados diariamente no próprio local de trabalho, em setores diferentes, exercícios simples para executar, tendo como finalidade prevenir e diminuir os casos de LER, melhorar o aspecto fisiológico, a condição física e a concentração do trabalhador, sua realização é referente a função de cada trabalhador, feita em grupo durante a jornada de trabalho.

Outros aspectos que também podem ser destacadas de acordo com a pesquisa, que a mecanização da indústria, a revolução tecnológica e a informatização dos serviços. Estes resultaram nas diversas facilidades da chamada vida moderna e refletem diretamente na vida das pessoas, fazendo com que modificassem todo seu comportamento nas tarefas cotidianas e consequentemente ao longo de sua vida.

Segundo Lida (2005, p 17) a análise dos postos de trabalho é estudo de uma parte do sistema onde atua um trabalhador, sendo assim, um programa de GL visa analisar a postura do indivíduo, os movimentos utilizados no cotidiano e o estilo de vida, com o intuito de minimizar os possíveis desvios posturais ocasionando, muitas vezes, não só por uma situação ergonômica incorreta, mas também pela falta de consciência corporal, postural e de mobilidade articular.



De acordo com autor acima, com às intensas transformações, grandes mudanças têm ocorrido no universo laboral, especialmente com a introdução de inovações tecnológicas e organizacionais, estas conquistas para a vida humana, trouxeram um aumento significativo de pessoas desempregadas, diminuindo a oferta de trabalho e a precarização das relações de trabalho.

As causas das LER/DORT são expostas como um conjunto de fatores físicos e organizacionais do trabalho, que combinados, possibilitam um aparecimento das síndromes. Dentre esses fatores, são citados: Posturas inadequadas, repetitividade de movimentos e aplicação de forças que podem influenciar diretamente no sistema músculo esqueléticos do trabalhador. (BRASIL, 2016).

2.2 Benefícios da Ginástica Laboral na prevenção de Lesões por Esforços Repetitivos e Distúrbio Osteomusculares Relacionados ao Trabalho

A ginástica laboral propicia vários benefícios tanto para o trabalhador quanto para a empresa, além de prevenir as LER/DORT. Através da Ginástica Laboral tem surtido resultados mais rápidos, como a melhora do relacionamento interpessoal e o alívio das dores corporais (OLIVEIRA, 2006).

Para Mendes (2004) os principais benefícios da Ginástica Laboral para os trabalhadores são: melhorar a postura e movimentos executados durante o trabalho, aumentar a resistência à fadiga central e periférica, promover o bem-estar, melhorar a qualidade de vida, combater o sedentarismo e diminuir o estresse ocupacional. Para as empresas os principais benefícios são: Diminuir os acidentes de trabalho, reduzir o absenteísmo e a rotatividade, aumentar a produtividade, melhorar a qualidade total e reabilitar as doenças ocupacionais, como tendinites e distúrbios osteomusculares relacionados com o trabalho. A Ginástica Laboral oportuniza também benefícios fisiológicos, psicológicos e sociais, trazendo vantagens para o trabalhador e para a empresa. Além da prevenção das doenças ocupacionais, ela vem surtindo efeitos mais rápidos, aliviando as dores no corpo e melhorando o relacionamento interpessoal. Também, através da sua prática melhora a condição física e psicológica do trabalhador; proporciona a integração, aumentando a participação e produção coletiva; corrige vícios posturais; tem mais disposição ao trabalho e minimiza os níveis de estresse. (PEREIRA, 2013).

O programa de GL tem como objetivo interferir sobre a saúde do trabalhador, através da orientação de informações sobre saúde, que devem acontecer sempre, durante a aula de



Ginástica Laboral, incentivando sempre a mudança do comportamento do mesmo em relação aos seus hábitos (PEREIRA, 2013). As empresas que adotam essa prática no cotidiano os benefícios são minimizar o número de acidentes de trabalho, diminuir nos gastos com atendimentos médicos; reduzir as faltas dos trabalhadores por motivo de doença; aumentar na produção e funcionários mais satisfeitos.

2.3 Diferentes métodos de Ginástica Laboral classificada em quatro tipos: Preparatória, compensatória ou de pausa, de relaxamento, corretiva e de manutenção ou de conservação.

De acordo com Cañete (2001) existem atualmente tipos de Ginástica Laboral utilizada pelas empresas onde são classificadas de acordo com sua finalidade:

Ginástica Laboral Preparatória: Ministrada no começo do expediente do turno em que o empregado trabalha. Ou seja, no início do turno da manhã, da tarde ou da noite; normalmente, é realizada no posto do trabalho, após o rápido ritual de entrada.

É definida como ginástica preparatória, sendo um conjunto de exercícios que prepara o indivíduo conforme suas necessidades, de força ou de resistência para o trabalho, aperfeiçoando a coordenação. Geralmente não é possível implantar em todos os setores antes de iniciar a jornada, mas logo no seu início, não descaracterizando como preparatória. Ela é constituída de aquecimentos e alongamentos específicos para determinadas estruturas exigidas e despertando o funcionário, com objetivo de prevenir acidentes de trabalho, distensões musculares e doenças ocupacionais, proporcionando melhores condições físicas e mentais aos funcionários.

A Ginástica Laboral Preparatória faz com que as pessoas iniciam suas atividades com muito mais segurança, preparando-os para reagirem aos estímulos externos, principalmente quando há possibilidade de erro, de acidente ou no manuseio de equipamentos e máquina que exijam do trabalhador atenção, velocidade, força ou repetição exacerbada dos movimentos durante a execução das tarefas de trabalho.

Ginástica Laboral compensatória ou pausa: Para melhor padronização e definição, entende-se que ginástica de pausa faz referência a ginástica que interrompe a tarefa que está sendo executada; é aplicada no meio do expediente ou no horário de pico de fadiga, o objetivo da execução, da Ginástica Laboral Compensatória, visa impedir que se instalem os vícios posturais das atividades de vida diária e do ambiente de trabalho. A Ginástica Laboral Compensatória utiliza exercícios físicos que trabalham as musculaturas pouco solicitadas e



relaxam aquelas que trabalham demais; objetiva também a prevenção da fadiga e as enfermidades profissionais crônicas.

É praticada junto às máquinas, mesas do escritório ou em espaço livre, utilizando exercícios que variam de acordo com as tarefas desencadeadas pelo trabalhador, e com queixas de maior prevalência, indicadas para indivíduos que realizam movimentos repetitivos, atividades com sobrecargas musculares ou submetidos a um ambiente de trabalho considerado estressante.

Tem sido definida, ainda como a ginástica que tem por objetivo, precisamente, fazer trabalhar os músculos correspondentes e relaxar os músculos que estão em contração durante a maior parte da jornada de trabalho normalmente aplicando-se uma pausa ativa de 3 a 4 horas após o início do expediente. A visão da Ginástica Laboral Compensatória é fortalecer os músculos mais fragilizados, ou seja, os menos utilizados durante a jornada de trabalho, além de alongar os mais solicitados.

Ginástica Laboral relaxante: Trata-se de uma ginástica utilizada após a jornada de trabalho, ou seja, ministrada no fim do expediente e devem ser iniciadas 10 a 15 minutos antes do término do trabalho, onde o trabalhador poderá descansar acalmar-se e relaxar antes de ir para a casa, com o objetivo de diminuir o estresse, aliviar as tensões, redução das desavenças tanto no ambiente do trabalho como em casa, consequentemente melhorando a socialização.

A Ginástica Laboral Relaxante é viável para trabalhadores que executam trabalhos com excesso de carga horária ou em serviços que exige muito o cunho intelectual. Praticada ao término do expediente, tem como função promover relaxamento mental e muscular.

Ginástica Corretiva: A finalidade da Ginástica Laboral Corretiva visa a restabelecer o equilíbrio muscular e articular, utilizando exercícios físicos específicos para alongar os músculos que estão encurtados e fortalecer o que estão enfraquecidos, destinando-se ao indivíduo com deficiência morfológica, não patológica, sendo aplicada a um grupo reduzido de pessoas. A Ginástica Laboral Corretiva visa combater e atenua as consequências decorrentes de aspectos ecológicos ergonômicos inadequados ao ambiente de trabalho. Sua aplicação tem como objetivo trabalhar grupos específicos dentro da empresa, em conjunto com a área da medicina do trabalho, da enfermagem e da fisioterapia, com a finalidade de recuperar casos graves de lesões, de limitações e de condições ergonômicas. A ginástica corretiva pode ser executada durante o expediente de trabalho ou em horário diferente.

Ginástica laboral de manutenção ou de conservação: Busca o equilíbrio fisiomorfológico do indivíduo, o que permite manter as funções fisiológicas em níveis



adequados, pode ser realizado antes do início do expediente de trabalho, durante o intervalo do almoço, após expediente ou em outro intervalo equivalente fora do expediente, pois a sessão deve ter duração de 30 a 60 minutos no mínimo três vezes por semana pode ser dividida em 2 a 3 sessões diárias de 10, 15 ou 20 minutos de duração. A Ginástica Laboral de Manutenção pode ser composta de exercícios aeróbicos ou localizada, semelhante aos executados em academias associações das empresas.

2.4 Ergonomia

O termo ergonomia advém da fusão das palavras gregas “Ergos” que significa trabalho e “Nomos” que significa normas ou leis segundo (Lida, 2005). Ainda de acordo com autor citado, a ergonomia se refere às leis de trabalho, como o planejamento e a adequação do ambiente ocupacional, com o propósito de disponibilizar segurança e conforto aos trabalhadores, onde o objetivo prático da ergonomia é a adaptação no local de trabalho, dos instrumentos, das máquinas, dos horários, do meio ambiente às exigências do trabalhador, tornando o posto de trabalho um ambiente mais humanizado e seguro defende a autora acima citada.

Devido a globalização, a ergonomia, tem desenvolvido um papel relevante na reestruturação das empresas, cada vez mais aprofundado nos avanços tecnológicos, através de soluções eficientes para a concepção e o desenvolvimento de produtos, onde as aplicações dessa prática tem importância fundamental na redução dos acidentes de trabalho e das doenças ocupacionais.

De acordo com Vieira (2000), os pontos principais de ações preventivas são: Orientação ergonômica quanto ao mobiliário e equipamentos; orientação quanto à conscientização da postura correta no posto de trabalho; realização de ginástica e de exercícios adequados para grupos musculares mais solicitados; instituir pausas principalmente quando o trabalho de digitação é intenso; organizar e distribuir as tarefas evitando-se o acúmulo das mesmas; e praticar uma atividade física regular.

O foco da ergonomia é proporcionar condições de trabalho ao indivíduo que sejam favoráveis, com o objetivo de torná-lo mais produtivo, um ambiente de trabalho seguro e saudável, solicitando dos trabalhadores menor exigência e um menor desgaste e obtendo um resultado maior (BARBOSA FILHO, 2010).

Existem diversas definições de ergonomia, pois muitas procuram ressaltar o caráter interdisciplinar entre o objeto de estudo e a interação entre o homem e o trabalho.



Segundo Lida (2005), ressalta que a melhor definição é da Associação Brasileira de Ergonomia que adota a seguinte definição:

Entende-se por Ergonomia o estudo das interações das pessoas com a tecnologia, a organização e o ambiente, objetivando intervenções e projetos que visem melhorar, de forma integrada e não dissociada, a segurança, o conforto, o bem-estar e a eficácia das atividades humanas. (LIDA, 2005, p. 02).

Em suma, a ergonomia visa à segurança, a saúde e a satisfação do indivíduo no ambiente de trabalho, promovendo soluções de acordo com as necessidades do trabalhador em harmonia com a produtividade, oportunizando, o equilíbrio necessário para a sua desenvoltura no ambiente do trabalho no qual está inserido.

2.5 Condutas do Profissional de Educação Física na Ginástica Laboral

As técnicas de aplicabilidade de GL são bastante específicas, e a exigência desse trabalho está cada vez mais alta, tornando assim um programa que merece assertividade em todas as fases do trabalho. Desta forma, a GL, através da sua especificidade exige dos profissionais conhecimentos em adaptação e correção postural, além disso, deverá ter cuidado na rotina dos exercícios, para que a prática não seja desestimulada e cansativa. O profissional de Educação Física deve conciliar sempre o ambiente de trabalho de acordo com as limitações dos trabalhadores, capaz de interagir, motivar e contribuir para que ocorra uma maior integração entre os trabalhadores.

Os profissionais de Educação Física devem conhecer todas as repartições do ambiente de trabalho, os riscos ambientais que mantém relação à suas atividades profissionais. Também será necessário ter conhecimento sobre Ergonomia, Fisiologia do exercício, técnicas de relaxamento, flexibilidade e alongamento, segurança do trabalho, medicina ocupacional, dinâmicas de recreação e lazer, entre outras. Deverá planejar o Programa de GL de acordo com as atividades desenvolvidas em cada setor da empresa, com base nas causas principais de afastamento, reclamações mais frequentes ou outra manifestação com a qual a Ginástica Laboral possa contribuir dentro das suas possibilidades.

O Profissional de Educação Física deverá atuar na prevenção e na promoção da saúde, sempre visando à melhoria e o bem estar do trabalhador, mostrando um caminho na obtenção de uma vida mais saudável também no ambiente de trabalho. Ao ministrar aulas de Ginástica Laboral o Profissional de Educação Física deverá ser estimulador, com atividades diversificadas no local de trabalho e capaz de levar aos funcionários perceber a relevância de tal prática. O programa só terá resultado e continuidade se os funcionários estiverem integrados

e contentes, de maneira consciente, almejando índice satisfatório em relação à melhoria de sua qualidade de vida (CASTILHO *et al.*, 2009).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, conclui-se que a Ginástica Laboral e a Ergonomia são práticas de fundamental relevância no ambiente de trabalho, pois atua de maneira preventiva e terapêutica, contribuindo assim na redução dos índices das Lesões por Esforços Repetitivos e dos Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho, conseqüentemente, trazendo benefícios para as empresas. Pode-se observar com o estudo que a Ginástica Laboral e a Ergonomia, implantada durante o expediente no local de trabalho, realizada de acordo com a função de cada funcionário, contribui para a melhoria da qualidade de vida, saúde e lazer no trabalho, visando à prevenção de lesões por esforços repetitivos e de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho.

Pode-se concluir também que, além dos benefícios aos funcionários, a GL e a Ergonomia também favorecem as empresas, sendo utilizada como ferramenta para diminuir as doenças ocupacionais e o número de afastamentos, obtendo assim maior desempenho durante o expediente, resultando em maior produtividade, minimizando os gastos com dispensa médica de funcionários afastados por doenças relacionadas ao trabalho, tornando assim um ambiente mais seguro. Também contribui para a melhoria da dor muscular, tensões do cotidiano, da autoestima, da disposição, da concentração e a socialização entre os trabalhadores, evitando assim posturas inadequadas e lesões musculoesqueléticas, além de diminuir o estresse, o que contribui para o bem estar do trabalhador, proporcionando maior qualidade de vida.

Desta forma, cabe aos profissionais envolvidos conhecimento em adaptação e correção postural, além disso, deverá ter cuidado na rotina dos exercícios, para que a prática não seja desestimulada e cansativa, sendo capaz de motivá-los, contribuindo para que ocorra maior integração entre os trabalhadores, mostrando um caminho na obtenção de uma vida mais saudável também no ambiente de trabalho, levando-os a perceber a relevância de tal prática. Sendo assim, este tema precisa ser mais argumentado, particularmente no contexto empresarial, para que os empresários tenham consciência e convicção, em relação aos benefícios que a ginástica laboral e a ergonomia podem propiciar para a saúde do trabalhador e da sua empresa.



REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, A. N. **Segurança do trabalho e gestão ambiental**. São Paulo: Atlas, 2010.

BRASIL. MINISTERIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. **Anuário Estatístico da Previdência Social (AEPS)**, 2016. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/estatisticas/aeps-2016-anuario-estatistico-da-previdencia-social-2013/>>. Acesso em: 07 set. 2018.

CAÑETE, I. **Humanização: desafio da empresa moderna - a ginástica laboral como um caminho**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

CASTILHO, W. C. et al. **Ginástica laboral e compensatória**. Maringá: Copiadora Tavarez, 2009.

FUNDACENTRO. FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO. **Dia Mundial de Combate as LER/DORT**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.fundacentro.gov.br/noticias/detalhe-da-noticia/2018/2/no-dia-mundial-do-combate-as-lerdort-dados-mostram-aumento-de-lesoes-e-doencas-no-trabalho>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

LIDA, I. **Ergonomia: projeto e produção**. São Paulo: Edgard Blucher, 2005.

MENDES, R. A.; LEITE, N. **Ginástica laboral: princípios e aplicações práticas**. 3. ed. rev. e ampl. Barueri: Manole, 2012.

MENDES, R. A.; LEITE, N. **Ginástica laboral: princípios e aplicações práticas**. Barueri: Manole, 2004.

OLIVEIRA, J. R. G. **A prática da ginástica laboral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

PEREIRA, C. C. D. A. **Excelência técnica dos programas de ginástica laboral: uma abordagem didático-pedagógica**. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2013.

STEFFENHAGEN, M. K. **Manual da Coluna**. 7. ed. Curitiba: Cócegas, 2011.

VIEIRA, V. L. M. **Prevenção das LER/DORT em pessoas que trabalham sentados e usuários de computador**. 2000. Disponível em: <<http://www.pclq.usp.br/jornal/prevencao.htm>>. Acesso em: 30 set. 2018.



O IMPACTO CAUSADO PELA INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL

Raul Estati Soares Silva²¹

Rosilane Freitas Aprígio²²

Denise Izabel Alves de Lima²³

RESUMO

Os ideais de corpo vêm sendo um dos pontos frequentemente vinculados às reproduções midiáticas nos tempos atuais. É notório o poder que a mídia tem em persuadir o seu público. Com esse poder de persuasão, a mídia e seus veículos de transmissão de símbolos, impõem padrões de comportamento. Desta forma, a mídia pode ser considerada influenciadora dos padrões de conduta. Nesta perspectiva, o estudo de natureza qualitativa, teve como objetivo analisar como a mídia pode influenciar nos padrões de beleza e o impacto desta influência na sociedade. Para tanto, este estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica. Os resultados encontrados com a pesquisa demonstram que a mídia pode impulsionar o desejo das pessoas em conquistarem o corpo perfeito. Esse ideal de corpo perfeito transmitido por ela pode levar, a expansão da cultura narcisista. Os adeptos a essa cultura, tendem a desenvolver, comportamentos e atitudes não saudáveis, alinhados ao aparecimento de transtornos alimentares graves, como a anorexia e a bulimia nervosa e vigorexia. Diante disso, acredita-se que o resultado da estimulação da mídia ao culto ao corpo tem tido efeitos extremamente negativos nestas pessoas, as quais ignoram suas individualidades e ferem os princípios de práticas saudáveis. O que se espera é que cada indivíduo tenha pensamento crítico diante das reproduções midiáticas e optem por comportamentos e atitudes mais saudáveis ao longo de suas vidas.

Palavras chave: Corpo. Mídia. Influência.

ABSTRACT

The ideals of body have become one of the points frequently linked to the mediatic reproductions in the present times. It is notorious the power that the media has in persuading

²¹ Graduado em Licenciatura em Educação Física e Graduando em Bacharelado em Educação Física pelo Centro Universitário de Jales

²² Graduada em Pedagogia pela Faculdade Fama, graduada em Licenciatura em Educação Física e Graduanda em Bacharelado em Educação Física pelo Centro Universitário de Jales.

²³ Graduada em Educação Física pela Fundação Municipal de Educação e Cultura de Santa Fé do Sul (1985). Experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física Escolar, Educação Física Inclusiva, Educação Infantil, Educação Física nos primeiros anos do Ensino Fundamental, Ensino Fundamental e Médio. Formada em Pedagogia Plena na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jales (1990) e Ciências- Licenciatura Plena pela Faculdades Integradas de Jales (2003) com experiência profissional com alunos do Ensino Fundamental. Pós graduada em gestão esportiva pelo Centro Universitário de Jales (2011). Especialização - Tutoria em Educação à Distância- Faculdade Futura (2018). Cursando pós graduação - Formação Docente em Educação à Distância. Ministra aula atualmente nos Cursos de Educação Física e Pedagogia e professora de Estágio Curricular Supervisionado nos Cursos de Educação Física - Licenciatura, Educação Física - Bacharelado, Letras, Matemática, História, Geografia, Artes Visuais e Ciências Biológicas.



their audience. With this power of persuasion, the media and their vehicles of symbolic transmission impose patterns of behavior. In this way, the media can be considered as influencing the standards of conduct. In this perspective, the qualitative study aimed to analyze how the media can influence beauty standards and the impact of this influence on society. For this, this study was developed through bibliographic research. The results found with the research demonstrate that the media can boost people's desire to conquer the perfect body. This perfect body ideal conveyed by it can lead to the expansion of narcissistic culture. Adherents to this culture tend to develop unhealthy behaviors and attitudes, aligned with the appearance of serious eating disorders such as anorexia and bulimia nervosa and vigorexia. In view of this, it is believed that the result of media stimulation to the cult of the body has had extremely negative effects on these people, who ignore their individualities and hurt the principles of healthy practices. What is expected is that each individual has critical thinking in the face of mediatic reproduction and opts for healthier behaviors and attitudes throughout their lives.

Keywords: Body. Media. Influence. Disorders.

INTRODUÇÃO

O corpo e suas descobertas não se configuram um tema recente. Atualmente a sociedade passa por um momento histórico em que se propaga um ideal de beleza. Januário e Cascais (2012, p. 135), por exemplo, relatam que existe uma supervalorização do corpo perfeito. Nesta perspectiva, Carreteiro (2005, p. 71) enfatiza a preocupação da atual sociedade com a estética. O presente estudo surgiu da necessidade de investigar a influência da mídia na construção da imagem corporal nos dias atuais, levando em conta a displicência com a saúde por parte dos adeptos a hegemonia da aparência, redirecionando ao foco principal deste estudo, que discute o corpo como objeto.

Etimologicamente, a palavra mídia origina-se do latim *media* que significa meio, trata-se de um forte elemento mediador entre a sociedade. Sendo assim o corpo é construído por meio da cultura e da sociedade em que o indivíduo está inserido e que, a mídia em suas diversas manifestações influencia nessa construção do corpo, cria e recria um padrão a ser seguido. Neste contexto a mídia exerce o papel de destacar, perante a sociedade, o corpo magro e esbelto, fazendo com que as pessoas se comparem aos modelos representados e consequentemente levando as pessoas se sentirem insatisfeitas com seus corpos. Esse discurso midiático atinge principalmente o público feminino que acabam desenvolvendo um ideal de insatisfação com seu próprio corpo. Tornar-se bela de forma fácil e rápida certamente é um argumento bastante persuasivo para a mulher, neste sentido esse público adotam hábitos e comportamentos



invasivos para remodelarem seus corpos de acordo com os padrões reproduzidos pela mídia, comprometendo suas saúdes.

Convém lembrar que o interesse masculino pelo culto ao corpo vem aumentando recentemente. Sendo assim, é importante entender e abordar as tendências para o discurso midiático neste gênero e alertar também sobre o uso frequente e indevido de anabolizantes nas academias.

Baseado nesta onda de culto ao corpo e a ascensão ao corpo magro, este estudo teve como objetivo analisar como a mídia influência no cotidiano das pessoas, o impacto desta influência na sociedade, problematizar as formas de relação com o corpo que habitam a experiência da sociedade contemporânea. Pensando nisso, a presente pesquisa também aborda os transtornos alimentares, como consequência desta influência midiática, conceituando a anorexia e bulimia nervosa e a vigorexia, dentre os seus critérios de diagnóstico. Ao fim deste artigo, espera-se que as pessoas se conscientizem e tenham em suas mentes pensamentos mais críticos sobre esses ideais impostos, conscientizem-se sobre a forma de tratamento com o seus corpos e optem por atitudes mais saudáveis ao longo de suas vidas.

REVISÃO DE LITERATURA

No início do século XX, o conceito de corpo era relativo e contingente, aponta estudos feito por historiadores como fonte à revista Era Nova (1922). Ainda no século XX, existia uma ideologia de repúdio à exibição das partes descoberta do corpo, que foi desconstruída no final do mesmo século.(CARTAS..., 1922). De lá pra cá ocorreram grandes mudanças e o corpo passou a ser redescoberto e novos significados foram atribuídos a ele. Com o avanço da tecnologia, a indústria da beleza aliado aos veículos de comunicação oferecem diversos produtos para que as pessoas se adéquem ao modelo de beleza contemporâneo.

Atualmente, o mundo inteiro vive em uma época de reprodução de modelos, o corpo se tornou objeto e símbolo do erotismo. Nos últimos tempos, a beleza vem sendo um atributo excessivamente destacado pela mídia, onde o corpo ganha destaque. Neste sentido Wolf (1992), diz que a transmissão ao culto à beleza e a forma física é vista como um evangelho.

Para entender como a mídia, em seus discursos, influência no comportamento das pessoas, é importante, primeiramente compreender o conceito de mídia. Segundo Conti, Bertolin e Peres (2010), a mídia é como um veículo de comunicação social responsável por



difundir informações e conclui que na atualidade a mídia é uma das instituições que responde pela transmissão de valores e padrões de conduta.

Nessa maré de transmissões de valores, o corpo ganha destaque, nas revistas de publicidade, em propagandas, *outdoors* etc. Também é notório observar, um crescimento significativo de revistas, das quais é possível chamar de revistas exibicionistas, voltadas ao meio *fitness*, da estética corporal e da moda masculina e feminina como a, *Mens Health*, *Vip*, *Playboy*, entre outras, onde pode se observar figuras de celebridades exibindo seus corpos esculturais e seus métodos práticos de como conquistarem o corpo perfeito.

É neste sentido, que por intermédio das propagandas, campanhas publicitárias, anúncios, reclames, *merchandising* e promessas de emagrecimento em curto prazo, que a mídia incita, seduz, influência, modifica opiniões, desperta o narcisismo e fortalece ainda mais, a manifestação da hegemonia da aparência. Diante dessa ideologia comunista, a mídia emprega parâmetros de um ideal de corpo perfeito.

Sendo assim, pode se afirmar que a mídia influencia o imaginário do seu espectador fazendo com que ele adote hábitos para modificar seus corpos e fiquem parecidos aos modelos incutidos por ela e aceitos pela sociedade. Portanto, é possível constatar que a mídia é um grande meio que influencia no pensamento e no comportamento humano.

Entretanto, é errôneo dizer que somente a mídia é inteiramente responsável por essa expansão da cultura narcisista. Segundo Januário e Cascais (2012), a sociedade supervaloriza o corpo esbelto, criticam constantemente as identidades corporais contrárias à magreza, estabelecem padrões estéticos, rotulam e classificam os indivíduos de acordo com sua imagem corporal.

No entanto, é importante questionar como as pessoas lidam com essa ideologia imposta pela mídia. Há na sociedade um senso crítico diante de tal ideal reproduzido pela mídia? Ou as informações e imposições são aceitas sem questionamentos?

De acordo com estudos de Oliveira e Hutz (2010), o padrão de beleza ditado pela mídia, através de suas mais variadas formas de transmissão e pelo meio social demonstra ser bastante eficiente sobre seus telespectadores especialmente em mulheres. Ou seja, o senso crítico, que seria uma resposta contrapondo o ideal imposto pela mídia, é inexistente, na maioria das vezes. Nesta perspectiva, é possível afirmar, que a mídia exerce um papel de grande influência e de eficiência e que o fator de senso crítico e de questionamento dessas pessoas aos ideais midiáticos, é inexistente.

Para tanto pesquisas mostram que o número de cirurgias plásticas para fins estéticos, vem crescendo nos últimos anos e que a fabricação de corpos por cirurgia plástica tem se tornado uma prática corriqueira. É comum mulheres cheguem ao cirurgião plástico e pedirem para terem os seios, as nádegas, e o nariz semelhante ao de alguma celebridade. Em um levantamento feito pela International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS) (GUEST, 2016) o Brasil, em 2015 foi o 2º colocado no ranking mundial de cirurgias plásticas com estimativas de 1.224.300 procedimentos cirúrgicos realizados, onde perdia apenas para os Estados Unidos com 1.414.335 procedimentos cirúrgicos realizados neste mesmo ano. Segundo a mesma pesquisa, que também avaliou os tipos de intervenções cirúrgicas mais solicitadas em cada país, em 2015, no Brasil a lipoaspiração aparecia em primeiro lugar com 182.765 procedimentos, seguido do implante de silicone com 158.950 procedimentos, cirurgia na pálpebra com 143.165 procedimentos e a abdominoplastia com 131.120 procedimentos. A pesquisa levou em conta os dados coletados de cirurgiões plásticos de todo mundo, onde foi feito uma projeção que estimou o número de cirurgias plásticas dos países que participaram da pesquisa. Os dados enfatizam que a busca pelo corpo perfeito é algo que se estende por todo o mundo e que as pessoas estão cada vez mais alienadas a buscarem semelhanças aos corpos que a mídia impõe.

Para melhor compreensão deste fenômeno midiático e social de autocracismo, o modismo vinculado ao corpo magro e a busca demasiada de cirurgias para fins estéticos, é necessário pontuar e analisar os padrões estéticos sugeridos pela mídia.

No meio comercial, a indústria da beleza preza a mulher esbelta, glúteos e seios proporcionais e pernas torneadas. Neste meio, o corpo fora de forma é vista como sinônimo de desleixo e falência. O homem, embora menos alvejado, também sofre com os padrões de beleza, o corpo hipertrofiado, sem gordura e estatura de no mínimo 1,80cm.

Nesta perspectiva este ideal de corpo perfeito transmitido pela mídia eleva o desejo das pessoas em modificarem seus corpos. Tudo isso levanta uma preocupação e discussão sobre a saúde e a forma com que as pessoas, tratam seus corpos a partir do momento em que são influenciadas pela mídia. Neste sentido é importante resaltar o significado de saúde, sendo assim, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1946) define saúde não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social.

Diante disto é importante observar que quando a imagem corporal é distorcida as partes do corpo são percebidas diferentes do que realmente são. Sendo assim, pode se considerar que



esses indivíduos encontram-se com o estado mental afetado, um quadro que de acordo com a definição de saúde dada pela OMS (1946) é considerado estado incompleto de saúde.

Como se pode observar, a transmissão e aspiração ao corpo perfeito feito pela mídia ocorrem de forma exagerada, afetando o psicológico das pessoas. Porém, não só o psicológico é abalado pela imposição midiática no padrão de corpo. Na busca por este ideal de corpo perfeito, milhares de pessoas, em sua maioria jovens acabam desenvolvendo comportamentos e atitudes perigosas, ao optarem por um caminho mais curto para alcançar os desejados músculos hipertrofiados, no caso dos homens ou o corpo magro e escultural, entre as mulheres. Essas atitudes podem estar associadas a percepções irreais de si próprias, um processo interno, influenciado por fatores externos, como por exemplo, a mídia.

Indivíduos que se encontram nessa categoria, visando à busca pelo corpo ideal, procuram excessivamente dietas de emagrecimento, sem consultar profissionais, podendo envolver também o uso extremo de métodos para perda de peso pela prática abusiva nas atividades físicas ou pelo uso de anorexígeno, medicamentos com finalidades de induzir a aversão ao alimento. Sendo assim, essas atitudes podem favorecer o aparecimento de transtornos alimentares graves, como a anorexia e bulimia nervosa e vigorexia.

Nesta perspectiva “Os transtornos alimentares são frequentemente considerados quadros clínicos ligados à modernidade, na medida que ao avanço da mídia nas últimas décadas tem se dado papel de relevância quase casual.” (CORDÁS; CLAUDINO, 2002, p. 3).

Seguindo o mesmo contexto, Philippi e Alvarenga, (2004) ao conceituarem transtornos alimentares, afirmam que são doenças psiquiátricas que afetam, principalmente, adolescentes e adultos jovens do sexo feminino, podendo levar a grandes prejuízos biológicos e psicológicos e aumentando a morbidade e mortalidade.

De acordo com os critérios diagnósticos da Classificação Internacional de Doenças, (CID10), que fornece à classificação de doenças, os transtornos alimentares apresentam-se como síndromes comportamentais associadas a disfunções fisiológicas e a fatores físicos. Sendo assim faz se necessário descrever esses transtornos, como afetam as vidas dessas pessoas e como diagnosticá-los, a fim de elaborar soluções para diminuir a incidência dessas disfunções.

Anorexia Nervosa



A anorexia nervosa é um transtorno alimentar em que ocorre recusa constante de alimentos mesmo quando sente fome, isso porque a pessoa se sente gorda mesmo quando não está. Sendo assim Abreu e Cangelli Filho (2005) afirmam que a anorexia nervosa é caracterizada pela perda intensa de peso às custas de dietas rígidas que são auto-impostas visando uma busca desenfreada para se atingir a condição de magreza, acompanhada por uma distorção significativa da imagem corporal.

Estudos apontam que a anorexia nervosa ainda atinge um numero significativo de pessoas. Segundo Pinto e Guimarães (2006) a anorexia é uma doença que atinge 20% dos adolescentes em todo mundo, normalmente por volta dos 17 anos. Ainda segundo o autor, os anoréxicos apresentam um peso corporal abaixo do ideal para sua estatura. Outros autores como, Alves et al. (2008) afirmam que a anorexia nervosa é uma condição psiquiátrica, cujos sintomas surgem mais frequentemente na adolescência. Sendo assim percebe-se que esse tipo de transtorno tem maior prevalência em pessoas jovens e pode causar sérias complicações clínicas nestes indivíduos.

De acordo com Cordás (2004) dentre os critérios de diagnostico, para anorexia, segundo a décima revisão da Classificação Internacional de Doenças, (CID-10, 2017), estão:

Há perda de peso ou, em crianças, falta de ganho de peso, e peso corporal é mantido em pelo menos 15% abaixo do esperado; A perda de peso é auto-induzida pela evitação de “alimentos que engordam”; Há uma distorção na imagem corporal na forma de uma psicopatologia específica de um pavor de engordar; Um transtorno endócrino generalizado envolvendo o eixo hipotalâmico-hipofisário-gonadal é manifestado em mulheres como amenorreia e em homens como uma perda de interesse e potência sexuais [...]. (CORDÁS, 2004, p. 156).

Bulimia Nervosa

A bulimia nervosa, por sua vez, é um transtorno alimentar caracterizado por períodos de compulsão alimentar seguidos por comportamentos não saudáveis para perda de peso rápido. Em outras palavras Campos e Haack (2012) afirmam que a bulimia nervosa caracteriza-se por grande ingestão de alimentos de uma maneira descontrolada e uma sensação de perda de controle, estes eventos são caracterizados de episódios bulímicos. Seguindo os mesmos critérios de diagnóstico da CID-10, para bulimia nervosa estão:

O paciente sucumbe a episódios de hiperfagia, nos quais grandes quantidades de alimento são consumidas em curtos períodos de tempo (pelo menos duas vezes por semana durante um período de três meses); Preocupação persistente com o comer e um forte desejo ou um sentimento de compulsão a comer; O paciente tenta neutralizar os efeitos “de engordar” dos alimentos por meio de um ou mais do que segue: vômitos auto-induzidos, purgação auto-induzida, períodos de alternância de inanição, uso de drogas tais como anorexígenos, preparados tireoidianos ou diuréticos. Quando a bulimia ocorre em pacientes diabéticos, eles podem negligenciar seu tratamento insulínico; Há uma auto-percepção de estar muito gorda, com pavor intenso de engordar e com uso exercícios excessivos ou jejuns. (CORDÁS, 2004, p. 157).

Vigorexia

De acordo com Falcão (2008) a Vigorexia ou transtorno dismórfico muscular, ocorre quando há uma doença psicológica caracterizada por uma insatisfação constante com o corpo. O autor ainda salienta que a dismorfia muscular é uma psicopatologia que ocorre em homens, na maioria das vezes, por fazer parte das obsessões masculinas pelo corpo perfeito. Ainda, segundo o autor, em alguns casos observam-se maiores comprometimentos em relação às alterações na percepção que acarreta na obsessão por músculos maiores. Ou seja, esse transtorno pode estar associado a uma distorção da autoimagem e a um transtorno psicológico similar à anorexia. Os indivíduos acometidos por esta síndrome são pessoas que, mesmo fortes fisicamente, ao visualizarem a sua imagem, veem-se como fracos.

Em fevereiro de 2011, o Jornal Folha de São Paulo publicou uma matéria sobre os excessos de exercícios físicos e o fato de que em geral as pessoas que sofrem de vigorexia não percebem que estão doentes. A matéria informa que:

A doença faz a pessoa se achar mais magra ou fraca do que é – enquanto seus músculos incham – vem sendo subdiagnosticada, conforme especialistas. Essa falsa percepção caracteriza o transtorno da vigorexia, leva o doente a abusar de exercícios físicos, e às vezes anabolizantes. Diferentemente do paciente anoréxico, o vigoréxico raramente procura ajuda, segundo a psiquiatra Ana Gabriela Hounie, da Associação Brasileira de Psiquiatria. “Quando um chega ao psiquiatra é porque foi encaminhado por um cardiologista ou urologista, procurado para solucionar problemas causados pelo uso de esteroides”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011).

Nota-se que, além da vigorexia acarretar uma falsa percepção de magreza, também pode acometer o uso de esteroides anabolizantes para finalidades puramente estéticas. Nesta perspectiva Sousa (2002), reforça que os esteroides anabolizantes são aquelas substâncias sintetizadas em laboratório a partir de um hormônio masculino chamado testosterona. Sendo assim, o consumo destas substâncias produz efeitos anabólicos, como o aumento da massa muscular esquelética, e efeitos androgênicos ou masculinizantes.

Esses **hormônios** podem ser usados clinicamente e serem prescritos sob orientação médica para repor o hormônio deficiente em alguns homens. Porém, sabendo que o uso do anabolizante é proibido no Brasil e comparando com os altos índices de consumo dessas substâncias nos últimos tempos, acredita-se que o uso tem sido para fins meramente estéticos, afirmam alguns autores “As altas taxas de consumo de esteroides entre os jovens apontam para uma mudança no perfil dos usuários. O uso de anabolizantes, que antes era restrito a atletas e fisiculturistas, popularizou-se entre os jovens não atletas que passaram a utilizá-los para fins estéticos.” (IRIART; CHAVES; ORLEANS, 2009, p. 773-774).

Tal insatisfação com corpo real em comparação ao padrão ideal disseminado pela mídia, e o imediatismo na obtenção do corpo desejado favorecem o uso de anabolizantes. Usar anabolizantes para fins estéticos ou para aumentar o rendimento esportivo é proibido, além de ser de grande risco para a saúde. Entretanto, por aumentarem a massa muscular, estas drogas têm sido cada vez mais procuradas e utilizadas por alguns atletas e por frequentadores de academias para melhorarem suas performances físicas ou para obterem uma melhor aparência muscular. Neste sentido Sousa (2002) diz que o uso de esteróides anabolizantes pode ser benéfico em determinados casos e até mesmo em alguns tipos de desempenho atlético, porém, vários problemas importantes, a respeito de seus efeitos colaterais, devem ser analisados.

Dentre os efeitos do consumo de esteroides anabolizantes é a atrofia dos testículos. Quando utilizados por mulheres, todos os esteroides anabolizantes implicam risco de provocar masculinização. Pode causar dores de cabeça, causar acne, distúrbio do crescimento e desenvolvimento ósseo, aumento do músculo cardíaco, levando infartos além dos efeitos colaterais no sistema nervoso central. Portanto, não aconselha-se o uso de anabolizantes, devidos a seus sérios prejuízos a saúde, sendo assim, oportunize a prática de exercícios físicos, associados a uma boa alimentação.

3CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poder midiático está influenciando de maneira perversa, levando o comprometimento da autoestima e da saúde em geral tanto de jovens quanto em adultos. Para lidar com essa situação sujeitos devem se ocuparem de visão crítica perante as reproduções midiáticas, a fim de desconstruir os valores associados ao corpo, pela mídia. A auto aceitação e valorização do corpo como singular e individual é de suma importância. Portanto é necessário que essas pessoas ressignifique-se seus conceitos sobre beleza conscientizar-se sobre as formas com que



as pessoas tratam seus corpos e erradicar a condição de corpo acessório, optando por atitudes e comportamentos mais saudáveis ao longo de suas vidas, oportunizando o acompanhamento por profissionais da saúde. Dietas ou atividades físicas sem acompanhamento não levam em conta o estado de saúde, a individualidade e o estilo de vida do indivíduo, além de não ter a preocupação em promover práticas saudáveis. Deve-se seguir um plano alimentar adequado e não a dieta da moda. É preciso aprender a se comportar de maneira saudável, erradicando o uso de anabolizantes.

Além disso, é necessário destacar a importância do tratamento multiprofissional para pessoas que já apresentem comportamentos ou sintomas de transtornos alimentares, levando em consideração a gravidade do assunto. Sendo assim, para poder reverter esse quadro de culto ao corpo magro e definido, combater as práticas e comportamentos não saudáveis e diminuir a incidência de transtornos alimentares espera-se que a mídia, sirva como meio de conscientização, fornecendo diversidades culturais em seus meios de reproduções de símbolos, e reduza a ascensão a todos os tipos de padrões de beleza. Sem diversidade a mídia não cumpre seu papel social de formar cidadãos conscientes e críticos. Além disso, vincular informações de qualidade levando conhecimento ao público sobre os riscos à saúde de pessoas que se submetem ao uso de substâncias para transformarem seus corpos e disseminar por meio de propagandas, anúncios e nas redes sociais, informações de qualidade sobre os transtornos alimentares.

Para contribuir ainda mais com a manutenção da saúde da sociedade brasileira, recomenda-se que as pessoas conheçam a Associação Brasileira de Nutrologia (ABRAN), uma entidade médica científica, fundada em 1973, dedicada ao estudo, decisivos na prevenção, no diagnóstico e no tratamento da maior parte das doenças que afetam o ser humano, em sua maioria de origem nutricional. Essa entidade reúne médicos nutrólogos, cientistas, pesquisadores e profissionais na área de nutrição, que atuam no desenvolvimento e atualização científica em prol do bem estar nutricional, físico, social e mental da população. (ABRAN, 2017).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NUTROLOGIA, (ABRAN). Catanduva, 2017. Disponível em: <<http://abran.org.br/>>. Acesso em: 23 out. 2017.

ABREU, C. N.; CANGELLI FILHO, R. Anorexia nervosa e bulimia nervosa: a abordagem cognitivo-construtivista de psicoterapia. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo,



v. 7, n. 1, p. 153-165, 2005. Disponível em:
<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v7n1/v7n1a12.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

ALVES, E. et al. Prevalência de sintomas de anorexia nervosa e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do Município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 503-512, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n3/04.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

CAMPOS, J. G. S. C.; HAACK, A. Anorexia e bulimia: aspectos clínicos e drogas habitualmente usadas no seu tratamento medicamentoso. **Comunicação em Ciência da Saúde**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 253-262, 2012. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/revista_ESCS_v23_n3_a7_anorexia_bulimia_aspectos.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

CARRETEIRO, T. C. Corpo e Contemporaneidade. Body and contemporaneity. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 62-76, jun. 2005. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/220/230>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CARTAS DE MULHER. Acervo digital da Universidade Federal da Paraíba. **Era Nova**, n. 28, jun. 1922. Disponível em: <<http://security.ufpb.br/heb/contents/revistas/revista-era-nova/1922>>. Acesso em: 6 jul. 2017.

CONTI, M. A.; BERTOLIN, M. N. T.; PERES, S. V. A Mídia e o Corpo: o que o jovem tem a dizer? **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 2095-2103, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n4/a23v15n4.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CORDÁS, T. A.; CLAUDINO, A. M. Transtornos alimentares: fundamentos históricos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, p. 3-6, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v24s3/13963.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

CORDÁS, T. A. Transtornos alimentares: classificação e diagnóstico. **Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 154-15, 2004. Disponível em: <<http://psiquiatriabh.com.br/wp/wp-content/uploads/2015/01/Tratamento-dos-transtornos-alimentares.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

FALCAO, R. S. Interfaces entre dismorfia muscular e psicologia desportiva. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbpe/v2n1/v1n2a05.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.



FOLHA DE SÃO PAULO. Viciados em exercícios físicos não percebem que estão doentes. São Paulo, fev. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1602201101.htm>>. Acesso em 23 out. 2017.

GUEST, J. **INTERNATIONAL SOCIETY OF AESTHETIC PLASTIC SURGERY** (ISAPS). Hanôver, 2016. Disponível em: <<https://www.isaps.org/news/isaps-global-statistics>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

IRIART, J. A. B.; CHAVES, J. C.; ORLEANS, R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizante entre praticantes de musculação. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 773-782, abr. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v25n4/08.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

JANUARIO, S.; CASCAIS, A. O corpo masculino na publicidade: Uma discussão contemporânea. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 21, p. 135-148, 2012. Disponível em: <<http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/705/626>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

OLIVEIRA, L. L.; HUTZ, C. S. Transtornos Alimentares: O papel dos aspectos culturais no mundo Contemporâneo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 575-582, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a15>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, (OMS). Constituição da organização mundial da saúde (OMS/WHO) – 1946. Nova Iorque, 1946. Arquivo da biblioteca virtual de direitos humanos da Universidade de São Paulo – USP. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%Bade/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

PHILIPPI, S. T.; ALVARENGA, M. **Transtornos alimentares**: uma visão nutricional. 6 ed. Barueri: Manole, 2004.

PINTO, M. M.; GUIMARÃES, R. Anorexia: fome e beleza corporal. Até crianças já sofrem com o controle rigoroso do peso. E vale tudo para atingir o tão sonhado padrão de beleza. **Revista Eclética**, Rio De Janeiro, n. 22, p. 60-62, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/ecletica%20n%C2%BA22%20completa.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

SOUSA, R. V. **Efeitos do uso de esteroides anabolizantes**. 2002. 28 f. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas) – Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2425/2/9760614.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como a imagem da beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldea Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2007/01/370737.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2017



QUALIDADE DE VIDA E CUIDADOS PALIATIVOS EM PACIENTES ONCOLÓGICOS: UMA VISÃO DA ENFERMAGEM

Adriele Patrícia Cecarele De Souza

Érica Fernandes Soares

RESUMO

Atualmente, algumas questões da área da saúde norteiam a prática profissional e o campo de atuação, principalmente no que se relaciona a intervenções na área da oncologia. E nesta perspectiva foi considerada a patologia oncológica em fase terminal, onde o paciente encontra-se sob cuidados paliativos. O objetivo deste estudo centralizou-se em descrever aspectos relacionados à qualidade de vida em pacientes com câncer em fase terminal por meio de uma revisão bibliográfica. Verificou-se que pode haver dor decorrente do câncer propriamente dito, ou decorrentes do tratamento contra o câncer, assim como nos procedimentos de quimioterapia, radioterapia, hormônioterapia, imunoterapia e intervenção cirúrgica. No decorrer deste estudo, descreveu-se que a utilização de estratégias terapêuticas pode compor um método alternativo no alívio da dor em pacientes com câncer. E concluiu-se que os profissionais que atuam na área de oncologia podem contribuir para a qualidade de vida destes pacientes, com intervenções que demonstraram efeitos positivos e eficazes no alívio da dor, proporcionando momentos agradáveis e de bem-estar ao paciente terminal.

Palavras-chave: Qualidade de Vida, Oncologia, Terminalidade.

ABSTRACT

Currently, some health issues guide professional practice and the field of action, especially as it relates to interventions in the area of oncology. In this perspective, the oncological pathology was considered in the terminal phase, where the patient is under palliative care. In this perspective, the objective of this study was to describe aspects related to quality of life in patients with end-stage cancer through a literature review. It has been found that there may be pain arising from the cancer itself, or from cancer treatment, as well as in the chemotherapy, radiotherapy, hormone therapy, immunotherapy and surgical intervention procedures. In the course of this study, it was described that the use of therapeutic strategies may constitute an alternative method for the relief of pain in cancer patients. It was concluded that the professionals who work in the area of oncology can contribute to the quality of life of these patients, with interventions that demonstrated positive and effective effects in the relief of pain, providing pleasant moments and well-being to the terminal patient.

Keywords: Quality of Life, Oncology, Terminology

1 INTRODUÇÃO

Atualmente os profissionais da saúde exercem uma importante função diante dos cuidados paliativos, que pode ser identificada pela participação no processo de apoio familiar e estratégias que possam contribuir de forma significativa para uma melhor qualidade de vida neste período ou fase do tratamento, de forma a oferecer auxílio nas atividades de rotina destes pacientes (NOGUEIRA e SAKATA, 2012).

Em sequência, mesmo com grandes chances de cura, a patologia oncológica pode apresentar tipos de doenças mais agressivas que outras, onde o tratamento modificador de doença é suspenso devido a não resposta. Sendo assim, o paciente é encaminhado para os cuidados paliativos, que por sua vez apresentam uma abordagem humanista e integrada para o tratamento de pacientes sem possibilidade de cura, tendo como objetivo aumento da qualidade de vida, por meio de alívio de sintomas e prevenção de sofrimento físico, psicossocial e espiritual, sendo fundamental uma atividade interdisciplinar (SOUZA e SOUZA, 2017).

Com base no CREMESP (2008), a equipe de saúde pode contribuir para os benefícios dos pacientes sob cuidados paliativos pelo fato de manter a sobrevida, com estratégias terapêuticas baseadas nas atividades de vida diária que possibilitam momentos de alegria e descontração que fazem toda diferença no cotidiano destes pacientes, de forma a contribuir significativamente para a qualidade de vida, minimizando ainda os momentos de dor e desconforto, ressaltando que essas atividades poderão aumentar a sobrevida e proporcionar melhores resultados neste tipo de procedimento paliativo.

Ainda embasado no conteúdo exposto pelo CREMESP (2008), para oferecer atendimento adequado a estes pacientes são necessárias práticas procedimentais adequadas, como avaliação específica, técnicas e procedimentos que possam satisfazer as exigências físicas, motoras e fisiológicas dos pacientes que precisam de assistência para continuar sobrevivendo.

No processo de cuidados paliativos faz-se a adesão de programas de educação continuada nas unidades hospitalares com a finalidade de capacitar profissionais para que não sejam realizadas falhas procedimentais, uma vez que podem surgir complicações secundárias no quadro clínico do paciente durante os atendimentos (GOMES; OTHERO, 2016).

Antunes (2010) publicou que, juntamente com uma equipe interdisciplinar, deve ser realizada inicialmente uma avaliação do estado de saúde geral deste paciente para que sejam

previstas possíveis complicações e até mesmo verificar as dificuldades e impossibilidades em realizar os procedimentos propostos.

Deve ser realizada uma avaliação criteriosa de membros superiores e inferiores, observando a mobilidade da articulação, presença de limitação física, presença de lesões, entre outras características que podem impedir ou apenas dificultar a rotina destes pacientes. No entanto, é importante ressaltar que os profissionais devem ser capacitados porque nesta fase de cuidados paliativos é comum presenciar situações de revolta e negação evidenciadas pelo paciente e seus familiares, que acaba sendo inevitável nas fases terminais da patologia oncológica (CREMESP, 2008).

A atuação profissional com o paciente portador de câncer na fase em que a vida está ameaçada abrange várias especialidades, e mesmo atualmente existem situações em que o profissional não está preparado para atuar de forma adequada. Quando se trata de pacientes com queixas de dor, observa-se que a maioria dos procedimentos são direcionados a métodos invasivos, assim como a administração de medicações via endovenosa, e pouco se conhece sobre os métodos alternativos não invasivos no alívio da dor, que pode ainda contribuir com a qualidade de vida destes pacientes. Como exemplos têm a Massoterapia, Meditação, Ioga, Quiropraxia, Hipnoterapia etc.

Justifica-se que o tema relacionado ao câncer é um campo de interesse, pesquisa e atuação de grande número de especialidades que poderão contribuir para o bem-estar do paciente com câncer em sua terminalidade. Baseado no exposto, o presente trabalho teve o objetivo de descrever aspectos relacionados à qualidade de vida dos pacientes portadores de câncer em sua terminalidade que encontram-se sob cuidados paliativos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, com característica descritiva, pois consistiu em sintetizar as informações disponíveis sobre um tema específico, de forma objetiva e reproduzível. Para tanto, a busca dos materiais foi realizada durante o ano de 2018 em livros, teses de mestrado e doutorado, artigos, apresentações e sites de busca científica na base de dados Scielo, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Google acadêmico, Lilacs, Bireme, utilizando-se as seguintes palavras-chave: Qualidade de Vida, Oncologia, terminalidade. Foram selecionados os textos publicados no idioma português, que estavam disponíveis de forma íntegra e gratuita, publicados no período de 200 a 2018, nos quais foram demonstrados estudos de contexto histórico até a atualidade.

Ainda foi preciso recorrer em outras bases de dados como Anais Brasileiros de Medicina e agência Brasil contextos clínicos. Pois o tema proposto é um assunto ainda pouco explorado em pesquisas no campo da enfermagem. Consequente ao levantamento dos dados, as seleções seguiram as etapas de leitura, fichamentos e interpretação das referências.

3 RESULTADOS

Por meio da realização da pesquisa integrativa nas bases de dados, foram encontrados 344 artigos científicos, os quais se enquadrariam no tema proposto.

O quadro 1 resume a quantidade de artigos encontrados para o trabalho de conclusão de curso. O quadro 2 apresenta os artigos selecionados quanto aos autores, título, ano de publicação e periódicos, de acordo com relevância do periódico e critérios de inclusão e exclusão da pesquisa.

Quadro 01- Total de artigos encontrados para os específicos descritores

Descritores	Total
Qualidade de vida	89
Oncologia	180
Terminalidade/ Cuidados Paliativos	75

Quadro 02: Relação

Nº de artigos	Autor	Título	Ano de publicação	Periódico
1	FONSECA, S. et al.	Avaliação da satisfação de pacientes oncológicos com atendimento recebido durante o tratamento antineoplásico ambulatorial	2006	Rev. Brasileira de enfermagem
2	GOMES, A.L.Z; OTHERO, M.B	Cuidados Paliativos	2016	Estud. av.
3	CREMESP	Cuidado Paliativo	2008	Rev. Conselho Regional de Medicina

4	NOGUEIRA, F.L; SAKATA, R.K	Sedação Paliativa do paciente terminal	2012	Rev. Bras. Anesthesiol.
---	----------------------------------	---	------	-------------------------

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

3.1 Definição de Oncologia

A oncologia é a ciência que estuda o câncer e suas diversas formas de apresentação, e nesta perspectiva pode-se informar que a palavra câncer é originada do *latim*, cujo significado é denominado como caranguejo, sendo que recebeu esta classificação devido às células patológicas que prejudicam as células saudáveis (ANTUNES, 2010).

As células são pequenas unidades que compõem os tecidos corporais, sendo que algumas apresentam um ciclo de vida determinado e são substituídas por outras continuamente durante a vida, assim como a pele. Por outro lado, existem células que não são capazes de se renovarem, assim como ocorre com grande parte das células que compõem o sistema nervoso. Há casos em que as células do corpo humano passam por um processo de mudança em decorrência de eventuais lesões no seu ácido desoxirribonucleico (DNA), denominadas de mutações genéticas e, consecutivamente, não são capazes de obedecer aos sinais internos do organismo do indivíduo, agindo de forma independente das outras. Estas células geneticamente alteradas se dividem descontroladamente, formando um tumor (FERNANDES 2004).

Os tumores benignos aparecem quando as células crescem de maneira anormal, mas não perdem a identidade e função. Porém, dependendo do local que se encontram, as consequências podem ser drásticas, como quando comprometem áreas nobres do cérebro. Já o tumor maligno é caracterizado por uma patologia onde as células do próprio indivíduo perdem sua identidade e função e passam a crescer rapidamente, de modo anormal, comprometendo as estruturas mais próximas da área lesada (FERNANDES, 2004).

O tumor maligno apresenta capacidade de produzir metástases, ou seja, suas células espalham-se para outras partes do corpo. Podem originar metástases no pulmão, fígado, cérebro, osso, entre outros órgãos do indivíduo, o que compromete o funcionamento desses órgãos (CARVALHO; PAPALEO, 2000).

3.2 Terminalidade e Tratamento Paliativo

O paciente oncológico que apresenta risco de morte (denominado por alguns pesquisadores como fase terminal) geralmente apresenta metástase e necessita de cuidados paliativos. Por isso, essa filosofia fundamenta-se no desenvolvimento de projetos terapêuticos capazes de oferecer a esse doente um cuidado orientado para a racionalidade terapêutica, aumento da qualidade de vida, minimização de sintomas, assim como a sensação de dor, reconhecimento e respeito aos direitos individuais (GIGLIO, 2004).

Ainda de acordo com Giglio (2000), é importante mencionar que a família é um elemento que pode potencializar a construção e consolidação desses projetos e que também deve ser assistida. Tendo em vista esses aspectos, pode-se afirmar que os cuidados paliativos dependem de uma abordagem multidisciplinar para produzir uma assistência harmônica e convergente ao indivíduo sem possibilidades de cura e à sua família. Fica explícito que o foco da atenção deixa de ser a doença a ser curada e se volta ao indivíduo, que é visualizado como um ser biográfico, complexo em suas dimensões físicas, psíquicas e espirituais, ativo e com direito a informação e a autonomia plena para suas decisões a respeito de seu tratamento, além da atenção individualizada à sua família e a busca da excelência no controle dos sintomas apresentados por estes pacientes.

De acordo com Fonseca, Gutierrez e Adami (2006), acrescenta-se que a estrutura desse modelo assistencial estabelece grande relação com os princípios bioéticos considerados na vertente principialista, ou seja, a beneficência, não maleficência, justiça e autonomia que são capazes de sustentar a oposição a distanásia ou obstinação terapêutica, inerente à prática médica moderna. E nessa proposta de cuidados que procura resgatar valores éticos e humanos, a autonomia individual se destaca como um dos valores centrais na busca de fundamentação e excelência dos cuidados paliativos.

3.1 Conceitos de Qualidade de Vida

Qualidade de vida é uma preocupação do ser humano, desde o início da humanidade até os dias atuais, e tem um compromisso constante com a busca de uma vida saudável, desenvolvida através do bem-estar e condições de saúde, moradia, educação, lazer, transporte, liberdade, trabalho, autoestima e outras (PAGANI; PAGANI JUNIOR, 2006).

O conceito de qualidade de vida varia de autor para autor e, além disso, é um conceito subjetivo, dependente do nível sociocultural, da faixa etária e das aspirações

peçoais do indivíduo.

Segundo Pagani e Pagani Junior (2006), a definição de qualidade de vida foi se diferenciando ao longo da história. Em alguns momentos, ligado à dimensão individual, em outros à coletividade. De qualquer forma, sempre teve a saúde como referência.

Para avaliar a qualidade de vida, tem-se implicações em diferentes critérios de natureza biológica, psicológica e socioestrutural. Vários elementos são definidos como determinantes de bem-estar: saúde biológica; saúde mental; satisfação; controle cognitivo; competência social; produtividade; atividade; eficácia cognitiva; status social; renda; continuidade de papéis familiares e ocupacionais; e continuidade de relações informais em grupos primários e rede de amigos.

A avaliação da qualidade de vida é realizada quando o objetivo é monitorar a saúde de uma determinada população, diagnosticar a natureza, gravidade e prognóstico da doença, além de avaliar os efeitos do tratamento. Deve-se considerar componentes de capacidade funcional, aspecto físico, dor, estado geral de saúde, atividades, aspectos sociais, aspecto emocional e saúde mental.

3.1 Cuidados paliativos em pacientes oncológicos

Verificou-se a necessidade de se destacar os cuidados paliativos em decorrência de ser marcada como a fase de mais sofrimento pelo paciente, principalmente porque é nesta fase que não são identificadas chances de cura à doença. Quanto à atuação profissional no atendimento paliativo, acredita-se que o estudo dos casos clínicos, juntamente com outros profissionais da mesma especialidade ou outras especialidades dentro da área da saúde, é necessário para trocar informações, experiências quanto ao paciente e direcionar a conduta terapêutica, que contribui em melhorias para a vida do paciente e também para o crescimento profissional (FERNANDES, 2004).

Para tanto, a manutenção da esperança, bem como sentimentos positivos e trabalho em equipe para pacientes com câncer é importante, e uma dificuldade que os profissionais da saúde enfrentam mesmo nos dias atuais é desenvolver meios para providenciar um atendimento humanizado que permita a manutenção da emoção e do estado físico ao mesmo tempo. Mas uma alternativa válida para este desafio é redirecionar o tratamento emocional e físico do paciente para objetivos em curto prazo e maximizando a qualidade de vida destes, de maneira global e holística, nunca generalista (MATOS; PIRES; CAMPOS, 2010).

Nesta visão, ainda para Matos, Pires e Campos (2010), é possível afirmar que para evitar tais ocorrências o treinamento profissional é essencial, sendo este uma parte importante dentro dos cuidados paliativos e, conseqüentemente, aspectos sobre o diagnóstico, evolução da patologia e tratamento médico ficam a cargo da equipe médica e da enfermagem. E em todos os casos, a perspectiva interdisciplinar pode possibilitar o exercício de um trabalho mais integrador e articulado, tanto no que diz respeito à compreensão dos trabalhadores sobre o seu próprio trabalho, como no que diz respeito à qualidade do resultado do trabalho. Aos esteticistas que estão começando a integrar a equipe, é necessário manter um contato aberto com o grupo para não conflitar com as opiniões, o que pode afetar a credibilidade da equipe. E ainda é preciso deixar claro os objetivos, tanto para a equipe quanto para os pacientes e familiares, facilitando a aceitação e a efetividade do atendimento.

E para a terapia física, bem como a massoterapia, a seleção de técnicas deve respeitar sua utilidade e os resultados esperados. Implementar técnicas sem estabelecer objetivos claros gera insegurança para o profissional e diminuem a confiança do paciente. Contudo, dentre os benefícios a serem buscados, destaca-se preservar a vida e aliviar os sintomas, dando oportunidade, sempre que possível, para a independência funcional do paciente. Assim, é necessário promover um sistema de suporte que ajude o paciente a viver mais ativamente em suas atividades e manter um caráter ativo no atendimento. Impedir a atividade funcional do paciente ou prolongar a hospitalização pode ser um fator desencadeante para complicações (CASSAR, 2001).

A reabilitação é parte integrante dos cuidados paliativos, porque muitos pacientes terminais são restringidos desnecessariamente até pelos familiares, quando na verdade são capazes de realizar atividades e ter independência, de modo que a reinserção do paciente em suas atividades de vida diária restaura o senso de dignidade e auto-estima.

Para tanto, nos cuidados paliativos, é importante que o profissional, o paciente e seus familiares revejam e estabeleçam suas próprias definições de vida e morte, sendo que a impossibilidade de cura não significa a deterioração da relação profissional-paciente, mas sim o estreitamento desta relação, que certamente pode trazer benefícios para ambos os lados. Por este motivo, é necessário ver o paciente como ser ativo no seu tratamento, podendo participar dos processos de decisão e dos cuidados voltados para si. E nesta etapa do tratamento, a comunicação pode dissipar o sentimento de abandono, que é um dos principais desgostos enfrentados pelo paciente e familiares e, assim, é essencial para o



alívio do sofrimento e ajudar o paciente a achar um senso de controle, visando fundamentalmente a qualidade de vida deste indivíduo (FERNANDES, 2004).

Finalmente, Matos, Pires e Campos (2010) publicaram em seus estudos que através da discussão do prognóstico e explicação do tratamento, os profissionais podem demonstrar sua atenção e mutualidade frente ao estado do paciente, respeitando as diferenças culturais e convencendo que o crescimento pode ocorrer mesmo no fim da vida. Com base no descrito acima, salienta-se que a esperança em todos os casos, por mais complicado que seja, é instintiva e benéfica no ser humano, auxiliando-o na busca de melhores condições e satisfação. Porém, em alguns casos, esta esperança deve ser redirecionada a objetivos mais simples, como pequenas realizações.

3 CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho foram apresentadas as definições de câncer, bem como sua classificação nas fases de evolução da doença. Também foi conceituada a qualidade de vida e a situação dos pacientes portadores de câncer em fase terminal.

Verificou-se que os profissionais de saúde devem estar preparados e capacitados para atuar com pacientes em fase terminal, oferecendo um atendimento digno e humanizado, que possibilite momentos agradáveis, que poderão contribuir com a qualidade de vida de pacientes oncológicos sob cuidados paliativos.

Contudo, os profissionais de diversas especialidades devem realizar um trabalho multidisciplinar com a finalidade de promover melhores condições de restabelecimento dos indivíduos portadores de câncer, visando não somente a remissão do tumor, mas nos casos terminais, visar também a sua reintegração no meio familiar e social, proporcionando melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, André Magoulas Perdicaris. **Prevenção do Câncer**. Barueri, SP: Manole, 2010.

CARVALHO, Filho; PAPALÉO, Neto. **Oncologia: Fundamentos, clínica e terapêutica**. São Paulo: Editora Atheneu, 2000.



CASSAR, Mario Paul. **Manual de Massagem Terapêutica**. São Paulo: Manole, 2001.

CREMESP – Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. **Cuidado Paliativo / Coordenação Institucional de Reinaldo Ayer de Oliveira**. São Paulo, p.689, 2008.

FERNANDES, Pedro Luiz. **Gênese do Conhecimento em Oncologia: Produção e Difusão da Informação Técnica e Científica entre Profissionais Especialistas da Área Assistencial em Cuidados Paliativos do Instituto Nacional de Câncer no Brasil**. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://tededep.ibict.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=10> Acesso em: 24 set. 2018.

FONSECA, Selma Montosa da; GUTIERREZ, Maria Gaby Rivero de and ADAMI, Nilce Piva. **Avaliação da satisfação de pacientes oncológicos com atendimento recebido durante o tratamento antineoplásico ambulatorial**. Rev. bras. enferm. [online]. São Paulo, vol.59, n.5, pp. 656-660, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000500012> Acesso em: 24 set. 2018.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni; OTHERO, Marília Bense. **Cuidados paliativos**. Estud. av., São Paulo, v. 30, n. 88, p. 155-166, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000300155&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 out 2018.

GIGLIO, Del Auro. **Um novo paradigma para o tratamento do câncer**. Revista da Associação Médica Brasileira. São Paulo, v.50, n.3, Set. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302004000300027> Acesso em: 25 set. 2018.



MATOS, Eliane; PIRES, Denise Elvira Pires de and CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Relações de trabalho em equipes interdisciplinares: contribuições para a constituição de novas formas de organização do trabalho em saúde.** *Rev. bras. enferm.* [online] vol.62, n.6, pp. 863-869, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n6/a10v62n6.pdf>> Acesso em: 24 set. 2018.

NOGUEIRA, Fabíola Leite; SAKATA, Rioko Kimiko. **Sedação paliativa do paciente terminal.** *Rev. Bras. Anesthesiol., Campinas*, v. 62, n. 4, p. 586-592, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-70942012000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 out. 2018.

PAGANI, TCS; PAGANI JUNIOR; CR. **Instrumentos de avaliação de qualidade de vida relacionada à saúde.** *Ensaio e Ciência Brasil*. v. 1, n. 1, p. 32-37, 2006. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rencs/article/view/329>>. Acesso em: 24 set. 2018.

SOUSA, Joyce Caroline de Oliveira; SOUSA, Caíque Rodrigues de Carvalho. **A Importância de um Atendimento Humanizado no Tratamento do Paciente Oncológico.** *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Edição 9. Ano 02, v. 05. p. 126-141, 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/tratamento-do-paciente-oncologico>. Acesso em 24 out. 2018.

TACANI, Pascale Mutti; MACHADO, Aline Fernanda Perez; SOUZA, Daisy Aparecida do Amaral and TACANI, Rogério Eduardo. **Efeito da massagem clássica estética em adiposidades localizadas: estudo piloto.** *Fisioter. Pesqui.* [online]. vol.17, n.4, pp. 352-357, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fp/v17n4/13.pdf>> Acesso em: 24 set. 2018.



TRATAMENTO DO CÂNCER DE MAMA ASSOCIADO AO USO DE DROGAS NA IMUNOTERAPIA

Eliane Cristina Da Silva
Neuzimar Dos Santos
Janaynna Silva De Oliveira
Luana Maria Costa Dantas
Rita Cristina Queiroz Souza

RESUMO

O câncer de mama representa uma neoplasia de elevada frequência, causando grande número de óbitos. Vários são os fatores de risco que levam ao câncer de mama e embora exista um considerável número de casos esse tipo de neoplasia pode ser prevenida principalmente quando diagnosticada precocemente. Nos últimos anos os anticorpos monoclonais passaram a ser uma terapia de primeira linha para uma variedade de condições patológicas que incluem desde infecções virais, distúrbios inflamatórios e as neoplasias, tornando essas drogas uma arma valiosa. A terapia anti-HER-2 constitui modalidade essencial na busca de um modelo terapêutico ideal para pacientes cujo câncer de mama é HER-2 positivo. Os estudos envolvendo o bloqueio do HER-2 através do trastuzumabe vêm demonstrando eficácia e aplicabilidade no câncer de mama metastático e inicial.

Palavras-chave: Câncer de mama, trastuzumabe, anticorpos monoclonais.

ABSTRACT

Breast cancer represents a high frequency neoplasm, causing a large number of deaths. Several are the risk factors that lead to breast cancer and although there is a considerable number of cases this type of neoplasia can be prevented especially when diagnosed early. In recent years monoclonal antibodies have become a first-line therapy for a variety of pathological conditions ranging from viral infections, inflammatory disorders and neoplasms, making these drugs a valuable weapon. Anti-HER-2 therapy is an essential modality in the search for an ideal therapeutic model for patients whose breast cancer is HER-2 positive. Studies involving the blockade of HER-2 through trastuzumab have been demonstrating efficacy and applicability in metastatic and initial breast cancer.

Keywords: Breast cancer, trastuzumab, monoclonal antibodies

INTRODUÇÃO

O câncer de mama é a neoplasia maligna mais freqüente em mulheres no mundo, sendo atualmente um dos problemas de grande relevância que demanda cada vez mais atenção da saúde pública mundial (SOUZA, 2016). A demora no diagnóstico e/ou na terapêutica são fatores determinantes no prognóstico da doença, pois resultamno crescimento tumoral e levam a potencial redução das chances de cura dos pacientescom maior taxa de mortalidade (TRUFELLI et al, 2008).

O câncer de mama é mais freqüente entre as mulheres e apenas 1% dos casos ocorrem nos homens. Ao contrário do câncer de colo de útero, esta doença encontra-se relacionada ao processo de industrialização, com risco de adoecimento associado a elevado status sócio econômico. O perfil de risco para o câncer de mama relativo a fatores sócio econômicos e reprodutivos apresentou-se similar em mulheres com diagnóstico efetuado na pré e na pós menopausa. A partir de estudo ecológico realizado com dados de exposição a pesticidas em onze estados do Brasil, foram identificadas correlações importantes entre esta exposição e distúrbios no sistema reprodutivo humano, incluindo a mortalidade por câncer de mama, principalmente em mulheres com idade entre 50 a 69 anos (INCA 2018).

Segundo o INCA, a mulher que possui um ou mais desses fatores genéticos e hereditários, apresentados na tabela 1, é considerada com risco elevado para desenvolver câncer de mama. O câncer de mama não tem somente uma causa. A idade é um dos mais importantes fatores de risco para a doença (cerca de quatro em cada cinco casos ocorrem após os 50 anos).

Tabela 1. Fatores ambientais, genéticos e hereditários que contribuem para o desenvolvimento do câncer de mama

Fatores ambientais e comportamentais	Fatores da história reprodutiva e hormonal	Fatores genéticos e hereditários*
Obesidade e sobrepeso após a menopausa;	Primeira menstruação antes de 12 anos;	História familiar de câncer de ovário;
Sedentarismo e inatividade física;	Não ter tido filhos;	Casos de câncer de mama na família, principalmente antes dos 50 anos;
Consumo de bebida alcoólica;	Primeira gravidez após os 30 anos;	História familiar de câncer de mama em homens;
Exposição frequente a radiações ionizantes (Raios-X).	Parar de menstruar (menopausa) após os 55 anos;	Alteração genética, especialmente nos genes BRCA1 e BRCA2.
	Uso de contraceptivos hormonais (estrogênio-progesterona);	
	Ter feito reposição hormonal pós-menopausa, principalmente por mais de cinco anos.	

Fonte: INCA (INCA 2018)

Atualmente sabe-se que alguns marcadores genéticos estão relacionados com o desenvolvimento de alguns tipos de cânceres, como é o caso do *Human Epidermal Growth Factor Receptor-2* (HER-2). Portanto, o HER-2 é um receptor celular do fator de crescimento epidérmico humano tipo 2, o qual, em condições normais, regula o crescimento, proliferação e sobrevivência celular. Caso aconteça alguma alteração no gene que contém a informação genética para a produção do HER-2, ocorre o descontrole no crescimento celular. Nos tumores de câncer de mama, cerca de 20-30% apresentam positividade para o HER-2 (LOUREIRO, 2011).

Os tumores mamários são classificados em moléculas : Grau I ou bem diferenciado (as células estão crescendo mais lentamente e se parecem mais com o tecido normal da mama.); Grau II ou moderadamente diferenciado (tem características entre os tipos I e III); Grau III ou pouco diferenciado (as células não tem características normais e tendem a crescer e se disseminar de forma mais agressiva). De acordo com o tipo de marcador presente na superfície das células da epiderme mamária é classificado da seguinte forma: 1) luminal A são positivos para receptores estrógeno (RE) e para receptores de progesterona (RP); e negativos para HER-2; 2) luminal B (RE + RP + e HER-2 +); 3) tumores com super expressão do HER-2 (RE -, RP - e HER-2 +); 4) tipo basal (triplo-negativos: RE-, RP- e HER-2- e também positivos para 3 citoqueratinas basais); e 5) não classificável (tumores com negatividade para todos estes marcadores) (LOUREIRO, 2011).

O trastuzumabe (Hercept 440mg Roche) é altamente eficaz no tratamento do câncer de mama HER-2 positivo, desde que seja diagnosticado precocemente como os demais tipos de câncer. Mas, diante da agressividade do câncer, o trastuzumabe também é bastante eficaz após o tratamento convencional com quimioterapia, quando grande parte das células já foi eliminada, e o trastuzumabe é capaz de eliminar as células remanescentes, evitando a metástase celular. Por outro lado, o lapatinibe, droga administrada de forma oral com ação intracelular, vem ganhando espaço em ensaios clínicos como próxima linha de tratamento adjuvante, cujo medicamento pode atravessar a barreira hematoencefálica, reduzindo ou retardando o crescimento de metástases cerebrais (LOUREIRO, 2011).

A amplificação do gene HER-2 ou a super expressão do receptor HER2 desempenha um papel crucial na transformação celular, na carcinogênese e no prognóstico de muitos tipos de câncer. De modo geral, os tumores HER-2 positivos são mais agressivos, possuem pior prognóstico e maior risco de recidiva e metástase. Por isso, se torna de grande importância o conhecimento das estratégias terapêuticas para o câncer de mama HER-2 positivo (HADDAD,



2011). A primeira dentre as novas drogas que demonstrou em diversos estudos significativa eficácia terapêutica é o trastuzumabe substância ativa do medicamento, agente monoclonal e antineoplásico. No uso semanal, doses iniciais (de ataque) e de manutenção são recomendadas em monoterapia e em combinação com paclitaxel ou docetaxel. A dose de ataque, inicialmente recomendada é de 4 mg/kg de peso corpóreo. O trastuzumabe deve ser administrado como infusão intravenosa durante 90 minutos. Doses subsequentes a dose semanal é recomendada de 2 mg/kg de peso corpóreo. Caso a dose anterior tenha sido bem tolerada, a dose pode ser administrada em uma infusão de 30 minutos. Com uso a cada três semanas, a dose inicial de ataque deve ser de 8 mg/kg de peso corpóreo, seguida por 6 mg/kg de peso corpóreo. Após 3 semanas são repetidas as 6 mg/kg, em infusões de aproximadamente 90 minutos. Caso a dose anterior tenha sido bem tolerada, a duração da infusão pode ser reduzida para 30 minutos.

A princípio, a terapia com trastuzumabe é recomendada para todos os pacientes com tumores HER-2 positivo, da mesma forma que na terapia adjuvante. Há dois estudos fase III que comprovam o benefício do uso do trastuzumabe nesse contexto. O estudo NOAH (Neoadjuvant Trastuzumab In Locally Advanced Breast Cancer) comparou o uso de trastuzumabe concomitante à quimioterapia versus quimioterapia isolada em 235 pacientes. No grupo, que fez uso da terapia alvo-molecular, a taxa de pRC (taxa de resposta completa patológica em câncer de mama triplo negativo após quimioterapia neoadjuvante seqüencial) chegou a 43% contra 23% no grupo controle. A sobrevida livre de eventos também foi superior no grupo tratado com trastuzumabe (HR: 0,58; $p = 0,0126$). O estudo Gepar Quattro avaliou o uso do trastuzumabe e da capecitabina concomitantes à quimioterapia padrão com antracíclicos e taxanos em 445 pacientes. A taxa de resposta patológica completa chegou a quase o dobro nas pacientes HER-2 positivo que usaram o trastuzumabe, quando comparados com o grupo HER2 negativo (31,7% versus 15,7%) (COSTA e CHAGAS, 2013).

O Trastuzumabe é considerado uma droga clássica para o tratamento de cânceres avançados positivos para a HER2 e mostrou maior eficácia antitumoral quando combinado com pertuzumabe. O uso combinado de pertuzumabe, trastuzumabe e paclitaxel são considerados regimes de tratamento padrão para pacientes com câncer de mama metastático HER2 positivo. No entanto, a resistência aos medicamentos e ao trastuzumabe é um fator limite-chave. Os anticorpos biespecíficos dirigidos a HER2 incluindo MM-111, ertumaxomabe e HER2 Bi-aATCs apresentaram eficiência significativa para os tumores malignos resistentes a fármacos HER2 positivos em estudos pré-clínicos. Estudos clínicos de fase 1 ou fase 2 demonstraram que os anticorpos bi específicos eram seguros e viáveis para o tratamento de cânceres HER2



positivos. Mas são necessários mais estudos para avaliar a eficácia de anticorpos bi específicos. A aplicação sinérgica de drogas com diferentes mecanismos antitumorais pode trazer mais benefícios. Tomados em conjunto, a imunoterapia com HER2, incluindo anticorpo monoclonal e anticorpo bi específico, desempenha um papel crucial no tratamento de cânceres HER2 positivos.

Com isso, o objetivo deste artigo foi promover uma ampliação do conhecimento sobre a utilização clínica do anticorpo monoclonal trastuzumabe como terapia alvo no câncer de mama.

METODOLOGIA

Realizou-se estudo de revisão de literatura, com abordagem descritiva, utilizando artigos publicados no período de 2005 a 2017. A pesquisa foi realizada na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e através de pesquisa direta em buscadores como o Google Acadêmico. Para obtenção dos artigos utilizou-se os seguintes termos, em combinações variadas: “câncer de mama”, “trastuzumab”, “câncer de mama HER-2 positivo” e “tratamento de câncer”. Todos os artigos foram analisados e aqueles que apresentaram melhores informações, foi utilizado para a presente revisão.

DESENVOLVIMENTO

HER-2 e ação do trastuzumabe

O gene *HER2* é um proto-oncogene localizado no braço longo do cromossomo 17 que possui informações genéticas para a produção da proteína HER-2 (NCBI, 2018). Essas proteínas formam os receptores do fator de crescimento epidérmico tipo 2 (HER-2) que são receptores transmembrana que possuem, cada um, um sítio de ligação extracelular e um sítio intracelular (tirosino-quinase). Normalmente, estes receptores são responsáveis por regular o crescimento e a proliferação celular. Na super expressão do HER-2, há um maior número de proteínas transmembrana funcionando como receptores de fator de crescimento, de modo que leva a um aumento na indução da divisão celular e uma multiplicação celular aumentada (LOUREIRO, 2011).

Diante dos avanços genéticos e da crescente compreensão das bases moleculares do câncer, foram desenvolvidas novas opções terapêuticas, dentre as quais, as chamadas terapias-alvo, que apresentam ação em sítios específicos nas células tumorais (HADDAD, 2010).

O primeiro anticorpo a ser aplicado com sucesso no câncer de mama foi o trastuzumabe, utilizado primeiramente no câncer mamário metastático e hoje, também no câncer em estágios iniciais. Trata-se de um anticorpo monoclonal humanizado, que apresenta ação no sítio extracelular do receptor para o fator de crescimento epidérmico humano tipo 2 também conhecido como HER-2, HER-2/neu ou c-erbB2. A utilização do trastuzumabe para o tratamento do câncer de mama foi aprovado pela *Food and Drug Administration* (FDA), em setembro de 1998 para pacientes com câncer de mama invasivo que super expressam o HER-2 (HADDAD, 2010). O modo de ação do trastuzumabe envolve o bloqueio do receptor do HER2 o qual se encontra super expresso e, conseqüentemente, regula a divisão celular (DEL DEBBIO; TONON; SECOLI, 2007). No Brasil, Portaria SCTIE-MS N.º 18, de 25 de julho de 2012, torna pública a decisão de incorporar o medicamento trastuzumabe no Sistema Único de Saúde (SUS) para o tratamento do câncer de mama localmente avançado (BRASIL, 2011).

O trastuzumabe, na porção extracelular dos receptores, age bloqueando a ligação destes com os fatores de crescimento. Assim, inibem as vias de sinalização intracelulares que determinam a proliferação celular, atingindo um efeito citostático e também citotóxico. Como agente único, o trastuzumabe pode produzir taxas de resposta superiores a 35% em casos de câncer mamário metastático. Em adição à quimioterapia, os resultados e benefícios se elevam. Seu uso adicionado aos agentes citotóxicos comumente usados no manejo do câncer de mama metastático vem demonstrando possível efeito sinérgico e melhora substancial nos principais objetivos de estudo – tempo para progressão, taxa de resposta, duração da resposta e sobrevida (HADDAD, 2010). A utilização do trastuzumabe no tratamento adjuvante de mulheres com câncer de mama HER-2 positivo está baseada em evidências científicas onde foi demonstrado que o uso deste medicamento promove uma redução no risco de recidiva da ordem de 25% a 52% nestas pacientes. O trastuzumabe demonstrou suprimir a ação do HER-2, resultando em benefícios significativos no tratamento do câncer de mama HER-2 positivo (LOUREIRO, 2011).

Eficácia e efeitos adversos do trastuzumabe no câncer de mama HER-2 positivo

Em comparação com a quimioterapia isolada, a quimioterapia de trastuzumabe apresenta resultados mais efetivos e melhor tolerância no câncer de mama HER2-positivo. Os



anticorpos monoclonais, como terapia alvo, apresentam uma alta especificidade com poucos efeitos colaterais e é o foco de muitas pesquisas nas doenças que necessitam de tratamento clínico ou cirúrgico agressivo. Anticorpos monoclonais também são empregados para diagnóstico de tumores e terapia (DOS SANTOS et al.2006).

A monoterapia com trastuzumabe em mulheres com câncer de mama metastático com super expressão do HER-2 resultou em sobrevida mediana de 13 meses. Por isso, este é bastante utilizado em combinação com outros antitumorais (paclitaxel, doxorubicina, docetaxel e ciclofosfamida), reduzindo o risco de recorrência do câncer em 50% em comparação com a quimioterapia isoladamente (ANELLI; CUBERO, 2004). A posologia recomendada do medicamento é dose inicial de ataque de 8 mg/kg de peso corpóreo, seguida por 6 mg/kg de peso corpóreo 3 semanas depois e então 6 mg/kg repetidos a intervalos de 3 semanas, por até no máximo 52 semanas. No caso de ocorrer recorrência da doença durante a vigência do tratamento, o medicamento deverá ser descontinuado.

O trastuzumabe deve ser administrado por infusão intravenosa por aproximadamente 90 minutos. Assim como outros agentes antitumorais o trastuzumabe também causa efeitos adversos, porém estes não estão associados com os que ocorrem normalmente com a quimioterapia, tais como alopecia, mielossupressão, náuseas e vômitos. A cardiotoxicidade é o efeito adverso mais importante, ocorrendo em torno de 1,4 % das mulheres que receberam a monoterapia com o trastuzumabe, e já em quadro metastático (BRASIL, 2011).

Avanços no tratamento

Lapatinibe principio ativo (do medicamento de nome comercial TyKerb 250mg) é uma pequena molécula que tem como alvo receptores ErbB1 e ErbB2 é utilizado na terapia concomitante com a capecitabina (agente citostático) para pacientes de câncer de mama ou cólon avançado e metastático, cujo o tumor progrediu após o tratamento de trastuzumabe é indicado para o tratamento de alguns tipos de câncer de mama que já se espalhou para outras partes do corpo. Em adultos, pode ser administrado em associação com outros medicamentos anticancerígenos, como capecitabina, trastuzumabe ou com um inibidor da aromatase sendo indicado para o tratamento de diversos tipos de câncer de mama em estado avançado ou que apresenta metástases em outras regiões do corpo. Associado com trastuzumabe pode oferecer mecanismos de ação complementares assim como a possibilidade de não sobreposição de mecanismos de resistência. Os efeitos inibitórios do lapatinibe sobre o crescimento foram



avaliados em linhas celulares condicionadas pelo trastuzumabe. O lapatinibe manteve uma atividade significativa in vitro contra linhas celulares HER2 amplificadas do câncer de mama selecionadas por crescimento de longo termo em meio contendo trastuzumabe e foi sinérgico em associação com trastuzumabe nestas linhas celulares.

O trastuzumabe bloqueia a porção extracelular dos receptores, impedindo a ligação destes com fatores de crescimento. Com isso, inibem-se as vias de sinalização intracelular (fosfatidilinositol-3 – quinase são ativadas por mitógenos – MAPK) que determinam a proliferação celular, resultando em efeitos citostático (interrupção do ciclo celular G1) e citotóxico mediado por NK (apoptose) (HADDAD, 2010)

No lapatinibe habitualmente a bolsa de ligação do ATP é no meio interno celular e, no trastuzumabe o sítio de ligação é externo, bem como o lapatinibe inibe uma forma truncada do receptor HER2 que carece de um domínio de ligação do trastuzumabe. Tais diferenças explicam a atividade do lapatinibe em pacientes resistentes ao trastuzumabe (HADDAD, 2010)

CONCLUSÃO

Devido à ocorrência de efeitos adversos ocasionados pela quimioterapia tradicional, a partir da engenharia genética, um novo tratamento denominado de terapia-alvo, com os anticorpos monoclonais destacaram-se no sentido de diminuir os efeitos colaterais. O anticorpo em destaque é o trastuzumabe, que bloqueia os receptores de membrana de HER-2 controlando então, o ciclo celular. A utilização do trastuzumabe foi aprovado pelo FDA para tratamento em pacientes com câncer de mama HER-2 positivo em 1998. Somente em 2011 o trastuzumabe foi liberado no Brasil. A partir disso, muitos pacientes foram beneficiados com seus efeitos como a eliminação das células remanescentes, evitando a metástase celular. Atualmente, novos alvos terapêuticos são administrados em conjunto para a melhor eficácia do tratamento, como por exemplo, o lapatinibe.

Mas, diante da agressividade do câncer, o trastuzumabe também é bastante eficaz após o tratamento convencional com quimioterapia, quando grande parte das células já foi eliminada, e o trastuzumabe é capaz de eliminar as células remanescentes, evitando a metástase celular. Por outro lado, o lapatinibe, droga administrada de forma oral com ação intracelular, vem ganhando espaço em ensaios clínicos como próxima linha de tratamento adjuvante, cujo medicamento pode atravessar a barreira hematoencefálica, reduzindo ou retardando o crescimento de metástases cerebrais.



Por ser o câncer que mais acomete mulheres no Brasil e no mundo, o câncer de mama é alvo de estudos para a busca de novos tratamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANELLI, A; CUBERO, D. I. G. Terapia antineoplásica direcionada a alvos moleculares. Pratica Hospitalar, ano 6,.n.34, 2004.

BRASIL, PORTARIA Nº 18 DE 25 DE JULHO DE 2012 <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sctie/2012/prt0018_25_07_2012.html> Acesso em 08/12/2018

BRASIL, PORTARIA Nº 29, DE 2 DE AGOSTO DE 2017 <<http://www.cosemsrn.org.br/wp-content/uploads/2017/08/portaria29.pdf>> Acesso em 08/12/2012

COSTA, M. A. D. L.; CHAGAS, S. R. P. Quimioterapia Neoadjuvante no Câncer de Mama Operável: Revisão da Literatura. Revista Brasileira de Cancerologia 2013; 59(2): 261-269

DEL DEBBIO, C. B; TONON, Lenita Maria, SECOLI, Silvia Regina. Terapia com anticorpos monoclonais: uma revisão de literatura. Revista Gaúcha de Enfermagem 2007;28(1):133-42.

DOS SANTOS, Rosaly V., et al. Aplicações terapêuticas dos anticorpos monoclonais. Rev. bras. alerg. imunopatol, 2006, 77

HADDAD, C. F. Traztuzumab no câncer de mama. **RevFemina**, v. 38, n. 2, p. 74-78, 2010.

INCA. Instituto Nacional do Câncer. **Câncer do colo e mama**. Disponível em: http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=326. Acesso em: 03 dez. 2018.



LOUREIRO, B. R.; BASTOS, B. O.; SILVA, L. B.; SILVA, M. A.; MEIRELES, S. H.; MORATO, M. J. Câncer de mama her2+ e tratamento com trastuzumabe. **TCC (Graduação em Farmácia)** - Universidade Vale do Rio Doce, Faculdade de Ciências da Saúde, Governador Valadares, MG, 2011 Disponível em :<<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Cancerdemamaher2etratamentocomtrastuzumabe.pdf>>. Acesso em : 02 jan. 2018.

NATIONAL CENTER FOR BIOTECHNOLOGY INFORMATION
<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/gene/2064>> Acessado em 29 de novembro de 2018.

SOUZA, S. L. O. Avanços da terapia moderna no tratamento do câncer de mama. **TCC (Graduação em Farmácia)** - Universidade de Rio Verde, 2016. Disponível em: <http://www.unirv.edu.br/conteudos/fckfiles/files/Avancos-da-terapia-moderna-no-tratamento-do-cancer-de-mama.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2018

TRUFELLI, D. M.; MIRANDA, V. C.; SANTOS, M. B. B.; FRAILE, N. M. P.; PECORONI, P. G.; GONZAGA, S. F. R.; RIECHELMANN, R.; KALIKS, R.; GIGLIO, A. Análise do atraso no diagnóstico e tratamento do câncer de mama em um hospital público. **RevAssocMedBras**, v. 54, n. 1, p. 72-76, 2008.



Revista Científica do Centro Universitário de Jales
X Edição (2019); ISSN: 1980-8925
<http://reuni.unijales.edu.br/>